

TIRAGEM  
80.000 EXPLS.

# EROSA

Novembro • 1959

Segunda Quinzena

Cr\$ 15,00



Luxardo  
ROMA

\* ONDE MORA A ESPERANÇA

# Chegou a hora



**PRB · 9**

ONDAS MÉDIAS  
1.000 Kcs  
50.000 watts

ONDAS CURTAS  
19 - 25 - 31  
e 49 metros

Todos querem  
alcançar o melhor lugar  
para ouvir a maior

*Rádio* **Record**

UMA DAS EMISSORAS UNIDAS

# Poesia Ameaçada

Gilberto de Alencar

**N**INGUÉM poderá contestar de boa fé que o mundo está ficando cada vez menos poético, apesar de ser cada vez maior o número de poetas espalhados pelos dois hemisférios ou talvez por isso mesmo. O que é demais costuma pre-judicar, embora se afirme o contrário em latim, na sovada frase que os libertinos de fancaria lá traduzem a seu modo, desbocadamente, despertando o riso dos que acham sempre graça naquilo que não tem graça nenhuma, a não ser para elês próprios.

Se me perguntassem o motivo pelo qual vem ficando cada vez menos poético o mundo, diria que tal se deve ao progresso mecânico, que tudo despoetiza, como é fácil demonstrar com exemplos de grande eloquência e mais do que muito convincentes.

Bem sei que os poetas modernos, acompanhando de perto o progresso material, dedicam poemas à máquina, à técnica, aos laboratórios, aos arranha-céus. Isto, no entretanto, não me tira a convicção arraigada e firme de que a civilização industrial é antipoética, uma porque não vejo poesia qualquer nem nos elevadores, nem nas locomotivas Diesel, nem nos aviões a jato, nem nos foguetes interplanetários, outra porque já fiz muita fôrça inútilmente para entender os versos de hoje em dia e resolvi, de uma vez por

tôdas, permanecer mesmo sem entendê-las pelo resto da vida. O tempo é pouco para ganhar o pão e não convém esperdiá-lo.

Não faltará quem exclame:  
— Sujeito retrógrado!

Responderei que nem tanto assim, pois desconfio que o progresso verdadeiro é aquêle que leva em conta as lições do passado e não o que se realiza contra elas. O objetivo primordial do progresso deve ser a felicidade do homem, e é preciso forte topete para negar que o homem vivia muito mais feliz sem a bomba atômica.

Quando digo que a técnica anda despoetizando o mundo, ou tornando-o cada vez mais prosaico, lembro-me logo da Lua, que sempre foi, mesmo para os inimigos do sentimentalismo, inesgotável fonte de poesia. Quer a técnica fazer do astro do silêncio um simples acessório para exercícios de tiro ao alvo e, se isto não constitui um atentado contra o bom gôsto e a beleza, será necessária também muita audácia para negá-lo, principalmente, para negá-lo a pés juntos, como costumam negar os amigos da teima.

Ultrajar a Lua, atirando-lhe foguetes, é ultrajar a própria poesia, pelo menos na opinião, tão respeitável quanto qualquer outra, dos namorados e dos trovadores, gente bastante mais simpática do que os fogueteiros da ciência.

O conselho que dou aos que, como eu mesmo, lamentam essa falta de consideração e de respeito à pálida Diana dos velhos poetas, o conselho que lhes dou é que não acreditem na propaganda desenfreada que se vem fazendo em torno dos milagres da técnica. Chegou mesmo o foguete à Lua? Chegou, mas custa. Ninguém conversou ainda com os selenitas para saber se houve ou se não houve chegada, e só depois dessa conversa é que se poderá ter uma certeza. Ainda, porém, que a chegada se confirme plenamente, não será isto novidade grande, nem mesmo pequena, pois o Bedêngô também, faz bastante tempo, veio parar aqui em baixo, com um estrondo de todos os diabos, e até hoje não apareceu quem saiba de onde foi que veio e quem o mandou.

No mais, é a República que está agora completando setenta anos, com o feijão a mais de cinqüenta cruzeiros, pelo que desejo aproveitar a ocasião, já que ando em veia de dizer coisas que melhor fôra não serem ditas, para asseverar que a monarquia era muito mais poética. E digo-o absolutamente seguro de que não serei contraditado pelo meu ilustre amigo João Camilo de Oliveira Tôrres. Que êle até é muito capaz de me dar parabéns pela opinião.

## CAPA

MONICA VITTI, linda cara nova do cinema italiano, numa foto de Luxardo.

## CONTOS E NOVELAS

Ao Diabo o Senhor Ministro 22  
Uma Mulher Extraordinária 34  
E Ela Disse: "Talvez..." 78

## ARTIGOS E REPORTAGENS

A Digestão Modela Nossa Vida ..... 20  
Esperança Tem Enderégo Certo ..... 26  
"San Marco", a Praça Mais Fotografada ..... 30  
A Dupla Personalidade ..... 38  
O Mineiro de Maroim Dá a Vida Para Ensinar ..... 40

Festa do "Dente de Buda" .....	42	Saúde .....	16
Festa da Primavera .....	48	Fuga .....	17
Ginástica Feminina da Primavera .....	54	Quitandinha .....	18
Gente Nova na Cidade Antiga .....	62	Tapete Mágico .....	25
Mineiros Transmitem Arte ao Mundo .....	70	O Crime Não Compensa .....	46
Begônias, Papoulas e Petúniias .....	72	Teste .....	66
		Humor (Bara) .....	67
		Bom-Tom .....	68
		Páginas da História .....	74
		Esparsos .....	94
		Fonte Viva .....	97
		Cantigas .....	97
		Cinema — A partir da .....	98
		Caixa de Segredos .....	102
		Palavras Cruzadas .....	103
		Picadeiro .....	104
		Livros e Letras .....	106
		Nossas Crianças .....	110
SEÇÕES PERMANENTES			
Concurso de Contos .....	102		
A Voz do Brasil .....	2		
Cartas à Redação .....	4		
Satélites e Teleguiados .....	7		
Páginas Escolhidas .....	8		
Panorama do Mundo .....	10		

Compilação de AFRÂNIO CARDOSO



O Sr. Raimundo Hernandes, chefe de Relações Públicas das "Cestas de Natal Amaral" quando discursava.

Inaugurada a

## 122<sup>a</sup> LOJA DAS «CESTAS DE NATAL AMARAL»

**B**ELO Horizonte já conta com magnífica loja das «Cestas de Natal Amaral», no Edifício Dantés, instalada com todos os requisitos de uma casa moderna. A inauguração compareceram elementos representativos da sociedade belo-horizontina, que foram recepcionados pelos Srs. Raimundo Hernandes e Antônio Augusto Rafael, Diretores da organização, e o Sr. Joaquim Garcia da Silva, o gerente da nova loja.

As «Cestas de Natal Amaral», cujo Diretor-Superintendente, Sr. Ruy Amaral Lemos, fêz-se representar pelos Diretores presentes, contam com as seguintes organizações: «Alimentos Selecionados Amaral S. A.», «Refinaria de Sal Amaral S. A.», «Moageira Amaral S. A.» e «Indústrias Alimentícias Mandiopá Ltda.».

Iniciando suas atividades em São Paulo, há cinco anos, a modelar organização — «Cestas de Natal Amaral» — já conta com 122 lojas em todo o Brasil, reafirmando, através de sólida tradição de honestidade, o elevado prestígio que desfruta mercê do rigoroso cumprimento na entrega dos magníficos prêmios, entre os quais avulta o de uma casa completamente mobiliada no valor de 600 mil cruzeiros. Neste ano, o total das casas em sorteio ascende a 60, sendo 16 no Natal — tornando o «Concurso Gigante Amaral» o maior acontecimento no gênero.

A inauguração da nova loja das «Cestas de Natal Amaral» constitui, sem dúvida, uma vitória de seus dirigentes e oferece aos mineiros oportunidade de se beneficiarem através dos fabulosos planos dêste ano e de 1960.

O Pe. João Botelho, ladeado pelos diretores da firma, quando desatava a fita simbólica.



• O fato é que os cientistas, professores, pesquisadores e outros elementos altamente habilitados, a essa altura, estão vivendo de que jeito? Em fevereiro dêste ano, um técnico especializado da Universidade do Brasil ganhava Cr\$ 9.100,00; um professor assistente, Cr\$ 11.100,00; um pesquisador, Cr\$ 14.500,00; um catedrático, i.e., um homem em fim de carreira na mais alta instituição científica do País, a fabulosa remuneração de Cr\$ 17.500,00. Desde então houve um aumento da ordem de 30% e os técnicos menos aquinhoados foram equiparados aos serventes de pedreiro. A melhoria, como se vê, seria rejeitada muito justamente por um oficial de máquinas ou um foguista e, em muitos casos, por um soldado Cosme e Damião (Cr\$ 10.000,00 mensais).

DIARIO CARIOCA — DF

• Houve o receio de que o Marechal Teixeira Lott se lembrasse de garantir a posse do candidato «Cacareco», eleito para a Câmara Municipal de São Paulo. Apaixonado pela disciplina e pelas leis, o Ministro da Guerra defenderia, dentro da nossa Constituição, o princípio de que «cada povo tem o rinoceronte que merece».

ESTADO DE MINAS — BELO HORIZONTE

• Vê-se como é confusa a paisagem política da hora que passa. E' bruma seca. Os políticos estão asfixiados. Apreensões, incertezas, dúvidas, receios. E o povo já está farto dessa gente que, para viver bem, o opõe e esmaga. Tudo indica que a bruma seca perdurará por muito tempo ainda.

TRIBUNA DO OESTE — BAMBUÍ — MG

• A felicidade não é um luxo egoísta, um respirar aliviado, como também não é uma ausência de sofrimento ou uma fuga a certas circunstâncias habilmente evitadas. Ela é, antes de tudo, um estado de espírito, uma maneira singular pela qual olhamos a vida e que, sendo uma maneira nossa, permanece intacta, seja o que fôr que a vida nos oferte. Não falemos tanto em procurar a felicidade, como se fôsse um tesouro escondido, distante e inatingível, mas descubramos-la em nós, sem perda de tempo.

ERA NOVA — PESQUEIRA — PE

• No Brasil de 1959 tem-se ainda a impressão que bolsa de estudos, a sério e para valer, é uma prática que só acontece e só se usa fora do País, no estrangeiro e nas embaixadas de países estrangeiros. Ainda agora está o Ministério da Educação às voltas com centenas — milhares, dizem outros — de estudantes brasileiros que receberam bolsas e estão sendo caloteados pelo governo.

CORREIO DA MANHÃ — DF

• Daqui a pouco, em vez de carne, vamos ter filas. Em vez de leite e ovos, filas. Em vez de legumes e verduras, filas. Em vez de peixe, filas. Em vez de água, filas? Em vez de ar, filas? Há tam-

bém os vôos interplanetários. Há também o «science fiction». Há também o cinema. Há também o futebol. Haverá para tudo isso, em breve, filas? Se até para a sucessão há fila!

JORNAL DO BRASIL — DF

- Afinal, a vida é assim mesmo, é pudim para uns, angu para outros. E todos vivem... Antigamente, quem gostava de pobre era feijão e tristeza. Hoje, nem tristeza quer saber dêle. E o feijão também achou que quem deve encher barriga de pobre é verme. E subiu de preço...

*Joaquim José*  
FOLHA DO Povo — GUAXUPÉ — MG

- Dizem que os momentos mais penosos do Presidente da República são aquêles reservados às conferências com alguns governadores, especialmente do Nordeste. Os homens só pensam em auxílio da União e empréstimos dos bancos oficiais. Também querem empregos para centenas de candidatos. E os postulantes são impertinentes, querem decisões imediatas, insistem, procuram até coagir através de súplicas dramáticas. Realizam em torno do Chefe de Estado uma espécie de dança ritual dos «peles vermelhas» na hora dos sacrifícios. Depois, sorriem para os secretários da presidência e, à guisa de justificação, repetem a mesma cantilena: «quem não chora não mama...»

DIARIO CARIOSA — DF

- No pôrto de Santos, recentemente, foram desembarcadas cerca de 227 toneladas de batatas. Exatamente, de batatas. Esta informação veiculada pela imprensa dá o que falar. Não estamos a viver num país «essencialmente» agrícola? E, apesar disso, somos forçados a importar batatas para o nosso consumo? Alguma coisa anda errada. Ou podre.

CORREIO CATÓLICO — UBERABA — MG

- Incapaz de sanar os males, a intervenção governamental no Brasil assemelha-se à droga entorpecente introduzida aos poucos no organismo econômico: cada dose exige outras posteriores, consideravelmente maiores, que acabam por levá-lo à destruição.

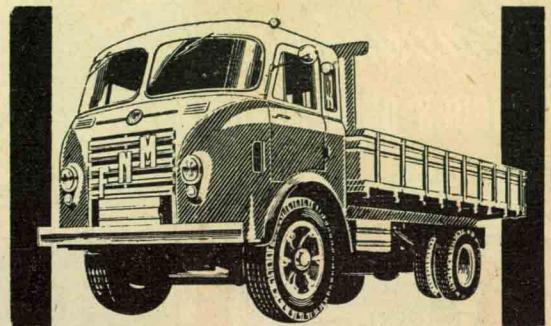
*Brasílio Machado Neto*  
FOLHA MINEIRA — JUIZ DE FORA — MG

- Na Zona da Mata é comum ouvir-se o velho pesista dizer: «Estou aguardando o Bias, o Pena, o Benedito, me procurem para lhes dar votos. Vou dizer a eles que, daqui para frente, ficarei de arquibancada, vendo-os lutar...». Cuidado, velhos raposões, parece que a ira dos mineiros quer ver vocês caírem do galho...»

DIARIO DO OESTE — DIVINÓPOLIS — MG

- Não se reforma aquilo que não existe. Se existisse um programa agrário no Brasil, em plena execução, e não estivesse dando os resultados almejados, como certos foguetes que se lançam na atmosfera e não correspondem aos cálculos de seus idealizadores, o sentido da reforma era impositivo e natural. Mas, não há nada semelhante que obrigue a adoção de providências tendentes a alterar a realidade da vida no meio rural, que sempre foi paupérrima, e o homem já se acostumou a essa situação como quem tem frio e se enrosca em si mesmo para evitá-lo.

DIARIO DE NOTICIAS — DF



caminhões

**F N M**

2ª Série  
1960

### PEÇAS E ACCESSÓRIOS

Entrega imediata  
Facilidades de pagamento

Informações e vendas

## ALFAMOTOR LTDA.

Rua Rio Grande do Sul, 172 — Fone 4-6160  
BELO HORIZONTE

DE CABEÇA EM CABEÇA CORRE A FAMA  
DOS PRODUTOS DE BELEZA

**Pindorama.**

PETRÓLEO QUINADO PINDORAMA

LOÇÃO PINDORAMA

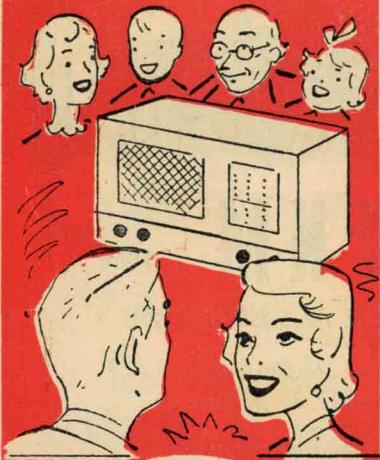
LOÇÃO PINDORAMA suavemente perfumada, devolve aos cabelos brancos a cor natural.

PETRÓLEO QUINADO PINDORAMA evita a queda e embranquecimento precoce dos cabelos.

**PRODUTOS DA MAIS ALTA CONFIANÇA**

PRODUTOS PINDORAMA PERFUMARIA S.A. Ed. Próprio. RUA ANNA NERY, 1944 - RIO

# Companheiras DE TODOS OS MOMENTOS



- Bons programas
- Melhores locutores
- A melhor música
- nos céus de Minas



**rádio**  
**MINAS**

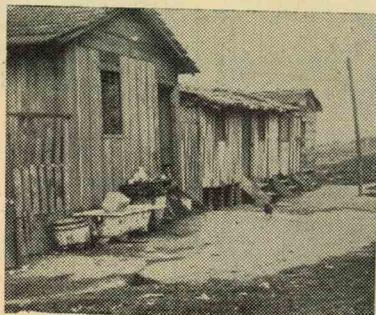
**rádio**  
**PAMPULHA**

Direção de  
**RAMOS DE CARVALHO**

Dep. Comercial  
Edifício Acaíaca — 14º andar —  
Salas 1420/21 — Fone: 2-9711 —  
Belo Horizonte  
Representantes no Rio e São Paulo:  
M. A. Galvão & Cia. Ltda.  
RIO — Av. Erasmo Braga, 227 — 2º  
andar — Tel. 42-2020  
SÃO PAULO — Rua Sete de Abril,  
342 — 1º andar — Tel. 33-6965

CARTAS  
À REDAÇÃO

## Isto Também é São Paulo



com os paupérrimos casebres dos operários paulistas, num verdadeiro acinte à cultura, ao orgulho e à beleza panorâmica da terra de Anchieta.

No Rio já houve quem cuidasse de problema tão chocante, tão deprimente. Mas, em São Paulo, devido talvez à vida trepidante e agitada de seus habitantes, a questão relega-se a plano secundário, melindrando os turistas que visitam os recantos do torrão bandeirante.

Nessas malocas — vejam foto — úmidas e infectas, nascem e criam-se os futuros homens de amanhã. Em consequência também da promiscuidade, da precariedade, descaso e falta de instrução, provavelmente teremos outros tantos Sete Dedos, Lampeões e Diabos Louros. Isto é São Paulo...

JOSE' SATURNINA —  
SÃO PAULO — SP

## Poços de Caldas: Sala de Visitas

LI, há vários anos, descrição da fonte luminosa de Poços de Caldas, feita por uma das nossas escritoras patrícias, não sei se Rachel de Queiroz ou Dinah Silveira de Queiroz. E' o mais fiel retrato da maravilhosa fonte. Gostaria que ALTEROSA a reproduzisse dentro de uma ampla reportagem sobre a nossa sala de visitas, esse pedacinho do céu,

• Agradecemos a interessante sugestão, que será estudada.

## «Condomínio: Negócio Perigoso»

SEM dúvida alguma foi um grande serviço o que essa esplêndida Revista prestou ao seu público, com o magnífico trabalho do jornalista Roberto Drumond — Condomínio: Negócio Perigoso — que acabo de ler na edição desta quinzena. E' uma vergonha o que se anda fazendo entre nós com o negócio da venda de apartamentos, onde os preços são astronomicamente elevados, e a qualidade da construção abaixo de qualquer crítica, em completo desacordo com as mi-

que é Poços de Caldas. Creio que será assunto de palpitante interesse.

Outro pedido: repetirem a reportagem sobre aquelas aves de olhos azuis e variegadas côres naturais não sei de que país e que produzem um adubo precioso.

M. A. C. PEREIRA —  
POÇOS DE CALDAS — MG

rabolantes promessas que nos fazem no ato da venda.

A coisa chegou ao ponto de assumir as feições de autêntico conto-do-vigário, que está exigindo a atenção das autoridades responsáveis pela proteção da economia popular. Meritória, por isso mesmo, a iniciativa dessa Revista, sempre pronta a enfrentar desassombroadamente os graves problemas que afligem a nossa coletividade, apontando as omisões do Poder Público, e anatema-

tizando os exploradores da boa fé e da ingenuidade popular.

MAURÍCIO BEZERRA MENDES —  
— BELO HORIZONTE

### «Igreja Cristã Presbiteriana...»

ALTEROSA — revista da família brasileira — no seu número histórico de 1º de outubro, veio enriquecida pela reportagem de Oswaldo Profeta, a propósito das festas com que a Igreja Presbiteriana no Brasil comemorou a chegada ao Rio do fundador dessa Igreja — Rev. Ashbel Green Simonton.

Apesar de feliz nas referências feitas, há um reparo a fazer: refiro-me à legenda do templo da Rua Silva Jardim, onde a Igreja se firmou, exatamente, em outubro de 1870 — na época Trav. da Barreira, 11 — quando não mais existia, há três anos, o pionheiro Simonton. Quando ele morreu, em 1867, a Igreja se localizava no Campo de Santana, 49. A Rua Silva Jardim é o quinto lugar da Igreja, que peregrinou por quatro outras sedes, todas alugadas. Em todas as mudanças, Simonton esteve à testa, exceto, exatamente, na última.

HELIOS MOTA —  
RIO DE JANEIRO — DF

### Violinos Stradivarius

VENHO por meio desta solicitar a gentileza de uma informação: como devo proceder para verificar a autenticidade de meu violino, em cujo interior há a seguinte inscrição: Antonius Stradivarius — Cremoneensis — Faciebat anno 1719.

NELSON LUIZ BESTETTI —  
JUNDIAÍ — SP

• Inúmeros exames têm sido feitos em violinos que trazem idêntica inscrição, sem resultado satisfatório para seus possuidores. A impressão que se tem é de que, na época de Stradivarius, houve habilíssimos falsificadores. Daí o cuidado que se deve ter na consideração da inscrição, submetendo o violino a peritos no assunto, que o leitor talvez encontre na bela capital paulista.

### Gesto de Nobre Sentido Cristão

VENHO alimentando desejo de escrever-lhes, apresentando meus cumprimentos e agradecimentos pela contribuição de ALTEROSA ao meu patrimônio de conhecimentos bem como à formação de minha personalidade. E chegou a oportunidade. Tendo o Revmº Pe. Teófilo, da Matriz de São Cristóvão, solicitado aos paroquianos revistas e jornais velhos com os quais pre-

(Conclui na pag. 16)

*E a côr*



*vai sorrir*



***em seus lábios!***

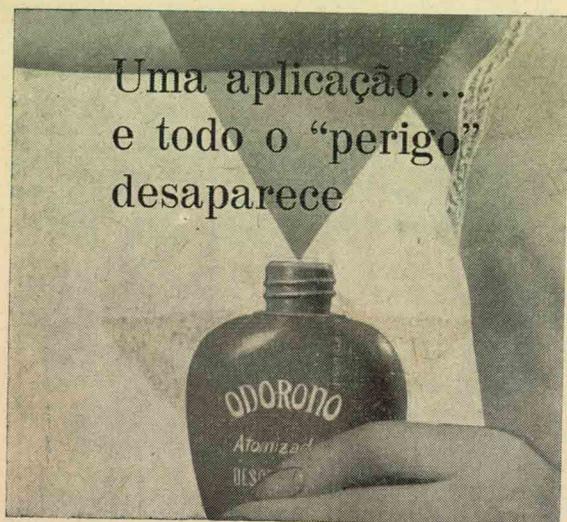
Será a mais brilhante,  
a mais duradoura...  
uma côr Cutex. Você  
encontrará, entre as  
cores Cutex, a que melhor  
combina com a tonalidade  
de sua cútis. Há cores Cutex  
para o dia e para a noite,  
para harmonizar até com o  
vestido que você vai  
usar. O batom Cutex é côr  
duradoura, harmonia perfeita!



**BATON**

**CUTEX**

**DURA MAIS... CUSTA MENOS...**



Uma aplicação...  
e todo o "perigo"  
desaparece

**ODO-RO-NO - o desodorante rápido que  
protege por 24 horas**

Nada diminui o efeito de *Odo-ro-no*. Ele é todo desodorante... todo ação e eficácia. Use *Odo-ro-no* atomizador. Seca instantâneamente... e você ficará livre, por 24 horas, dos efeitos desagradáveis da transpiração.



Faça de  
**ODO-RO-NO**  
o seu melhor hábito diário

O anúncio em ALTEROSA custa sempre menos, considerado em relação à tiragem e às classes de leitores que serão atingidos. Aproveite bem suas verbas de propaganda, anunciando sempre em ALTEROSA

**Auxilie as criancinhas do ABRIGO JESUS**

Fruto do amor cristão, o edifício do Abrigo Jesus foi construído e aparelhado para abrigar, instruir e educar 200 criancinhas desvalidas, amparando-as e preparando-as para o futuro na vida social. Mas falta-lhe a renda necessária para completar o número de crianças que pode abrigar. Auxilie essa benemérita instituição, contribuindo também com o seu donativo.

Cx. Postal 734 — B. Horizonte

**A Quem Pertence a Lua?**

UMA nação terrestre pode reivindicar direitos de soberania sobre a Lua? O problema foi examinado por juristas, antes mesmo que o «Lunik» soviético alcançasse o «Mar da Tranqüilidade».

A Lua encontra-se no espaço infra-estrelar, que não é da mesma natureza da atmosfera terrestre. A atmosfera está sujeita à soberania do Estado que está em baixo; além de um certo limite, entretanto, esta soberania não pode ser mais concebida. Em um longo debate realizado pela Assembléia das Nações Unidas (resolução de 14 de novembro de 1958) ficou estabelecido que o espaço extra-atmosférico não pode ser submetido à posse do Estado.

Para o momento, talvez, o envio de um foguete que leva aparelhos de pesquisas científicas constitui simplesmente a continuação de atos exercitados já no espaço com a evolução dos satélites artificiais. Não é portanto o caso de falar da tomada de posse soviética por meio do «Lunik II». Sem dúvida, a Lua, em um futuro próximo, poderá receber homens e instalações permanentes e determinar assim específicas competências. Quando isto acontecer, o princípio da «não apropriação», que atualmente governa o espaço extra-atmosférico, deverá ser completado por uma regulamentação precisa que consinta, por uma parte, o desenvolvimento do progresso científico e a exploração das riquezas da Lua com proveito de todos; e por outra, que proiba o uso do satélite da Terra para fins militares.

O Centro de Estudos do Direito do Espaço, que funciona em Paris junto à Associação de Encorajamento às Pesquisas Aeronáuticas, adotou, no início do ano, uma resolução segundo a qual «o espaço infra-estrelar constitui um bem comum pertencente a todos os homens que compõem a sociedade».

☆ ☆ ☆

**Relógios da Natureza**

HÁ muito que os cientistas sabiam que as abelhas carregam um relógio de pulso no interior de seu corpo e que são capazes de voltar ao mesmo lugar, dia após dia e à mesma hora, para se alimentarem da água açucarada que lhes fôr reservada. Mas, para saberem qual o processo usado por elas para descobrirem o tempo, os estudiosos mantiveram uma experiência extraordinária durante vários anos. Assim é que dois biólogos alemães, em Paris, treinaram as abelhas a procurarem água açucarada diariamente às 8 horas e 15 e depois procuraram enganá-las, levando-as para Nova Iorque, onde as 8 horas e 15 de Paris correspondiam a 3 horas e 15 locais. Queriam eles saber que hora iria ser observada pelas abelhas: a de Paris ou a de Nova Iorque.

Depois de alimentadas à hora costumeira em Paris, as abelhas foram transportadas para Nova Iorque por via aérea e colocadas em um laboratório especial, no Museu Americano de História Natural. Exatamente às 3 e 15 (hora local), ou seja 24 horas depois de terem sido alimentadas, as abelhas começaram a se alvoroçar e a sair de sua colméia. A experiência provou que, a despeito dos milhares de quilômetros de distância e da diferença horária, o despertador das abelhas tocou exatamente na hora em que deveria fazê-lo. Para maior confirmação, a experiência foi repetida — desta vez a colméia foi treinada em Nova Iorque e depois enviada para Paris, sendo o resultado idêntico ao anterior.

GIBSON LESSA

**OS RUSSOS, CADA VEZ MAIS EUFÓRICOS, CADA VEZ MAIS EXOSFÉRICOS**, anunciam que vão enxertar a perna de uma mulher defunta numa mulher perneta; vão conservar pulmões e corações humanos em sacolas de matéria plástica; vão unir duas pessoas no transcurso de uma operação de forma tal que um paciente possa tomar emprestadas as vísceras de outro para sofrer uma intervenção em suas próprias vísceras; que esse negócio de uma pessoa continuar vivendo na dependência de um coração só, vai acabar, porque daqui por diante deverão as pessoas passar a dispor de dois corações (guardando um deles, naturalmente, de reserva para casos de enfarte, amor em duplicata, etc., etc.).

— Enfim, diz o prof. Vladimir Demikhov), sei que tudo isso pode parecer um pouco difícil e complicado, mas (conclui o sábio deixando a gente completamente sem graça) também era difícil e complicado fazer viagens à Lua...

#### AR DE MONTANHA

O vós que no silêncio e no recolhimento das placidas montanhas da Capital de Minas, viveis de ar, comendo, mastigando, deglutiindo o ar de Belo Horizonte, na falta do leite, da carne e do feijão. Animai-vos, não julgueis que viver de ar seja uma humilhação. Ao contrário. Ficai sabendo que, segundo informa o «London Express Service», «ar de montanha» em lata está sendo vendido, como tônico de luxo, a turistas de beira-mar, na cidade de Toowomba, distante cerca de 130 Km de Brisbane, na Austrália. Ficai sabendo ainda que, segundo reza o rótulo, a lata deve ser aberta cuidadosamente após vigorosa caminhada de vinte minutos, antes do café da manhã, e o conteúdo aspirado, profundamente, como se fôra um néctar dos deuses.

#### ARS LONGA, VITA BREVIS

A vida é demasiado curta e Proust demasiado longo. Sim, mas essa frase não tem nada a ver com Rui Barbosa, como andou dizendo na televisão o meu amigo Vivaldi Moreira (da Academia Mineira de Letras) ao meu amigo R. Magalhães Jr. (da Academia Brasileira de Letras).

A frase é de Anatole France. Trata-se de um desabafo enfatizado do autor de «Taís» a um amigo curioso que, em sua mesa de trabalho, procurava folhear um exemplar ainda fechado de «À l'ombre des jeunes filles en fleur»:

— «Quer levar? pode levar. Não vou ter tempo de ler. A vida é demasiado curta e Proust longo demais».

Para quanta gente, hoje (pergunta o colunista de «Arts» nesse exemplar que estou agora folheando) Anatole France é que é comprido demais? ...

#### MARAJÁ' DE 40 ESPÓSAS E 110 FILHOTES

Está sofrendo muito o Nizam de Hyderabad, às voltas com uma sinuca poligâmica da qual não sabe como vai sair: seus 110 filhos (frutos irrequietos de 40 esposas) fundaram um sindicato e estão exigindo do governo indiano que o papai-marajá seja compelido a dar a cada um deles (cento e dez!) um automóvel. Alegam que, sendo como são, príncipes, não podem continuar a transportar-se, como vêm fazendo, de bonde e bicicleta.

**QUADRUPEDAL, FOI O APÉRTO** em que ficou na ONU, por causa da eleição do rinoceronte Cacareco, o nosso volumoso poeta Augusto Frederico Schmidt, delegado do Brasil junto às Nações Unidas:

— Acordei no hotel, conta-nos él — com a nossa Pátria figurando na primeira página do «New York Times». Que desgraça teria acontecido? Sei bem que só hecatombes e misérias, fatos tristes e desabonadores para nós, logram atravessar o muro de silêncio que separa a opinião norte-americana, não apenas do Brasil, mas de quase toda a América Latina. Mal entro no edifício das Nações Unidas, vejo-me centro de excepcionais atenções. Seria por que eu ia tratar do caso da Argélia? As agências de informações me assediam. Telefones tilintam a todo instante querendo falar com S. Ex<sup>a</sup> o delegado do Brasil. Homens graves me procuram, mas oh! o que queriam todos era que eu me explicasse, falasse, interpretasse a sensacional eleição de Cacareco! E até o Ministro do Exterior do Cambodja, modelo de finura e de boa educação, fala-lhe um francês escorreito, depois de me informar das simpatias de seu Príncipe pelo nosso País, indagou-me se, quem sabe? a eleição do rinoceronte tinha algum significado religioso...

— E como se saiu do apérto o nosso rotundo delegado-poeta?

— Até que desta vez saí-me muito bem: respondi, invariavelmente, que o Rinoceronte encarnava para nós uma espécie de inconformismo, um estado de impaciência, uma idéia, enfim, de recuperação do tempo perdido e que a votação de Cacareco era, ao mesmo tempo, um gesto de malícia do povo brasileiro e um sinal de que não concordamos mais com a nossa posição de país sub-desenvolvido...»

#### PREVIDÊNCIA LUSITANA

Convidado, como todo o mundo, a visitar o Brasil, Ferreira de Castro (a maior praça literária viva de Portugal), veio e, como todo o mundo, foi conhecer Brasília. A filha não pôde ir. Então, a esposa também não foi.

Explicação do autor de «A Selva»:

— Eu e a minha mulher firmamos um pacto de nunca viajarmos juntos de avião; para que, no caso de acidente com um, sobreviva o outro para cuidar da menina.

#### OPÍPARO CONSOLÓ

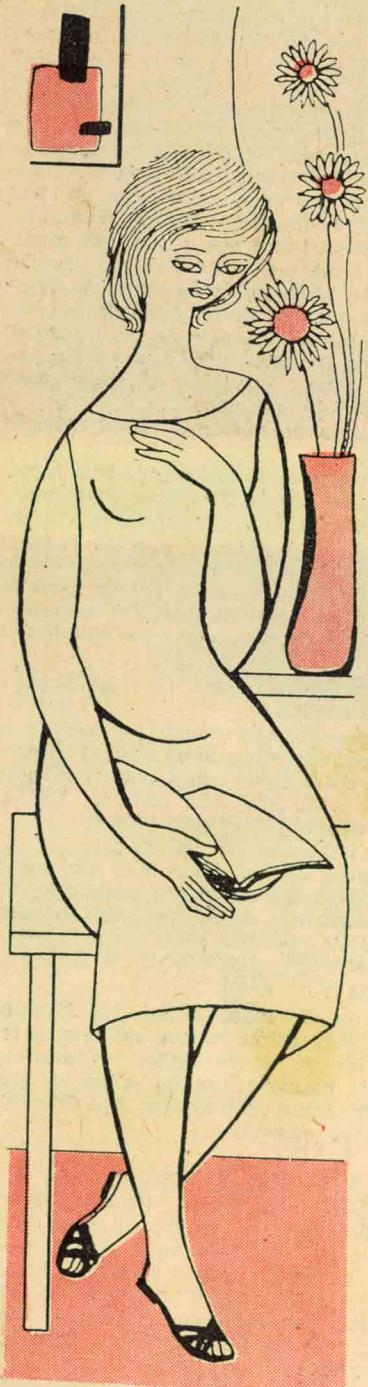
Com batatas da Holanda, feijão dos Estados Unidos e carne da Argentina, nossos estômagos famintos, sem arredar pé donde estão, tornaram-se os estômagos mais cosmopolitas do globo, o que, no dizer de um português, meu amigo, não deixa de constituir um opíparo consoló...

**ENFIM, FELIZ, MAS FELIZ MESMO**, não é o Lunik III que continua em órbita, disparado como um galgo, a trabalhar para os russos e a bater fotos do outro lado da Lua; feliz, mas feliz mesmo, é o Lunik II; deu as costas para o Mundo, a cauda para a Humanidade e foi pousar tranqüilo, no lado de cá da Lua (lado panorâmico), gozando a Vida Eterna, entre os mares da Serenidade, da Tranquillidade e dos Vapores...

# ODE À SOLITUDE

ELSIE LESSA

Transcrita de «O GLOBO»



— COSTO DELA como de um vinho. Foi preciso quase uma vida inteira, para aprender a delibá-la, saber-lhe o gôsto de silêncio, a volúpia das quietas paredes que nos olham, na casa vazia. — Hipocordia ?

— Se você quiser dar esse nome. Desgastei-me na lixa áspera do convívio humano. Boto máscara, tiro máscara : a da amabilidade, a do interesse por certos assuntos, que já não tenho, a repetição eterna e enervante de uma conversa em que nenhum dos parceiros está realmente engajado. Prefiro olhar, em silêncio, a vida em torno de mim. Gente, com suas paixões e comédias...

— As vezes, tragédias...

— Também. Só que logo me canso de umas e outras. Quero voltar para o meu canto, as lombadas dos livros meio desarrumados nas estantes, ao acaso das minhas leituras. Livros, móveis, a mágica das lâmpadas sob um velho «abat-jour» meio tostado de uma leitura mais desajeitada numa antiga noite de insônia. São meus companheiros, meus irmãos. Sempre odiei os objetos muito novos. Falta-lhes a dignidade do uso, a pátina do contato humano. Começo a gostar de uma poltrona quando posso reconhecer-lhe no estofô o peso de uma cabeça. E' uma volúpia pousar sobre o lençol, cada manhã, a velha bandeja de prata, a que tantos anos de hebdomadário polimento roubaram um pouco do brilho. Temos uma longa intimidade, eu e o meu canto.

— «Home, sweet home»...

— Cada vez mais «sweet». Ele é que sabe das minhas coisas e sou-lhe grata de ter mudado menos do que eu, assistido sempre impassível a minhas andanças e mudanças, minhas caras feias, passadas alegrias e aflições. Num mundo em que a gente tem raiva de não poder ficar, acabamos nos apegando às pobres coisas que vão durar mais do que nós. Implico até com o empregado da Telefônica, quando insiste em mudar esta velha baquelite meio desbeicada. O pobre não está fazendo o seu serviço ? Não chama ? Não responde ? Um bichinho dêste que vela noites à cabeceira da minha cama, que carrego pela casa, que já me trouxe tanta alegria e desengano, nestas rotineiras campainhadas, acaba um amigo. E a gente troca cara de amigo só porque ficou meio amassada ? Também não gosto de mudar de casa...

— E haverá-de, com esse apêgo de gato a elas ?

— Um dia calei-me, quieta de enoção, quando um amigo me contou que nunca soubera o que fosse uma mudança, em toda a vida. Nasceria e vivera numa só casa. Lembrei o pedaço de um verso, já não sei mais de quem : «Vivre et mourir dans une seule maison»... E há gente a quem isso acontece, perto de nós...

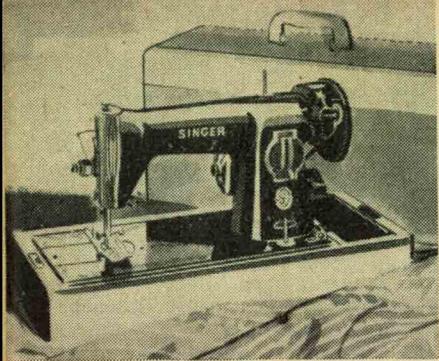
— Não gostar de mudar de casa, entendo. Mas não ter ninguém dentro dela, a não ser a solidão ?

— E' uma etapa a que se chega, uma conquista, um galardão. Mas só depois de muita machucadura, pelo caminho. Solidão tem o seu preço, como o resto...

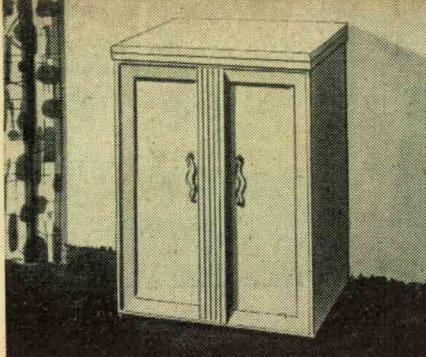
— Um preço mais caro do que a gente paga por uma companhia ?

— Já paguei os dois e acho difícil comparar, nestes tempos de inflação. Repasto-me nesta quietude, esta serenidade com que enfito a chave na porta, finda a lida do dia, dando as costas ao resto da humanidade. Sei que luta, se houver, só será comigo mesma, adversário já muito conhecido, de que sei todos os truques. Sem falar na beatitude de encontrar o lápis em cima da mesa do jeito que o deixei, o livro aberto na folha em que o interrompi, o suco de laranja, na geladeira, que sobrou do jantar. Não deixa de ter a sua graça.

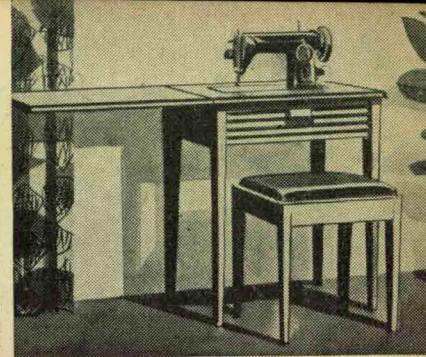
— A qual te conserve Deus.



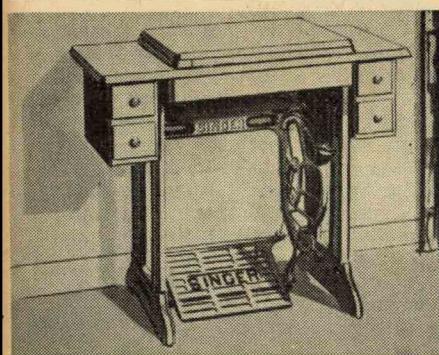
**Portátil N.º 280** — Permite trabalho cômodo em qualquer lugar. Motor, farol e controle de pé. Maleta de linhas modernas e elegantes.



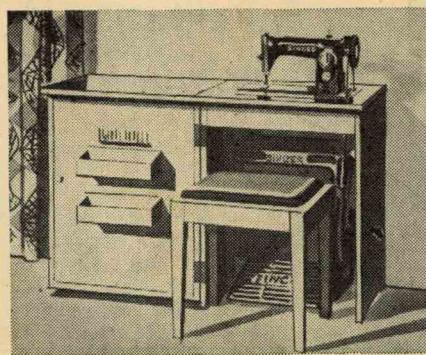
**Gabinete N.º 451** — Móvel de dupla utilidade, linda peça, que se harmoniza com a sua mobília. Em modelos elétricos ou de pedal.



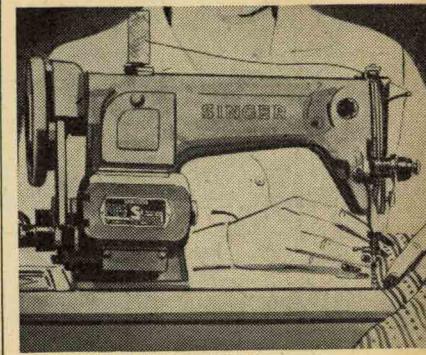
**Gabinete de Luxo N.º 71** — Peça que adorna qualquer ambiente. Móvel finíssimo, fabricado com as melhores madeiras de lei.



**Meio Gabinete N.º 404** — A melhor máquina de pedal que existe. Cose para frente e para trás, instantaneamente. Fácil de usar.



**Gabinete N.º 450** — Belíssimo móvel, de linhas modernas e construção esmerada. Encontrado em modelos elétricos e de pedal.



**Motor Singer** — Converte qualquer máquina de pedal em máquina elétrica, com grande facilidade. Controle com leve toque de pé.

Há uma **SINGER** para cada gosto...  
para cada orçamento!

(À vista ou em suaves prestações)

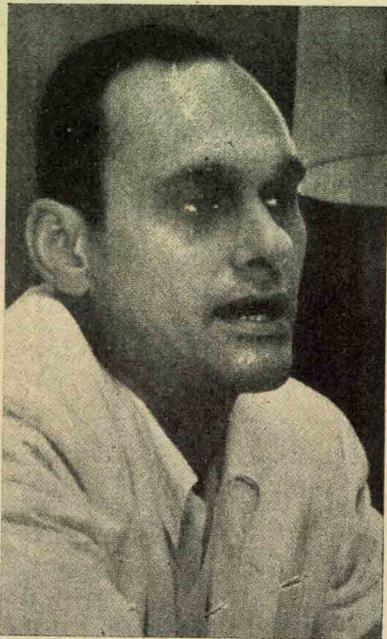


O nome Singer quer dizer  
tradição e preferência máximas.  
E mais ainda: assistência técnica  
que assegura um funcionamento  
perfeito, continuamente.



— O NOME  
GARANTE  
O PRODUTO

SINGER SEWING MACHINE COMPANY



José I. Rivero

## PANORAMA DO MUNDO

### Fidel Castro Enfrenta a Verdade

### Satélite Tripulado

O SATELITE tripulado que está sendo construído nos Estados Unidos deverá, segundo dados há pouco divulgados, viajar em torno da Terra a uma velocidade aproximada de 28.900 quilômetros por hora, a uma altitude de 200 quilômetros. Ainda de acordo com as informações fornecidas, depois que houver completado três voltas de 90 minutos cada uma, em torno da Terra, o satélite reduzirá sua velocidade e começará a cair até surgir a 19 quilômetros de altitude. Neste momento dois pará-quedas reduzirão ainda mais a sua velocidade a fim de que na sua descida atinja a Terra a uma velocidade de 32 quilômetros horários. Segundo os planos presentemente em andamento nos EE.UU., o satélite descerá no Oceano Atlântico, contando para tanto com a ajuda de uma câmara inflável que o manterá flutuando até a sua localização. O tempo total da viagem será de aproximadamente três a quatro horas e meia. A viagem deverá realizar-se em 1961.



Boris Pasternak

«PATIFE, cínico. Homem sem vergonha», esbravejava o Primeiro Ministro Fidel Castro, num programa de televisão recentemente, e tão excitado que o lápis, que brandia como um bastão em sua arenga, foi parar longe, atravessando a sala. Os alvos de seus ataques mais recentes eram os jornais conservadores de Havana, «Avance» e o «Diario de la Marina», que até agora vinham apoiando Castro, mas estavam se tornando indóveis sob o seu governo arbitrário. O «Avance» conta com uma tiragem de cerca de vinte e dois mil exemplares, e o «Diario de la Marina», vinte e oito mil.

Há poucos dias, os dois jornais haviam levantado uma voz clara e enérgica de oposição em Cuba, e o Primeiro Ministro ficou enfurecido com a história. «Usam esse jôgo apenas para defender interesses dos inimigos de Cuba», bradava Fidel Castro, «dos Trujillos, dos criminosos de guerra, dos monopólios. Eles têm idéias de três séculos atrás».

O «Avance» é o «Diario» tão-somente haviam cometido a ou-

### Mais Livros de Pasternak

SABE-SE que as duas últimas obras de Boris Pasternak, publicadas recentemente, em tradução inglesa, em Nova Iorque, constituem dois volumes sob o título único «I remember». No primeiro volume encontra-se um esboço autobiográfico concluído em 1957, logo depois de haver o autor terminado o «Doutor Jivago». O segundo aparece sob o subtítulo «Traduzindo Shakespeare», e foi concluído durante o mesmo período em que Pasternak escreveu o livro que lhe valeu o prêmio Nobel. Por outro lado, noticia-se também que uma seleção de poemas de Pasternak, traduzidos e comentados por George Beaven, será publicada em breve pela editória «G. P. Putnam's Sons», de Nova Iorque.

sadia de estamparem fortes, mas bem fundados argumentos contra um novo decreto de Castro elevando taxas de importação na ordem de 100%, em alguns casos; o efeito disso, observaram os jornais, pode muito bem ser reduzir Cuba aos níveis das nações não desenvolvidas da Ásia e África.

Entretanto, ao contrário do que seria lícito esperar, os jornais em questão não voltaram atrás quando Castro dirigiu sua cólera contra eles; antes revidaram com a mais acerba crítica já enfrentada por Castro desde que assumiu o poder. «Estamos já muito cansados com tantas ameaças», disse o «Diario», num editorial de primeira página, «de tantas acusações injustas e gratuitas». E continuou, passando então a uma fulminante análise da liberdade existente sob o regime de Castro: «Homens públicos podem dizer uma coisa em particular, mas em público, na hora dos discursos, dizem outra coisa. Isto não é liberdade de expressão, mas terror e bajulação... Criou-se uma mentalidade

de que todo aquél que desagrada é um elemento indesejável».

«Essa espécie de liberdade», prosseguiu o «Diario», «é como um jardim ostentando a advertência: «Entre — mas acautele-se com os cães». A êstes comentários, acrescentou o articulista Agustín Tamargo, do «Avance»: «Não quereis jornalistas, Comandante Castro, quereis um toca-disco».

Cuba, há muito, vinha esperando justamente por uma conversa franca dessa natureza. E prova disso é que o «Diario» teve sua edição esgotada lá mesmo em Havana, e chamados telefônicos de congratulações, procedentes de todas as partes da ilha, obstruíram por alguns momentos os telefones do jornal.

O diretor José I. Rivero (foto), ao voltar para casa, encontrou-a inundada de flores que amigos lhe tinham enviado. Ao mesmo tempo, um grupo de mulheres decididas oferecia-se para se postarem em frente ao edifício do «Diario», a fim de guardá-lo contra qualquer ataque. O diretor Rivero, que em consequência dos

fatos recebeu pedidos de seis mil novas assinaturas, publicou ainda mais quatro colunas de editoriais vazados nos mesmos tons, enquanto estampava diariamente um pequeno retângulo contendo nomes dos novos assinantes, com o título: MUITO OBRIGADO, FIDEL.

Prosseguindo em seu programa de televisão, que durou nada menos de três horas e meia, Castro também revelou entre outras coisas:

- Que o major Ernesto Guevara, seu companheiro, que dizem ser comunista, ficará encarregado de industrializar Cuba, porque foi ele o «companheiro que se encarregou das primeiras indústrias do exército rebelde, como sejam, sapatos, minas, implementos de guerra».

- E anunciou que ele próprio «reconsiderará» a concessão para a exploração de níquel fornecida ao truste norte-americano Moa Bay Mining Co., subsidiária da Sulphur Co., que está para começar a produção na parte oriental de Cuba, depois de dois anos de trabalhos preparatórios.

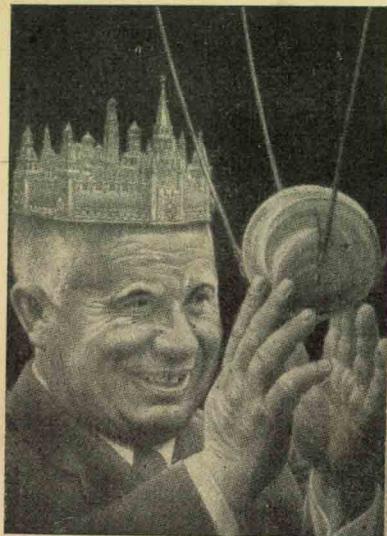
## Lua-de-Mel

### Original

**CASARAM-SE** em Miami, na Flórida. Ela, Maria Rodriguez, de 26 anos, secretária. Ele, Melvin Mininson, de 27 anos, cabeleireiro. Até aí muito bem. O casamento saiu dos trilhos costumeiros, todavia, quando, logo após a cerimônia, o casal se encerrou num abrigo subterrâneo anti-aéreo acompanhado apenas de um rádio de pilha, alimentos enlatados, um telefone e muita leitura. Esta lua-de-mel insólita durou exatamente 13 dias e 15 minutos. Após este período, o casal subiu ao ar livre e foi comemorar com os amigos num hotel próximo. Daí partiram para uma verdadeira lua-de-mel no México recebendo, na volta, uma casa e um carro novos como presente. Interrogada pela imprensa, Maria disse:

— A primeira semana foi maravilhosa e passou muito depressa, mas a segunda, como custou!





## PANORAMA DO MUNDO

Nikita Khruchtchev, o rei dos Luniks.

### Khruchtchev e e Lunik III

«**A**TENÇÃO, atenção, caros camaradas», disse a rádio de Moscou. «Ouçam agora os sinais provenientes do cosmos, do terceiro foguete cósmico lançado hoje». Em seguida, vieram os sinais, soando como notas alternadas de violino, que todos os habitantes da União Soviética e do mundo puderam ouvir. Neste momento, os relógios de Moscou marcavam

1 hora da madrugada do dia 4 de outubro (6 horas da manhã em Nova Iorque), e o Lunik III achava-se já a mais de 107 mil quilômetros da Terra.

A maior estação de rádio da Grã-Bretanha, situada em Jodrell Bank, instruída por meio de um telegrama de Moscou acerca da frequência, etc., captou também o sinal e manteve-se sintonizada



### Khruchtchev em Hollywood

**K**HROUCHTCHEV, na sua recente visita aos Estados Unidos, fêz questão fechada de visitar os estúdios cinematográficos de Hollywood, em Los Angeles. Vemo-lo, nesta foto, sorriden-

te e feliz, ladeado pelos maiores do cinema, nos estúdios da 20th Century Fox, aparecendo, a partir da esquerda, Eric Johnson, presidente da «Motion Pictures Association» e sua esposa, Khrucht-

chev, uma jornalista e o famoso Spyros Skouras, presidente da Fox, que manteve, durante a visita, aceso debate com o premier russo sobre as ideologias antagônicas que ambos representam...

com ele durante vinte minutos. Depois de alguns instantes em que eram facilmente distinguidas, as notas do violino interromperam-se súbitamente, como se houvessem sido desligadas.

Estava lançado o terceiro teleguiado soviético com destino à Lua, e, segundo muitos, deveria trazer, quando de sua volta, fotografias da Lua, isto é, daquela parte da Lua que nenhum habitante da Terra conhece, ou seja a face oposta àquela em que, conforme o povo, está gravada a efígie de São Jorge. No entanto, alguns cientistas categorizados da Rússia não fizeram qualquer menção à possibilidade do Lunik III transmitir fotografias daquele satélite, o que, aliás, já aconteceu...

O primeiro comunicado oficial

soviético acerca do feito foi uma mistura de informações técnicas com prudente reticência. «O lançamento foi realizado», dizia a notícia, «por meio de um foguete de vários estágios conduzindo uma estação (sonda, cápsula) interplanetária automática. Depois de adquirir a necessária velocidade, o último estágio do foguete colocou a estação na órbita desejada».

«A estação», continuava aquelle comunicado, «passará a 10.000 quilômetros de distância da Lua, e, depois de voar em torno dela, continuará a sua trajetória em direção à Terra».

Girar em torno da Lua e retornar à Terra seria evidentemente façanha muito mais difícil do que atingir a Lua, e contra ela se despedaçar, como fez o Lunik

II. Esta a razão da grande expectativa que cercou todos os lances da viagem do Lunik III. Uma velocidade um pouquinho maior poderia atirar a «estação» além da Lua, e numa órbita do Sol. O mais leve erro na sua orientação e regulagem poderia fazer com que seu último estágio se despedaçasse de encontro à Lua. Muito mais difícil mesmo é colocar-se um objeto numa órbita permanente em volta da Lua, mas os russos aparentemente não esperam fazer isso — pelo menos agora.

«O último estágio do foguete», dizia ainda a nota russa, «pesa 1.553 quilogramas, sem combustível, e conduz equipamento medidor (presumivelmente rádio e instrumentos de direção) pesando 1.565 quilos. A própria «estação» pesa 278,5 quilos.

**QUANDO** uma viatura da polícia estacionou em frente ao edifício do tribunal de Winterthur, na Suíça, faz poucos dias, um murmúrio de expectativa percorreu a multidão que se postava nas proximidades. «Ele vem aí», gritou um fotógrafo, enquanto do prédio saía um indivíduo de nacionalidade inglesa, de cabelos crespos, e que estava vivendo o epílogo de um dos processos mais sensacionais que a Suíça tem visto nos últimos tempos. O nome do réu que acabava de ser julgado não era conhecido apenas dos suíços. Na Inglaterra, Donald Hume, Donald Brown ou John Stephen Bird também estivera às voltas com a Scotland Yard, a qual acabou driblando.

Há bem tempo, Donald Hume vira-se envolvido, na Inglaterra, num rumoroso processo em que a verdade completa nunca pudera ser elucidada pela Yard. Tratava-se do assassinato de um vendedor de carros, cujo corpo fôra encontrado todo retalhado. Considerado suspeito, Hume, depois de um demorado processo, foi condenado a oito anos de prisão, por cumplicidade.

Passados os oito anos, ganhando a liberdade, e seguro de que nunca poderia ser julgado novamente pelo mesmo crime, Donald Hume resolveu escrever a sua história.

E há pouco mais de um ano, os leitores ingleses ficaram emocionados com uma novela publicada na coleção popular denominada «Sunday Pictorial», novela que começava com as palavras: «Eu, Donald Hume, pela presente confesso...». A trágica

## Conto Policial: Autor é Personagem



Donald Hume

ca confissão que servia para iniciar a história, era que a personagem principal da mesma havia retalhado em pedaços um vendedor de carros. Mas, além da ficção literária, nunca os leitores poderiam imaginar que o acontecimento realmente se verificara, e que seu protagonista na vida real era mesmo Donald Hume, e que o retalhado tratava-se de Stanley Setty.

Entretanto, acabados os 5.600 dólares resultantes da venda dos originais para casa editora, Donald passou novamente a enfrentar dificuldades financeiras. E, a fim de remediar a situação, não hesitou em praticar dois assaltos, contra dois bancos. Logo, porém, que a polícia caiu em si e decidiu ir ao seu encalço, ele desapareceu do País.

Uma vez na Suíça, e depois de estabelecer-se em Zurique, Donald cometeu uma série de atos criminosos. Para um proprietário de um salão de beleza localizado naquela cidade, a companhia de Donald não era desagradável, além do mais porque ele dizia-se viajado, alegando ser um piloto de provas canadense. Posteriormente, logo após ver-se envolvido num ato complicado em que figura uma igreja, da qual bebeu o vinho destinado à comunhão, ele armou-se de um pistola e investiu contra uma pequena agência do banco Gewer de Zurique, a fim de obter um pouco de «dinheiro à vista».

Um funcionário obstruiu a sua trajetória e em pagamento foi baleado, ficando ferido gravemente. Depois de abiscoitar uns magros quarenta e cinco dólares, Do-

nald correu para a rua ao mesmo tempo em que o funcionário ferido dava o alarme. Mais adiante, assassinou um chofer de táxi que tentou detê-lo, antes de ser, afinal, dominado por um pasteleiro, já que sua arma emperrara por falta de munição.

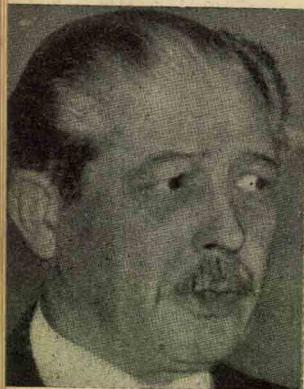
Por ocasião de seu julgamento, verificado dias atrás, o criminoso contou todo o desenrolar de sua vida. Bocejou, alegou maus tratos, e sacudiu os seus cabelos pretos, enquanto as testemunhas desfiavam os acontecimentos da manhã fatal. Com grande paciência o júri ouviu alguns detalhes de sua existência — a mãe, tinha que chamá-la de «Tia», pois não

gostava dele quando criança; explicou sua demissão da RAF, depois que sofreu «meningite»; a história do retalhamento do infeliz Setty; o baleamento de um gerente de banco inglês que «tivera a loucura de atacar-me». Donald confessou tudo, inclusive que se abstivera de atirar num pequeno funcionário de Banco, de 16 anos, que o havia perseguido, só porque o rapazinho tinha cabelos da mesma cor dos de seu amigo Trudi Sommer.

Finalmente, considerado inciso em cinco artigos do código, com crimes variando desde o homicídio até a violação da legisla-

ção sobre estrangeiros, o criminoso romancista foi condenado à pena máxima em vigor na Suíça: prisão perpétua, com o direito de solicitar «liberdade condicional» depois de quinze anos de bom procedimento.

Sem dúvida, a parte mais interessante da notícia é que determinou a grande repercussão mediada pelo caso na Europa, reside no despacho do juiz Hans Gut presidente do júri: autorizou um representante do «Sunday Pictorial» a pagar a Donald Hume mais 5.600 dólares correspondentes ao segundo «round» de seu romance, que deverá ser impresso brevemente.



Macmillan e o derrotado Gaitskell.

**D**IAS atrás, nas proximidades da sede do Partido Conservador, localizada na Praça Smith, em Londres, grupos eufóricos de pessoas de todas as classes reagiam ruidosamente com gritos e vivas a cada novo boletim informativo que vinha anunciar a eleição de mais um membro daquele partido para o parlamento. Mais tarde, pouco depois das treze horas, e após os trabalhistas — que tinham o seu sombrio posto de comando situado do outro lado da praça — haverem reconhecido a derrota nas eleições gerais, uma elegante personagem de cabelos grisalhos, ostentando um traje cerimonioso, apareceu num automóvel aberto, vindo juntar-se à multidão de adeptos. «Muito bem, Mac», gritavam uns, «A vitória é sua». O homem alto, de aparência aristocrática, que acabava de vencer as eleições gerais de 1959, realizadas na Inglaterra, deteve-se por um momento, enquanto sua elegante esposa mantinha-se a seu lado. «Antes isso», agradecia o Primeiro Ministro, acenando em todas as direções.

Marcando cerca de vinte e oito milhões de X nas cédulas eleitorais, que não traziam a indicação das filiações partidárias dos candidatos, mas simplesmente os seus nomes, os eleitores das ilhas britânicas deram a Maurice Harold Macmillan, o outro dia, nos 630 distritos em que se divide o País, um esmagador triunfo pessoal, numa das mais decisivas e significativas batalhas políticas do pós-guerra.

Macmillan foi quem conduziu o seu partido a essa notável vitória que veio determinar a duplicação de sua maioria na Câmara dos Comuns, feito este sem paralelo nos anais da política britânica. Com ela, vencendo o pesado desafio que lhe oferecera o Partido Tra-

balhista, Macmillan conta com mais um grande tanto a seu favor, o que significa, que nos próximos cinco anos, continuará ele sendo o governante da Inglaterra.

Segundo alguns, a vitória conseguida por Macmillan se equipa para aos feitos de Bleheim, Waterloo ou Mafeking. «Calculo que umas cem mil garrafas de bebidas foram consumidas dentro de uma área de quatro milhas quadradas, em Londres, no dia em que se conheceram os resultados», disse um proprietário de um bar, depois de tecer comentários sobre milhares de pessoas que tinham dançado, bebido e festejado o acontecimento até ao amanhecer. A vitória de Macmillan traduziu-se nos seguintes termos:

	Cadeiras no Parlamento		Milhões de Votos	
	1959	(1955)	1959	(1955)
Conservadores .....	365	(345)	13,7	(13,3)
Trabalhistas .....	258	(277)	12,2	(12,4)
Liberais .....	6	(6)	1,6	(1,7)

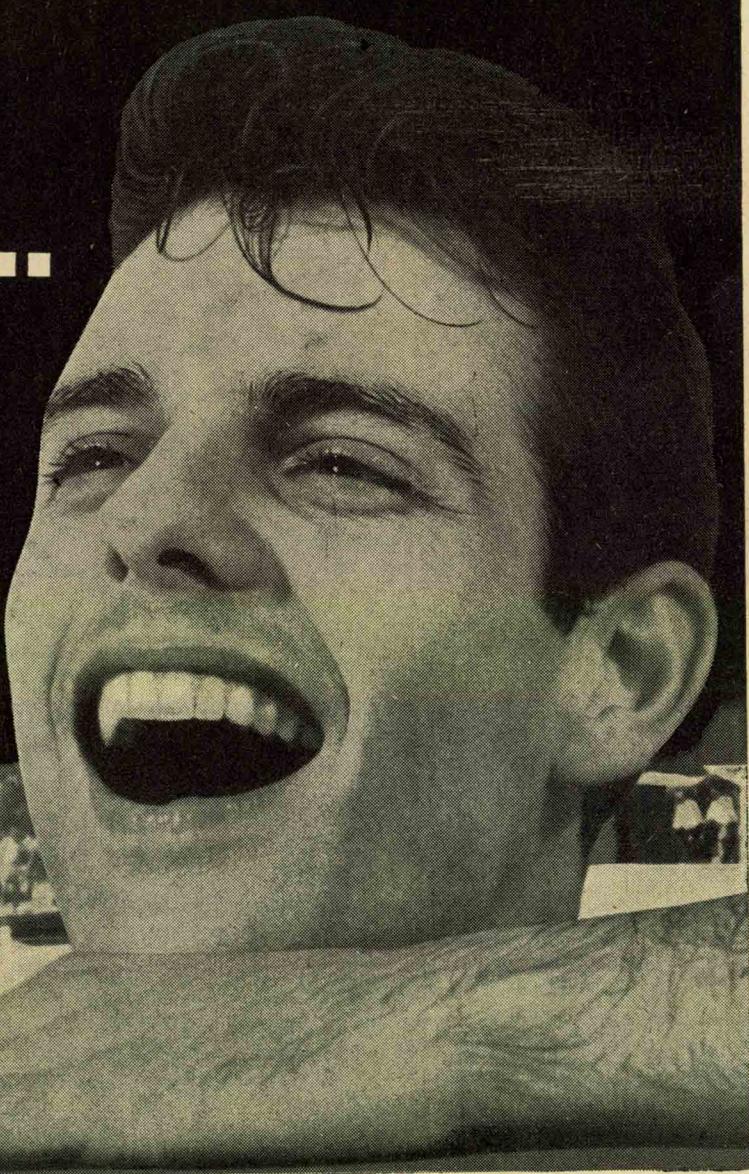
(Conclui na pag. 108)

# Ah...

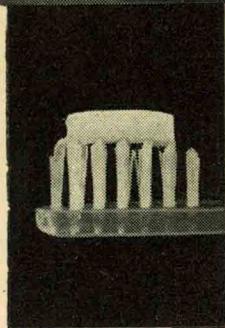
QUE REFRESCANTE SENSAÇÃO  
DE BEM-ESTAR, NA ESPUMA

PROTETORA DE KOLYNOS!

Gente de espírito móço, que precisa  
causar boa impressão, prefere Kolynos ...  
porque Kolynos contém  
elementos antienzimáticos que agem  
quase milagrosamente para evitar  
a cárie e o mau hálito !



gente DINÂMICA prefere



- sensação extra de frescor !

## SAÚDE

### Tranquiliizador para a alergia

MAIS de 324 pacientes com febre do feno, sinusites crônicas, estilação do nariz, pólipos nasais, bronquite asmática crônica etc., encontraram perfeito alívio para os seus males, tomando pequenas doses diárias de Trilafon, um agente tranquiilizante. Todos êles, antecipadamente, tinham tomado esteróides como um auxílio, mas tal medicação foi interrompida durante um estudo no qual o tranquiilizador em aprêço foi usado para determinar a importância dos problemas emocionais em desencadear ataques alérgicos.

Os resultados indicam que, enquanto a predisposição para a alergia permanece, um tranquiilizador pode elevar o limiar no qual os sintomas resultam de esforço emocional. Ajudando a combater o componente emocional nos pacientes alérgicos, o tranquiilizador pode atingir a alergia de maneira tão acentuada, que as quantidades de esteróides necessárias nos vários casos são as mínimas possíveis.

### Estrógeno e Câncer

PARA as mulheres no período climatérico, o estrógeno pode ser de grande ajuda, pois alivia muitos sintomas próprios dessa época. Entretanto, milhares de médicos hesitam em receitá-lo, temendo que êle venha a produzir câncer, mais tarde.

De fato, existe um pouco de justificativa para êste temor, de acordo com um editorial publicado no «Modern Medicine», já que, se a um ratinho forem dadas grandes doses de estrógeno, êle pode contrair câncer. Contudo, nota o editorial que a situação deveria ser bastante diferente no caso de se tratar de «uma mulher adulta, à qual será dada uma minúscula dose diária do hormônio, durante talvez uns seis meses ou um ano de sua vida».

Entretanto, algumas experiências recentes mostram que os animais pequenos jamais contrairiam a doença, se a ministração do estrógeno fôsse interrompida de tempos em tempos.

### CAPSULAS

☆ Entendidos célebres no campo dentário afirmaram que a cárie era devida ao mesmo tempo à diminuição do valor protoplasmico dos tecidos dentários e a uma insuficiência do trabalho mecânico dos dentes. ☆ O metabolismo do cálcio, essencial para o esforço psíquico, acha-se condicionado em grande quantidade pela vitamina D, presente sobretudo nos óleos do peixe. ☆ Até a idade dos 16 anos, deve-se tomar o mínimo de café possível, quando não se puder evitá-lo de todo, pois êle excita as fibras nervosas, sem nutri-las contudo. ☆ Bebidas como o malte e o chá asseguram estimulações benéficas.

### Cartas à Redação

Conclusão da pag. 5

tende fazer o Natal das crianças este ano, doe para o nobre fim os números de ALTEROSA de fevereiro de 53 a dezembro de 58.

A importância financeira apurada será, por certo, mínima. Mas cumpre ressaltar o valor da doação, que se resume no destino dos exemplares: um nobre fim.

TEREZA GURGEL FERNANDES — DF

• Louvamos, sinceramente, a nobreza de seu gesto, doando os seus exemplares de ALTEROSA para uma campanha de tão elevado sentido cristão.

### Partituras Para Piano

DESEJO saber se ALTEROSA poderia publicar um bolero de minha autoria, inserindo em suas páginas a letra e a partitura para piano.

ENÉAS PAULO DA SILVA — TERESINA — PI

• Infelizmente, não podemos atendê-lo, porquanto ALTEROSA não possui seção musical.

### «Boas Falas Para os Medrosos»

TENDO lido em vossa conceituada revista ALTEROSA, no número de setembro, segunda quinzena, a notícia da fabricação de um aparelho elétrico de anestesia, e como estamos por fôrça das circunstâncias ligados àquele affaire, gostaríamos de conhecer detalhes do referido aparelho.

DR. AFFONSO FORTIS — SERVIÇO ESPECIALIZADO DE ANESTESIA — PORTO ALEGRE — RS

• A notícia foi-nos remetida pelo nosso correspondente na França, sem maiores detalhes. Aconselhamos o leitor a dirigir-se ao Escritório da Paineir do Brasil, em Paris (25 Avenue Montaigne — Ely) que é uma segunda embaixada brasileira na bela capital francesa, através da carinhosa atenção para com todos os assuntos que interessem a brasileiros lá e aqui.

### Agradecimento

EM nome da Federação de Juvenis da Igreja Metodista do Brasil, agradeço a oferta de 50 exemplares de ALTEROSA para distribuição no III Congresso, que se realizou, em Governador Valadares, entre 16 e 19 de julho último. Queremos salientar que fazemos propaganda sólamente de coisas úteis e de valor para os adolescentes. E a revista ALTEROSA está no rol das coisas úteis.

ZILA SOARES DE NAVARRO — GOV. VALADARES — MG

**Felicidade?** Coisa pequenina, simples e fácil, sem complicação: muito medrosa, minha mão franzina ter escondida dentro de tua mão.  
**Felicidade?** Leve musselina cobrindo suavemente o coração: — ouvir tua voz, de entonação divina, fazer, baixinho, terna confissão.  
 Tudo tão simples, mas grandiloquente: — meu coração batendo, alegramente, bem juntinho do teu, sem ansiedade. Tão fácil de encontrar o Paraíso! — Sorrio à Vida pelo teu sorriso e sei assim o que é a Felicidade (Graciette Salmon)

**De Guilherme de Guimaraens** — O homiem feliz não é aquêle que tem tudo o que é necessário para ser feliz e sim, aquêle a quem tudo se pode tirar, sem que êle deixe de ser feliz.

**O fruto** da felicidade nunca o colhemos na sua hora exata, na sua doce madureza. Saboreamo-lo sempre nas lembranças do passado e nas esperanças do futuro. (Elpo Valsi)

**De Alphonsus de Guimaraens** — Se a ventura guardasse o meu ser, a minh'alma, se a fé com a sua mão tão alva e tão serena tombasse sobre mim, na hora doce da calma, quando é menor a luz, quando é maior a pena!

Se a caridade (oh Sol!) me desse a argênteas palma de quem sempre perdoa, e abraça, e não condene! Se a Esperança, entreabreindo a asa do amor espalma, viesse dar-me calor, numa tarde áurea e amena!

Se tudo quanto é flor me aureolassem e viessem dar o aroma que fluí das grinaldas da prece! Se fôssem astros tudo aquilo que se diz! E se o luar, a sorrir, beijasse a minha face! Se a noite fôsse branca e o dia não tardasse! Assim, amor, assim eu seria feliz...

**Quem** está no escuro não gasta com a luz; e isso, de luz, custa e faz ver certas cousas que antes não eram vistas; e quanto mais cousas se vêem, mais se querem ver. Ora, em que consiste a verdadeira riqueza, a verdadeira felicidade? Claro que em ter poucas necessidades... (Pirandello)

— Não acha — perguntou ela — que seria maravilhoso termos na vida uma pessoa, uma só pessoa a quem pudéssemos dizer tudo?

Inclinou-se para a frente, pousou a xícara mas continuou inclinada, batendo com a colher no pires. Depois, levantou os olhos:

— Será criancice minha, será absurdo desejar semelhante coisa? Contudo, criancice ou não, como seria maravilhoso, maravilhoso! Ah, sentir que a essa pessoa, só a essa, poderíamos realmente contar tudo! Seria uma felicidade de tal modo divina... (Katherine Mansfield)

**De Alvaro Moreyra** — A felicidade não morre toda. A gente é sempre um pouco feliz da felicidade que teve...

**Hora que passa...** Se fôr realmente feliz, integralmente consciente desta felicidade pura e sincera, não hesites em vivê-la, mesmo absurda, parecendo pueril, romântica ou demasiadamente violenta, sem motivo de esperança, sem esperança de realidade futura, sem passado, sómente hora presente... concreta... única talvez na existência. Maravilhosa e divina! Não a deixes perdida no caminho da vida; senão lamentarás sempre não tê-la vivido e nada te consolará por tê-la perdido. (Martha Soares Luna)

**De Oliveira e Silva** — A felicidade de um homem poderia consistir nestas grandes coisas pequenas, mesmo quando isoladas: o sonho, a luz, o silêncio, a contemplação.

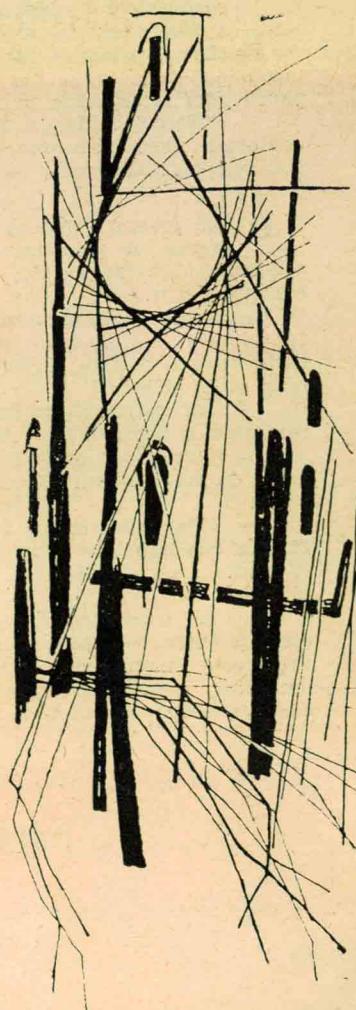
**Nas tortuosas** sendas da vida, nos invios caminhos a serem percorridos, surgem em profusão os abrolhos, os espinhos, enquanto, em proporção diminuta, cá e lá, no decorrer de uma quase eternidade, um momento de prazer nos envolve, atenuando, ainda que em fugaz visão, numa encantadora miragem, as agruras desta vida... (Alacir Ribeiro Antônio)

**Por que** não podemos viver no presente, por que devemos estragar um instante de alegria e de dor com o pensamento de que êle nunca mais voltará? (Franca Lenardon)

**De Olive Prouty** — Pareceu a Laurel que a taça de felicidade se encherá até a borda...

# FUGA

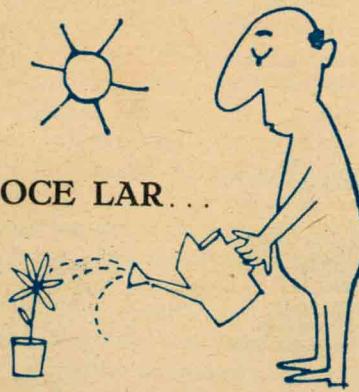
«Eu também quero ser feliz na vida. Onde está a felicidade?  
 — Dize-me. Onde está?»



# Quitandinha



**DOCE LAR...**



**CONVENCIDA** pelo marido de que ele seria perfeitamente capaz de cuidar da casa durante a sua ausência, a esposa partiu sossegada. Ao receber a primeira carta dele, sorriu satisfeita, vendo que tudo ia às mil maravilhas, até que deparou com o seguinte parágrafo :

— «Estou cuidando muito bem das plantas, conforme você pediu-me, regando-as duas vezes por semana : sábado e domingo».

**DUAS** jovens senhoras conversavam sobre suas sogras. A primeira lamentava-se de que o seu esposo gastava muito tempo com a mãe, que morava perto.

— Gosto imensamente dela — disse, com ar tristonho. — Mas acho que o Carlos devia ficar mais tempo comigo e com as crianças. Precisamos tanto dele...

— Ora, estamos em igualdade de condições — retrorquiv a segunda. — A mãe de Roberto mora poucos quartéis antes da nossa casa e ele não volta do serviço sem dar uma passadinha lá, para vê-la.

— Mas você conta isto com tanta calma ! Parece que não liga a menor importância ao fato. E' muito menos egoísta do que eu ! — exclamou a primeira.

— E' exatamente o contrário, querida — disse a outra. — Sou muito mais egoísta do que você, pois imagino que o meu marido está dando um ótimo exemplo aos meus filhos, ensinando-lhes como se deve tratar uma mãe.

**Tôda vez que vejo alguém a discutir o controle de natalidade não deixo de**

## CABECINHAS DE VENTO

**D**EPOIS de dar uma aula empolgante sobre o valor dos livros, o professor de português virou-se para aquela loura atômica e perguntou :

— Senhorita, se lhe fosse concedida a oportunidade de escolher um único livro, qual seria o da sua preferência ?

A moça pensou durante alguns instantes e depois respondeu calmamente :

— Ora, professor, neste caso eu seria mais modesta. Ao invés de um livro de verdade, escolheria um talão de cheques...

**O**DIRETOR de uma conceituada revista recebeu a seguinte carta de uma leitora :

«Prezado Diretor : No ano passado, o senhor publicou algo que me interessou sobremaneira, mas esqueci o que foi. Como perdi as minhas notas sobre o assunto e não consigo encontrar a revista, gostaria de solicitar-lhe a fineza de enviar-me um exemplar da mesma.»

## PEQUENOS ANÚNCIOS

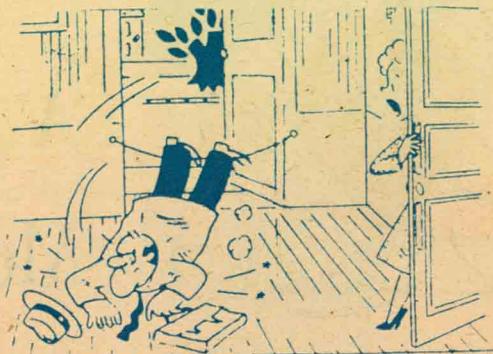
**N**UM distrito do Missouri, uma senhora coletrora de impostos, depois de concluir o seu trabalho, publicou a seguinte nota em um dos jornais :

«Sirvo-me deste meio a fim tornar pública a minha sincera gratidão pela excelente cooperação e grandes provas de bondade de que fui alvo enquanto arrecadava as taxas desse distrito. Que as ricas bênçãos de Deus sejam sobre todos, até que nos encontremos novamente, no próximo ano.»

**N**UM restaurante em Atlanta, Geórgia, lia-se : Postas de baleia grelhadas — inteiramente de graça para qualquer pessoa que se chame Jonas.

**E**STE anúncio foi colocado na Estação Central de Polícia, em Christchurch, Nova Zelândia :

«Pede-se à pessoa que levou uma fatia do bolo de nozes com caramelos da mesa do comissário, a fineza de devolvê-la, pois ela faz parte, como documentação, de um caso de envenenamento.»



— Oh, querido, isto não é nada. Como a campainha estragou, achei melhor colocar esse barbante ai, para perceber a chegada dos outros.

## SUSPEITA AFLITIVA

**N**OTANDO que o marido vinha andando muito preocupado, a esposa perguntou-lhe :

— Não posso compreender qual a causa da sua preocupação. Os negócios vão bem, somos felizes. Que é que o está preocupando?

Suspirando desconsoladamente, o marido respondeu :

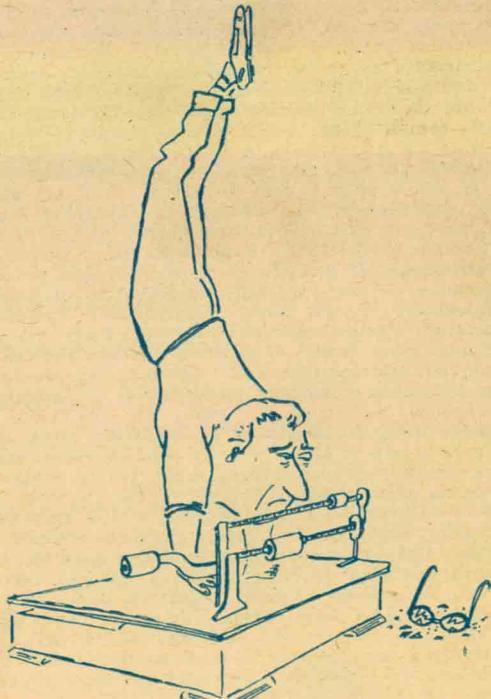
— A verdade é que ultimamente tenho visto o meu tesoureiro a consultar o horário de trens toda hora...

## LÁ E CÁ...

**N**OS Estados Unidos, onde a maioria professa o Metodismo, um candidato a um importante cargo político arquitetou um plano para descobrir as simpatias religiosas da distinta platéia, para a qual devia fazer empolgante discurso :

— Minha bisavó — começou ele — pertencia à Igreja Episcopal (silêncio no auditório), mas a minha outra bisavó era da Igreja Congregacional (o silêncio continuou). Agora, minha avó era Batista (silêncio ainda maior), mas a minha outra avó era Presbiteriana (ainda um silêncio frio). Entretanto, eu tinha uma tia que era Metodista... (palmas em profusão). E eu sempre segui a minha tia. (Palmas e vivas continuados).

O candidato foi eleito com grande vantagem.



lembra que sou o quinto filho dos meus pais — Clarence Darrow.



# A Digestão Modela Nossa Vida

As estatísticas e as experiências combinadas de muitos médicos indicam que a grande maioria das pessoas sofre periódicamente de um tipo qualquer de perturbação digestiva. Pode-se esperar até que se precise de cuidados médicos para outra coisa qualquer e não se deixa o consultório médico com a improvisada observação:

— A propósito, tenho uma pequena dificuldade de digestão...

Nem sempre, porém, são «pequenas dificuldades». Um informe fornecido por uma clínica importante revela que cerca da metade das enfermidades de seus pacientes entre os 30 e 60 anos têm sido relacionadas à digestão. E, em se tratando de crianças, a cifra é ainda mais elevada. Quando se considera de quantas complicadas peças se compõe o corpo humano, é verdadeiramente espantoso — e sob o ponto de vista médico muito significativo — que o relativamente pequeno conjunto de órgãos destinados à digestão possa causar tantas complicações.

Mais do que apenas a saúde física, aquela coisa inatingível chamada «você» — a personalidade, aquilo que se dá à vida e dela se retira — é em grande parte determinada pela dinâmica do aparelho digestivo. A partir do nascimento, uma grande porção da energia humana é destinada à obtenção de alimento e à sua utilização. E' girando em torno dos dois processos primordiais — dar ingresso aos alimentos e esvaziar os intestinos — que uma personalidade humana se desenvolve. Vários exemplos demonstraram que pessoas que mais tarde vêm a se tornar avaras, que cuidam de restringir-se a si mesmas, têm personalidades ajustadas a antigas perturbações no mecanismo da evacuação intestinal, ao passo que indivíduos que «engolem tudo» — famintos de qualquer coisa, desde a sabedoria até o álcool — são aqueles cujas experiências emocionais prematuras mais fortes centralizaram-se na alimentação.

Nos últimos anos, os médicos muito aprenderam a respeito dos estreitos laços entre a emoção e a digestão. Em um paciente com úlcera péptica, salvo por uma operação de emergência, os médicos verificaram que as incisões haviam cicatrizado imperfeitamente, deixando uma fístula temporária, um canal artificial saindo de dentro do estômago até à pele. Isso proporcionou aos médicos a rara oportunidade de observar o funcionamento de um aparelho digestivo humano em todas as fases.

Para sua grande surpresa, descobriram que o estômago funcionava como um espelho fiel das emoções do paciente: quando ele estava triste, seu estômago tornava-se descorado e quieto; quando estava ansioso, contraía-se de modo anormal; quando as coisas iam bem, assim também ia o estômago. Aproveitando-se desta revelação, um psiquiatra tem ajudado os pacientes a relaxar as tensões que produziram a úlcera.

Por vários outros métodos, desde análises químicas até ao Raio X e ao endoscópio, outras regiões do aparelho digestivo têm sido observadas. Descobriu-se que elas também eram indicadores fidedignos dos sentimentos de uma pessoa — freqüentemente quando o próprio paciente não dava acordo de como se sen-

tia. Apenas sob narcoanálise ou hipnose era depois capaz de confirmar a exatidão do que seu aparelho digestivo revelara.

E, mês a mês, novas provas médicas acumulam-se, as quais evidenciam que secretas emoções perturbadoras causam muitas — senão a maioria das doenças dos órgãos do aparelho digestivo, desde simples abalos nervosos, até, em alguns casos, o próprio câncer. Uma das mais surpreendentes dessas descobertas, anunciada recentemente, foi a de que até mesmo alguns dos germens que vivem no tubo digestivo podem ser responsáveis pelas emoções humanas! De uma paciente hospitalizada em virtude de uma enfermidade gástrica, foram feitas freqüentes colheitas de material para contagem de germens. Quando a enferma estava aborrecida as bactérias do seu tubo digestivo elevavam-se a milhões de vezes o número contado quando estava serena. Com o repouso mental, a contagem caiu para zero.

Lado a lado com estas profundas e novas penetrações da psiquiatria em nosso mecanismo de digestão, as ciências da medicina, nutrição e dietética, muito contribuíram para a arte de controlar e aliviar enfermidades gástricas. Do mesmo modo, os cirurgiões criaram e aperfeiçoaram novos processos operatórios que obtêm sucesso quando outros tratamentos falham, enquanto que os radiologistas podem agora passar pelo Raio X quase qualquer região do abdome e observar o seu funcionamento por trás de uma tela fluoroscópica. O abdome é, por si só, um mundo tumultuoso, girando mais depressa ou funcionando lentamente, de acordo com o alimento que se tenha ingerido — e com suas emoções.

Imaginemos um volume de matéria do tamanho do monte Everest. Repentinamente, um terremoto violento divide-o em milhões de pedaços, cada um do tamanho do «Empire State Building». Antes que a poeira assente, algo destruidor acontece novamente e, agora, as porções remanescentes têm o tamanho de uma casa. Outra vez — e apenas restam pedras e areia, e por fim o mais fino pó. Isso seria um retrato do que sucede com a digestão, com o Monte Everest representando um bocado de comida e aquêle pó final as infinitamente pequenas moléculas, prontas para serem absorvidas pela corrente sanguínea do tubo digestivo.

A função da digestão é reduzir as relativamente grandes massas de alimento a partículas tão pequenas que o sangue as possa absorver e carregar até o fígado, onde são transformadas em alimento para todas as famintas células do corpo. Alimentos bem preparados, agradáveis aos olhos tanto quanto aos sentidos do paladar e do olfato cooperam para uma boa digestão. Sentimos o gosto das coisas doces e salgadas com as papilas gustativas existentes na ponta da língua, coisas amargas com a parte posterior da língua.

O processo digestivo começa com o ato mecânico de mastigação. Os músculos da mastigação, dos mais resistentes e mais incansáveis do corpo, possuem um enorme poder cortante. Durante a mastigação, o alimento é misturado com saliva, que o auxilia

a deslizar suavemente pelo esôfago — um tubo de 2,5 cm de largura, com 30 cm de comprimento, situado atrás do coração e da traquéia — até o estômago, que está na parte superior esquerda do abdome, abaixo das costelas. Em circunstâncias normais, são segregados diariamente de um a dois litros de saliva aquosa e fina, mas, quando se sofre um susto ou emoção intensa, ela se torna pegajosa, dando a impressão de boca seca.

O estômago produz o suco gástrico, tão ácido que quase tóxicas as bactérias e outros parasitas aí parecem. Dois ou três litros desse poderoso fluido são expelidos diariamente pelos bicos em forma de esguicho, das milhares de glândulas das aveludadas membranas mucosas do estômago. O ácido seleciona as fibras resistentes, desagrega os minerais e amacia o alimento para os poderosos agentes químicos chamados enzimas, que logo o decomporão. Esse potente ácido seria capaz de digerir o próprio estômago, não fosse um fluido segregado, por cima do revestimento da mucosa, especialmente para sua própria proteção. Um elemento importante desse suco gástrico é a pepsina, uma enzima que decompõe a proteína — um dos três principais alimentos orgânicos (proteína, carbo-hidrato e gordura) no regime alimentar humano.

«Azia», a desagradável e abrasadora sensação outrora considerada como um indício de excesso de acidez estomacal, reconhece-se hoje que ocorre em pessoas que sofrem de carência total de suco gástrico e é considerada um sintoma nervoso.

Os líquidos passam pelo estômago quase que imediatamente, mas os sólidos levam algum tempo e a gordura leva o maior tempo — até sete horas. O tempo mínimo é requerido pelo álcool e pela glicose, que não necessitam ser decompostos e passam diretamente para o sangue, fornecendo assim energias, de imediato.

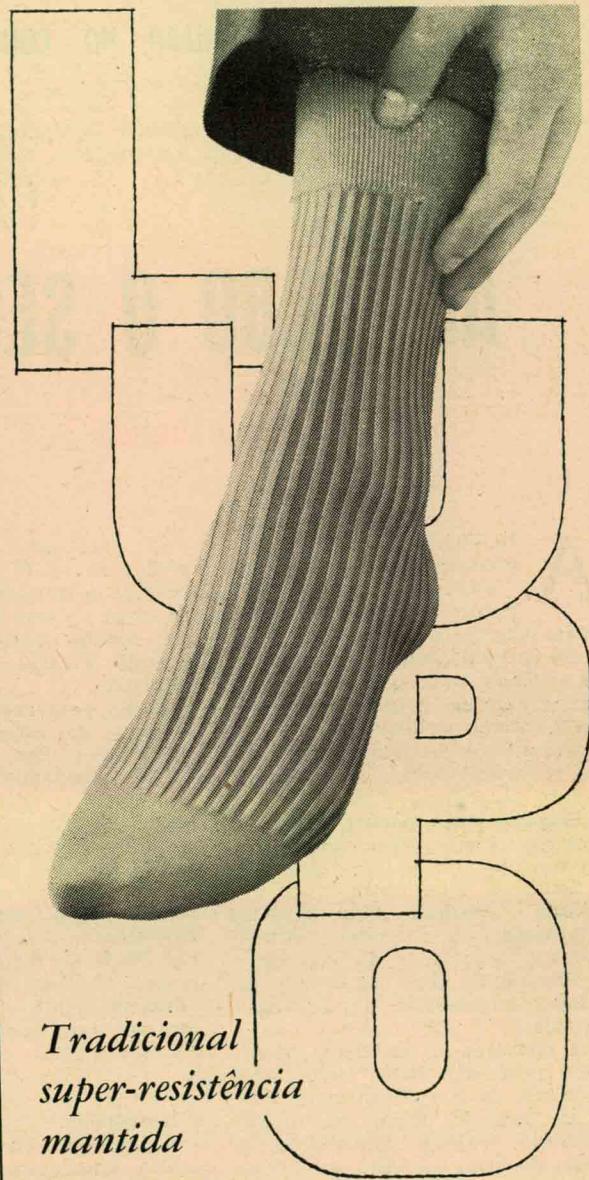
Do estômago, o meio-digerido bolo alimentar, bem misturado ao suco gástrico e agora chamado «quimo», é impulsionado para o intestino delgado. É chamado de «delgado» por ter 2,5 cm apenas de largura, embora seu comprimento varie entre 6 m e 9 m, dependendo de estar relaxado ou contraído. O intestino «grosso», que se segue, é muito mais curto — um metro ou pouco mais de extensão — mas duas vezes mais largo.

No intestino delgado, o alimento enfrenta uma chuva de sucos alcalinos em vez de ácidos. Secreções do pâncreas e da finíssima parede intestinal decompõem as gorduras, carbo-hidratos e proteínas, até que apenas restem ácidos adiposos, «açúcares puros» e aminoácidos, que são levados pelos minúsculos capilares sanguíneos e linfáticos. Todavia, a fim de que o suco do pâncreas atue sobre as gorduras, as partículas gordurosas devem ser primeiramente «emulsionadas» pelos luminosos e esverdeados ácidos biliares provenientes do fígado.

No intestino delgado o alimento é pela última vez decomposto e fornece seu valor nutritivo. Em seu percurso através da corrente sanguínea, até distantes pontos ao longo do corpo, sua maior parte é transformada pelo fígado, provavelmente o mais eficiente e complicado aparelho existente na face da terra. O que resta da refeição original atinge o intestino grosso, onde a digestão propriamente dita não mais se processa. Aí muita água é reabsorvida, entretanto, e a massa desidratada por fim atinge o reto, onde é armazenada para a eliminação do dia.

Assim, a digestão é uma viagem, de fato, acidental, dirigida pelos agitados movimentos ondulantes de propulsão chamados peristalse e assinalada por uma chuva de líquidos que, em condições normais, chegam a medir mais de dez litros diários. Num período médio de vida, o corpo humano segregaria essa substância em quantidade suficiente para fazer flutuar um navio de bom tamanho. Um sistema nervoso especial, responsável por essa grande viagem, provém de centros tão profundos que não temos controle consciente sobre eles. O nervo vago, ou pneumogástrico, apelidado de «nervo do medo», vem diretamente do cérebro e lança filamentos até determinado ponto do intestino grosso, onde encontra outros fila-

(Conclui na pag. 77)



*Tradicional  
super-resistência  
mantida  
na mesma  
inalterável qualidade das*

#### MEIAS DE NYLON e ESPUMA DE NYLON

- cores variadas e modernas
- fáceis de lavar
- apresentação impecável



**Lupo**

*— o primeiro nome em meias para homens e crianças*

PRODUTO DA FÁBRICA LUPO - ARARAQUARA - EST. SÃO PAULO

REG. 3012

## PREMIADO NO CONCURSO «CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL»

*E aquela pacata e desajeitada cidade foi a única que se lembrou de homenagear "o maior crânio que a Bahia nos enviou".*

# AO DIABO O SENHOR MINISTRO

Conto de MÁRIO PIRES

Ilust. de Eduardo de Paula

**A** «RODINHA» já estava formada.

Faltava apenas o prefeito que, de costume, chegava uma hora depois.

Os personagens eram sempre os mesmos, todos sentados à porta da casa do presidente da Câmara, irmão do prefeito.

Em noites de frio ou de chuva, entravam para o amplo salão, reduto de amigos e eleitores.

Naquela noite, porém, a reunião fazia-se fora, pois o calor era forte.

Sentados, como sempre, conversavam, o Américo, dono da casa, o professor, o «coronel», «Chico Pedro», agenciador de seguros e o Barcelona, rico negociante da cidade, ou melhor, o «tubarão» da vila.

A conversa ia animada, quando o professor Justo vislumbrou no fundo da rua o conhecido vulto do prefeito. Quem não o reconhecia, cabeça descoberta, o terno de brim amarelo, as calças espadanando pelo andar e o inseparável «chamberlain» à sinistra?

Espírito maquiavélico, o professor, conhecendo o fraco do prefeito, desviou a conversa para o assunto preferido do «burgomestre»: a rivalidade das duas charangas da cidade.

No gesto costumeiro, o prefeito, estendendo a mão, foi cumprimentando a todos, enquanto um «sapo», pressuroso, trazia uma cadeira para a autoridade.

E, logo, espicaçado pela conversa, no modo clássico, dirigindo-se ao mestre-escola, falou «Seu» Lico, que assim se chamava nosso herói:

— Que nada, professor. Esse pessoal da Banda é muito «egígenge» e comodista. A farda já está comprada! Que mais quer essa gente?!

— Não sei — prosseguiu o professor. — O que sei é que o pessoal da Euterpe — era a Banda rival — está bem afiado, com um bonito uniforme e promete grande sucesso na chegada do Ministro!

Essas palavras buliram com a vaidade do homem e, destilando tôda a sua ira, o prefeito, rubro, tressuando e apoplético, levantou-se e, dirigindo-se ao irmão:

— Pois, Américo, amanhã temos que falar com «Roussô» — assim se chamava, pomposamente, o negro chefe da Banda Rousseau! — e falar muito sério. Nada de moleza, de «egigências». E' tocá bem e nada de «desafinamento»... Senão, no dia seguinte toco ele pra fora de Ruinópolis.

★

Ruinópolis!

A pacata vila designava-se, muito brasileiramente, São José da Porteira.

Mas, embora o orago fosse dos melhores, aquela «Porteira» é que deixava os «porteirenses» resabiosos.

Um dia, com os exemplos de tantos «pólis», o Dr. Sadraç, com tintas de civilização, rábula e filho da cidade, sentiu-se abespinhado com o nome de sua terra.

E tanto assim pensou, assim fêz.

Reuniu os importantes da vila, para a séria decisão da mudança de nome.

— Olha, pessoal. Existem Petrópolis, Florianópolis, Teresópolis e milhares de «coisópolis». Mas ninguém se lembrou de nosso grande Rui Barbosa! Vamos, pois, matar dois coelhos: envaidecermos de sermos os primeiros a homenagear o maior dos brasi-

leiros e trocar o nome de nossa cidade!

— Vamos! — gritaram em uníssono.

— Pois então, tá feito! Em homenagem a Rui, nossa cidade passa a chamar-se, de agora em diante, Ruinópolis — disse, vitorioso, separando bem os dois vocábulos, o Dr. Sadraç.

E de fato!

Nunca um nome veio calhar tão bem, identificar tão acertadamente um lugar!

Para os orgulhosos filhos da antiga São José da Porteira, Ruinópolis queria dizer «cidade de Rui».

Mas, para os visitantes, desesperados com a buraqueira das ruas, com o pó ou a lama, com a sujeira e o mau cheiro da pequena cidade, a designação era bem aplicada.

— Uma coisa admiro neste povo — disse, uma vez, um viajante. — E' a sua sinceridade, pois, dando este nome à sua terra, estão sendo leais. Nunca conheci coisa tão ruim como esta! Sim, isto é o que se pode chamar, de verdade, de «ruinópolis»!

A cidade era dessas de que nos falava Monteiro Lobato. Uma cidade morta, velha e adormecida e embrulhada por sua história.

Possuía uma única rua traçável. Todas as travessas eram em declive e raros os veículos que não quebravam, no ousio de enfrentá-las.

O pior, porém, eram o atraso, a ignorância e os tabus e preconceitos de seu povo.

Como tôda vila, o jôgo de futebol, as disputas políticas e, principalmente, as duas Bandas musicais, eram a razão de ser dos antigos porteirenses.

O prefeito, muito popular, pois dava-se com todos e fazia sua

demagogiazinha, comparecendo a todos os enterros, fazendo questão de pôr-se à frente e segurar a alça do caixão, era típico produto do lugar.

Ah !, mas a Banda, a doce mavisidade da Lira, era o seu fraco, a sua paixão.

Por ela, várias vezes, tivera tiros de raspão em sua pele respeitável !

Era de ver a sua garbosidade, quando, em dias de festa ou qualquer acontecimento, lá descia él a frente da charanga.

Suas largas calças de brim mostravam a todos, de longe, o compasso da marcha.

— Lá vem a Banda do Lico ! — gritavam.

E «seu» Lico, o prefeito, importantão, cônscio de seu prestígio, balançava as mãos e a cabeça, cumprimentando os «convidados».

Quando, porém, o Natividade, clarinetista, desafinava, oh ! céus ! «seu» Lico fechava o sobrecenho, mordia os lábios, o suor porejando, passava o lenço nervosamente pela calva e pelo rosto e... descompassava. Seus cumprimentos não cessavam, mas saíam com um sorriso forgado.

Agora, estávamos às vésperas do maior acontecimento para a dormente Ruinópolis.

Os trilhos da estrada de ferro já a tinham alcançado e tudo se preparava para a grandiosa festa. Não tivessem a honra, os «ruinopenses», de receber o senhor Ministro !...

Por isso, a grande e atenazadora preocupação do prefeito, era a apresentação da sua querida Lira.

Por isso, não se falava em outra coisa, nas últimas reuniões em casa de «seu» Américo, presidente da Câmara e irmão do prefeito.

Por isso, também, e para provocar a bilis de «seu» Lico, é que o professor Justo vivia trazendo novidades da Euterpe e apontando as falhas da Lira.

Agora, apesar dos cuidados e das providências do prefeito e apaniguados, «seu» Justo tinha plena certeza da vitória da Euterpe.

E não rejeitou apostas.

Chegou, até, a apostar os vencimentos do mês, pela Banda «de baixo» !

Pois esta sempre vencia nos desafios e apresentações.

«Seu» Lico, porém, via na inauguração da estrada de ferro um bom prenúncio para a sua querida Banda.

— Não, agora a coisa vai — repetia para o irmão.



D. Paula

Na véspera do acontecimento, realizou-se o último ensaio, sob as vistas do prefeito e de todos da «rodinha».

Após a última partitura, «seu» Lico, entre emocionado e enérgico, foi peremptório:

— Amanhã, moçada, já sabe. Tem que ser o nosso dia. Vocês têm tudo o que a Euterpe tem. Nada falta. Por isso, na maior data de nossa querida Ruinópolis, vocês precisam me dar a maior «sastifação»: vencer a Euterpe.

E, dirigindo-se ao maestro e, também, ao clarinetista Natividade, este, causador de seus males hepáticos:

Vejam bem: ou a vitória e a efetivação na Prefeitura — Rousseau era fiscal de trânsito (!) e Natividade, jardineiro — ou... — Não! Nem quero pensar...

Afinal, chegou o grande dia! Dia esplendoroso!

A salva de vinte e um tiros, às cinco horas da madrugada, foi em meio de espessa neblina. A cerimônia perdurou até quase oito horas, diluindo-se aos poucos, preguiçosamente, bem ao modo da terra.

A bruma, enquanto rareava, era como uma cortina diáfana, entremostrando um céu levemente azul e um sol delicioso.

Enfim, a natureza renascia tão bonita, que até aquela cidadezinha tão feia, tão pestilenta, tão chata, tornava-se simpática!

Na estação nova em fôlha, cheirando a óleo e cal, de mistura com o olor dos festões e das ingênuas florinhas caipiras, já se encontravam todas as autoridades.

Além do prefeito, do presidente da Câmara e vereadores, podiam-se notar os nossos heróis das reuniões noturnas.

Lá estavam, apresentando ares superiores, o «coronel», o Barcelona, o Chico Pedro e o professor Justo.

E, separadas pela multidão, as duas Bandas!

Sim! As duas Bandas! A Lira, paixão do prefeito e a Euterpe, dos políticos contrários.

As duas, garbosas, metidas no uniforme engomado, os instrumentos reluzindo ao sol que já começava a escaldar.

«Seu» Lico, nervoso, de momento a momento tirava do bolso as dez laudas do discurso escrito pelo professor. Ou então, com o lenço, ora enxugava o suor, ora torcia-o entre os dedos.

E o professor bem perto, antegozando a derrota da Lira, que qualquer coisa lhe segredava, seria fatal.

Os mais íntimos do prefeito notavam-lhe um comportamento incomum, nesse momento, e temiam por sua saúde. O professor até que escutara «seu» Américo falar ao ouvido do irmão:

— Lico, se controle! Não é dia de «apuramento» de eleição!... Cuidado com o teu «abacaxi», hem! Olha que é que pode explodir!

Eis que espouca o primeiro rojão e em seguida ouve-se o silvo da máquina!

— O trem! O trem! — gritam todos!

Era o primeiro comboio, chegando a Ruinópolis, com fumaças de início de progresso!

E as duas Bandas, entre vivas, foguetório, gritaria e confusão, arrancam desesperadas.

Estaca o trem, o Ministro desce primeiramente.

Prefeito e demais autoridades vão-lhe ao encontro e, após os apertos de mão, recua o governador do burgo e rompe com seu discurso. O Ministro, cansado mas tolerante, engole, paciente, as dez laudas.

Após, faz a sua saudação e, em seguida, «seu» Américo, em nome do prefeito, apresenta o orgulho de Ruinópolis: as Bandas Lira e Euterpe, demorando-se em louvainhas à charanga preferida.

Depois, é o desfile, com as au-

toridades à frente e as duas Bandas entre estas e o povoaréu.

— Que toque a Euterpe — ordena o prefeito.

E a Banda «inimiga» rompe num dobrado, as desafinações despercebidas.

— Que toque a Lira! — grita, impaciente, «seu» Lico.

E a Lira inicia uma marcha, em acordes primorosos!

O prefeito, embevecido, emocionado, nem atenta ao que fala o Ministro.

Mal disfarçando a emoção, os olhos molhados, «seu» Lico parece pairar muito alto, muito longe daquele burburinho, nem se lhe dando que caminha ao lado de tão alta autoridade.

E, enquanto iam descendo a rua, as «furiosas» se sucediam na disputa musical que, para os indolentes «ruinopenses», era mais importante do que o progresso avizinhando-se com o caminho de ferro.

E, enquanto a Euterpe não «acertava uma», a Lira, para gáudio do prefeito e companheiros e desespereado do professor, ascedia, finalmente, à glória!

Terminara a mais famosa disputa das duas Bandas e, conforme o programa, cabia ao Ministro condecorar o maestro da charanga vencedora.

O professor, nessa hora, sumira!

Boquiaberto com o sucesso inesperado da Lira e desesperado com as consequências funestas de suas apostas, retirara-se sem ser preso.

Para e com que ânimo, ficar presenciando o ato solene e entusiástico da condecoração?

Foi pena, porque um acontecimento surpreendente iria suceder. Surpreendente e vergonhoso para o governador de Ruinópolis e seus prosélitos.

E que, em meio à confusão do desfile, Natividade recebera ordens de se alinhar entre os da Euterpe, já que os uniformes pouco diferiam!

Mas, no momento da outorga do prêmio, os músicos da charanga rival descobriram a trapaça e a comunicaram ao respeitável Ministro. Imperturbável, o doutor, após receber a medalha das mãos do anfitrião, dirige-se em direção das Bandas, perfiladas.

E quando «seu» Lico e os companheiros, orgulhosos e felizes, esperavam o momento máximo de sua alegria, vêem, estatelados, a autoridade chegar ao maestro da Euterpe e condecorá-lo!

E enquanto o Ministro, dando as razões de sua atitude, censurava o ardil do prefeito, ouviu-

## RUINÓPOLIS...



se um baque surdo de um corpo caindo pesadamente ao chão!

Era «seu» Lico que, não resistindo à vergonha e à decepção, caíra sem sentidos.

☆

Quando contaram o desfecho surpreendente ao professor, ele, desabafando, disse, entre sonoras gargalhadas:

— Muito bem, muito bem! Perdi o espetáculo, mas ganhei dinheiro e satisfação! Este mundo é mesmo esquisito!... — conciliou.

E a vida na pacata, desleixada e desajeitada Ruinópolis, prosseguiu no mesmo ritmo.

Nunca mais, porém, se viu seu prefeito descer garboso e cheio de empáfia, à frente da Banda. E quando o professor queria iniciar nova conversa sobre as charangas, o homenzinho pigarreava e dizia:

— Professor: precisamos cuidar de coisas mais sérias. Ruinópolis não é mais uma vila. Agora já temos estrada de ferro!...

☆ ☆ ☆

## Saudades do Lar

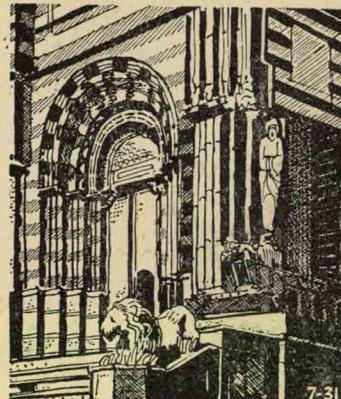
EMBORA qualquer pessoa, em qualquer idade, esteja sujeita a sofrer de nostalgia, parece que os rapazinhos são mais sensíveis a ela, segundo as conclusões a que chegaram a Drª Lillian M. Johnson, diretora do Departamento Feminino da Universidade de Cincinnati, e sua colega, a psicologista Elizabeth Miller. Em seus trabalhos de conselheiras junto aos estudantes, elas observaram que um número muito maior de rapazes do que de moças ressentia-se mais da separação do lar. As pesquisadoras supõem que isto se dê provavelmente pelo fato de os homens atingirem o seu amadurecimento mais tarde do que as mulheres, e serem, por isso mesmo, menos capazes de vencer os sentimentos de insegurança e incerteza que normalmente ganham corpo em ambientes estranhos. Além disso, a infelicidade dos estudantes do sexo masculino é intensificada por se sentirem socialmente obrigados a esconder as suas emoções, não acontecendo o mesmo com as mulheres. Elizabeth Miller diz que a prevenção é o melhor tratamento para estes casos e aconselha aos pais enviarem, tanto quanto possível, os seus filhos — meninos ou meninas — a fazer visitas freqüentes aos seus amigos, ou veranejar nos campos, pois assim os estarão preparando para as separações do lar, quando necessárias.

H OJE EM DIA, quando se fala de Gênova, as atenções, ao invés de se voltarem para a Via Garibaldi, com seus fabulosos palácios repletos de tesouros de arte, ou para a Via Porta Soprano, onde se acham situadas as casas de Colombo e de Paganini, são atraídas para o grande aeroporto que lá está sendo construído marcando assim a entrada dessa velha cidade na idade do ar.

O fato de sómente agora Gênova ingressar na era da aviação não significa que tenha havido descuido quanto a essa parte. Na verdade, durante muito tempo cogitou-se de encontrar um local adequado para um aeroporto, mas, qualquer parte para onde se virava era demasiado montanhosa e de difícil nivelamento, quando não inteiramente cercada por altas montanhas. Afinal, como

TAPÊTE  
MÁGICO

## GÊNOVA ENTRA NA ERA DA AVIAÇÃO



Fachada da Catedral de São Lourenço, em Gênova.

7-31

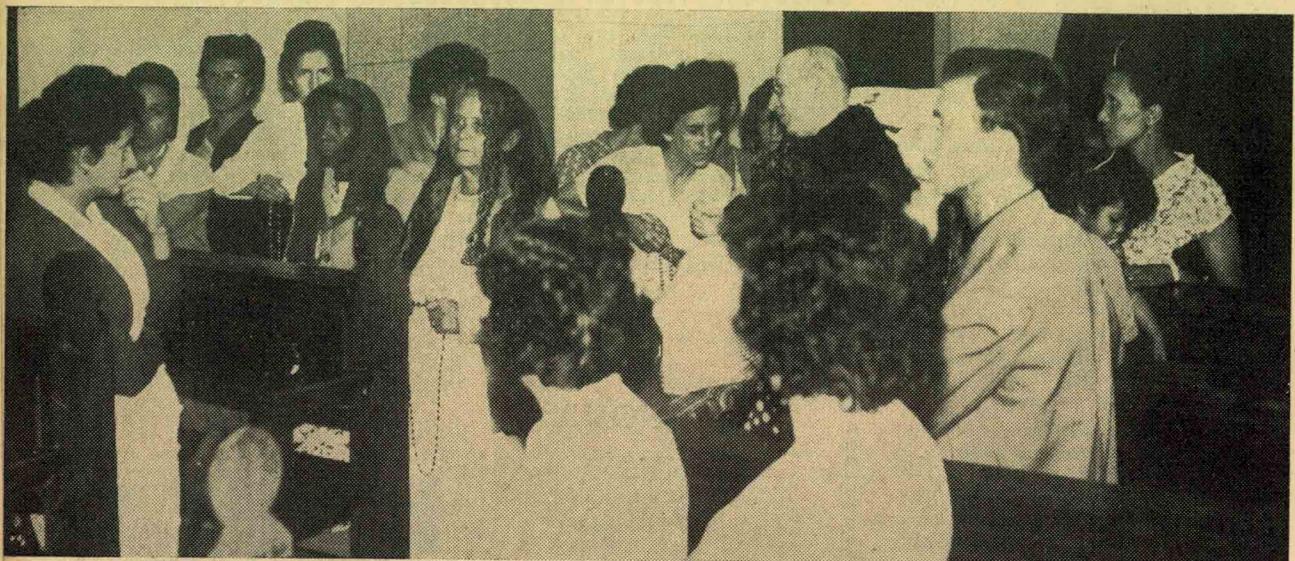
sempre acontece em Gênova, o mar forneceu a solução. As terras que ficam perto das docas foram estudadas e consideradas como excelentes para o propósito, e, com todos os detalhes financeiros concluídos, um dos mais modernos aeroportos do mundo, situado a quase cinco quilômetros do centro da cidade, deverá estar em operação em 1960.

Como parte do projeto, existe um gigantesco quebra-mar, construído diante da pista de pouso, como defesa contra as assolações do mar, e, por detrás dele levantarão vôo os aviões. Quanto ao nome do aeroporto, existe um movimento no sentido de que a oportunidade seja aproveitada, para uma homenagem ao mais ilustre genovês. Com efeito, «Aeroporto Cristóvão Colombo» parece soar muito bem.

Noutros tempos, Gênova foi um próspero centro comercial. Durante séculos seguidos, os mercadores e os grandes armadores que lá fixaram residência construíram habitações magníficas. O Palácio Real, com sua interessante galeria de espelhos, o Palácio Durazzo, com sua coleção de obras de arte, a Catedral de São Lourenço, a Via Garibaldi, com seus palácios brancos e côr-de-rosa, a Piazza Matteo, com palácios construídos pela família Doria, uma jóia de capela erguida no século doze e muitas outras igrejas — tudo isso são apenas amostras dos tesouros dessa antiga e gloriosa cidade.

Dominando essas estruturas antigas, estão os edifícios de trinta andares, verdadeiros arranha-céus. De um deles ou do cume do Nostra Signora della Guardia, com seus 800 metros de altura, pode-se contemplar uma belíssima paisagem natural e também um panorama construído pelo homem.

Localizada no centro de um «U» formado pelos penhascos, de frente para o Mediterrâneo, Gênova está 161 quilômetros a oeste da fronteira franco-italiana e dispõe de uma série de encantadoras praias. Nervi, a mais próxima, é quase um subúrbio da cidade. Ao longo das estradas enfeitadas com vilas, loendros, magnólias, bonitos jardins, alamedas de oliveiras, com um tremeluzir do mar aqui e acolá, chega-se aos vários refúgios que salpicam a península de Santa Margarida. Alguns ainda não possuem fama internacional, mas outros, como Rapallo e Portofino, são mundialmente famosos. — Temple Manning.



Com 71 anos, dos quais os dez últimos passados numa cadeira de rodas ou recostado numa cama, Monsenhor Messias é tido por taumaturgo.

A paralisia, que lhe roubou completamente o movimento das pernas e do braço esquerdo, não diminuiu a alegria de Monsenhor Messias.

# ESPERANÇA TEM ENDERÉÇO CERTO: RUA DESEMBARGADOR TINOCO, 378

Reportagem de Roberto Drumond

• Fotos de Antônio Cocenza

Um sacerdote paralítico, que vive em Belo Horizonte desde 1937, faz nascer a esperança a dezenas de pessoas que vão em busca de sua bênção. Seu nome é Monsenhor Messias. Tem setenta e um anos, e destes, os dez últimos ele vem passando numa cadeira de rodas ou recostado numa cama. Só a sua mão direita conseguiu ficar imune à paralisia: a esquerda mais as pernas ficaram enrijecidas. Mesmo assim, Monsenhor Messias é um homem alegre que, ao comentar a doença, diz:

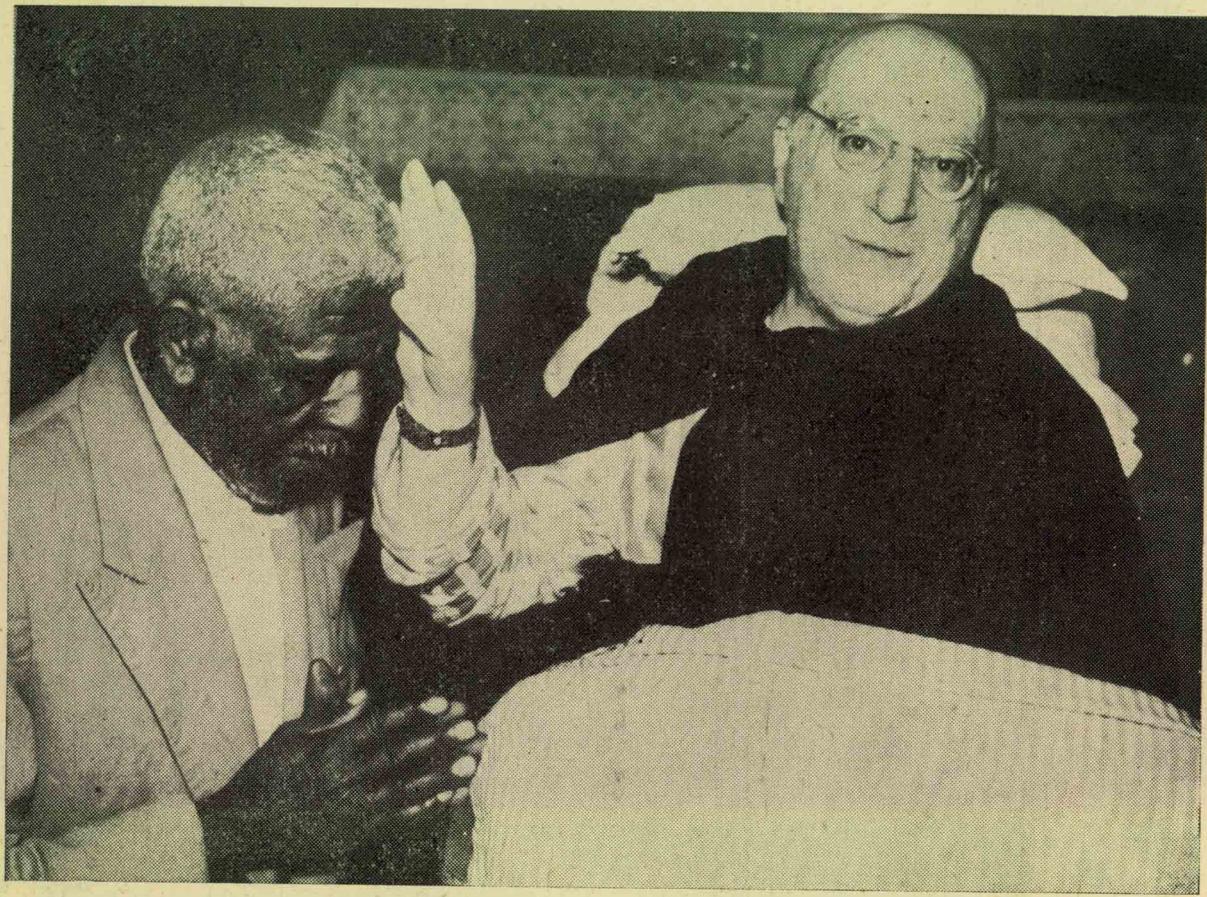
— Nosso Senhor fez assim comigo para baixar o

meu topete. Eu sempre fui muito topetudo...

Todos que o procuram falam que ele é um santo que faz milagres, mas Monsenhor Messias diz que não e argumenta que sua vida é comum. Ninguém leva em conta as suas palavras, porque é incontável o número daqueles que, antes da sua bênção, estavam doentes e desesperados e depois dela ficaram curados e passaram a viver com entusiasmo.

Quando o repórter lhe falou sobre esta reportagem, Monsenhor Messias estabeleceu uma condição: — Não haver nenhum exagero.





Embora ele diga que não faz milagres, a sua bênção é procurada por dezenas de pessoas, diariamente, na sua residência junto do Convento das Carmelitas.

## ESPERANÇA TEM ENDEREÇO CERTO . . .

(Continuação)

### HOMEM ALEGRE DISTRIBUI ESPERANÇA

A casa de Monsenhor Messias, em cuja varanda existe um pequeno sino pendurado, fica na Rua Desembargador Tinoco, 378. Era de tarde, quando o procuramos: o alpendre estava cheio de homens, mulheres e crianças.

— Todo dia é assim — informa uma senhora que faz parte do grupo de pessoas que lhe prestam assistência. — De manhã, depois da missa no Convento das Carmelitas, mais de cinqüenta pessoas vêm aqui pedir a bênção de Monsenhor Messias.

Ficamos sabendo que os médicos de Monsenhor Messias, ante o seu estado de saúde, lhe aconselham repouso. Mas isso é quase impossível: quando não há ninguém à sua procura, ele é chamado pelo telefone (2-7084), que toca cem vezes por dia. Procura atender a todos.

As dezesseis horas, todas as pessoas que se achavam no alpendre entraram até o quarto de Monsenhor Messias. O repórter as acompanhou. Segurando um têro com a mão direita e recostado na cama, estava ali um homem de óculos, cabelos brancos e olhar manso. Fêz um sinal para que se ajoelhassem e começou a falar:

— Existe uma Santa no Céu, chamada Santa Filomena, que é muito milagrosa. Todos devem pedir a sua bênção...

Dez minutos depois concedia a sua bênção, e então, um a um, os presentes foram beijar-lhe a mão e pedir uma cura para si ou para algum parente. Chegou a nossa vez e Monsenhor Messias disse que «sempre teve medo de jornalistas, porque os jornalistas falam demais». Era o homem alegre que se revelava, o homem alegre que distribui esperança, e que falava:

— Minha vida nada tem de mais: é comum. Mas todos insistem em fazer uma idéia falsa a meu respeito. Nada do que falam é verdade...

Uma mulher de côn que assistia à conversa inicial chamou o repórter e disse «que ele é assim mesmo. Quando o chamam de santo dá a resposta: — Não diga isso, meu filho».

### QUINHENTOS RÉIS DE ALEGRIA

Monsenhor Messias tinha um ano e meio, quando, em Piranga (MG), seu pai, Lucas Evangelista de Sena, morreu de tuberculose. Foi 1889.

— Não nos deixou nenhum teto — diz ele — mas era um homem trabalhador...

A mãe de Monsenhor Messias, D. Francisca de Sena Vargas, não se desesperou: era pessoa de grande fé e coragem. Agora, o seu filho sorri ao lembrar-se de-



Quem o procura, principalmente, são os humildes. Monsenhor Messias recebe a todos.

la. E diz que D. Francisca era professora primária, ganhando cinco mil réis por mês. Um dia, ela sentiu que apenas isso não dava para manter a família: os filhos, às vezes, sentiam fome. Ela só encontrou uma saída: ser cozinheira da cadeia de Piranga.

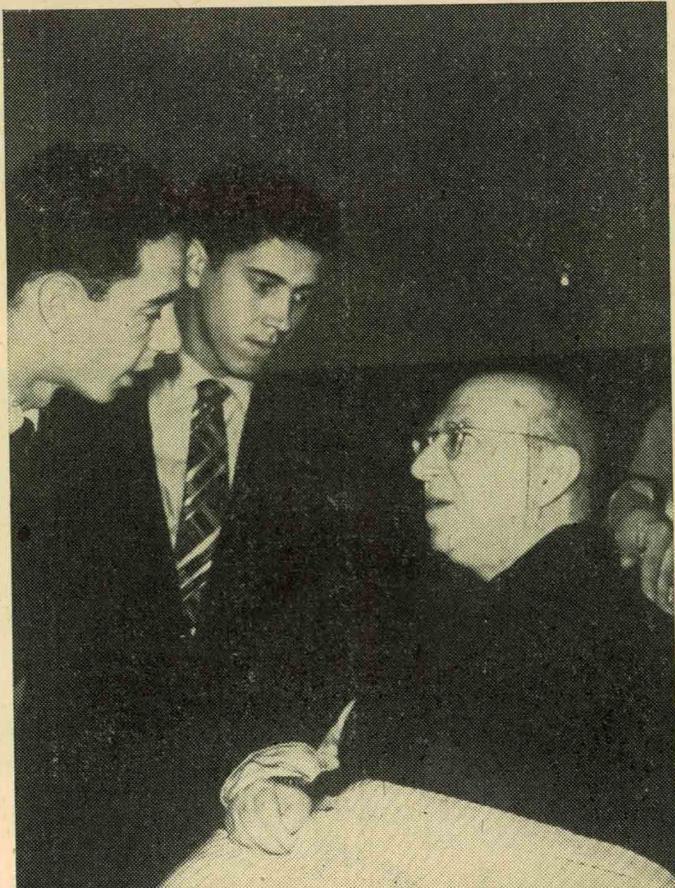
— Nos meus doze anos, comecei a trabalhar para ajudá-la — diz ele — fui ser aprendiz de alfaiate, na alfaiataria de um cabô.

— E a vocação, Monsenhor Messias?

Ele diz que a vocação surgiu quase espontânea: um seu tio era padre, e de certa forma, recebia

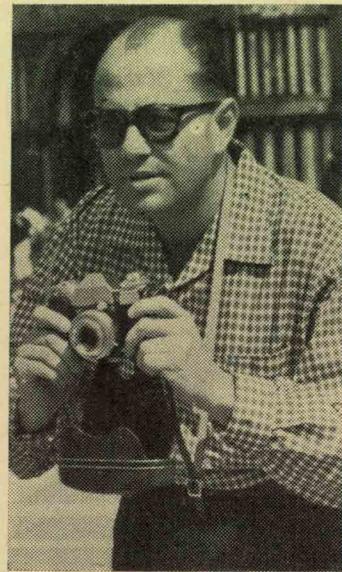
(Continua na pag. 66)

Monsenhor Messias vai ter a sua vida contada num livro, «Círios Velados».



# *San Marco*

## A PRAÇA MAIS FOTOGRAFADA DO MUNDO



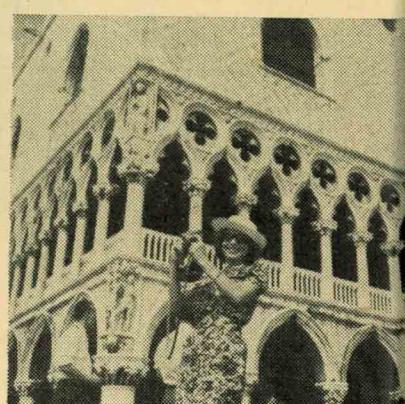
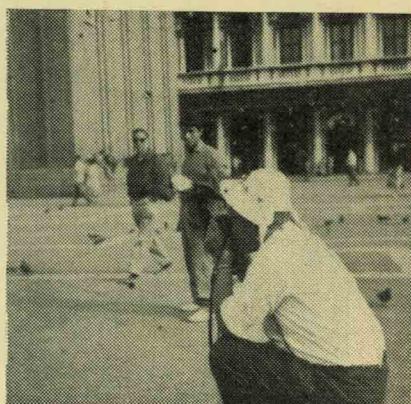
TEXTO E  
FOTOS DE

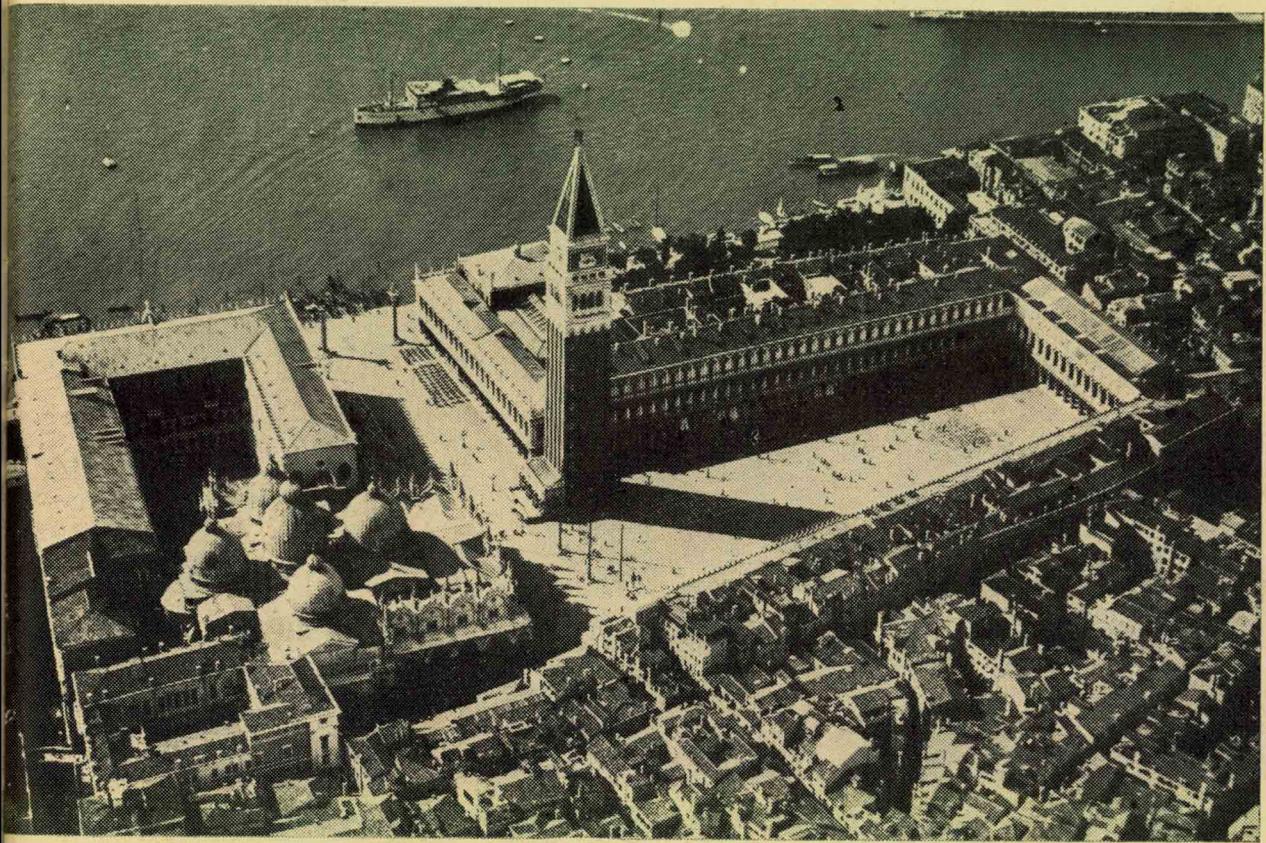
WILSON  
FRADE

**T**RÊS fatores caracterizam Veneza, a cidade feita sob medida para a lua-de-mel: as gôndolas, o aperitivo à tarde na Praça São Marcos (com músicas de violinos) e a total ausência da irritante buzina que ali não tem acesso. Turistas chegam e saem, deslumbrados e a principal peça de sua bagagem é a câmara fotográfica. Todos querem perpetuar-se numa pose junto aos pombos com a moldura de «San Marco», a praça mais fotografada do mundo. Na velhice, a fotografia mostrará aos filhos e netos o passeio ines-

quecível e a frase saudosa: — Sim, estive em Veneza, andei de gôndola, tomei Bitter Campari no «Café Florian» e dei milho aos pombos.

Os médicos italianos costumam receitar Veneza como o melhor tônico para os nervos. De fato. Uma tarde de sol, temperada pela brisa que vem do mar (às vezes o mau cheiro dos canais atrapalha) e as canções românticas das orquestras da Praça, poderá ser muito mais benéfica ao nosso desgaste do que muitas caixas de neurogenina intercaladas com o

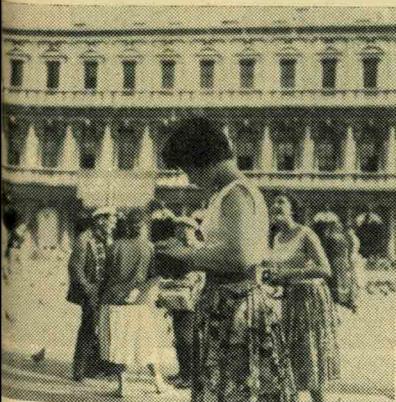




indispensável Complexo B. Aí ainda se nos oferece o espetáculo cômico dos amadores, recurvando-se no mirante de suas câmaras, buscando ângulos para seus flagrantes e, neste particular, Veneza é pródiga. O maior «foca» no assunto é capaz de súbitamente converter-se em um fotógrafo formidável, pois que, para onde se dirija a sua objetiva, a moldura é bela e sugestiva. Só um homem se entristece em «San Marco». E' o pobre fotógrafo profissional que não chega a ter vez, pois todos trazem a sua máquina e o deixam a ver navios.

*Não é preciso ser fotógrafo para viver a beleza dos ângulos desta praça. O rendilhado de sua arquitetura com o campanilho ao fundo inspiram até o "foca".*

*Em "San Marco", a "bambina" fotografa, o encalorado estuda ângulos, a brasileira (de chapéu de "gondoleira") faz pose, a moça, o namorado e o vigário medem o sol.*

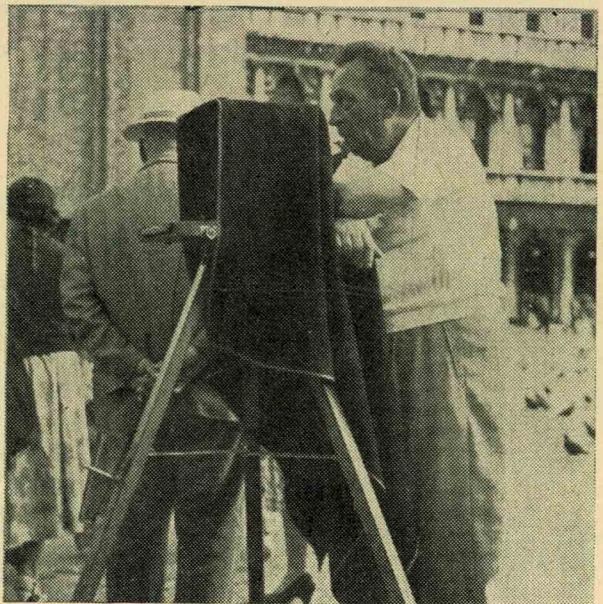




Cenas iguais a esta são comuns em "San Marco".  
Todos querem levar a lembrança da praça mais  
fotografada do mundo.

**FOTÓGRAFO  
(PROFISSIONAL)  
NÃO TEM VEZ  
EM "SAN MARCO"**

O único profissional da praça pensa, num fim de tarde, na ingrata profissão que abraçou. E roga pragas tremendas aos milhares de concorrentes amadores.

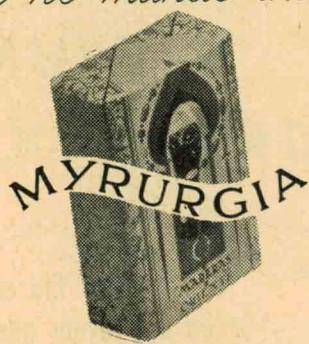


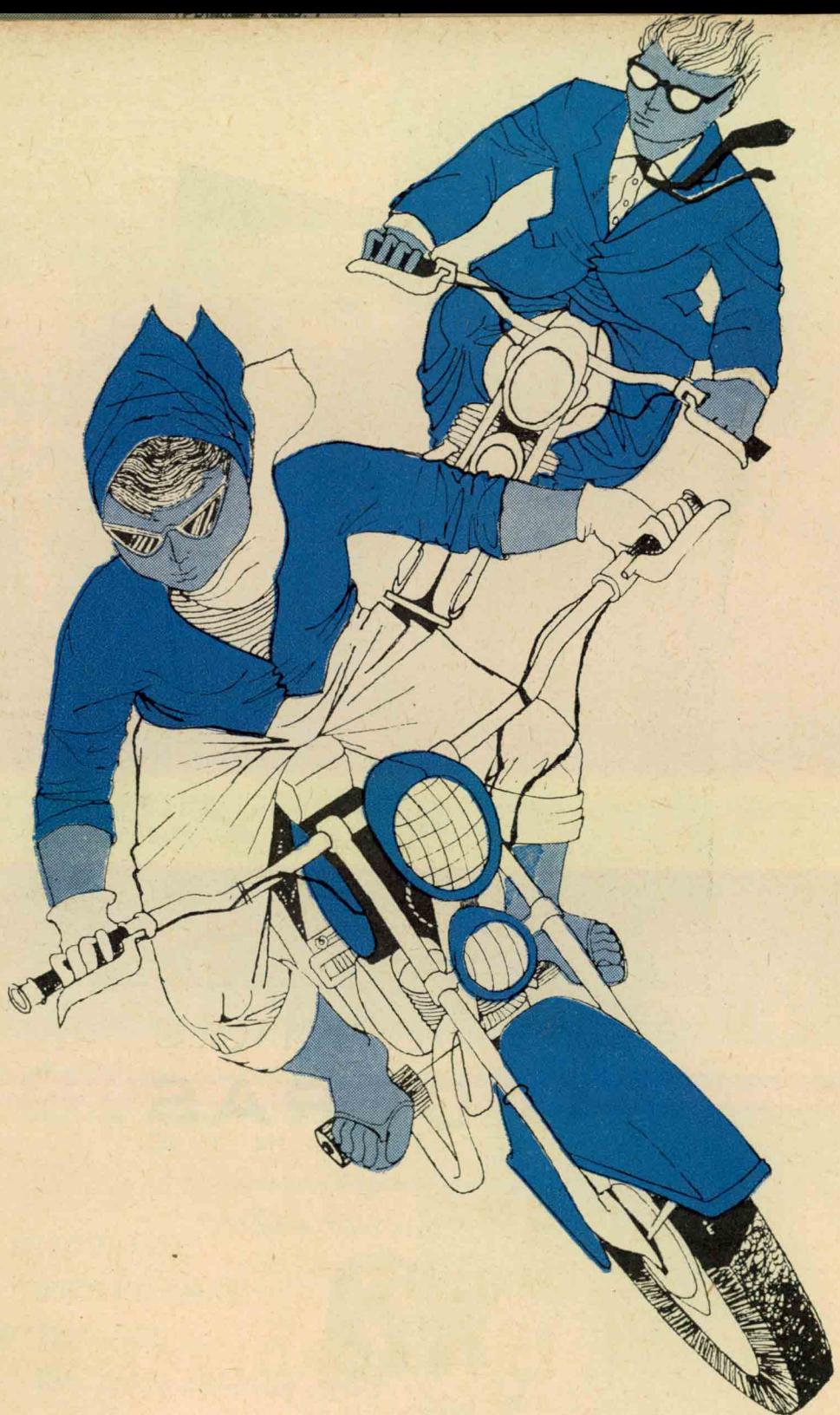


sabonete  
**MADERAS**  
DE ORIENTE

---

... há no mundo inteiro





Ela era uma moça moderna  
e eu um jovem qualquer, que trabalhava  
oito horas por dia para pagar as taxas da Universidade.

**F**OI assim que conheci Armida há alguns meses. Havia-me aproveitado de um tédio e claro dia de outono para fugir da cidade que me oprimia o coração e suscitava infinitas nostalgias de paisagens cheias de luzes e de doce solidão. Numa motocicleta, viajava tranquilamente ao longo da estrada asfaltada, à medida que avançava fora dos muros romanos, abria-se diante de meus olhos a visão de verdes declives, de casas de telhados inclinados em torno das quais pipilavam as galinhas e brincavam meninos descalços.

Devo reconhecer que, no intimo, permaneci um provinciano. Basta-me tão pouco para sentir-me feliz e o teria sido também naquele dia, se não me houvesse acontecido a estranha aventura que passo a narrar.

Chegado ao alto de uma colina, tinha apoiado o modesto veículo a motor na beira da estrada e estava serenamente a meditar sobre meu passado e a reverdecer ternas recordações da minha infância, quando percebi, de longe, uma espécie de lamento. Assemelhava-se um pouco ao ganião de um cachorrinho e com os olhos procurava entre as ervas e os restolhos o bichinho, quando uma voz feminina me apostrofou: «Ei! Você!» Pulei em pé e dei uma rápida carreira até além do terrapleno que me impedia de ver o espetáculo não de certo divertido de uma moça que se lamentava dolorida, no chão, e tentava desesperadamente fazer massagens numa perna que a custo havia tirado fora de uma máquinazinha semelhante à minha.

— Diabos! — resmunguei, avinhando-me, com precaução. — Que aconteceu?

o freio não funcionou e vim acabar nesta espécie de fôsso do qual não consigo sair se alguém não me ajudar.

Este «alguém» era eu e naturalmente fiz o melhor que pude para ajudar a moça a libertar-se da incômoda posição.

— A minha perna! — murmurou, com uma careta de dor. — Bela pancada recebi! Terá, por acaso, um pouco de vegetalumina? Far-me-ia bem.

Mortificado pela acolhida que me fôra feita, respondi com um sorriso satisfeito, que, na bolsa de minha motocicleta, tinha colocado, com meticulosa previdência, aquela maravilhosa pomada que alivia todas as dores.

— Então corra a buscá-la! — gritou ela com raiva — em vez de estar a olhar-me! Não creio que o espetáculo seja lá muito divertido!

Depois tive de fazer-lhe massagem no tornozelo, cobri-lo com um lenço, remeter em funcionamento a motocicleta, afadigandome por muito tempo em torno daqueles delicados mecanismos, para encontrar o defeito que havia provocado o acidente.

— E pensar — repetiu duas vezes a moça — que há dois dias mandei fazer uma revisão no motor! Hei de dizer umas boas ao mecânico.

— Mas não se trata do motor — procurei explicar-lhe. — Foi o freio que não funcionou. Aqui está, achei! — gritei, triunfante, enquanto lhe mostrava um parafuso embotado.

Não pareceu ela muito entusiasmada. Quando finalmente lhe disse que tudo estava arranjado e respirei profundamente, porque estava ofegante e tinha as mãos negras de graxa (um parênteses: uma mancha tinha caído também

— Será bom que a siga até Roma — gritei para dominar com a voz o barulho do escapamento — para não correr outros perigos.

Ela ergueu um pouco os ombros e abanou a cabeça. Esperei um pouco que o meu motor pegasse e parti como uma flecha.

— Diabo de moça! — resmungava, enquanto fazia as curvas a grande velocidade, com a única intenção, nem sempre correspondida, de conservar-me atrás dela. Corria como uma fúria.

Trajava um costume verde, trazia os cabelos louros soltos nos ombros e presos por uma fita curta, de modo que, ao vento da corrida, pareciam o rabinho de um burro que houvesse saído em disparada.

Depois de meia hora terminou a corrida diante de uma casa nos Parioli.

— Moro aqui — disse ela e finalmente decidi-me apresentar-me.

— Chamo-me Armida — respondeu ela, estendendo-me a mão. Mas não mostrou entusiasmo excessivo. Devia ser uma moça bem educada, se de improviso, do fundo de sua consciência, surgiu um fio de reconhecimento por tudo quanto fizera por ela.

— Se quiser subir — disse Armida — poderemos tomar uma xícara de chá quente. Resfriei-me. Já vai refrescando, agora, ao pôr-do-sol.

Indeciso, se devia aceitar ou não, achava-me enternecidado, intimidado pela verdade, quando me fez ela sinal para acompanhá-la e entrou no jardinzinho da casa.

— Ponha ali a motocicleta — disse, indicando-me a grade — e mude como um peixe, rapaz! A mamãe é muito boa, mas seria capaz de mandar desmontar-me

Conto de

B. CERDONIO

Hlust. de A. APOCALYPSE

# UMA MULHER EXTRAORDINÁRIA

A moça ergueu os olhos para mim e, contemplando-me, pareceu esquecer até a dor que a fazia sofrer.

— Evidentemente — respondeu, com um sorriso malicioso, — aconteceu que, ao chegar à curva,

no paletó e umas duas nas calças), a moça disse:

— Finalmente! Receava ter de passar aqui a noite!

E sem ao menos agradecer-me, moveu-se lentamente e montou na motocicleta.

o motor e fazê-lo em pedaços, se soubesse que fui parar dentro de um fôsso.

— Dir-lhe-ei que você é minha colega de universidade — afirmei.

— Ah! — exclamou Armida, com uma careta. — Você é es-

tudante? Eu estou fazendo o quarto ano de química.

— E estou para laurear-me na mesma faculdade — exclamei — mas acontece que não posso ser muito freqüente, porque já trabalho numa indústria.

Conversando, tínhamos chegado diante da porta da casa dela.

Armida entrou na frente, introduzindo-me numa saleta, fez-me ainda sinal de ficar de boca calada e com um gesto garoto e simpático desapareceu.

Voltou pouco depois, acompanhada pela mãe, agradável senhora de maneiras suaves e tranquílias, o oposto completo de sua filha.

— Caro doutor — dizia ela — esta minha filha me causa tantas ânsias e sofrimentos! Nunca está quieta. Parece um passarinho. Não sei quantas coisas fêz e como consegue pensar em todas elas ao mesmo tempo. O pai dela tem o mesmo caráter. Um bom pai, que a tem amado muito e estragado de mimos.

Armida fingia não ouvi-la, enquanto manejava as xícaras de chá e procurava encher-me a boca com bolinhos, para evitar que eu dissesse alguma tolice.

Não a disse. Mas quando, pouco depois, me despedi e Armida acompanhou-me até a porta, perguntei-lhe:

— Poderemos ver-nos alguma vez?

— Decerto — respondeu ela. — Amanhã, de tarde, tenho a segunda lição de vôo a vela. Não gosta do vôo a vela? Sou louca por isso. Pois bem, se não puder ser amanhã, ver-nos-emos depois de amanhã no jogo de futebol. Papai me arranja sempre alguma entrada. Telefone-me.

Telefonei-lhe. Respondeu-me toda radiante de alegria porque no time tinham pôsto Barini, um jogador formidável, que haveria, sem mais nem menos, de fazer ser vencedor o «time de seu coração».

Não, devo confessar-vos, não foi uma tarde divertida. Porque Armida não tardou a dar-se conta de que eu nunca havia assistido a uma partida de futebol, que não conhecia o «trancão» e ignorava totalmente o «cadeado».

Senti-me muito triste e melancólico.

Voltamos para casa em silêncio. Armida subira na minha motocicleta e por fim disse, com malícia:

— Como você é prudente, meu caro.

Foi deveras uma dura lição para mim. Não que fosse um quebra-pescoços da velocidade, mas

andara devagar para gozar do prazer de estar com ela.

Eis: tinha-me enamorado e de quem? De uma moça moderna, viva, honesta sim, mas com uma dose de volubilidade tóda feminina, que tinha um nome tão gentil, em nitido contraste com a sua antepassada, que o trouxe da Arcádia, recebendo as demonstrações de afeto de seus adoradores, em versos, enquanto a minha Armida preferiu o vôo a vela, as corridas de esqui, as motocicletas barulhentas, o tênis, a equitação, empresas todas essas às quais não tivera tempo, até agora, de dedicar-me e se o tivesse feito naquele momento decerto não teria conseguido nada.

— Por que se diverte em maltratar-me?

Deixou-me ali plantado e por alguns dias não nos vimos. Contudo, tinha decidido restituir a Armida a sua oculta feminilidade e obter, sobretudo, dela aquele afeto que sómente ela podia e sabia dar, com tanta riqueza de efusões.

Era uma moça moderna e eu um jovem qualquer que trabalhava oito horas por dia para pagar as taxas da Universidade e tirar um título com o qual melhorasse a própria situação. Era um rapaz com um pouco de leve fantasia, muita força de vontade e talvez também um tantinho de orgulho.

Não sei dizer se foi justamente o orgulho que me esporeou a não abandonar Armida e fazer alguma coisa para atingir-lhe o coração.

Conheceria também o pai de Armida. Muitas vezes, à espera dela, conversávamos juntos, tranquilamente.

— Você é um bom rapaz e percebi que está apaixonado por ela. Não saberia dizer-lhe não — disse-me certa vez. — Fique sabendo — continuou — que já chegou a advogar sua causa junto a Armida. Desatou a rir e fui tentado, pela primeira vez na minha vida, a dar-lhe uma bofetada. Não creia, porém, que ela seja má. E' estranha, apenas isto!

Pois bem, eu prosseguia desta forma. Entre um sorriso e uma censura dela, prosseguia sustentando pela ilusão de que um dia aconteceria algo de importante. De noite não dormia, para passar em revista os melhores meios de fazer derrubar aquela delicada mas frágil castelo dentro do qual Armida defendia a sua liberdade.

Tive vontade de tomar secretamente lições de esqui e tornar-me um campeão, ou improvisar-me piloto de avião de transporte ou afinal disparar no volante de um bólido vermelho na pista de Monza, com o único fito de poder fazer abrirem-se os lábios de Armida num sorriso que me revelasse seu estado de ânimo e sobre tudo o orgulho de amar-me.

Sonhos, sei eu, loucos de um enamorado, o qual, porém, por fim se revolta e encontro o caminho certo para chegar ao coração de uma moça moderna. Eis o que aconteceu. Um dia, marquei encontro com Armida no começo do Lungotevere. Envoltos na tepidez do doce solzinho outonal, seria bastante poético passear juntos e trocar nossos ternos pensamentos. Os namorados, em geral, procedem dessa maneira.



Pois bem, não obstante tudo, sentia que, no íntimo, escondido, talvez, na sua consciência ou naquele terno coraçãozinho de menina, devia estar também bondade e uma necessidade grande de amor.

Disse-lhe uma noite e Armida primeiro esteve a ouvir-me, como que encantada, depois explodiu em uma daquelas irritadas repulsas, que eram, soube-o mais tarde, um modo de defender-se dos candidatos à sua mão.

— Mas eu amo-a, intensa, grandemente! — ousei dizer-lhe e Armida exclamou:

— Deveria acreditar-me, mas você é tão diferente de mim! Que coisa sabe fazer? Nada. Não sabe esquiar, joga mal o tênis, cavalga como um saco de batatas, tem vertigem só em pensar em subir num avião, você...

Não, era demasiado má naquele momento e disse-lho:

ra. Mas como seriam as coisas com Armida ? Bem, a ela não havia, de fato, manifestado aqueles meus sentimentos, nem as minhas intenções um tanto românticas. Ela chegou com alguns minutos de atraso.

— Que coisa tem você a dizerme de tanta importância ? — perguntou, de súbito, com ar agressivo.

— Bem... — respondi, procurando ganhar tempo, enquanto a obrigava a caminhar a meu lado, segurando-a por um braço. Chegamos assim ao local onde se achava um luxuoso automóvel extra-série, parado junto ao meio-fio, deserto naquele momento.

— Que belo carro ! — exclamou Armida, distraidamente.

Não hesitei um segundo. Rápidamente, abri a portinhola, empurrei Armida para dentro do carro, sem dar-lhe tempo de protestar, pus-me ao volante e, com um salto de corredor, lancei o bólido vermelho.

— Que brincadeira é essa ? — gaguejou Armida, espantada.

— Não lhe parece um belo golpe ? Que diz da direção ? Sou ou não um piloto com reflexos prontos e perfeitos ? Verá quando estivermos fora da cidade !

— Mas o carro não é seu ! — gemeu Armida.

— Que importância pode ter isso ? Roubei-o, é certo, e sabe porque o fiz ? Para demonstrar-lhe que não sou um bobalhão, porque a amo ! Bem, agora é inútil que se ponha a choramingar. Peço-lhe, Armida...

Freei. Meu braço passou rápido cercando-lhe os ombros.

— Voltemos para casa, meu bem ! — sussurrou ela, depois que a havia beijado duas vezes. — Não sabe você que também lhe quero muito bem ?

★

Este é o final de minha história. Há um epílogo que devo absolutamente contar. De fato, depois de ter devolvido o carro ao local donde o tinha, digamos assim, roubado, acompanhei Armida até sua casa e quase obrigado pelas suas súplicas, pedi-a em casamento.

Era já noite fechada, quando voltei àquele famoso meio-fio no Lungotevere, onde se encontrava o belo extra-série. Subi nêle e guiando com calma, assobiando alegramente, devolvi-o ao proprietário da garagem que mo havia alugado.

— Não andou muito — observou ele, olhando o taxímetro.

Não, de verdade. Para alcançar o amor, tinham-me bastado uns poucos quilômetros.

UM PRESENTE  
DE FINO GOSTO

Realmente  
NOVA!

Realmente  
SENSACIONAL!

a nova linha de utensílios

Uma nova beleza na cozinha: PANEX LUXO com tampa dourada ou azul, está sempre brilhante. PANEX LUXO é realmente um presente de fino gosto.

Em finos estojos, baterias completas ou peças avulsas.

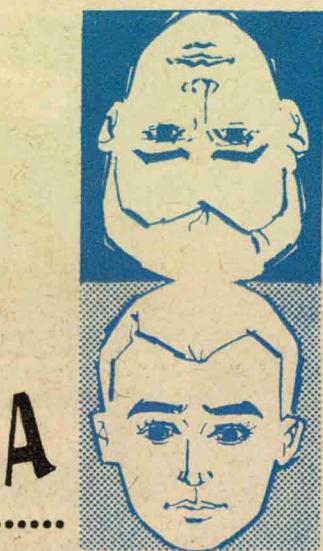
Panex Luxo

com tampa \*  
dourada  
ou azul

★ MOD. IND.  
PATENTE  
T-108285

Panex

- o 1º nome em alumínio!



**A** INQUIETANTE experiência de um engenheiro, envolvido no caso de uma mulher encontrada morta no aeroporto de Milão, lembrou a muitas pessoas o tema do desdobramento da personalidade e, de fato, não é difícil lembrar este velho argumento: o homem que, durante o dia, vive em uma atmosfera de serenidade familiar, e que, à noite, transforma-se em uma espécie de vampiro, lançando-se à procura de situações móbidas. Por outro lado, é fácil trazer à memória o célebre romance de Stevenson, que nos apresenta alternando a normalidade psicológica e a loucura criminosa na dupla personalidade do «Doutor Jekyll» e de «Mister Hyde».

Mas essas recordações pouco ou nada têm de científico e basta dar uma olhadela em um tratado moderno de psiquiatria para que se constate a decadência do conceito de «desdobramento da personalidade». Falar de personalidade dupla, ou melhor, «múltipla personalidade», significa imaginar a vida psíquica composta de uma série de comportamentos estanques, de zonas destacadas e isoladas, tôdas vindas de um traço ativado por uma espécie de manquinismo, que se põe em movimento automaticamente. Mesmo como no caso do Doutor Jekyll: basta uma emoção violenta para transformar, de um só golpe, o homem normal em um louco criminoso. Naturalmente, quando o aparelho dispara de novo, a loucura desaparece e o homem torna-se normal.

Na realidade, a ocorrência não é assim tão simples. A descoberta mais profunda da psicanálise consiste em ter demonstrado

Um insuficiente controle do próprio «eu» pode determinar perigosas alterações psíquicas, mesmo em pessoas tidas como normais.

## DUPLA PERSONALIDADE

que tôdas as ações humanas têm um significado preciso e que a atividade aparentemente isolada e contraditória tem uma história longa, tôda entranhada de remotas experiências infantis, que uma forte emoção pode fazer reafiar, no plano da consciência, ainda que seja longa a distância em anos.

Mas — eis a pergunta número um — é assim tão raro o fenômeno da «dupla personalidade» e pode dar-se o fato de ele levar o indivíduo aos casos-limites da loucura e do delito? Acontece, a todos nós, dizer ou fazer qualquer coisa que nos surpreende e que não conseguimos explicar. Podemos ser habitualmente calmos e controlados e, de repente, nos surpreendermos em um gesto ou em uma frase agressiva ou inconveniente; podemos descobrir que somos hipócritas, ainda que tenhamos jurado devotar-nos à sinceridade; podemos sonhar cenas que nos envergonhariam de contar. Como se vê, também no plano da psicologia normal, encontramos o fenômeno que se pode descrever como desdobramento ou fragmentação da personalidade e é justamente este o motivo que obriga o estudioso da matéria a ter muito cuidado, quando enfrenta o tema da personalidade múltipla.

Mas como se podem explicar então os casos típicos do gênero, aquêles mais ou menos sensacionais, que hoje tanto eletrizam a opinião pública? A explicação mais errada é aquela oferecida pelos ocultistas: na nossa psique vivem outras «almas» pertencentes a pessoas vividas em outras épocas, ou que periódicamente «vêm fazer visita». O psiquiatra

inglês, J. A. Hasfield recorda o caso da senhora M. M., que ora se revestia da personalidade de uma criança (e comportava-se como tal), ora se transformava em um padre da época medieval (e então pregava com eloquência) e às vezes transformava-se em uma curiosa personagem irlandesa. Naturalmente, não há necessidade de incomodar a «alma» das três pessoas em questão para explicar este caso de personalidade múltipla, porque a análise demonstrou tratar-se de uma natural identificação psíquica da senhora com as três personagens, durante o período infantil. Durante os sermões, a senhora M. M. não fazia outra coisa senão repetir frases ouvidas durante um período de sua infância.

Mas o psicólogo lança mão de um tema indispensável para a compreensão correta do fenômeno. Quando dizemos «personalidade», entendemos que uma força psíquica organiza as nossas experiências segundo um esquema preciso; e, de fato, o conceito do «eu» significa qualquer coisa desaccompañhada, se admitirmos que existe uma força a dar sentido e forma particulares ao nosso comportamento e aos nossos pensamentos (eis por que cada indivíduo difere do outro). Entretanto, dizer «organizar» não significa cancelar tôdas as outras experiências que tenemos vivido sem as ter assimilado: perto da experiência organizada existem outras emoções, outras idéias ou sentimentos, que vivem «em surdina» (é a zona do inconsciente, segundo o ensino psicanalítico). Bastam essas noções para compreender o que acontece no chamado desdobramento da per-

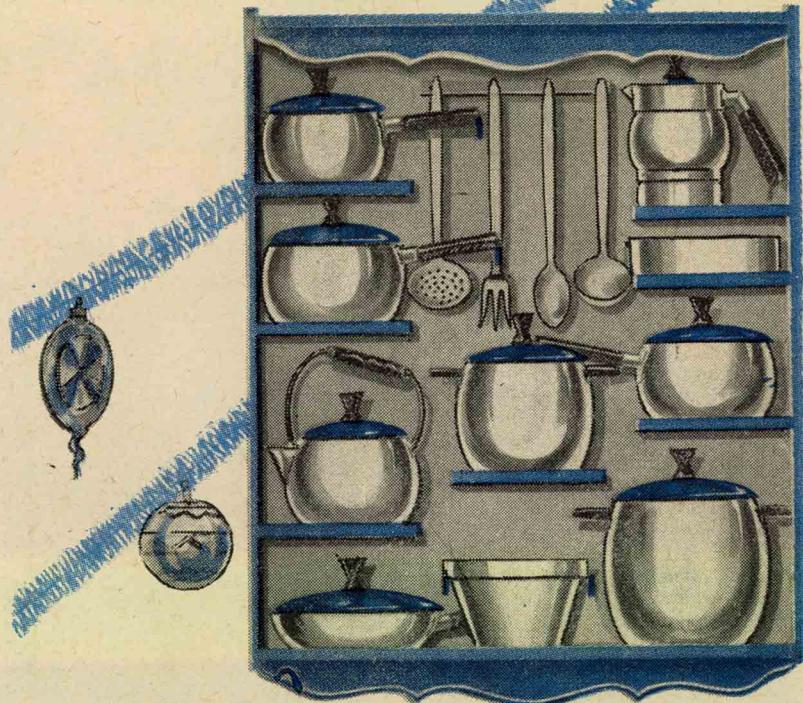
sonalidade : quando o «eu» modera o seu controle habitual, as outras experiências, então adormecidas e veladas, podem tomar o domínio e colocar o «eu» em embrião ou dificuldade. O fato de se dizer uma palavra que não se desejava pronunciar, ou cometer uma ação reprovada depois, significa que um grupo de emoções-ideias-palavras burlou de surpresa a vigilância do «eu» habitual. Se esses grupos ou núcleos psíquicos fizessem enlouquecer, então teríamos o fenômeno típico do desdobramento da personalidade.

Então por que é que acontecem fatos tão desagradáveis ? Porque a personalidade não está integrada, porque muitos problemas não foram resolvidos, mas apenas banidos do plano consciente, ou porque o «eu» não é bastante forte para deter os impulsos primitivos e violentos. Um esgotamento, uma crise de cansaço, o abuso do fumo ou do álcool, uma emoção que nos apinha de surpresa : é o quanto basta para enfraquecer o «eu» e escancarar as portas para o domínio dos outros núcleos da personalidade, até então vigiados.

E que pode acontecer nestes casos ? No caso mais banal, temos a fuga, que é sempre a fuga de um problema que nos incomoda e que pode assumir aspectos graves, quando se faz acompanhar de amnésias persistentes, como no caso de um enfermo inglês que escapou de Londres e que só deportou três meses depois, num veleiro perto de Bombaim.

Em um quadro clínico do desdobramento da personalidade, é necessário distinguir a confusão mental, a mudança de temperamento e de comportamento nos indivíduos que têm o aspecto epiléptico, com convulsões daquela típica obnubilação da consciência, encontrada nos indivíduos que não apresentam as convulsões. Falasse dos «equivalentes epilépticos», e, neste caso, nos encontramos frente a pessoas que perdem a noção da sua própria identidade, e que podem cometer delitos sem se lembrar, depois, dos particulares. Assim, uma emoção violenta desperta brutalmente os instintos adormecidos, os quais, depois de vencerem o «eu», submetem o indivíduo ao poder de uma das possíveis personalidades múltiplas que se agitam na zona inconsciente da psique. Um atento exame da atividade elétrica do cérebro (as ondas registradas pelo eletro-encefalógrafo) pode revelar em muitos casos o mistério do desdobramento da personalidade. — Antônio Miotti.

## O presente ideal para uma dona de casa !



Cativantes em todos os sentidos, fazendo exultar de satisfação quem as recebe, eis no que consistem as

COMPOSIÇÕES

**FULGOR**  
*Luxo*

SOLDA ELETRÔNICA

As peças que as integram, de notável beleza de linhas, são de puro alumínio polido, tendo os cabos e azas de baquelite preto-ébano firmemente fixados a solda eletrônica, tampas anodizadas em azul metálico.

Composições de  
14, 7, 5, 4 e 3  
peças.

**ALUMINIO FULGOR S.A.**  
CAIXA POSTAL 4238 — SÃO PAULO

Deodato na intimidade

# O MINEIRO DE MAROIM DÁ A VIDA PARA ENSINAR

Entrevista concedida a FLAVIO FERREIRA DA SILVA

Fotos de JAIME BARRA



Com o inseparável cigarro (que às vezes serve de indicador), Deodato folheia os livros de sua biblioteca doméstica. O mestre anda em dia com a literatura.

— «Minha terra dá açúcar, a de Maria Augusta, também. Nós formamos o doce lar». É Alberto Deodato quem diz, orgulhoso, ao lado de sua querida esposa.

Coqueiro, rio e cajueiro são sinônimos de beleza —  
Açúcar de Campos e Sergipe adocicam lar belo-horizontino — Pena de morte no Brasil acaba com a UDN —  
A política o pegou desprevenido — O perfil do mestre dos sete instrumentos visto por ele próprio.

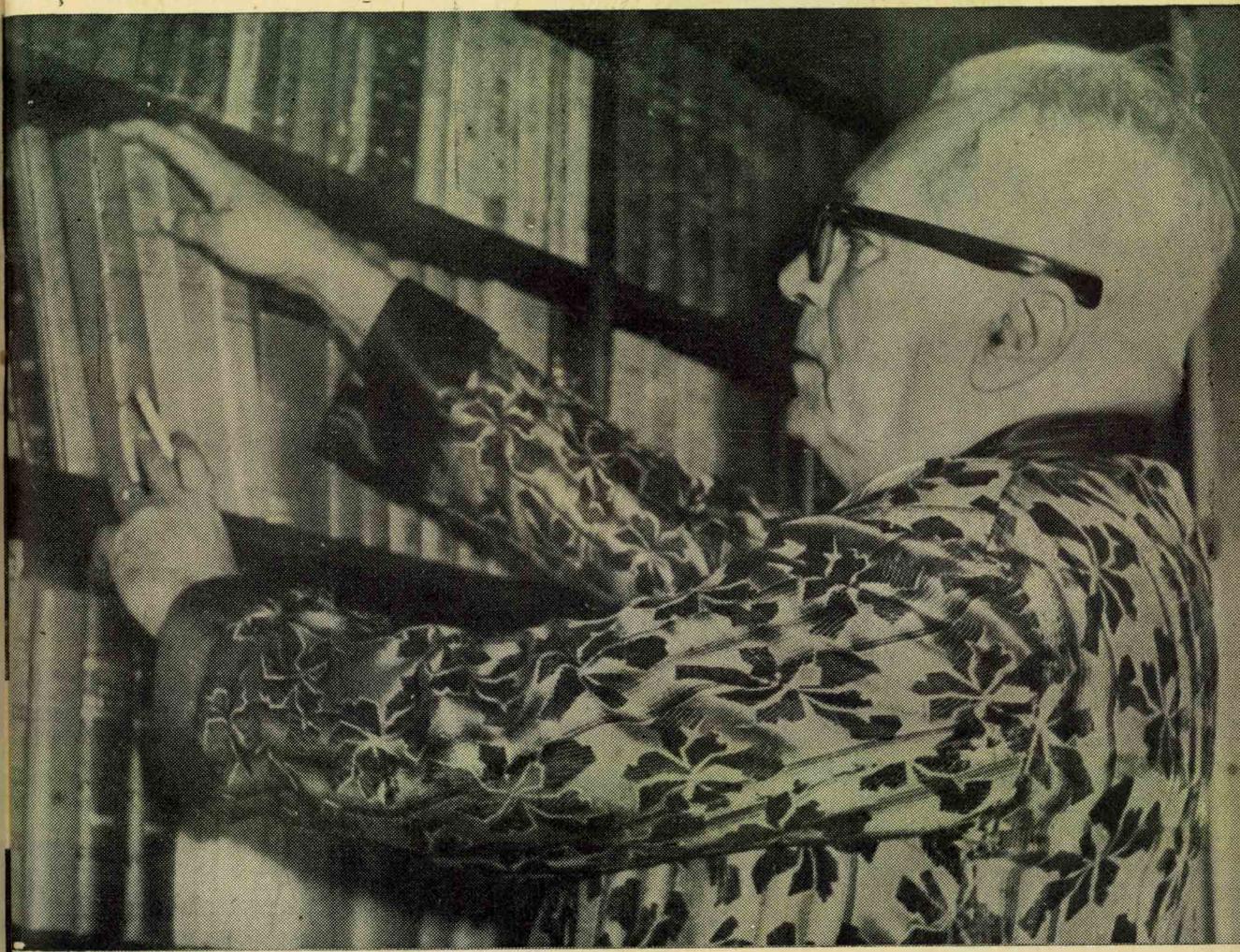
QUEM NÃO conhece Alberto Deodato — o mestre do lenço branco, como é chamado pelos seus alunos da Faculdade de Direito — o jurista, o político, o cronista, o poeta, o jornalista? De cigarro sempre em prumo, dono de uma bondade e de um humor diuturnamente pôsto à prova, o "mineiro de Maroim", nunca tendo procurado, por si mesmo, colocar-se em evidência, é, pode-se dizer, conhecido por todos, em Belo Horizonte.

Como jornalista, Deodato foi diretor do "Correio Mineiro", na segunda fase da existência desse jornal que — juntamente com o "Estado de Minas", de Pedro Aleixo, e o "Diário de Minas", de José Oswaldo de Araújo e Chico Campos — revolucionou a imprensa mineira, e onde se formaram quase todos os profissionais que, hoje, se encontram à frente dos diários e outros grandes periódicos do Estado. Como jornalista, escrevendo artigos de fundo que valiam pelas mais completas re-

portagens, Mestre Deodato soube revelar o seu profundo amor a Belo Horizonte, levando a peito campanhas memoráveis em favor da Cidade. Cronista de primeira água, é capaz de ironizar os fatos da vida, sempre buscando — e encontrando — o lado cômico das coisas, mesmo as mais trágicas.

Mas Alberto Deodato é, sobretudo, um homem bom, dono de uma tolerância desmedida. Há pouco, deu um exemplo disso, não se agastando — como presidente do diretório udenista da Capital — quando seu filho, Dr. Mário Augusto Barreto, se integrou na campanha do candidato (petebista) Amintas de Barros à Prefeitura. Depois, quando o mesmo filho, afastando-se do gabinete do Prefeito, escreveu-lhe uma carta na qual vazava tóda a sua mágoa, ainda foi o pai quem o aconselhou a não a enviar.

Há alguns anos, um doutorando de Direito (hoje ocupando uma Promotoria no interior) entrou no



escritório de certo jornalista, para escrever uma carta na sua máquina. Escreveu e lá esqueceu a cópia, e o jornalista, ao dar com os olhos nela, não pôde esconder a surpresa de ver coisa tão mal escrita. Meteu-a no bolso e, na primeira ocasião em que encontrou Alberto Deodato, mostrou-lhe o documento (documento de analfabetismo do missivista) e lhe perguntou como é que um aluno tão ignorante havia conseguido chegar ao quinto ano de seu curso.

Deodato explicou, depois de abrir-se numa longa e divertida gargalhada: o rapaz tinha sido o seu pior aluno. Mas não lhe dava sossego: levantava-se ele cedinho para regar seu jardim, lá estava o moço a esperá-lo; chegava mais cedo ao escritório, lá encontrava o rapaz fazendo a limpeza da sua sala; e onde ia, sempre encontrava o aluno. Resultado: passado algum tempo, Alberto Deodato, assim como os demais catedráticos, concluiu que a única solução para livrar-se do

importuno era botá-lo quanto antes para fora da Escola. Deixou-o passar de ano e não se arrependeu de tê-lo feito, mesmo porque o mau aluno veio a tornar-se um bom promotor.

Antes, porém, de subir a Serra do Curral e ecoar pelos montes de Minas, em memoráveis jornadas cívicas, a figura de Alberto Deodato já se projetara nos foros da República. A inteligência lúcida de seu espírito fê-lo autor de uma vasta obra, onde pontificam com exuberância raros dons de inteligência e capacidade criadora. Sua influência abrange os mais variados campos da atividade humana.

Mas, que pensa Deodato de Deodato? Como vê a si próprio? Deixemo-lo falar de si mesmo, já que ele nos recebeu com a amabilidade de sempre, o eterno e jovial sorriso a brotar de seus lábios. Coroado pelas cãs prateadas, ele discorre, em tom monologado, as íntimas evocações de uma vida que é um paradigma.

#### INVOCANDO MAROIM

— Nasci em uma cidade bonita: Maroim, Estado de Sergipe. É bonita porque tem coqueiro, tem um rio e tem uma igreja. E, para enfeitar tudo isso, não há quintal na minha cidade que não tenha um pé de cajueiro.

“Por onde andei?

“Por Oropa, França e Bahia... Minha tia, a professora Iaiázinha Maia, que todo o Estado conhece, me ensinou a ler pelos jornais. Depois, em vista de ter meu pai casado, pela segunda vez, no Estado de Alagoas, o professor Higino Belo, que foi o maior educador de Alagoas, me preparou para o curso ginásial. Preparou com muito carinho e muita palmatória. Isso foi na cidade de Penedo. Depois fui estudar no Colégio dos Maristas, na Bahia, como interno, durante três anos.

“Tendo falecido meu pai, fui para a companhia de meu tio Deo-

(Continua na pag. 60)

Os elefantes

## Na festa

A CIDADE de Kandy, capital do Ceilão, é palco de uma das mais estranhas festas populares do mundo, por ocasião da procissão anual do «Dente de Buda». Por essa época, a cidade passa a viver num ritmo febricitante, como operários emprenhados em estender fios de lâmpadas pelas ruas, em lavar as paredes e em reavivar as inscrições.



*Ao som de címbalos, um dançarino faz evoluções de aspecto selvagem.*

Pacientes como elas só, estas mulheres do Ceilão esperam horas e horas, diante do templo, pelo início da procissão.



**abrem a procissão**

## **do "Dente de Buda"**

Os preparativos para a festa começam duas semanas antes da lua cheia, quando grande número de elefantes é procurado, em todos os pontos da ilha; e, quando chega a hora de começar a procissão, há centenas de paquidermes confinados num «kraal», perto de Kandy.

Os sacerdotes e peregrinos, que chegam de tôdas as partes do Ceilão, amontoam-se nas mar-

gens do rio, onde se banham e lavam suas armas, como sinal de purificação. Depois, o povo retorna, para junto do grande Templo de Buda, de onde sai a «Procissão do Dente».

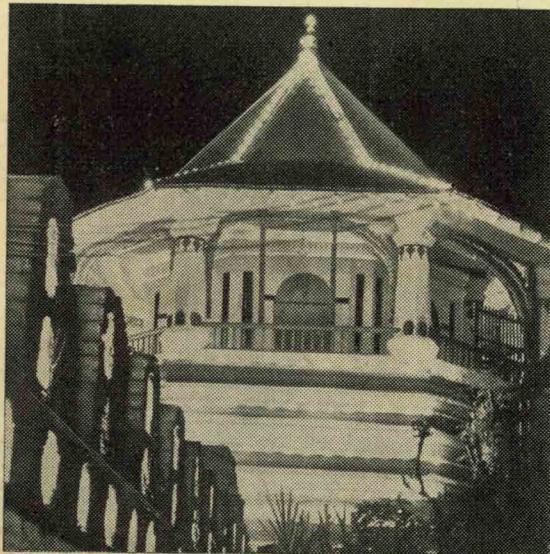
O desfile tem início ao rufar de atabaques, quando o maior elefante da ilha, soberbamente ajaezado, desce lentamente os degraus do templo.

(Conclui na pag. 45)



*O ar se enche com os ruidos dos atabaques, címbalos e flautas, tocados por um milhar de músicos. A procissão do "Dente de Buda" chega ao coração da cidade. Tochas de resina iluminam a cena.*

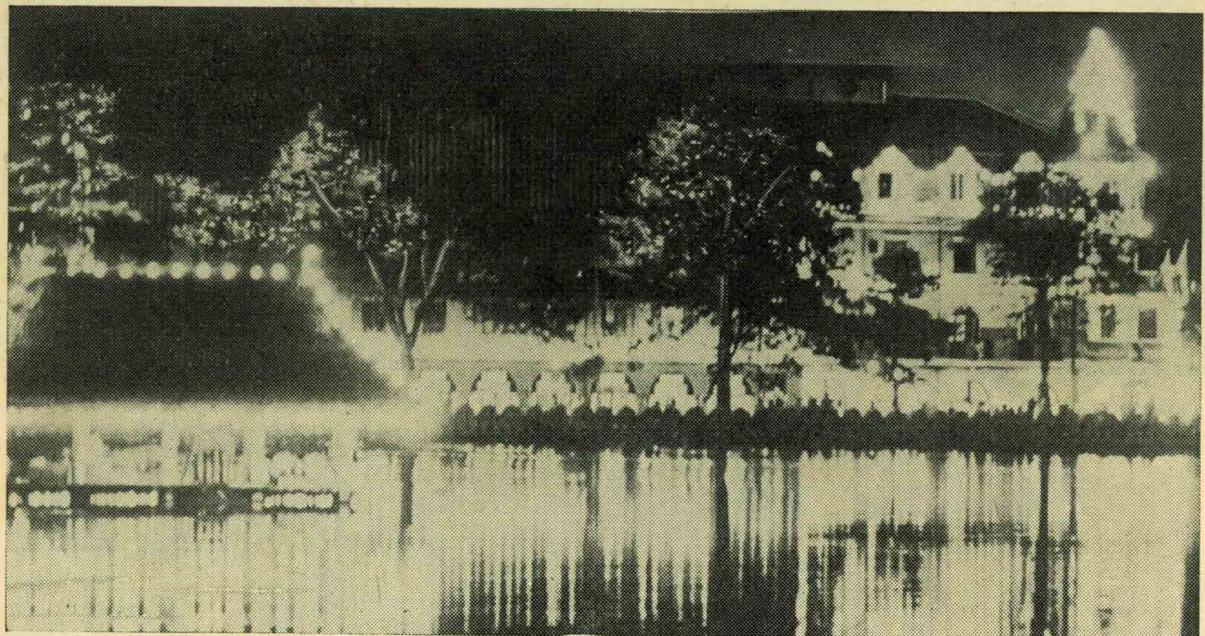
Parecendo um enorme rubi, iluminado por milhares de luas, o templo onde fica o Dente de Buda oferece uma visão de lenda.

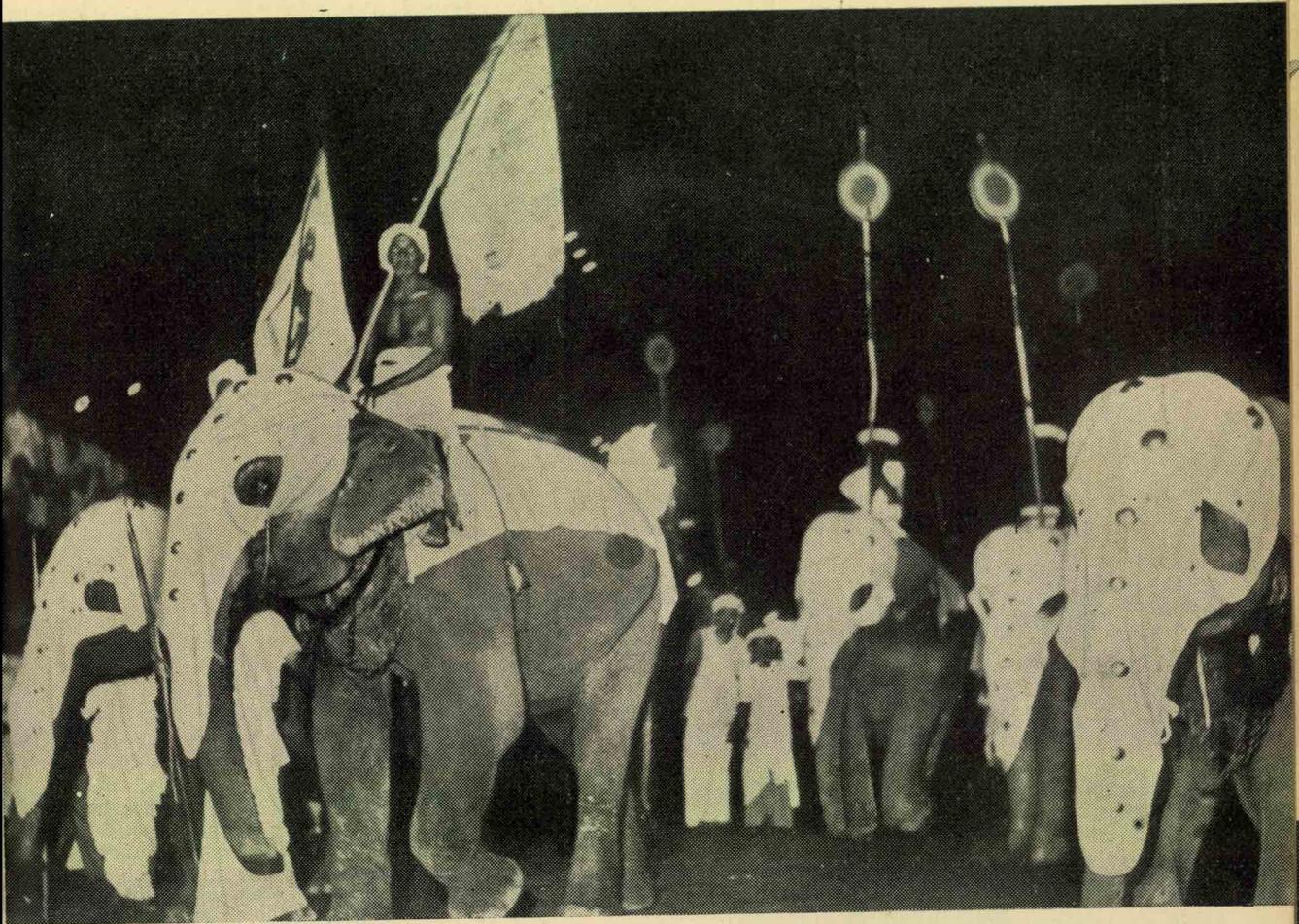


Vestido em trajes exóticos, este dançarino de Kandy vai à frente da procissão, gesticulando como um demônio.



Kandy, ao anoitecer, parece um lugar de fábula. Dezenas de milhares de lâmpadas iluminam o templo e outros edifícios sagrados, que rodeiam o lago artificial da cidade. Mesmo nos galhos das árvores, há fios de luzes.





A grande procissão do Dente de Buda, na velha capital do Ceilão, atrai milhares de peregrinos, que vão ver a colorida cerimônia religiosa. O elefante sagrado carrega a urna que contém o Dente de Buda.

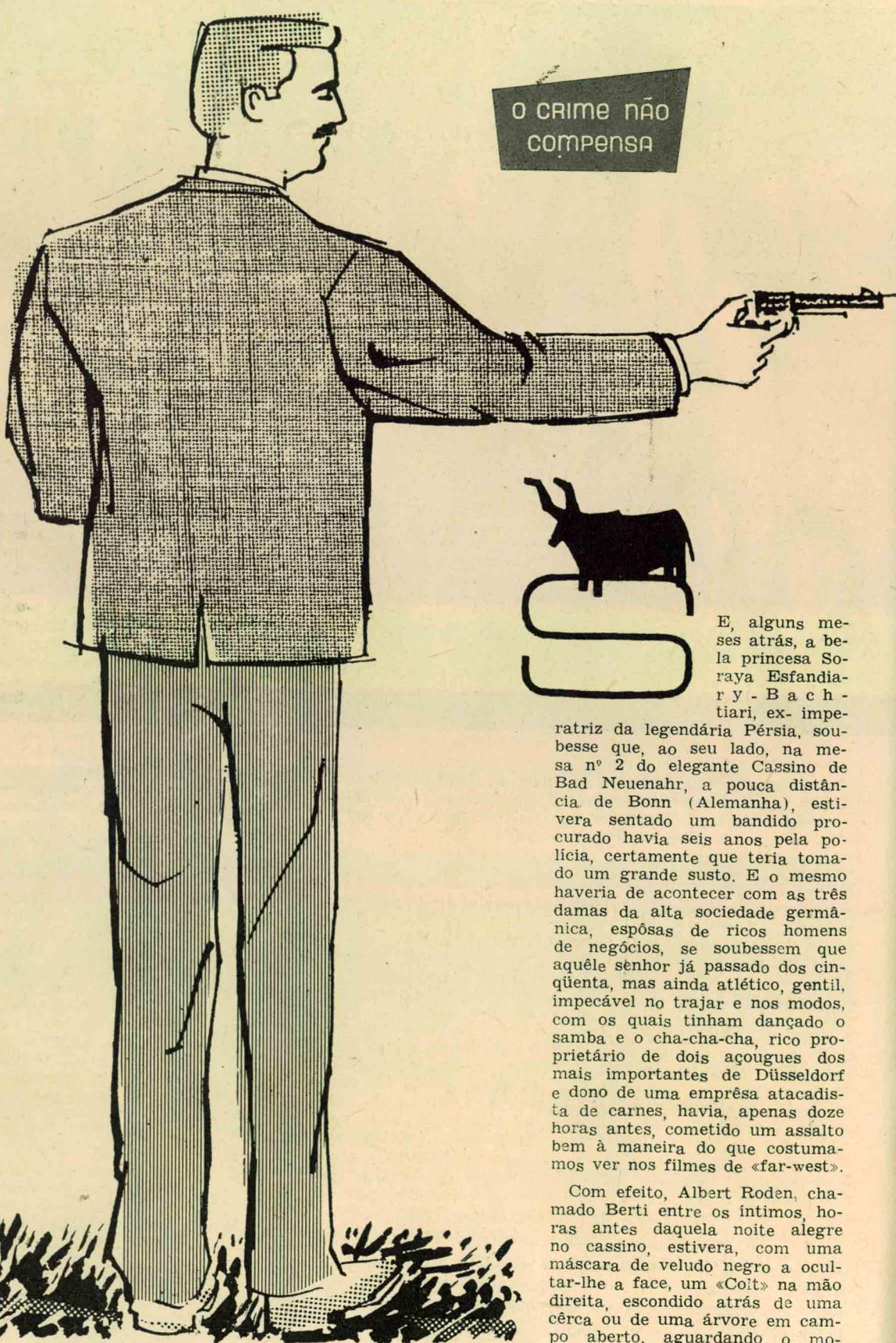
O trio de flautistas parece hipnotizado pela monótona melodia de seus instrumentos. Os pés marcam o ritmo sempre igual.

## Na Festa do «Dente de Buda»

*Conclusão*

Diante dêle, milhares de dançarinos fazem evoluções, à luz vermelha das tochas alimentadas com resinas. A movimentação de tudo aquilo é de um aspecto impressionante — tornando mais impressionante o silêncio que se faz, quando, cessada a festa, todos voltam lentamente para suas casas.





O CRIME NÃO  
COMPENSA

E, alguns me-  
ses atrás, a be-  
la princesa So-  
raya Esfandia-  
ry - B a c h -  
tiari, ex- impe-

ratriz da legendária Pérsia, sou-  
besse que, ao seu lado, na me-  
sa nº 2 do elegante Cassino de  
Bad Neuenahr, a pouca distân-  
cia de Bonn (Alemanha), esti-  
vera sentado um bandido pro-  
curado havia seis anos pela po-  
lícia, certamente que teria toma-  
do um grande susto. E o mesmo  
haveria de acontecer com as três  
damas da alta sociedade germâ-  
nica, espócas de ricos homens  
de negócios, se soubessem que  
aquele senhor já passado dos cin-  
quenta, mas ainda atlético, gentil,  
impecável no trajar e nos modos,  
com os quais tinham dançado o  
samba e o cha-cha-cha, rico pro-  
prietário de dois açouques dos  
mais importantes de Düsseldorf  
e dono de uma empresa atacadista  
de carnes, havia, apenas doze  
horas antes, cometido um assalto  
bem à maneira do que costumá-  
mos ver nos filmes de «far-west».

Com efeito, Albert Roden, cha-  
mado Berti entre os íntimos, ho-  
ras antes daquela noite alegre  
no cassino, estivera, com uma  
máscara de veludo negro a ocultar-lhe  
a face, um «Coit» na mão  
direita, escondido atrás de uma  
cérca ou de uma árvore em cam-  
po aberto, aguardando o mo-

# O GALANTE AÇOUGUEIRO

Durante vários anos êle levou a dupla vida de homem da «alta» e de ladrão mascarado.

mento em que os guardiães dos rebanhos caíssem no sono, para encaminhar-se a um par de vitelos, matá-los com outra pistola munida de silenciador e arrastar os animais mortos para a sua luxuosa «Mercedes-300», para depois fugir a 140 por hora. Na manhã seguinte, os dois vitelos roubados, já devidamente esquartejados, encontravam-se sobre o balcão de mármore de um dos dois açougues de Roden, ou pendiam dos ganchos, no frigorífico que ficava ao lado dos escritórios de sua firma atacadista.

☆

E supérfluo enumerar os clubes que contavam com Berti entre os seus sócios fundadores e as organizações de que fazia parte ou nas quais ocupava postos importantes. Basta recordar que, em meados de 1957, por pouco Roden não foi eleito deputado do «Bundestag», na legenda de um dos partidos menores. O fato é que as suas ambições desvaneceram-se de improviso e sua dupla existência perdeu todo o fascínio, depois que duzentos policiais uniformizados e uns vinte funcionários do departamento federal de investigações de Wiesbaden, batendo com infinita paciência as planuras da Westfalia, da Baixa Saxônia, do Schleswig-Holstein e mais uma boa parte da Alemanha, conseguiram descobri-lo.

Não foi fácil deitar mãos no ladrão-açougueiro, pois Roden nunca deixou de ser cauteloso, preferindo agir, nas regiões onde a polícia suspeitava apenas de ladróezinhos locais, já devidamente «fichados». Chegara a ponto, mesmo, de ser convidado pelo chefe de polícia de Düsseldorf a fazer as vêzes de «consultor».

Três vêzes Berti mandou pintar de cônres novas o seu automóvel e nada menos de cinco vêzes

«retocou» a placa de identificação, que, no momento de sua prisão, tinha o número D-EL-442. Ao lado dêle, viajava, tranqüílo, seu filho Jürgern, de 21 anos, o qual não conhecia muito bem das atividades noturnas de seu pai. Na ocasião, encontrava-se com êle porque fôra convidado a participar de uma «brincadeira» — de uma peça que desejava pregar a um amigo, dono dos pastos que ficam entre Bielefeld e Helmsdorf, a poucos quilômetros da divisa com a Alemanha Oriental.

No porta-bagagem e no assento traseiro da «Mercedes-300», os policiais encontraram uma vaca e um vitelo, já feitos em pedaços e colocados no gêlo. As diligências posteriores revelaram que Roden era o responsável direto por, pelo menos, 253 furtos de gado, alguns dos quais a mão armada, compreendendo um total de 419 vacas, vitelos e bois de raças e tamanhos variados.

A comissão especial de investigação, que se transferiu de Wiesbaden para Hannover, nos três últimos anos, para ficar mais próximo do lugar dos crimes do estranho bandido, começou por descobrir que, para cortar o arame farpado das cércas das áreas reservadas ao pasto, fôra utilizada a mesma tesoura, com o mesmo talho, e que, em vista disso, a mesma mão realizara aquela tarefa inicial. Em seguida, passou a controlar as importações, do exterior e de outros pontos da Alemanha, feitas por todos os atacadistas de carnes, os de lá e os de cá da Cortina. Roden, porém, conseguiu criar um sistema muito cômodo de justificar o copioso número de cabeças não regularmente registrado nos livros de contabilidade: instalara, perto de Düsseldorf, uma fábrica-modelo, com alguns bovinos e declarara um número de cabeças que era o dóbro do real. Nessas

condições, não era fácil um contrôle eficaz.

Após três anos de pesquisas, a comissão especial obteve um testemunho precioso: o bandido mascarado era homem de maneiros «gentis», mãos bem cuidadas, usava anéis, tinha voz bem modulada e dava a impressão de ser uma pessoa «bem». Nunca tivera ocasião de atirar contra ninguém e só dispara para o ar, a fim de atemorizar os guardiães do gado. Outra pessoa, perto de Lübeck, em Schleswig-Holstein, vira-o sair numa viatura e desaparecer numa nuvem de pó. Durante meses e meses, a comissão especial vigiou todos os automóveis que percorriam a estrada entre Düsseldorf e Bielefeld, mas sem resultado. Até que, a 13 de junho do ano passado, notaram traços de sangue no carro de Berti. Interpelaram-no, mas sua resposta foi pronta: quem pode impedir um açougueiro de levar consigo, dentro de seu próprio automóvel, alguns pedaços de carne?

Restava, porém, o problema da sua proveniência. Os duzentos policiais, percorrendo tôdas as províncias rurais alemãs, haviam conseguido, entrementes, recolher novos testemunhos que falavam da «persistência» de uma «Mercedes-300», nos lugares, dias e horas dos desaparecimentos de animais. E assim, embora êle constantemente mudasse a côr e a placa de seu veículo, tiveram ocasião de segui-lo e, afinal, apanhá-lo em flagrante.

E Albert Roden, o ladrão-açougueiro, confessou: na sua vida galante, havia perdido milhões na roleta e continuava a perdê-los, mas considerava «mais chique trabalhar de bandido durante a noite, a fim de recuperar o que perdera, do que trabalhar mais algumas horas por dia atrás de um balcão mal cheiroso».



Ladeando a Rainha da Primavera de 1958, Srt<sup>a</sup> Roxane Campolina Marques, que está no centro, vêem-se, a partir da esquerda, as Srt<sup>s</sup> Maria da Conceição Cardoso, a vencedora, Celma Geralda Schreiber, Marlene Nas-cimento Vieira e Vera Lúcia Dutra Reis.

*Sete Lagoas e a sua*

# Festa da Primavera

Festa da bondade de um povo que ajuda a um  
homem na realização de sua obra.

JORGE AZEVEDO

•

Fotos de José Inácio

Padre Flávio D'Amato, o criador da Festa Municipal da Primavera, em Sete Lagoas.

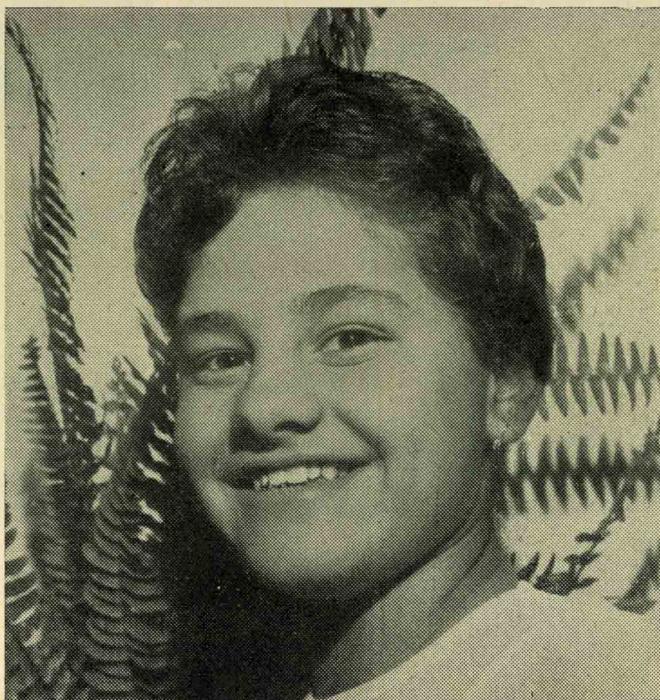
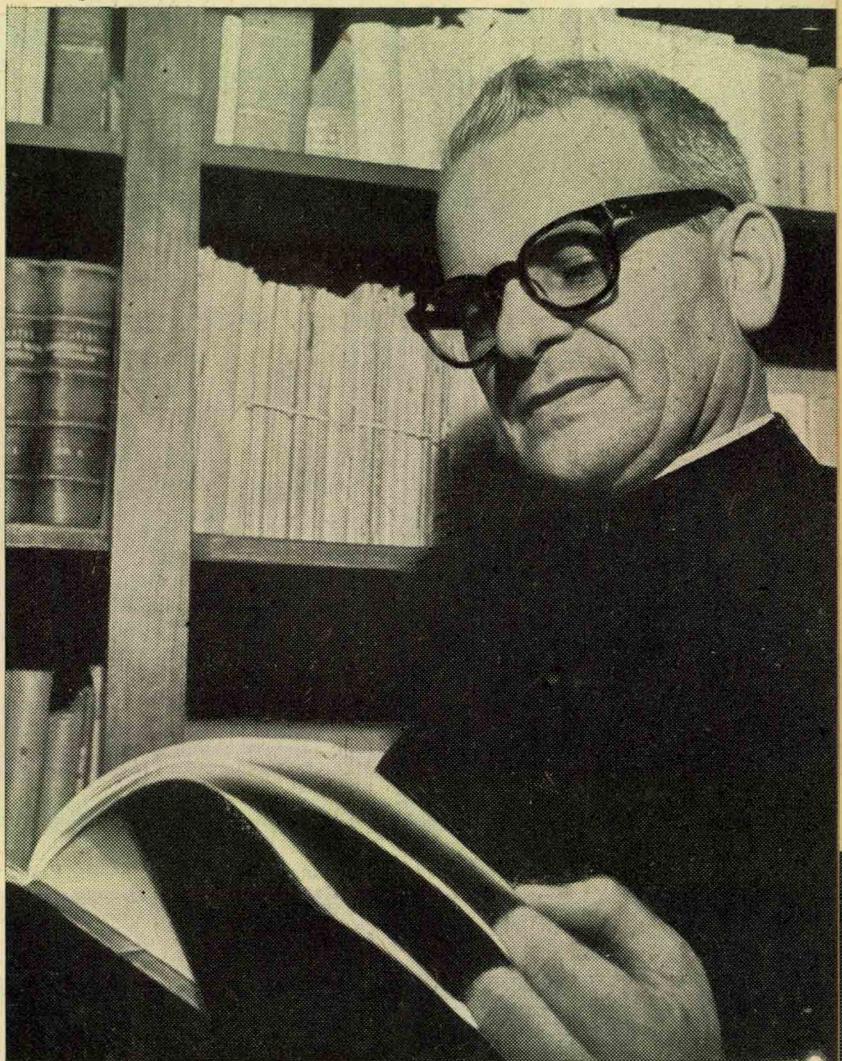
**N**UMA época em que homens responsáveis pelo destino do povo resolvem, à força irresistível da inspiração eleitoral, construir um monumental estádio para futebol — o esporte das multidões — numa época assim, caracterizada pela indiferença governamental à tragédia da infância desvalida, conforta-nos, numa festa em homenagem à mocidade — Festa Municipal da Primavera — conhecer um homem, na figura evangélica de sacerdote católico: Padre Flávio D'Amato.

Homem sensível à desgraça alheia, simbolizada na criança órfã, e espírito vibrante à esperança de um mundo melhor, em que os homens se sintam mais irmãos, Padre Flávio D'Amato formou a sua personalidade no período de 1914 a 1933 em que viveu e estudou na Itália, freqüentando o Almo Colégio Capranica, célebre Seminário de Roma, onde estudaram as maiores celebrações religiosas, inclusive o próprio Papa Pio XII.

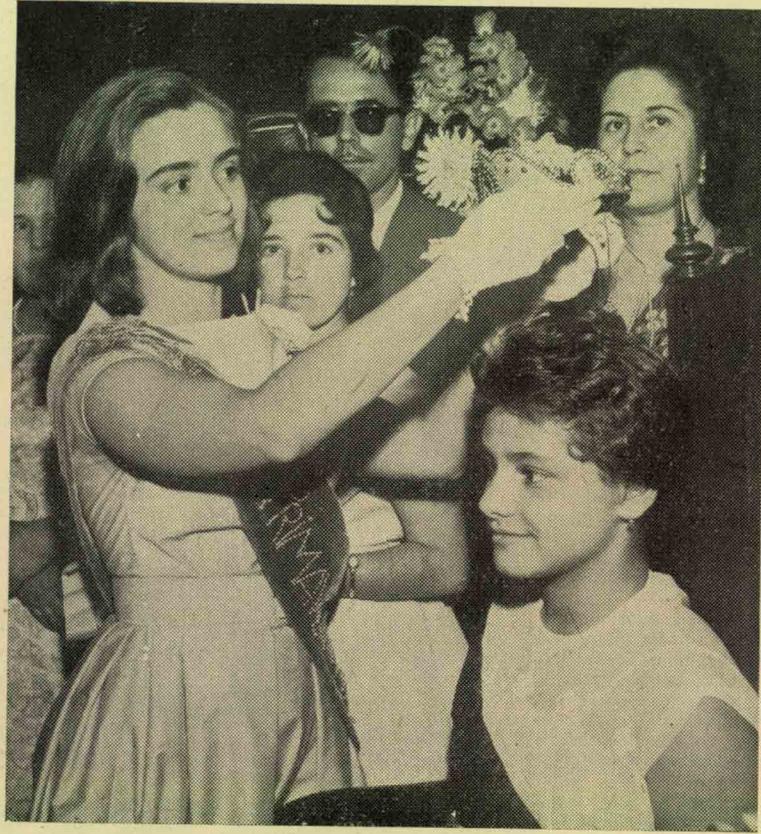
Retornando ao Brasil, sua terra natal, pois nasceu em Passagem de Mariana, neste Estado, Pe. Flávio D'Amato — doutor em Filosofia, Teologia e Direito Canônico — veio ser professor em Belo Horizonte, onde residiam seus pais, ainda hoje vivos. No ano de 1938, foi nomeado Vigário da Matriz de Santo Antônio.

(Continua na pag. 51)

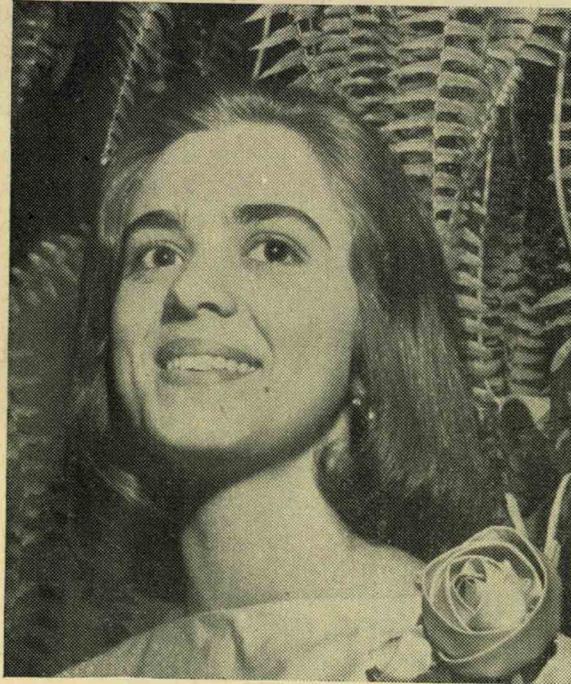
Maria da Conceição Cardoso Pena, representante das classes dos fazendeiros e ruralistas, eleita Rainha da Primavera de 1959.



## Festa da Primavera



Roxane Campolina Marques, Rainha da Primavera de 1958, coroa a nova Rainha, Maria da Conceição Cardoso Pena.



Roxane Campolina Marques, Rainha da Primavera de 1958.



Vera Lúcia Dutra Reis, representante das classes liberais.

nie, de Sete Lagoas, cidade onde granjeou, através de extraordinária atividade, a admiração de seus paroquianos, que hoje o veneram. E ei-l-e, pouco tempo depois, como inspiador e realizador, à frente do movimento para criação da Diocese de Sete Lagoas, num trabalho ingenho e ininterrupto, coroado de pleno êxito, através da constituição do patrimônio diocesano indispensável, e do drama da construção do Palácio Episcopal, hoje imponente nas suas linhas sóbrias e confortável na beleza de suas instalações internas.

Pois foi esse apóstolo da religião católica que criou, em Sete Lagoas, uma festa anual na primavera, com a finalidade de homenagear a beleza feminina da mocidade setelagoana para benefício da infância desamparada daquela região mineira.

A terceira Festa Municipal da Primavera realizou-se, em outubro último, em Sete Lagoas, conseguindo ultrapassar o êxito das anteriores, graças à união de figuras representativas da sociedade da próspera cidade mineira, cuja população, revelando louvável compreensão, reconhece e aplaude a obra meritória do seu grande amigo e sacerdote.

Essa compreensão, sentimo-la nós quando, vibrando também à grandeza da finalidade da sua Festa de Pri-

mavera, confessamos ao povo setelagoano, através da Rádio Cultura de Sete Lagoas, a nossa surpresa: — encontrar, na figura encantadora daquele representante da Igreja Católica, a razão da eternidade de sua religião, que nela se espelha através da obra humanitária que realiza a favor da infância órfã, de que se tornou, sem dúvida, o pai espiritual.

Chegamos, mesmo, a nos comover à evidência do profundo sentimento paternal que o une às suas cento e trinta filhas adotivas, cujas risadas contínuas, expressando intima alegria, ressoam no casarão da Creche «Regina Apostolorum», enchendo-lhe de luz a alma cinqüentária e iluminando-lhe o sorriso inconfundível...

A obra assistencial do Padre Flávio D'Amato — o Instituto Setelagoano de Menores — é o grande espelho no qual nossos homens públicos — dirigentes e legisladores — deveriam contemplar, envergonhados, a grandeza espiritual de uma vida, tóda ela dedicada, num holocausto heróico, à recuperação e orientação cristãs de existências que constituirão, pela sua formação, fator de segurança moral para o Brasil de amanhã.

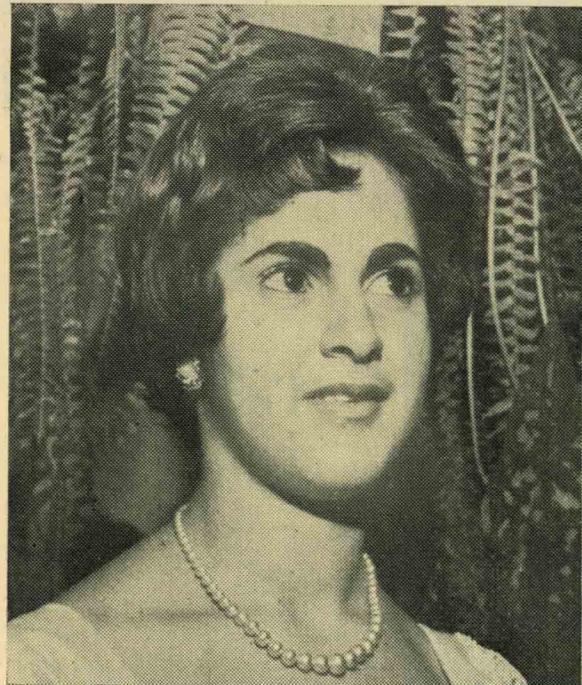
A obra se subdivide em setores

distintos, cuja significação sentiremos através apenas de sua enumeração, que se impõe: Obra do Berço «Maria José Vasconcelos», Creche «Regina Apostolorum», Lactário Popular, Jardim da Infância, Casa da Criança, Aprendizado da Beneficência Vicentina, Escola Doméstica «João Chassim e Srª», Escola Técnica Profissional Feminina, Policlínica Infantil, Escola Gráfica «Anielo D'Amato», e Escola Comercial «Padre Flávio D'Amato».

O semanário «Alvoradas», órgão oficial do Instituto, talvez seja, no Brasil, o único jornal composto, paginado e impresso por meninas: algumas fotos nesta reportagem as surpreendem em pleno trabalho de composição, paginação e impressão, numa advertência de que, até na arte gráfica, a mulher já estará, muito breve, fazendo concorrência ao homem...

As outras fotos nos oferecem, através da mocidade das eleitas, a beleza da Terceira Festa Municipal da Primavera, cuja realização justificou a generosa cooperação da sociedade setelagoana através de suas classes representativas — liberais, ferroviária, industrial e comércio, fazendeiros e ruralistas — cujas comissões se desdobraram num

(Continua na pag. 53)



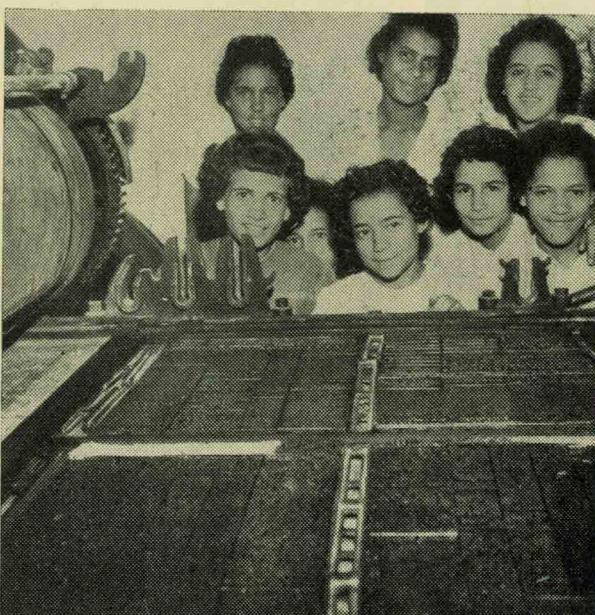
Marlene Nascimento Vieira, representante da classe ferroviária.



Celma Geralda Schreiber, representante das classes industrial e comercial.



«Alvorada», órgão oficial do Instituto, é impresso nesta máquina pelas meninas que já a conhecem através de anos de impressão contínua.



## Festa da Primavera

Pronta a paginação do «Alvorada» agrupam-se as «paginadoras» e «impressoras» num sorriso coletivo de alívio e satisfação pelo trabalho realizado.



O serviço de composição do jornal se realiza diariamente, alternando-se as «compositoras» nos segredos da arte que sempre foi privilégio de homens...

esforço que é reflexo do elevado conceito de que goza a benemérita promoção anual.

Não seria possível, numa simples reportagem, retratar a grandiosidade da obra do sacerdote mineiro que, vibrando num entusiasmo contagioso, confessa sómente encontrar na assistência aos menores desamparados a razão de ser de sua vida, que poderia, agora afirmamos nós, por força do valor mental que mais a enriquece, alcançar a projeção social que é o objetivo geral dos homens, mas que, no sacerdote de Sete Lagoas, não constitui preocupação.

— A Festa Municipal da Primavera — informou-nos, eufórico, Pe. Flávio D'Amato, quando nos despedímos, após um dia de satisfação espiritual — alcançou, ple-

namente, sua finalidade: a aproximação das autoridades e classes sociais às obras subordinadas ao Instituto Setelagoano de Menores. Senti que sua realização despertou o interesse popular para o «Pronto Socorro Infantil», cuja construção, orçada em seis milhões de cruzeiros, iniciaremos, agora, quando o resultado da festa alcançou quase quinhentos mil cruzeiros. O «Pronto Socorro Infantil», com lacatório e berçário modernos, dará assistência médico-hospitalar aos menores internos e externos, contando, ainda, com consultório pré-natal para gestantes.

E olhando, súbitamente triste, o céu que se enfeitava de estrélas:

— Pena é a precariedade do au-

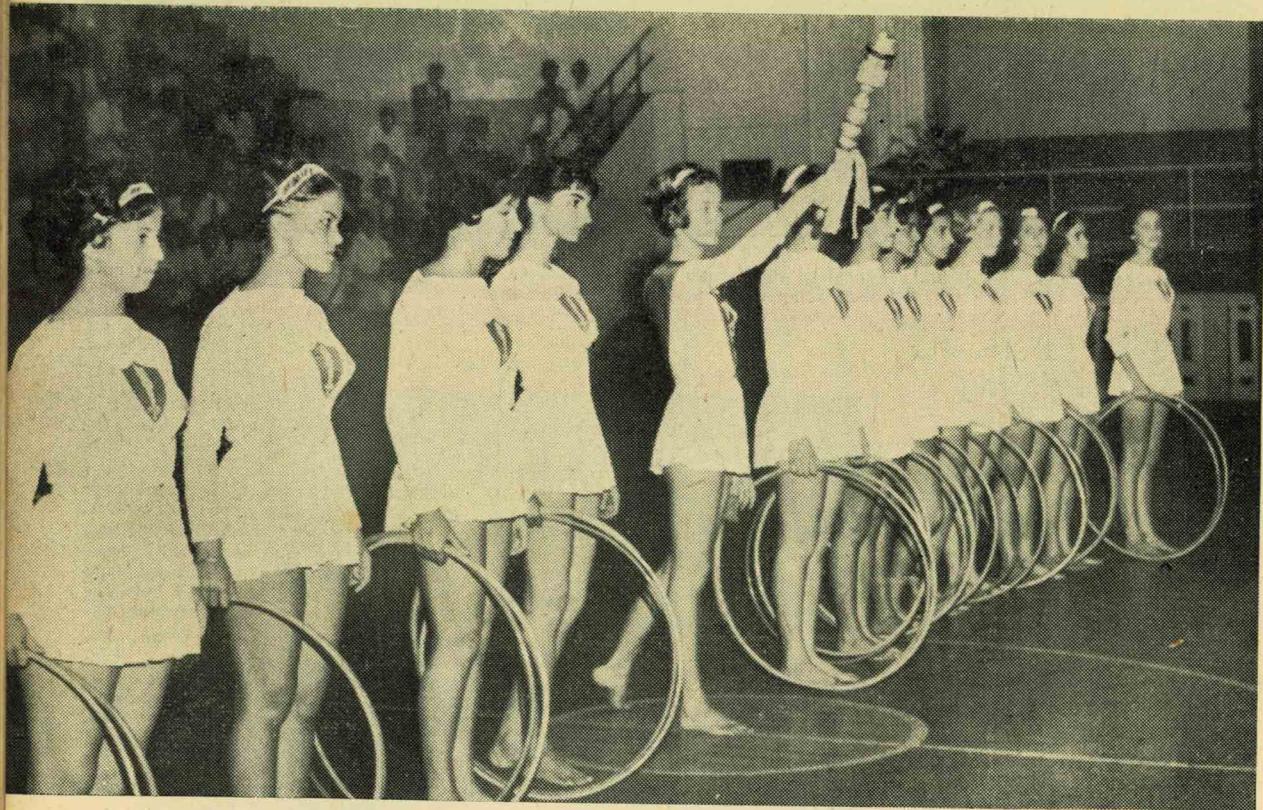
xílio governamental, porquanto pouquíssimo ou quase nada recebemos em contribuições sempre atrasadas. Justiça façamos à Legião Brasileira de Assistência, que nos auxilia mensalmente, e também ao Estado, cuja contribuição em pagamento pela internação de menores é sempre paga, embora com grande atraso. Recebemos, também, leite em pó, através da Campanha da Merenda Nacional. Agora, surge uma esperança: firmamos acôrdo com a Secretaria do Interior, que nos pagará mil cruzeiros por menor internado, acôrdo iniciado em agosto último. Quanto ao apoio da Prefeitura Municipal, tem sido minguardo, aliás, de acôrdo com as suas precárias pos-

(Conclui na pag. 111)

# A II GINÁSTICA FEMININA DA PRIMAVERA

— *espetáculo de beleza e eugenia*

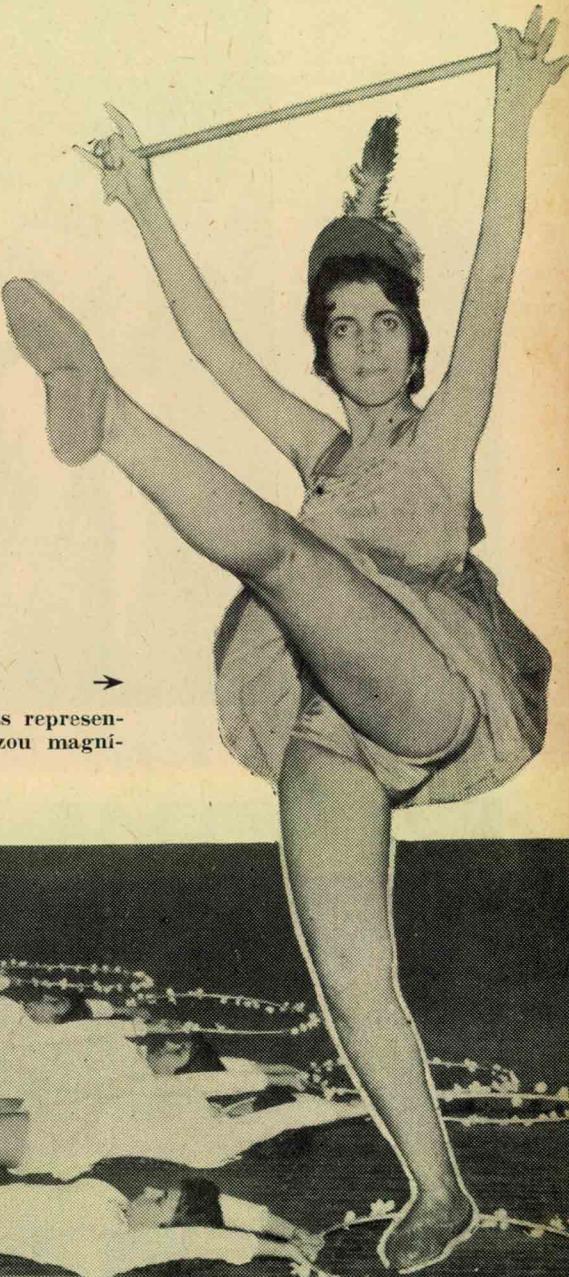
Fotos de NIVALDO CORRÉA



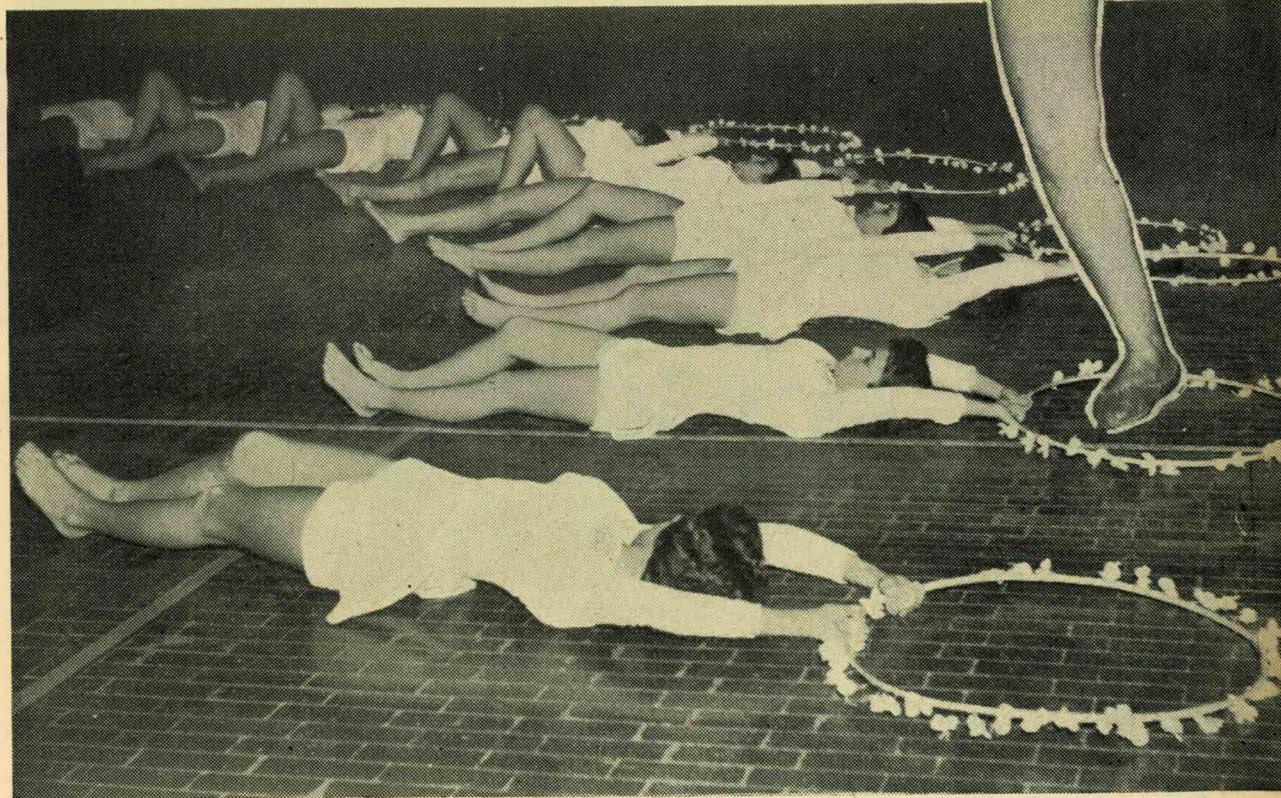
O Colégio Izabela Hendrix apresentou jovens que revelaram elegante destreza em todos os seus números, sucessão de quadros coreográficos admiráveis.

A II Ginástica Feminina da Primavera, realizada em outubro último, no Ginásio Paisandu, numa louvável promoção do «Estado de Minas», Diretoria de Esportes, Escola de Educação Física de Minas Gerais, Federação Mineira de Ginástica e Inspetoria de Educação Física — resultou num inesquecível espetáculo de beleza e eugenia.

A ginástica rítmica alcançou, por vezes, a plenitude de sua beleza coreográfica através de números em que se harmonizaram o elemento plástico — encantadoras jovens de corpos elásticos — e a graça



Ubá, a próspera cidade mineira, brilhou através de suas belas representantes, destacando-se, entre elas, a jovem baliza que realizou magníficas evoluções.



A ginástica de arcos floridos constituiu um número de esplêndido efeito coreográfico executado pelas lindas garotas de Ubá.

## Ginástica Feminina



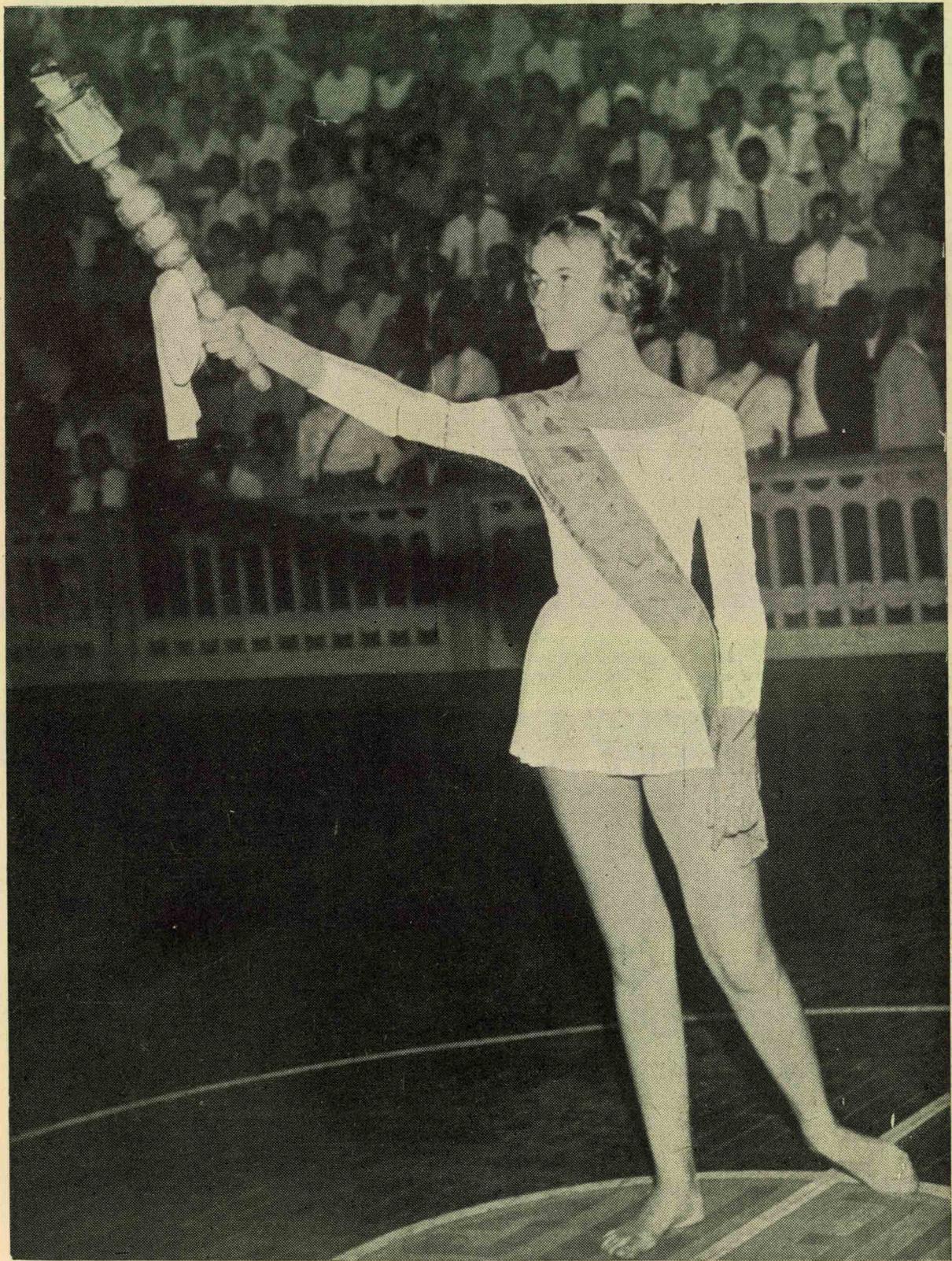
A baliza ubaense foi espetáculo à parte, atraindo a atenção geral e merecendo aplausos contínuos pelas suas evoluções.

envolvente dos motivos e seus complementos florais.

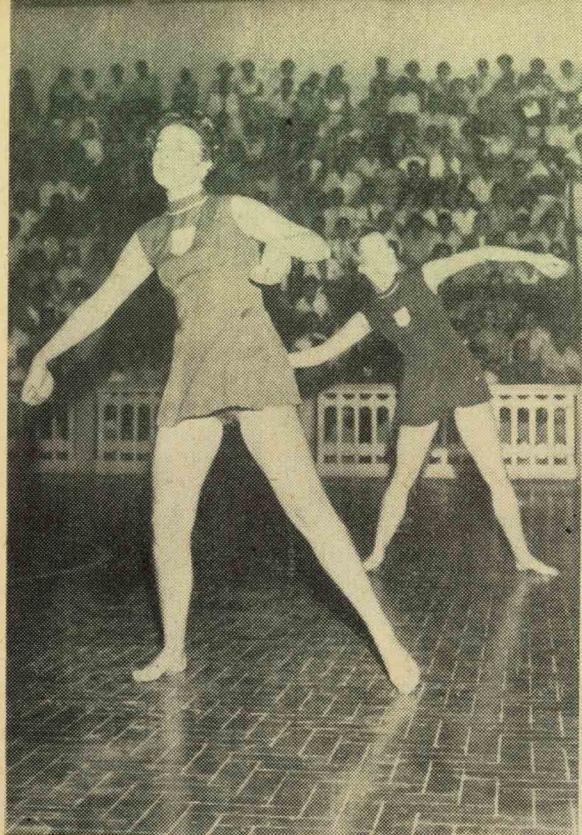
Aos olhos encantados do grande público que acorreu para prestigiar as equipes integrantes — desfilaram, em números aplaudidos, jovens que bem expressam, na exuberância de seu aprimoramento físico e beleza feminina, o esplendor da nova geração brasileira.



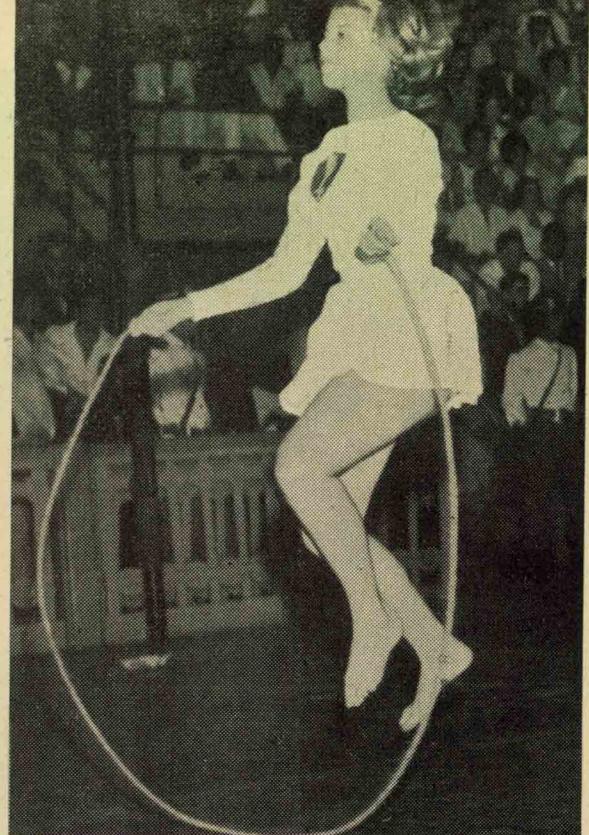
Maravilhoso instante coreográfico no número dos arcos floridos em que a beleza e a elegância das jovens ubaenses se manifestaram para encantamento geral.



O Izabela Hendrix, conhecido educandário mineiro, fêz-se representar por uma equipe homogênea. Uma de suas alunas eleva a «chama olímpica» sob os aplausos da assistência.



Dirigida pela prof<sup>a</sup> Ilona Peuker, a equipe carioca exibiu-se a contento geral, merecendo os quentes aplausos que receberam suas encantadoras representantes.

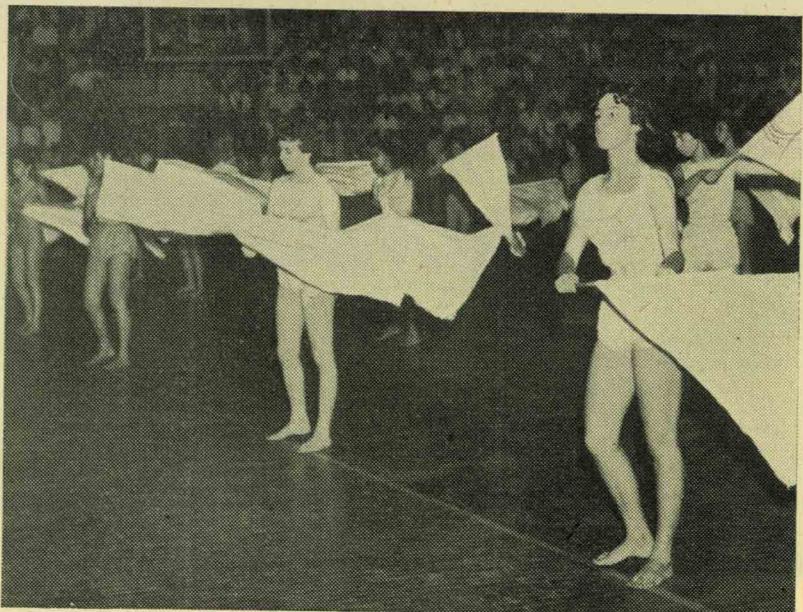


Graça rítmica caracteriza as evoluções desta jovem loura do Izabela Hendrix pulando corda, numa revivescência da infância ainda bem próxima...

## Ginástica Feminina

Tôdas as equipes se caracterizaram pela homogeneidade de movimentos coreográficos e alto índice de beleza física, numa comprovação dos benéficos resultados da ginástica moderna.

Foi, na realidade, festa de eugenia e beleza, evidencian-  
do a eternidade da legenda helênica: *mens sana in cor-  
pore sano*, que deveria ser o  
roteiro da mocidade universal  
para a elevação espiritual dos  
povos.



O Colégio Anchieta, apresentando-se com setenta figuras, constituiu-  
se numa das atrações da noite. O número das bandeiras provocou  
justos aplausos.



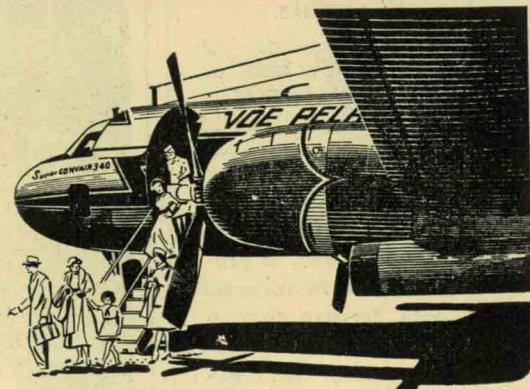
*Ela sabe:* **Ele volta mais depressa  
voando nos novíssimos Super-Convair da Real**

... E chega mais descansado, também, para os abraços da família! Os novíssimos Super-Convair especialmente construídos para a sua Real oferecem o máximo em conforto e precisão de vôo. São aviões ultra-modernos que têm: 1) mais força nos motores do que 3 locomotivas Diesel que puxam 30 vagões; 2) Cabine pressurizada para evitar diferenças de pressão; 3) Hélices de passo reversível e trem de aterrissagem com rodas duplas, para maior suavidade nos poucos.

Sempre presente quando Minas precisa de seus serviços.



Rua Espírito Santo, 647 - Tel. 4-8200



- 7 vôos diários para o Rio
- 2 vôos diários para São Paulo
- 2 vôos semanais para Salvador e Recife



O CAMPEÃO DA AVENIDA, o Campeão das Sortes Grandes, vendeu :

**DA MINEIRA, EM 9-10-59 :  
28658 COM 2 MILHÕES**

28.657 com 50 mil — 28.659 com 50 mil — 15.012 com 60 mil

3 grandes prêmios da Mineira, em 16-10-59 :

**9.849 com 1 MILHÃO**

3.848 com ... 200 mil

4.689 com ... 100 mil

e, em 23-10-59, 6 grandes prêmios da Mineira :

**6.192 com 2 MILHÕES**

9.845 com 1 MILHÃO

14.247 com ... 300 mil

18.632 com ... 60 mil

6.191, com 50 mil — 6.193, com 50 mil

**Sortes Grandes ?**

**CAMPEÃO DA AVENIDA e...  
não se discute**

Avenida 770 e Praça 7

#### MUSEU DO OURO

Documentação histórica e artística do Ciclo do Ouro em Minas Gerais.

Aberto diariamente das 12 às 17 horas. (Fechado às 2<sup>as</sup> feiras para limpeza).

Aumentar o alistamento eleitoral é trabalhar pela grandeza do Brasil. O próximo pleito, em Minas e no País, será decisivo para o futuro da Nação. Votar conscientemente, em homens dignos, é o nosso maior dever cívico e a única arma de que dispomos para assegurar um futuro melhor aos nossos filhos.

## O Mineiro de Maroim Dá a Vida...

Continuação da pag. 41

dato Maia, advogado no Rio, que foi deputado federal por Sergipe e quem, primeiro, no Brasil, apresentou lei trabalhista ao Instituto de Advogados. Faleceu como Procurador Geral do Trabalho.

"No Rio, no Colégio Pedro II, terminei o meu curso ginásial e ingressei na antiga Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, na Rua do Catete. Dirigia a velha faculdade o Conde Afonso Celso; estávamos em 1919. Depois, a minha Faculdade se uniu à Livre de Direito, no Campo de Santana. As duas formaram a Faculdade Nacional de Direito.

#### Doce lar

Alberto Deodato pára. Volvendo-se para Dona Maria Augusta, ao seu lado, revela :

— Minha esposa é do Estado do Rio, de Campos. Conneci-a estudante de piano no Conservatório Nacional de Música, Campos, sua terra, dá açúcar. Sergipe, a minha, também. Resultado: isto que você está vendo — doce lar — seis filhos e, por enquanto, vinte e três netos...

E' contagiente a afetividade do casal Deodato. Ambos asseguram ao repórter que a harmonia caseira é perpétua. Todos os gestos e atitudes são comunicadas um

ao outro, que acede com magnanimitade. E' assim que élê pede licença para mostrar-nos as raras obras de sua biblioteca doméstica e Dona Maria Augusta pergunta se pode retirar-se. Com sua irrefreável eloquência, Alberto Deodato vai mostrando quadros, raridades bibliográficas, prataria incisa, porcelana chinesa e "recuerdos" da viagem à Espanha. Cada um tem sua história. Ainda na sala de estar, o mestre detém-se diante de um pequeno quadro a óleo. Mira-o longamente e por fim revela :

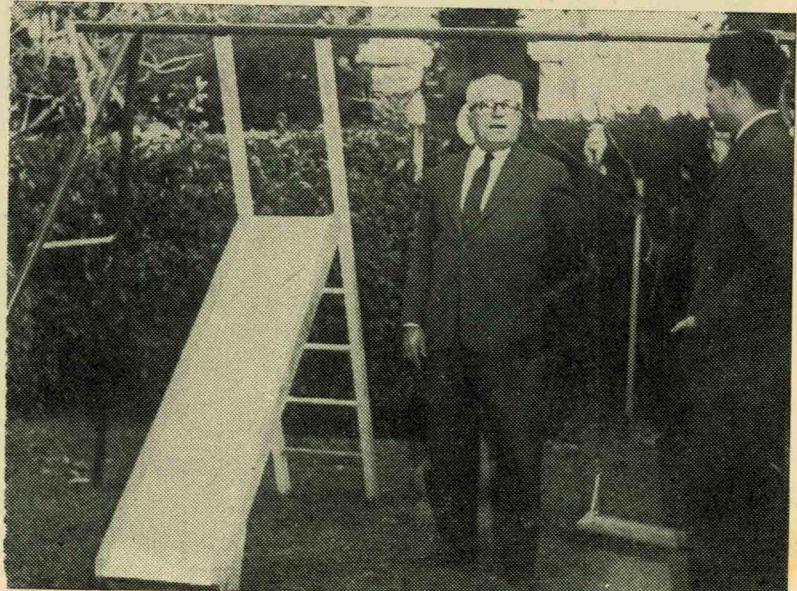
— Foi aqui que vim ao mundo. Era uma fazenda típica do Nordeste.

Por uns momentos Deodato esquece Belo Horizonte, cidade que adotou de coração e pela qual disse que é capaz de sacrificar a existência.

De novo no alpendre, retoma a conversa, interrompida.

*Perdeu o Brasil um marinheiro*

— Os meus primeiros impulsos foram românticos. Achava bonita a farda da Marinha. Achava que viver só no mar era fantástico. E quis ser oficial da Marinha. Avalie se eu fôsse?... Quantas prisões? Que fôlha de serviços, miserável por insubordinação!



Na residência de Alberto Deodato só falta o rio para parecer Maroim, pois tem cajueiro e coqueiro, importados. Mas tem «play-ground» para as trquinagens dos netos.

E, também, por ser romântico, fui ser bacharel. Na minha juventude, em Sergipe, estudante de Direito era quem recitava, nos serões, ao som da Dalila...

Deodato dá um salto, no tempo e na conversa :

— Você me fala em pena de morte ? Só louco pode pensar nisso. Imagine você um udenista, em júri por crime de morte, julgado por um Conselho de petebista, num arraial sertanejo ! Em meia dúzia de júris, acabava o partido... E o êrro judiciário ? E a precariedade das testemunhas e das confissões ? E o caso recente de Araguari ?

E' sua forma brincalhona de tratar problemas sérios.

— Fidel Castro ? Só o justifica quem descende de Espanha e não de Portugal. O espanhol é assim mesmo. Não sabe do episódio de Narvaez, Governador-Geral de Cuba ? Ao tomar a extrema-unção, lhe pediu o padre que perdoasse os seus inimigos :

— "Não os tenho, Sr. Cura. O último, mandei fuzilar ontem..."

#### Pego pela política

— Não entrei na política. Ela

me pegou. Fui vereador mais por amor a Belo Horizonte que por apêgo à política. Certa tarde, depois, Pedro Aleixo, na Ditadura, me levou, no Forum, um papel para eu assinar :

— "E' contra ?

— "Claro. E' o Manifesto dos Mineiros !

— "Não li. E assinei. Daí para cá, nunca mais pude sair dela.

Fui deputado estadual e, depois, federal. Fui, afinal, na reeleição, derrotado".

— Por que fui derrotado ?

Deodato é uma caudal de eloquência. Antecipa o pensamento do repórter.

— Meu amigo : só há uma resposta a essa pergunta a qualquer candidato derrotado : o que me derrotou foi ter eu menos votos que o último candidato eleito...

— Não me arrependo da curta carreira política. Encontrei, no meu partido, que é a U.D.N., e no Parlamento, os melhores homens que tem o País. E fique certo : o Parlamento Brasileiro é dos melhores do mundo : tem todos os defeitos.

— Continuo político. Não sou, en-

tretanto, candidato a mais coisa nenhuma. Confesso a você que nós, os autores da revolução intelectual contra a Ditadura, já estamos superados. Precisamos dar lugar aos mais novos, que mais se adaptarão à vida política contemporânea".

Apesar do desencanto, o político Deodato não se furtou a opinar sobre um dos mais ventilados problemas da atualidade :

— Reforma agrária ? Fui relator de todos os projetos sobre a questão. Todo brasileiro deve ter um palmo de terra. Mas só se deve tomar de quem já a tem, quando ficar provado que essas terras ficaram incultas por desídia exclusiva do proprietário. Quem tem terras cultiváveis, assistência do governo, mercado próximo, e não as cultiva, não tem o direito de possuí-las.

#### Literatura e adjacências

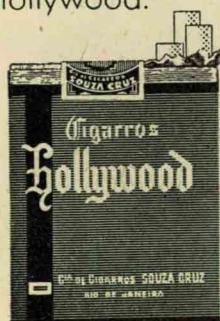
— Na verdade, as minhas atividades intelectuais são múltiplas. Escrevo para os jornais, diariamente. Tenho livros publicados e em preparo. Um livro didático de finanças, em sétima edição.

(Conclui na pag. 110)

partilham do mesmo encantamento...

do mesmo querer bem... e, naturalmente,

do mesmo maço de Hollywood.



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ



As senhoritas Maria da Conceição Lemos, Marli Marques, Dagmar Canedo e Luiza de Marilac Almeida, concorrentes ao título «Miss Elegante», aguardam, serenas, o julgamento.

# GENTE NOVA NA CIDADE ANTIGA

Texto e fotos de ARISTIDES RORIZ

**A senhorita Deralda Pinheiro sorri, confiante, na passarela.**

MARIANA, a tradicional cidade mineira, viveu uma distinta noite de elegância, em outubro último, quando o salão do Clube Marianense se abriu, festivamente, para a realização de um desfile feminino de modas.

Concorreram ao título de «Miss Elegante» doze candidatas selecionadas entre as jovens representantes da beleza da mocidade Marianense, cujo desfile, na passarela, diante dos olhos encantados da sociedade local, constituiu acontecimento inédito na cidade e perturbou os membros da comissão julgadora cuja tarefa não foi fácil...

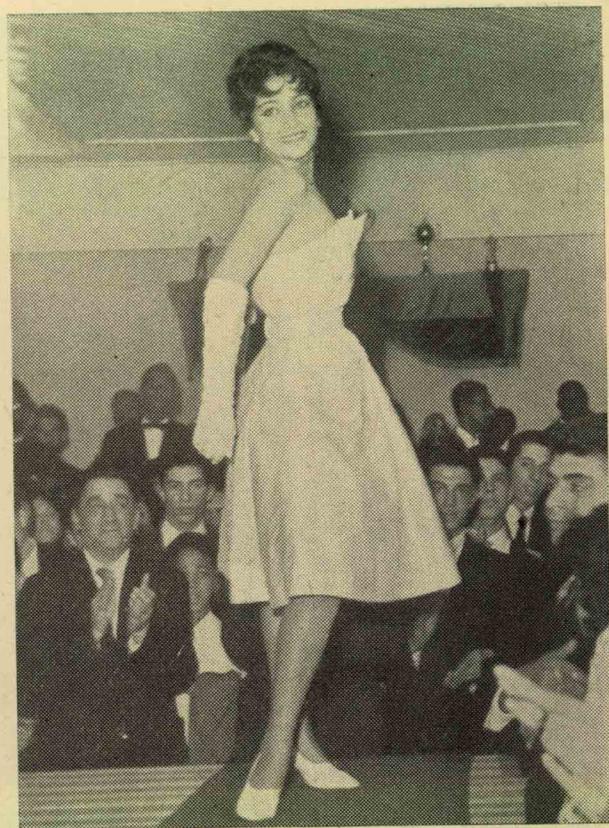
Beleza, graça e elegância se refletiram, harmoniosamente, nas jovens Marianenses que desfilaram em tualetes que tentaremos descrever:

Deralda Pinheiro, num elegante vestido de *soirée* curto em xantungue amarelo e complementos brancos.

Maria José Breyner, num traje de passeio confeccionado em **surah** de algodão azul, com estampa de várias cores em mosaico original, trazendo, ainda, gracioso bolero. Sapatos de pelica branca.

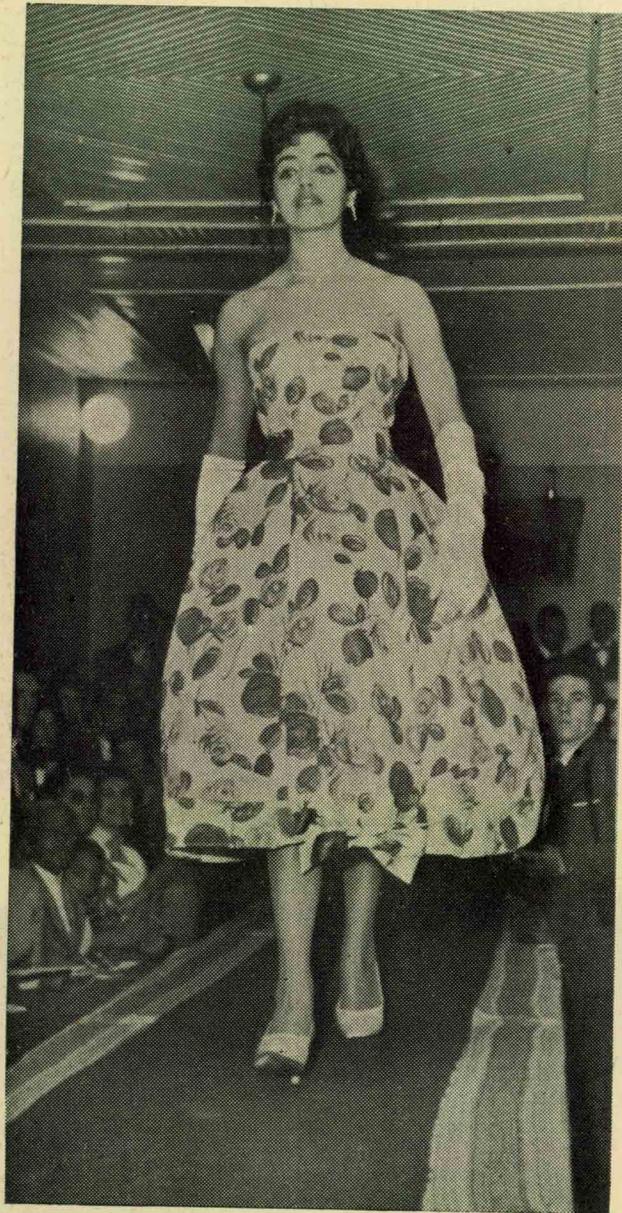
Maria Venuta, num moderno vestido linha balão, branco, com grandes estampados nas cores verde e marrom, e complementos brancos.

Luiza de Marilac Almeida, num vestido de *soirée* de organdi branco com enorme estampado em tom havana, li-



**A senhorita Maria Auxiliadora Baêta, recebe, tranqüila, os aplausos.**





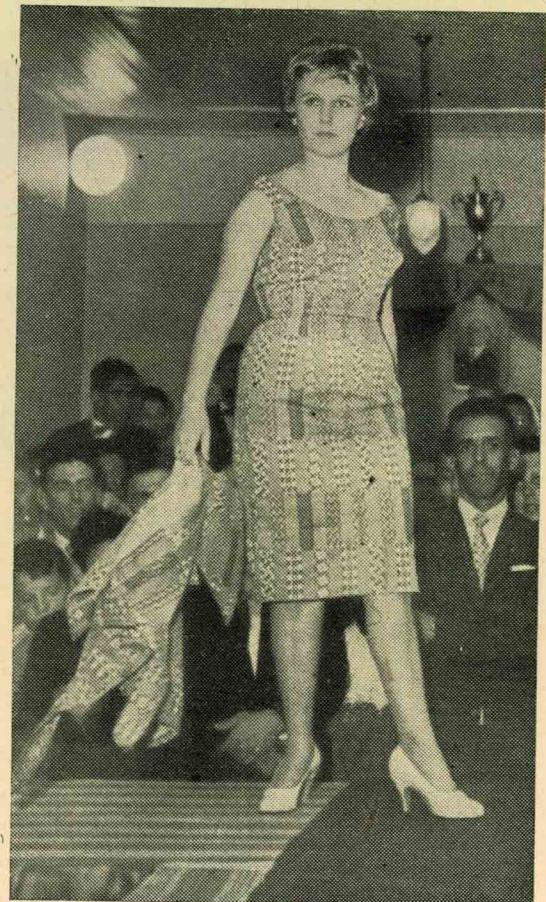
A senhorita Maria Venuta deslisa, imperturbável, pela passarela, conquistando palmas.

A senhorita Maria José Breyner, louríssima, retirou o bolero e recebe os aplausos da assistência.

## Gente Nova na Cidade Antiga

nha princesa com enorme capa acompanhando o comprimento da parte das costas. Sapatos do mesmo tecido, luvas brancas, muito elegantes.

Maria da Conceição Lemos, num gracioso vestido de passeio, com estampado em listras de fundo branco e flores rosa. A blusa apresentando quatro golas de organdi branco, tornando o modelo original. Complementos de pelica branca.



A senhorita Janete Nahim, já ostentando a faixa de «Miss Elegante», num sorriso que bem reflete a íntima alegria.

15  
Marli Marques, num sumtuoso vestido, a rigor, em tom vibrante de azul piscina: modelo complicado e original. Sapatos do mesmo tecido do vestido e luvas de pelica branca.

Maria Auxiliadora Baeta, num traje de passeio, ramos grandes estampados em fundo branco, e bolero decotado. Vestido de alça, simples, com laço na saia, muito original.

Janete Nahim, eleita «Miss Elegante», num modelo muito trabalhado e vistoso, confecionado em organdi de três tons de rosa. Vestido *soirée* curto, sapatos de cetim rosa, luvas de pelica branca.

Dagmar Canedo, num modelo *soirée* de organdi estampado, branco e grandes florões onde predomina o verde. Estilo linha Império. Sapatos de cetim verde, luvas de antílope no mesmo tom.

A escolha da «Miss Elegante» de Mariana foi pretexto agradável para que se reunissem, no Clube Mariannense, as figuras representativas de sua sociedade, para aplaudir as lindas siluetas da gente nova que está embelezando a cidade antiga...

Agora, a valsa clássica, festejando a vitória, e o mesmo sorriso revelando o encantamento de Janete...



TESTE

DE ONDE  
VEM  
ESSA GENTE?



«SÃO os do norte que vêm» — diz lá o poema famoso de Manuel Bandeira, a propósito do verdadeiro exército de gente que desce para o Sul, procurando melhores dias. Alguns vão, vencem, são vencidos, ficam ou regressam. Alguns apenas mandam, preferindo ficar lá nas suas terras, e gozar da glória à distância. Lembrando disso foi que preparamos este teste, onde, todavia, não figuram apenas os do norte. Há gente de todos os pontos do Brasil e o leitor se limitará a colocar, diante do nome de cada um dos escritores famosos, alguns vivos, outros já desaparecidos, mas todos contemporâneos, o número correspondente ao seu estado natal, que aparece na segunda coluna. E, para tirar dúvidas, consulte as soluções certas, ao pé da página.

- |                         |                      |
|-------------------------|----------------------|
| A. Érico Veríssimo      | 1. Paraná            |
| B. Graciliano Ramos     | 2. Rio Grande do Sul |
| C. Jorge Amado          | 3. Minas Gerais      |
| D. Guimarães Rosa       | 4. Pernambuco        |
| E. José Lins do Rêgo    | 5. São Paulo         |
| F. Guilherme de Almeida | 6. Ceará             |
| G. Rachel de Queirós    | 7. Bahia             |
| H. João Condé           | 8. Paraíba           |
| I. Temístocles Linhares | 9. Espírito Santo    |
| J. Rubem Braga          | 10. Estado do Rio    |
| L. Marques Rebelo       | 11. Goiás            |
| M. Mário Rizério Leite  | 12. Distrito Federal |

SOLUÇÕES

I — 1; J — 9; L — 12; M — 11;  
A — 2; B — 8; C — 7; D — 3; E — 4; F — 5; G — 6; H — 10;

Esperança Tem Enderêço...

Continuação da pag. 29

influência dêle. A mãe, porém, nunca o aconselhava a ser padre, conquanto, no íntimo, se sentisse satisfeita se Monsenhor Messias «tivesse vocação». Mas D. Silvério teve influências. Uma vez, o menino Messias perdeu o sono, às vésperas de encontrá-lo, em Alto do Rio Doce.

— «Como seria D. Silvério?» — imaginava.

Por certo, seria um homem grande, muito maior que os outros e que trajava de forma estranha. Pura imaginação de um menino: D. Silvério apareceu-lhe como uma pessoa de tamanho comum e Monsenhor Messias lhe disse que queria ser padre. Por isso, não se esquece nunca desse encontro, porque em 1912, D. Silvério arranjou-lhe um lugar no Seminário de Mariânia. E o então seminarista lembra agora, sorrindo com uma ponta de saudade, que a mãe lhe enviava de vez em quando quinhentos réis. Era pouco — diz — mas esses quinhentos réis faziam a sua grande alegria.

Num dia de 1912, com 24 anos, e com a mãe chorando de alegria, ele passou a ser o Padre Messias.

VIGARIO DO INTERIOR, AMIGO DE DUAS LEPROSAS

Então, Monsenhor Messias foi ser vigário no interior. Dessa época tem lembranças boas e lembranças más. Durante três anos, esteve em cidades como Resende Costa, Perdões, Alto Rio Doce e Sete Lagoas.

E entre as lembranças más está a agressão física que sofreu uma noite, ao sair da igreja de uma cidade que ele não quis mencionar. O motivo: combatia o carnaval com veemência e justamente um dos mais importantes chefes políticos locais era o organizador dos festejos de Momo. Ao ser agredido, Monsenhor Messias caiu, mas ao se levantar, nem sequer limpou a batina empoeirada: seguiu rezando para casa. Anos depois, quase à morte, o agressor temia levar para o túmulo o remorso e escreveu a Monsenhor Messias pedindo perdão.

— Eu não tinha o que perdoar: errar é humano.

Entre as lembranças boas (e Monsenhor Messias tem um sorriso especial ao recordá-las) há as homenagens, os foguetes, o abraço dos amigos no dia de seu aniversário. Certa vez, porém,

(Conclui na pag. 68)

# humor

BARA

FOURRURES



A vida em comum é uma grande prova de amizade; os donos da casa, em lugar de fazerem os seus convites impensadamente, deverão dirigir-lhos sómente às pessoas com as quais gostem de manter relações.

Se temos obrigações para com pessoas maníacas ou rabugentas, valerá mais procurar uma outra maneira de lhes sermos agradáveis. Reúnem-se vários convidados? Escolher-se-ão de tal maneira que elas possam simpatizar, partilhar os mesmos prazeres. Não se convidará uma senhora de gostos muito simples ao mesmo tempo que uma senhora muito mundana e um pouco desdenhosa. Evite-se reunir adversários políticos. Se se convida uma pessoa doente ou cansada, tem de se estar resolvido a prestar-lhe todos os cuidados necessários, a servir-lhe só os pratos que a sua dieta permite, a conceder-lhe as suas horas de repouso, todas as suas comodidades.

Uma criatura sensata, quando se hospeda entre amigos, procura não se tornar um incômodo permanente para os anfitriões. Evitando modificar os hábitos alheios, evitará também congestionar a rotina doméstica: não usará salas que estejam fechadas, não ocupará o banheiro por muito tempo (sua «toilette» deverá ser feita no quarto), não atrasará as refeições, não exigirá saídas freqüentes da dona da casa, não abusará da boa vontade dos criados, sobrecarregando-os de ocupações, enfim, procurará não tolher a liberdade alheia. Todos os objetos que usar, em qualquer apenso da casa, deverão ser devolvidos a seus lugares e à sua primitiva ordem.

## BOM-TOM DA HOSPITALIDADE

Stella Marina



Procurar conhecer o gosto de um hóspede, da forma mais discreta, é missão dos anfitriões, no que podem mostrar seu tato. Embora haja entre elas bastante intimidade e se possa, por isso, perguntar-lhes diretamente quais as suas preferências, usando de uma certa discrição sempre é mais distinto e educado.

Nunca deixe de fornecer à pessoa que pernoite em sua casa sabonete, algodão, etc. Se a pessoa não tinha intenção de passar a noite, ou esqueceu a sua escova de dentes, é ótima surpresa encontrar no banheiro um pacote de escovas de reserva para hóspedes e um pequeno tubo de pasta.

Para que os convidados se sintam bem em nossa casa, é preciso deixá-los em liberdade, embora desejando a sua presença. Durante a sua permanência, todos os aborrecimentos domésticos deverão passar despercebidos, será preciso que o serviço pareça fazer-se como de costume.

Não se é obrigado a fornecer aos convidados distrações extraordinárias, mas de tempos a tempos organizar-se-á um passeio, um lanche, se se tem um carro dar-se-á prazer aos convidados levando-os aos bonitos sítios da região.

Os hóspedes devem vigiar os seus filhos, quando estes também se hospedam em casa dos seus amigos. Se estes últimos têm filhos, devem evitar que os seus os levem a fazer qualquer maldade. Ficam pessoalmente responsáveis por todos os atos de seus filhos.

Quando chove, uma dona de casa, bem equilibrada, sabe procurar prazer para todos: a dança, as charadas, os jogos de sociedade, a música, encantarão novos e velhos, além da televisão e o noticiário do rádio.

O hóspede bem educado não abusa de sua posição sob nenhum pretexto. Não está ele isento de prestar atenção aos donos da casa, nem poderá fazer vida à parte. No caso de ser parente dos hospedeiros, é necessário que, na medida do possível, procure facilitar o trabalho alheio, diminuindo os encargos que sua presença cria.

## Esperança Tem Enderêço...

Conclusão da pag. 66

Ele esqueceu tudo isso: fôra a uma fazenda e descobriu, numa casa abandonada, duas leprosas. Uma, paralítica, movia-se com o auxílio da outra. Monsenhor Messias quis levar-lhes conforto espiritual e decidiu passar todo aniversário com elas. Confessa que, de noite, quando conversavam, sua alegria era maior que a de ver os foguetes subirem ao ar e rebentarem em lágrimas, que a de ouvir a banda de música tocando em sua homenagem.

Só em 1937, quando veio para BH, deixou de comemorar o aniversário no convívio das duas leprosas.

## HÁ DEZ ANOS PARALÍSIA PRENDE MONSENHOR MESSIAS

Como diretor espiritual do Seminário de BH, Monsenhor Messias fundava, pouco depois, o Convento das Carmelitas. Sua atividade (como sempre) era espantosa: até lata dágua, se precisei na construção do convento, Monsenhor Messias não vacilava em carregar. Tinha sessenta e um anos, e por isso, tais excessos eram condenáveis. O desfecho: caiu doente, paralítico das duas pernas e da mão esquerda. Só lhe restou a mão direita, e com ela, abençoava aos que o procuravam.

Diz um rapaz de 20 anos, Nelson Firmino, que nunca Monsenhor Messias se queixa.

— Eu lhe faço companhia, durante o dia e a noite. Para se mover na cama, Monsenhor faz um sacrifício enorme. Sente dores e o cansaço da idade, mas está sempre disposto. Atende aos telefonemas, às pessoas que querem a sua bênção pessoalmente e tem um sorriso permanente nos lábios...

Por causa da paralisia, Monsenhor Messias almoça e janta na cama e seu único passeio consiste em ir, na cadeira de rodas, de sua casa até o Convento das Carmelitas, que fica perto. Para todos, porém, tem uma palavra de esperança, ou um conselho. Se alguém é casado diz: — «Seja sempre um bom marido». Se solteiro, aconselha: — «Precisa se casar. Mas não olhe beleza e riqueza. Busque a virtude». E quando uma pessoa quer casar com uma moça bonita e o diz a Monsenhor, ele ri, dizendo:

— Também não aconselho nenhuma a casar com moça feia. Nada melhor que beleza e virtude reunidas.

MÃO DIREITA DE MONSENHOR FAZ NASCER A ESPERANÇA

Um estudante de medicina que assistia à bênção dada por Monsenhor Messias comentou ao repórter:

— Vou seguir os conselhos do Monsenhor e fazer uma novena de comunhões.

Centenas de pessoas sentem o mesmo, ao recorrer ao sacerdote. Elas o procuram para pedir a cura de um filho doente, a solução de um problema financeiro, a recuperação da vista ameaçada, ou a felicidade no lar. Conta D. Maria da Conceição, que mora no «Padre Eustáquio», que seu filho, José Eustáquio, estava desenganado por médicos. Uma simples bênção de Monsenhor Messias fê-lo ficar bom: hoje é um menino de 3 anos, alegre e forte. Diz o operário João de Freitas que tôda vez que sua mulher ia ter criança, ficava como louca, parecendo ser outra criatura. As vésperas de ter o terceiro filho foi abençoada pelo sacerdote: nunca mais ficou nervosa. A vida do funcionário público Carlos Henrique «parecia um inferno» (explica ele próprio) e, assim, pensava em morrer, mas desistiu da idéia desde o dia em que estêve com Monsenhor Messias.

O que há em Monsenhor Messias, sobretudo, é a bondade, que o faz possuir amigos incontáveis. Até políticos, como o governador Bias Fortes e o embaixador Bolívar de Freitas, mantêm amizade com Monsenhor Messias, visitando-o sempre.

«CÍRIOS VELADOS»: VIDA DE MONSENHOR

Uma escritora inédita, a Sr<sup>a</sup> Irene de Melo Neves, que fez um curso de «Criação Literária» nos Estados Unidos, está escrevendo um livro sobre Monsenhor Messias: «Círios Velados».

— Trata-se de Contos — explica ela. — Há dois anos venho trabalhando, com muito amor, nesse livro e ainda este ano espero vê-lo publicado.

A Sr<sup>a</sup> Irene de Melo Neves é uma das pessoas que mais conhecem a vida de Monsenhor Messias e diz:

— Uma simples palavra de Monsenhor daria para eu escrever um conto.

«Círios Velados» será dividido em duas partes. A primeira, «Histórias de Monsenhor», não é uma biografia, porque, segundo diz a autora, uma «biografia seria uma coisa fria demais». Trata-se de uma mistura de ficção com o real que existe na vida de Monsenhor Messias.

# Romance... só na T.V.!



CREME DENTAL

## COLGATE

*limpa e embeleza os dentes - combate o mau hálito e ajuda a evitar a cárie!*

COLGATE é o Creme Dental da mais pura qualidade que existe. Sua espuma ativa e penetrante, destrói as bactérias e ácidos causadores da cárie e do mau hálito. Pelos resultados positivos que oferece para a saúde dos dentes e a higiene da boca, COLGATE é o creme dental preferido por milhões de pessoas no mundo inteiro!





**E**m janeiro de 1956, três estudantes de música em São Paulo gozavam férias em Belo Horizonte. Eram eles o paulista Isaac Karabtchevsky e os dois mineiros Carlos Eduardo Prates e Carlos Alberto Pinto Fonseca. Os jovens decidiram, então, ler e tomar maior conhecimento das partituras da Renascença, uma época marcada por grandes realizações musicais. O idealismo levou à idéia de se criar um coral. Convidaram amigos estudantes de música, que atingiram um número de dezessete coristas — e a direção ficou com Karabtchevsky,

Com apenas 24 anos de idade, o maestro Isaac Karabtchevsky, é profundo conhecedor da regência coral e dotado de uma capacidade excepcional.



Reportagem de ARIOSTO SILVEIRA

←

No período em que Isaac Karabtchevsky permaneceu em estudos na Alemanha, o côro foi dirigido por Carlos Eduardo Prates, com quem realizou concertos na Capital e em outros estados.

O conjunto atual sofreu algumas modificações em sua constituição. A qualidade artística, no entanto, continua em franca ascenção.



*Idealismo e amor à Música*

# CANTANDO, MINEIROS TRANSMITEM ARTE AO MUNDO



Primeiro, foi a viagem à Europa. Agora, ainda há pouco, o Madrigal estêve no Chile, onde foi feita esta foto: o maestro recebe uma «corbeille» de jovens chilenas.

#### MINEIROS TRANSMITEM ARTE AO MUNDO



Os atuais solistas do conjunto são o meio-soprano Maria Lúcia Godói, o baixo Edival Antônio Trindade, e o soprano Hilda Soares Fonseca e o tenor Amin Abdo Feres.

que já possuía maiores conhecimentos da regência coral. Começaram um trabalho estafante, com dois ensaios diários e, como não tinham sede, reuniam-se no estúdio da residência da família Pinto Fonseca. O côro parecia destinado a ter uma duração que não ultrapassaria o período de férias...

Mesmo assim, escolheu imediatamente seu lema — «Sequar Ubique Cantando» («Cantando seguirei por toda a parte») — suas cores — vermelho e preto — e seu próprio nome: Madrigal Renascentista. ☆

Com apenas vinte dias de atividades, o Madrigal deu seu primeiro concerto, na cerimônia comemorativa do Jubileu de Prata da Sociedade Mineira de Engenheiros. A receptividade foi enorme e surgiram convites para novas apresentações, na Sociedade Teuto-Brasileira e na Rádio Inconfidência. Nessa altura, o Madrigal Renascentista já estava fadado a ser um empreendimento definitivo.

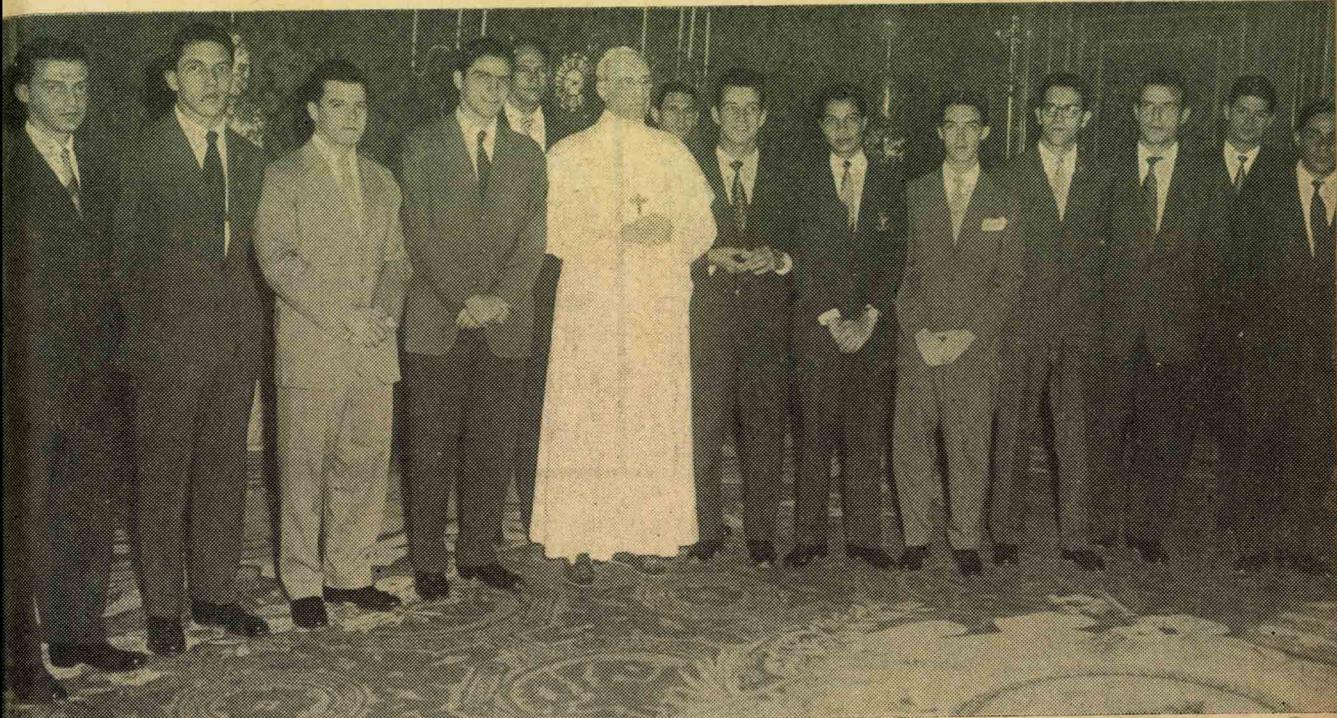
Na Rádio Inconfidência, o coral foi convidado para dar um concerto mensal — e, como Karabtchevsky já estava novamente estudando em São Paulo, vinha a Belo Horizonte nas datas marcadas. Aproveitava, então, o conjunto essas oportunidades e dava outros concertos.

Pelos meados do ano, realizou suas primeiras viagens, visitando Juiz de Fora e Ouro Preto. Mas o grande sonho era cantar no Municipal do Rio de Janeiro, o que se deu na abertura da temporada de 1957, e, por sua atuação, o Madrigal foi considerado «a maior revelação artística do ano». Na mesma época, apresentou-se na televisão, no rádio e no Catete, numa reunião de teatrólogos com o Presidente Kubitschek.

Nessa fase, quando já o conjunto ia-se impondo artisticamente, fêz-se sentir o trabalho dos beneméritos, dentre eles, Peri Rocha França, Carlos Vaz de Carvalho, Carlos Alberto Pinto Fonseca, Clóvis Salgado, Celso Brant, prof. Fernando Coelho, Juscelino Kubitschek e Francisco Lessa, que, de uma forma ou de outra, lhe prestaram relevantes serviços.

Depois de outra temporada no Rio, o Madrigal Renascentista visitou São Paulo, onde começou a ser demonstrada a maneira de agir do conjunto, isto é, «seguir por toda a parte», vencendo mesmo os obstáculos que se lhe pareciam impossível vencer: cantou pelas Pioneiras Sociais no grande auditório do Teatro de Cultura Artística, na televisão, no rádio e na Associação Paulista de Imprensa — para um auditório composto de jornalistas, músicos europeus de projeção e críticos de arte, que se interessaram entusiasticamente pelo côro. Na ocasião, os europeus afirmaram que o Madrigal «tinha obrigação» de levar a arte brasileira à Europa. Daí surgiu o plano de visitar o Velho Mundo.

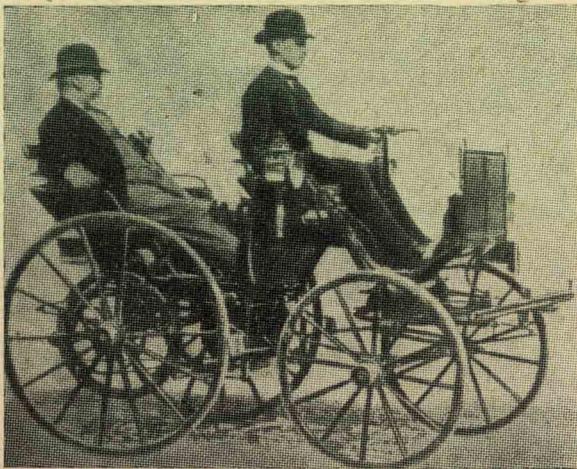
(Continua na pag. 86)



S.S. o Papa Pio XII, ao ouvir o coral belo-horizontino, comentou :  
«Nunca poderia imaginar que em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, houvesse um côro de qualidade tão excepcional como o Madrigal Renascentista.



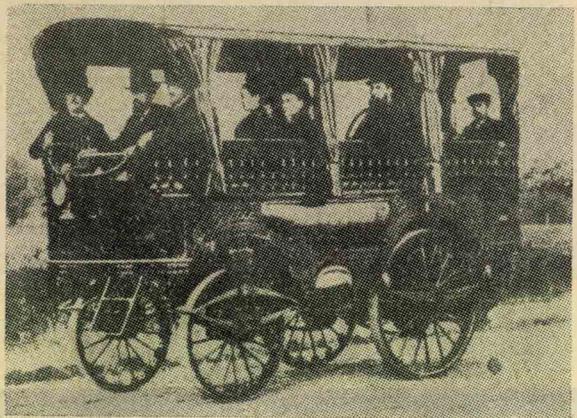
Na Europa, o coral iniciou sua «tournée» em Lisboa, recebendo a partir daí a aclamação do público. No Teatro Monumental, foi apresentado pelo crítico e escritor humorista, Dr. Luís de Oliveira Guimarães.



## PÁGINAS DA HISTÓRIA

O carro a vapor construído por Amédée Bollée e que provocou verdadeira revolução em Paris.

O primeiro carro a gasolina, cujo aparecimento se deu por volta de 1886.



**N**UM BELO DIA DE 1863, na mesma ocasião em que, nos Estados Unidos, os poços de petróleo brotavam como cogumelos, as pessoas que passavam nas imediações do bosque de Vincennes (Paris) assustaram-se ao ver um estranho veículo que avançava, barulhento, fumacento, conduzido por um indivíduo sólido e quarentão, que parecia estar tendo um trabalho tremendo para disciplinar as forças tumultuosas que agitavam a sua viatura. O carro sem cavalos — que, na sua passagem, ia assustando também os cavalos de tração e tornando-os incontroláveis — chegou a Joinville e, dali, voltou a Paris. O condutor, morto de fadiga, desceu do seu único banco e consultou o relógio. Havia percorrido 18 quilômetros em três horas!

O motorista — que, na época, ainda não imaginava que seria assim denominado — era um engenheiro francês, nascido perto de Virton, chamava-se Jean Lenoir e sua máquina era um automóvel, com motor a petróleo.

«Para fazer funcionar um motor — havia pensado Lenoir, em 1860 — por que não substituir o vapor dágua por um gás explosivo, o gás de iluminação, por exemplo?». Mas não era ele o primeiro a sonhar com aquêle inusitado emprêgo do gás e os ingleses até já haviam construído motores baseados no mesmo princípio. A verdade, porém, é que tais aparelhos não tinham dado resultados satisfatórios, ao passo que Lenoir havia construído um motor a explosão, que realmente funcionava. Ademais, encontrara um meio de substituir

o gás de iluminação por outros gases, inclusive o de petróleo. E fôra assim que, naquele dia de 1863, conseguira levar seu veículo até Joinville e regressar a Paris. O motor do carro, de cavalo e meio, rodava à velocidade de 100 rotações por minuto, e o consumo era de 3 metros cúbicos de gás por hora-cavalo. No Conservatório de Artes e Ofícios de Paris, pode ainda ser visto esse motor primitivo, com vela de ignição, um carburador e sistema de refrigeração, por meio de hélices exteriores. Este sistema, porém, não era suficientemente poderoso para evitar a perda de calor, e além disso, o gás escapava pelas emendas e junções, tudo isso contribuindo para reduzir o rendimento do motor. Um engenheiro parisiense, examinando o invento de Lenoir verificou que lhe faltava um elemento capital — a compressão do gás. O cilindro servia apenas para aspirar a mistura, à pressão atmosférica e o pistão não a comprimia. «É necessário — refletiu ele — que o pistão comprima a mistura, a várias atmosferas, depois de a ter aspirado. Sómente então, será possível desencadear a explosão. E não caberá mais ao pistão a função de expelir os gases queimados».

Era o princípio do ciclo de quatro tempos, base dos motores de hoje. Beau de Rochas — esse o nome do engenheiro — tirou patente da idéia e procurou vendê-la a um fabricante de motores. Poderia, é claro, pô-la em prática ele mesmo, mas, como não tinha dinheiro, era obrigado a ir atrás de quem o tivesse. Mas nem Lenoir nem mais ninguém na França quis saber da idéia de Rochas. Foi um alemão de Colônia, chamado Otto, quem tirou a patente francesa daquilo que, já naquela época, era um cemitério de idéias perdidas. Não se sabe como chegou ele a ter conhecimento dela, mas é certo que, em 1878, na grande Exposição de Paris, apresentou a grande revelação: um motor de um cilindro, de quatro tempos e efeito simples — não mais de duplo efeito, como o de Lenoir. Com esse arcaico dispositivo, fazia cair o consumo para um metro cúbico de gás por hora-cavalo. O motor, simples e robusto, foi saudado com entusiasmo, embora ainda fosse muito deficiente, comparado com a máquina a vapor, pois a sua potência não passava de quatro cavalos. E os partidários do vapor, não escondendo sorrisos irônicos, afirmavam que quatro cavalos não davam para nada; que, para fazer um veículo andar, nada melhor que um motor a vapor. Ao que, por sua vez, respondiam, também com ironia, os adeptos da explosão: «Há um século, os senhores estão pro-

# Quando o automóvel entrou na história

curando fazer andar um veículo a vapor. Se êsses sistemas de propulsão valessem alguma coisa, já o saberíamos».

Com efeito, ia para mais de cem anos que as estradas da Europa eram percorridas por um sem número de viaturas a vapor, de todos os tipos possíveis e imagináveis, e, não obstante, em 1890, os «vaporistas» ainda não haviam encontrado a solução procurada. A história tivera início quando o engenheiro Joseph Cugnot, de nacionalidade inglesa, iniciara, em 1770, experiências com uma carréte de três rodas, dotada de uma caldeira de cobre, dois cilindros verticais, mais outros cilindros cujos pistões acionavam as bielas ajustadas ao eixo da roda dianteira. A experiência parecia satisfatória, mas havia um inconveniente: Cugnot não previra a maneira de substituir a água da caldeira, à medida que fosse evaporando, e assim, de quinze em quinze minutos, era necessário parar o veículo, para o indispensável reabastecimento. Em 1801, foi a máquina levada para o Conservatório de Artes e Ofícios, donde nunca mais saiu.

Não teve melhor sorte o americano Olivier Evans, inventor da máquina a vapor de alta pressão. Em 1800, seu carro sem cavalos rodou pelas ruas de Filadélfia, mas não fêz sucesso. E assim, uma atrás da outra, as experiências iam sendo tentadas e postas de lado, por inadequadas. Foi o que se deu com a do inglês Murdoch, em 1792, e com seu patrício Hancock (1833 e 1836), inventor de um carro de doze cavalos, capaz de conduzir dez a vinte pessoas e que funcionou durante três anos, como coletivo entre Londres e Paddington, Greenwich, Stafford, Brighton, Pentonville e outras cidades da Inglaterra.

Por essa época, os arredores de Londres possuíam serviços regulares de transportes, com viaturas a vapor, de velocidade e potência bem superiores às dos ônibus puxados por cavalos e de exploração mais barata. Tanto que os donos de estrebarias, proprietários de diligências, cocheiros e postilhões, alarmados com a ocorrência, apelaram para o Parlamento. Por outro lado, as estradas de ferro também não gostaram e as viaturas mecânicas passaram a ser gravadas com pesados impostos, além de ter a sua velocidade limitada a quatro milhas por hora. Além disso, a lei as obrigava a se fazerem preceder por um homem a pé ou a cavalo, agitando uma bandeira vermelha.

Na França também os sucessores de Cugnot e Pecqueur viram-se sacrificados pelas exigências das estradas de ferro. Charles Dietz, cuja máquina re-

bocava dois carros de 40 passageiros, em 1834, esperou 40 anos para que o seu veículo a vapor saísse do torpor em que havia sido colocado, por força da lei. Em 1874, um estudante de 17 anos, Jacquemin, fabricou outro carro a vapor, experimentou-o às escondidas, à meia-noite, fazendo-o subir ladeiras que os carros de cavalos não subiam. Nessa experiência, foi tanto o barulho que fêz, que toda a localidade de Jura, onde morava, teve de acordar e a maioria da gente fugiu assustada...

Dois anos depois, Amédée Bollée, fundidor de sinos de Mans, provocou verdadeira revolução em Paris, ao chegar lá num carro a vapor, de 15 cavalos, após ter percorrido, em 18 horas, a distância de 230 quilômetros. Em 1880, o mesmo Bollée construiu um ônibus de 15 cavalos, que atingia a velocidade de 45 quilômetros por hora, possuía diferencial e câmbio de velocidade. Já então, a locomoção mecânica começava a agitar a opinião pública. Mecânicos em quantidade, metidos em sombrias oficinas, amofinavam-se diante de plantas de aperfeiçoamentos mecânicos e os burgueses ricos e a gente da alta roda achava «bem» ter paixão pelo novo esporte, chegando mesmo a fornecer dinheiro para as experiências. Assim foi que, em 1883, o Conde de Dion associou-se a um mecânico de Bouton, para construir carros a vapor. E era bom que assim fizessem, pois, então, um concorrente perigoso ameaçava pôr em perigo a hegemonia dos veículos a vapor. Não se tratava, como se poderia supor, dos automóveis a explosão, ainda muito pouco desenvolvidos para fazer frente ao vapor, mas das viaturas elétricas.

Depois que Gramme havia popularizado o seu motor elétrico, depois que Gustave Planté inventara o acumulador, numerosas haviam sido as tentativas de acionar um veículo, por esse meio simples, limpo e cômodo. As primeiras tentativas não deram maus resultados, mas havia ainda o grande inconveniente de ser necessário parar muitas vezes para recarregar os acumuladores. De qualquer maneira, em 1885, a eletricidade havia-se transformado em séria rival da máquina a vapor e os árbitros já se preparavam para julgar os resultados, quando um terceiro combatente surgiu na liga.

Era, outra vez, o motor de Lenoir, que ninguém acreditara ser tão poderoso, a ponto de lhes fazer frente. Com efeito, enquanto seus concorrentes trabalhavam às claras, enchendo os jornais de notícias, Lenoir preferira agir à sombra. Aproveitando o motor de quatro tempos de Beau Ro-

chas e Otto, Lenoir, com três outros alemães, Marcus, Benz e Daimler, conseguiram novos progressos. Em 1886, Benz dera ao mundo o primeiro carro a gasolina e, anos mais tarde, as fábricas Panhard e Levassor iniciaram a construção do «Daimler».

O «Benz» tinha quatro rodas, dois lugares e motor na retaguarda. O «Daimler», produzido em 1891, tinha motor de dois cilindros em V, manícola, câmbio de marcha por meio de embreagem, direção com volante, dois freios e quatro lugares. Foi uma revolução quando, naquele mesmo ano, um desses carros deixou as oficinas Peugeot, de Valentigney, chegou a Paris, ganhou o caminho de Prest, regressou a Paris, e daí voltou a Valentigney, cobrindo um total de 2.500 quilômetros, à velocidade média de 15 quilômetros por hora. E assim, naquele ano de 1891, o motor a explosão tomou forma mais ou menos definitiva — quase a mesma que conserva até hoje.

Um engenheiro hábil e inteligente, chamado Fernand Forest, teve a idéia de reunir todos os aperfeiçoamentos disseminados por toda parte, e construiu blocos-motores com dois ou quatro cilindros verticais e até mesmo motores rotativos, em forma de estrélas, com oito até trinta e dois cilindros, como aqueles que a aviação nascente haveria de usar, no século seguinte.

Com o motor a explosão já consideravelmente aperfeiçoado, a máquina a vapor reinando com a sua autoridade secular e o motor elétrico dando os primeiros passos no caminho do prestígio, graças ao trabalho de Marcel Desprez e à conquista da hulha-branca, a luta entre as três modalidades de locomoção tornou-se mais violenta. O público, indeciso, não sabia por qual dos três inclinar-se. Para fazê-lo decidir-se, o «Petit Journal» organizou uma corrida de veículos a petróleo, a vapor e a eletricidade. A corrida se deu em 1894, entre Paris e Ruão, e dela poderiam participar todos os modelos de carros sem cavalos que satisfizessem a três condições: não oferecer perigo, ser de manejo fácil e não custar muito caro. Apresentaram-se 102 veículos, a vapor, a petróleo, a gasolina, a ar comprimido, a elasticidade, hidráulicos e até mesmo veículos que funcionavam por gravidade.

Na prova eliminatória, de 50 quilômetros, 81 foram alijados e apenas 21, dos quais 13 «petrolistas» e 2 «vaporistas», puderam participar da maratona Paris—Ruão. Ganhou um «vaporista» — o trator «Dion-Bouton». E' verdade que precedeu apenas de cinco minutos um «Peugeot» a petróleo, mas os «petrolistas» ficaram decepcionados. Um ano mais tarde, porém, chegaria a ocasião para a sua grande «revanche».

Em 1895, o «Petit Journal» organizou outra corrida, de Paris a Bordeaux, ida e volta, num percurso de 1.200 quilômetros. A 11 de junho, 19 veículos (12 a petróleo, 6 a vapor e um elétrico) e duas motocicletas partiram de Versalhes, numa algarazza de estrondos, assobios, muita fumaça e poeira, em que os velocípedes a motor esforçavam-se por passar o venerável ônibus de Bollée e os choferes «petrolistas» detinham-se de momento a momento, para reparar uma correia, consertar uma junta e assistir, desolados, à performance do «lau-

dalet» elétrico, que corria à espantosa velocidade de 20 quilômetros por hora.

Dessa vez, os «vaporistas» sofreram esmagadora derrota. Oito veículos conseguiram chegar bem a Paris, todos a petróleo — a não ser o velho ônibus a vapor, de Bollée.

O primeiro colocado, um «Panhard-Levassor», havia percorrido os 1.200 quilômetros em 48 horas e 47 minutos, e o último, o de Bollée, em 90 horas. Quanto ao carro elétrico, desapareceu da circulação, embora não em caráter definitivo, pois, ainda em 1902, deveria bater o recorde de velocidade para veículos automotores, fazendo 120,805 quilômetros por hora. Mas o grande derrotado fôra o sistema de tração a vapor. Havia soado a hora de sua agonia, e a sua única herança que ficou foi o nome do chofer (do francês *chauffeur*, foguista), dado por Serpollet ao homem que, no seu veículo a vapor, incumbia-se de reabastecer-lo de carvão. O fim dos automóveis a vapor foi, para o petróleo, um grande triunfo e, para muita gente, uma revelação. E foram também uma revelação aquéllos calços pneumáticos que um concorrente, Edouard Michelin, colocou nas rodas de seu «Éclair», revelando, desde logo, vantagens tão evidentes que, meses depois, boa parte dos veículos que rodavam nos Campos Eliseos usavam pneus.

E' interessante observar que o veículo de motor a explosão teve, na América, mais dificuldade para implantar-se do que na Europa. Nos Estados Unidos, o vapor se havia defendido tão bem que, enquanto na Europa o automobilismo se encontrava em pleno desenvolvimento, em Nova Iorque ainda se faziam filas enormes no Circo Barnum, para ver o carro sem cavalos.

Embora Charles E. Dyryea tivesse construído em 1892 seu primeiro carro a gasolina, só em 1895 R. E. Olds produziu o primeiro veículo da famosa série de «Oldsmobiles»; e quando um certo Winston, em 1898, efetuou a primeira venda de um veículo desse gênero, o negócio foi comentado com risos. Entretanto, no ano seguinte, o velho Ford entrou em cena.

O verdadeiro berço da indústria automobilística foi, entretanto, a França. No mesmo ano da primeira corrida Paris—Bordeaux, o conde Dion fundou o «Automobile-Club» e foram expostos, no Salão do Ciclo, 46 protótipos de automóveis. No ano seguinte, houve a célebre corrida Paris—Marselha e, em 1898, na Esplanada dos Inválidos, realizou-se o primeiro «Salão do Automóvel». Neste ano, Renault apresentou sua caixa de velocidade, em 1901 apareceu o magneto de alta-tensão, em 1904, o primeiro carburador automático, em 1905, o primeiro pára-brisa, em 1906 os primeiros amortecedores de suspensão, com freios nas quatro rodas, em 1907, o motor sem sopapo, em 1912, o primeiro dinâmo de iluminação e o arranque elétrico. Até esse ano, a indústria automobilística francesa foi a primeira do mundo, tanto em quantidade como em qualidade; mas Ford já começava a produzir com pleno rendimento, e, em apenas 15 anos de atividades, havia atingido a respeitável cifra de 14.762.946 veículos por ano. — Pierre Rousseau.

Deus concede a liberdade  
apenas àqueles que a amam  
e que estão sempre prontos  
a guardá-la e a protegê-la.

— Daniel Webster.

## A Digestão Modela Nossa...

Conclusão da pag. 21

mentos produtores de energia vindos da extremidade inferior da medula espinhal.

Para compensar esse esforço, uma carga equilibradora e repousante avança diretamente das partes centrais da medula. Do duelo entre estes dois grupos opostos de nervos resulta a personalidade de nosso aparelho digestivo. Digestões muito lentas ou muito turbulentas têm suas desvantagens. Para se obter o meio-térmo ideal de uma digestão sadias, nada é mais importante do que uma personalidade sadias. E' fora de dúvida, por exemplo, que náuseas e vômitos são sintomas emocionais, tanto quanto digestivos. Muitas pessoas são acometidas de diarréia após um grande susto. Além disso, de acordo com uma pesquisa em massa feita por médicos do Exército norte-americano, durante a Segunda Guerra Mundial, mais da metade dos casos importantes de colapso psicológico verificados eram acompanhados de sérios sintomas gastro-intestinais e durante a tensão normal de combate as perturbações entre os soldados eram quase universais.

Esses pontos de contato entre digestão e emoção aparecem em nossa linguagem também. A recusa em se acreditar alguma coisa é expressada com um — «Não posso engolir aquilo». A palavra «remor» em realidade significa «morder de novo». Outras palavras, a consciência «morde» de novo. Nas edições revistas da Bíblia e na do Rei James, a tradução para «minhas entranhas, minhas entranhas», alternou-se com «minha angústia, minha angústia». «Melancolia» significa efetivamente bile negra, um retrato fiel da espessa bile escura que sobra quando alguém sofre de uma tristeza anormalmente intensa e seu aparelho digestivo aproxima-se quase de uma paralisação total.

Com as novas drogas, dietas e cirurgia, quase todos os distúrbios digestivos podem ser dominados ou curados hoje. Contudo, a psicoterapia deu recentemente um grande passo para obter um papel preponderante também. Grupos isolados de pacientes tratados pela psiquiatria, de um lado e por outros métodos, do outro, foram confrontados e com muita freqüência o auxílio psiquiátrico deu os melhores e mais duradouros resultados. Seu sucesso foi comprovado na úlcera péptica, colite ulcerosa, cardiospasm, hemorróidas, cólicas de fígado, vários tipos de constipação intestinal crônica, vômitos e diarréia, dificuldades de deglutição, gastrite e em grande número de outras enfermidades. Por exemplo, os gastrenterologistas informaram que cerca da metade de seus pacientes queixa-se de constipação intestinal. Contudo, descobriu-se que a metade sofre tão-somente de um receio dela — o que os induziu ao hábito dos laxantes, privando temporariamente os intestinos de suas funções naturais.

Não há nada de constrangedor em admitir-se a natureza psicológica das moléstias digestivas. Devido à vasta natureza desses distúrbios, muitos são vítimas de sensacionais e empáticas propagandas e passam a vida inteira usando uma enorme variedade de pílulas e poções anunciatas, sem alívio efetivo.

Uma consulta médica para determinar a real situação física deveria ser o primeiro passo. Depois, deveria haver um reconhecimento, de parte do próprio paciente, dos pontos de contato entre os sintomas e sua vida particular. Quando tiver a coragem de começar a pôr em ordem o seu sistema emocional, estará fazendo um sólido avanço no sentido de curar uma condição digestiva que pode estar estragando sua saúde e roubando-o em sua felicidade completa.

Dr. Herbert S. Benjamin.



O futuro de Minas e do Brasil depende do voto consciente e livre do povo. Coopere na renovação dos nossos quadros políticos, dando a Minas e ao Brasil, no próximo pleito, homens dignos, competentes e honestos. O Brasil espera que você cumpra o seu dever!

Esta  
é a época

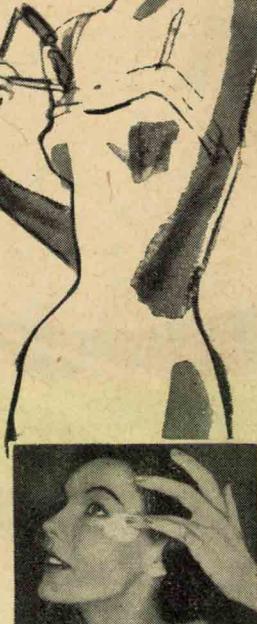
em que se agravam  
os problemas da

## pele seca

O sol implacável  
queima os óleos  
naturais da pele,  
deixa-a resse-  
quida, áspera,  
cheia de rugas.

Para conservar sua cútis lisa e suave, você deve renovar os óleos naturais da pele todos os dias. A pele seca precisa de um creme lubrificador que não fique apenas na superfície... um creme realmente rico, que penetre a fundo.

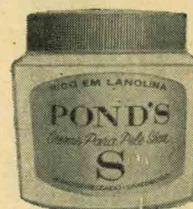
O Creme S Pond's para Pele Seca penetra rapidamente e começa a produzir resultado imediatamente após a aplicação. Use-o ao sair de casa, para proteger a cútis. E aplique sempre o Creme S Pond's para a pele delicada exposta ao sol: o Creme S refresca e suaviza.



Apague essas linhas de-  
nunciadoras. Aplique o  
Creme S Pond's em redor  
dos olhos e nas pálpebras.



Amacie a pele ressequida — Aplique o Creme S sobre os ombros, onde você sente a pele "repu-  
xada". Contém lanolina umedecida para que pe-  
netre e suavize a fundo.



# CREME S POND'S PARA PELE SECA

LANOLINA UMEDECIDA — IDEAL PARA O NOSSO CLIMA



ENTRETANTO, Clara não perdeu o controle de si. Não hesitou sequer um instante. Caminhou diretamente para fora, passando por Ethel Manlow, mas tão rápida que não chegou a perceber a expressão de espanto que se fixou no rosto dela, aquela expressão de quem pensa ter visto um fantasma. Logo que chegou à rua, Clara suspirou aliviada. Resolveu nunca voltar à cidade outra vez, sem empregar um disfarce qualquer. Ainda que fôssem apenas uns óculos de sol...

Com uma exatidão quase fora do comum, a campainha de seu apartamento tocou precisamente às cinco. Abriu a porta e o homem que estava de pé junto à entrada cumprimentou-a.

— Dona Solda Carmandine, sou Joe.

Era um homem alto, jovem e, à luz da sala de estar, Clara pôde examiná-lo mais detidamente. Tinha cabelos e olhos escuros, em acentuado contraste com sua pele lisa e pálida como alabastro. Mas não tinha aspecto doentio, por causa disso, porque seu corpo irradiava uma impressão quase violenta de força e vitalidade. Sua atitude era a de um atleta profissional. O sorriso acrescentava um ar agradável ao seu rosto.

— Ah, sim. Vamos sentar-nos um pouco, Joe — disse Clara.

☆

Naquela noite, enquanto a Sr<sup>a</sup> Lovestone estava sentada em sua cadeira, experimentava ela a pele de raposa, não obstante ser úmido e quente o ar que penetrava pelas janelas. E ela chorava, ao acariciar aquela pele lustrosa.

☆

Morris, sentado à sua escrivaninha, como fazia dia após dia, observava a rotina característica de seu trabalho. Recebeu a costumeira quantidade de pessoas assustadas, estudou com o costumeiro interesse tôdas as informações que recebeu — e não somente as locais, mas as que

---

**RESUMO DA PARTE JÁ' PUBLICADA** — Depois de fazer com que sua sósia, Solda Carmandine, morresse afogada passando o cadáver dela pelo seu, Clara Denlon voltou à cidadinha de Bodmont Falls, a fim de completar o golpe que tramara contra Harold Denlon, seu marido. Para explicar seu desaparecimento à dona do apartamento onde morara, ela, como se fôsse Solda, contou que ficara noiva de certo ricaço chamado Robert Johnson, dono de minas de

---

vinham dos estados vizinhos e distantes.

Com a paciência infinita que caracteriza um bom policial, ele simplesmente ficava ali, sentado, dia após dia, a esperar e esperar. Havia nêle algo que fazia lembrar uma aranha.

☆☆☆

O SOL DE Minnesota arranca bagas de suor por sob o queixo de Antônio Carmantine e banhava-lhe o torso nu. Apanhou a correspondência da manhã na caixa do correio e voltou à sombria varanda de entrada. Mais uma vez, deixou de lado a carta que fôra escrita por aquela maluca de Bodmont Falls. Dessem-lhe dois céntimos, um céntimo apenas, e ele rasgaria o envelope em mil pedacinhos, sem o abrir nem ler o que continha. Mas era-lhe impossível fazer aquilo, assim sem mais nem menos, porque não havia ninguém por perto para ver e aplaudir o seu gesto. E, num impulso masoquista, decidiu torturarse, lendo as palavras daquela velha decrépita.

Leu por alto a carta da Sr<sup>a</sup> Lovestone e, em seguida, leu-a de novo. Sua mente analítica pôs-se a fazer conjecturas a respeito de pedacinhos de frases. Boas notícias... a felicidade e a fortuna... uma boa porção... agora... ser feliz...

Que coisa, exatamente, quereria dizer aquél velho fóssil? Numa sucessão meditativa, as suas superlativas deduções passaram de loterias a sweepstakes, de sweepstakes a bolos esportivos e de uma coisa a outra. Quando, afinal, chegou à possibilidade de algum lunático octogenário ter morrido, deixando a Solda, numa demonstração de inigualável caduquice, a sua fortuna, Carmantine estava a ponto de explodir. Louco de raiva, pegou o envelope com a fôrça que daria para derrubar um boi e rasgou tudo em pedacinhos que lançou ao vento.

Voltou ao trabalho. Mas, cerca de uma hora mais tarde, re-

tornou correndo à casa. Procurou sua gorda caseira:

— Olga, onde estão aqueles pedaços de papel que estavam na varanda?

— Estão com o resto do lixo, uai.

— Você queimou tudo?

— Não, ainda não.

— Pois, então, Olga, vá procurá-los, viu? Quero aqui todos os pedacinhos.

#### CAPÍTULO IV

CLARA ESTAVA alojada em sua nova residência. Além de Joe com seu automóvel, tinha a Sr<sup>a</sup> Porter. A Sr<sup>a</sup> Porter era, de certa maneira, um presente da Sr<sup>a</sup> Lovestone, em retribuição pelo casaco de pele. Ambas tinham sido muito amigas, desde muitos anos, mas, ao passo que a Sr<sup>a</sup> Lovestone conseguira estabelecer para si um razoável padrão de vida, a Sr<sup>a</sup> Porter estava em tão má situação que nem seria correto dizer que aquilo fosse situação. De mais a mais, de acordo com o que ela mesma, assim como sua amiga Sr<sup>a</sup> Lovestone, costumava dizer, ela era uma senhora.

O presente havia sido feito durante um lanche muito «bem» no dia em que ela deixara o apartamento de Solda, e Clara (que preferiria outro tipo de companhia para o confinamento em que iria viver durante o seu indeterminado futuro) viu-se a braços com aquela Sr<sup>a</sup> Porter, cujo corpo e cujo rosto levavam aquela aura que geralmente se observa nas pessoas moribundas. Clara não levara praticamente nada além das coisas novas que comprara, para a casa entre os pinheiros. Deixara à Sr<sup>a</sup> Lovestone a tarefa de dispor do pobre guarda-roupa de Solda e insistira para que ela aceitasse o rádio portátil. Livrar-se de tudo aquilo era como livrar-se de uma corda em torno do pescoço. Cada roupa, cada peça cuidadosamente recomendada, de que ela se livrava, era um modo de enterrar Solda mais profundamente, era uma fe-

ouro no Peru, com o qual iria casar-se em breve e de quem recebera uma pequena fortuna, para manter-se até a ocasião do casamento. A senhoria, Sr<sup>a</sup> Lovestone, tal como já fizera por duas vezes, apressou-se em escrever ao padrasto de Solda, contando-lhe agora que a enteada havia contratado casamento e que estava rica. Escrevia essas coisas porque sabia que não andavam muito bem as relações entre o padrasto e enteada e não esperava que a própria Solda (aliás, Clara) fosse dar-se àquele

trabalho. E Clara, pretestando ser desejo de seu noivo que ela se instalasse em uma residência à altura do futuro que lhe estava reservado, tratou de arranjar uma casa de campo, afastada da cidade, onde certamente teria inteira liberdade de ação. Nos preparativos para sua mudança, teve de ir à cidade e estava numa loja quando uma mulher, Ethel Manlow, amiga íntima dela mesma e de seu marido (agora «viúvo»), apareceu diante dela.

# ELA DISSE: “TALVEZ...”

Ilust. de ALVARO APOCALYPSE

RUFUS KING

chadura mais segura para mantê-la no fundo de sua cova.

Entretanto, havia coisas que Clara não podia deixar atrás — as coisas de que mulher alguma se separa, seja qual for a modificação sofrida pelas condições financeiras de sua vida. Havia as pequenas lembranças sentimentais que pertenciam à infância de Solda, que recordavam seus anos passados em Minnesota, os seus raros momentos de felicidade e seus raros momentos de amor. Um cãozinho de porcelana, um navio a vela feito de tricô, a navegar num mar absurdamente liso, tendo abaixo de si uma citação do livro dos Salmos — «Ele faz da tempestade calma, de modo que as suas vagas se aquietem» — um jôgo infantil de xícara e pires, com pinturas a mão, uma cesta de costura feita de vime que havia pertencido a sua mãe — tal era a modesta lista dessas lembranças, que, agora, se encontravam dispostas pela sala de estar que fôr do Sr. Watertown, antes de él ter ido para o Oeste. E começavam a exercer influência sobre a mente de Clara, fazendo crescer a ambição sinistra daquela casa sem vizinhos e ela daria tudo para destruí-las, esmagá-las, até não terem mais formas, e ocultá-las debaixo da mesma terra onde Solda se encontrava oculta. Não tinha coragem para tanto. A ligação entre a Sr<sup>a</sup> Porter e a Sr<sup>a</sup> Lovestone era demasiado íntima.

A própria sala, via de regra, pareceria agradável, pois a mobília era boa, mas as janelas davam para o verde sombrio dos pinheiros, aonde a visão cheava passando por sobre um jardim gramado e percorria os seus corredores que eram avenidas onde o sol não chegava.

Tão absoluta era a solidão que Clara pôde ouvir o barulho do carro de Joe, aproximando-se, de volta de uma viagem à cidade para fazer compras para a Sr<sup>a</sup> Porter. Cerrou para fora e acenou para Joe antes que él entrasse no caminho que iria dar na porta da cozinha. Era espantoso o jeito com que os nervos dela se aquietavam, só de olhar para él.

Joe parou o carro e continuou sentado olhando para ela e, por um momento pouco menos do que longo, Clara também olhou-o fixamente.

«Há certas ocasiões — pensou ela — em que ninguém precisa falar».

E disse:

— Você se importa de voltar à cidade, Joe?

— Claro que não, Dona Solda.

— Busque para mim uns dois livros e algumas revistas, está bem? Eu gosto de ler os anúncios.

Ele ligou o motor e voltou-se para perguntar:

— Mas, que livros, Dona Solda?

— Qualquer coisa leve, Joe.

O carro partiu e Clara sentou-se nos degraus da entrada, apoiando as costas à coluna de mármore. Precisava tomar cuidado com relação ao chofer. Qualquer pessoa corre o risco de ficar perturbada. E a perturbação pode ser de tal ordem que leva à loucura. Para ela, estava-se tornando cada vez mais difícil, na presença de Joe, lembrar-se que era Solda, que seu noivo Robert Johnson estava para regressar do Peru, que a amizade entre as Sr<sup>s</sup> Porter e Lovestone era muito sólida, que a Sr<sup>a</sup> Lovestone

gostava de dar largas à imaginação.

Fechou os olhos para não ver o sol desaparecer atrás das árvores e, dentro em pouco, Joe estava de volta, levando uma porção de revistas e dois livros.

— Servem êsses? — perguntou.

Clara olhou os títulos:

— «Se os Mortos Mentissem» e «Bom Até o Fim da Viagem»... Que é isso?

Não conseguiu afastar os olhos dos títulos, e teve de exercer grande força de vontade para que seus dedos não se enrijassem segurando os volumes.

— O caixeteira da livraria disse que isso é literatura... escapista.

Clara ergueu os olhos e fixou o seu sorriso alegre.

— Não poderiam ser melhores, Joe. Muito obrigada.

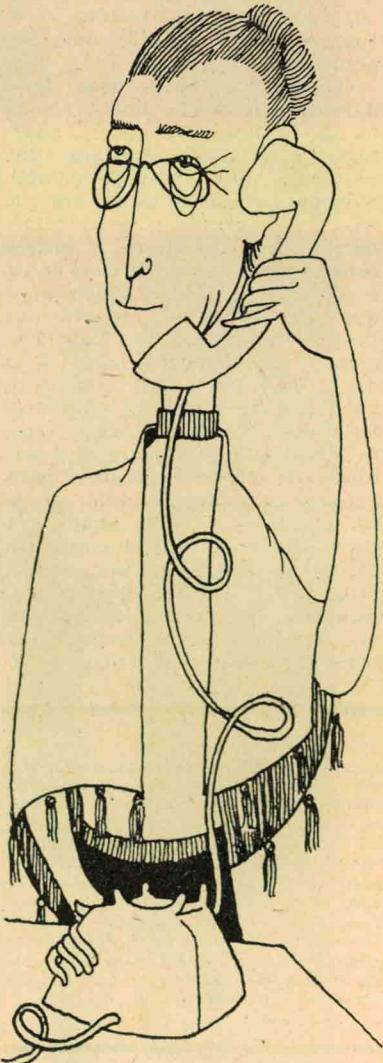
☆ ☆ ☆

O SARGENTO MORRIS foi passar seu fim de semana em Nova Iorque e Freda, sua mulher, seguiu com él. Em casa ficou sua prima Estelle, encarregada de tomar conta das crianças, mandá-las à escola na hora certa, impedir que Gracey tomasse muitas liberdades com o fogão (pois a garota tinha veleidades de cozinheira) e que o garoto fizesse experiências com seu laboratório de química, enquanto o pai não voltasse.

O casal Morris tomou quarto num hotel da cidade e aproveitou bem o passeio. Encontravam-se à hora dos coquetéis e nessa ocasião decidiram se deveriam ou não deveriam aprontar-se para algum acontecimento especial. Foram ver algumas peças de sucesso, percorreram alguns clubes noturnos, dançaram bastante e descansaram. Durante o dia, Freda ia fazer compras. Morris, porém, não quis acompanhá-la. Preferiu localizar — e conseguiu

o pensionato de moças onde Clara vivera, durante o período que passaram em Nova Iorque. Chegou mesmo a almoçar, em duas ocasiões diferentes, com duas moradoras. Uma delas, loura e muito viva, era estudante de ballet; a outra era uma jovem com idéias românticas, imbuída da inabalável decisão de alcançar o sucesso, no teatro. Ambas comiam bastante e Morris escolheu para o almoço o pequeno restaurante francês onde se dera o encontro entre Denlon e Clara. O vinho e a comida eram bons, e haviam a vantagem de poderem ficar sentados horas e horas sem que ninguém aparecesse para incomodar.

O dia passado no bairro de



Greenwich foi muito interessante, ao passo que dois outros foram gastos em curtas visitas a escolas de arte dramática e passeios absolutamente infrutíferos pela seção de teatros da Broadway. E os passeios de Morris foram terminar definitivamente na Ilha Staten.

Fora disso, não conseguiu mais nada.

Freda, à tardinha, perguntava-lhe o que tinha feito (Morris nunca pensava em gastar o seu latim para perguntar o mesmo à espôsa) e seu relatório era absolutamente católico, incluindo passeios pelo «Radio City», a fim de assistir a reuniões dançantes e — nesse ponto, ele procurava dar ao rosto a expressão mais inocente — passeios edificantes pelo Jardim Zoológico.

— Pois esse passeio fêz muito bem a você, Walter — disse Freda, enquanto faziam as malas para voltar a Bodmont Falls.

— Você estava precisando disso há muito tempo. Precisando de mudar de ambiente...

☆☆☆

HAROLD e Edna casaram-se em outubro. Em circunstâncias normais, o casamento teria sido do mais acabado mau gôsto, tão perto da morte de Clara. Mas as circunstâncias não eram normais. Os amigos de ambos é que realmente insistiram para que se casassem quanto antes.

Não se tratava de um enlace de paixões; antes, era o de dois amigos velhos, que tinham os mesmos interesses, os mesmos gostos, a mesma posição social. Mas era um casamento destinado à mais completa felicidade, baseado no respeito e na compreensão. Alegre e sem segundas intenções, Harold se dispunha a entregar sua vida a Edna com o mesmo amor com que a teria entregue a sua mãe. Sua maior preocupação era a de abrigá-la e protegê-la contra tôdas as tristezas da vida. Sua repercussão, em toda a cidade, sofreu enormes variações.

Clara leu a notícia do casamento na *Gazeta*, e a história não deixava de ser contada com certa malícia, pela sua obliqua e cuidadosa referência à morte trágica e recente da primeira Sr<sup>a</sup> Harold Denlon.

Enquanto ela exultava com a notícia, o poema «Enoch Arden» voltou a surgir na sua lembrança:

Assim, êles se casaram e alegras os sinos tocaram...

Sim, Harold e Edna estavam casados e Clara sabia que, agora, faltava pouco para que che-

gassee a sua hora. Não viria assim tão cedo, mas depois de um tempo suficientemente longo para que Harold e Edna sentissem a intensidade dos laços que unem marido e mulher.

A Sr<sup>a</sup> Lovestone leu a história enquanto tomava o café, na cozinha de seu apartamento. Afinal, incapaz de controlar por mais tempo os seus sentimentos, ela telefonou para a casa de Water-town.

Não pôde esconder sua excitação, quando atenderam do outro lado.

— Dona Solda?

— Ela mesma... Ah, como vai, Dona Adélia?

— Ah, minha filha, eu tinha de telefonar para a senhora. Leu a *Gazeta* de hoje?

— Li. Joe todos os dias me traz o jornal.

— Pois, viu que coisa mais absurda? Viu coisa mais fora de propósito?

— Bem, eu... eu acho que não sei...

— O casamento, Dona Solda. Aquela Denlon... não teve a decência de esperar que se passasse ao menos um ano.

— Mas, afinal de contas, Dona Adélia, que é que nós... que é que nós temos com isso?

— Porque, Dona Solda, eu não posso deixar de identificar aquela pobre afogada com a senhora. Como já disse, a senhora é a imagem viva dela, e esse casamento... quando ela ainda nem esfriou direito... Ah, o meu sangue fica fervendo, sabe? Sei que é um grande absurdo, mas sinto quase como se fosse um insulto à senhora, Dona Solda.

— Pois, Dona Adélia, para mim isso não faz sentido.

— Sei disso. E comprehendo também que estou fazendo uma bobagem. Mas pode escrever o que eu digo: não haverá para êle a menor felicidade nesse casamento. É um desafio deliberado que êle faz ao destino.

A conversa estendeu-se mais um pouco, houve a clássica troca de votos de felicidades, a-senhora-precisa-aparecer e, afinal, «adeus».

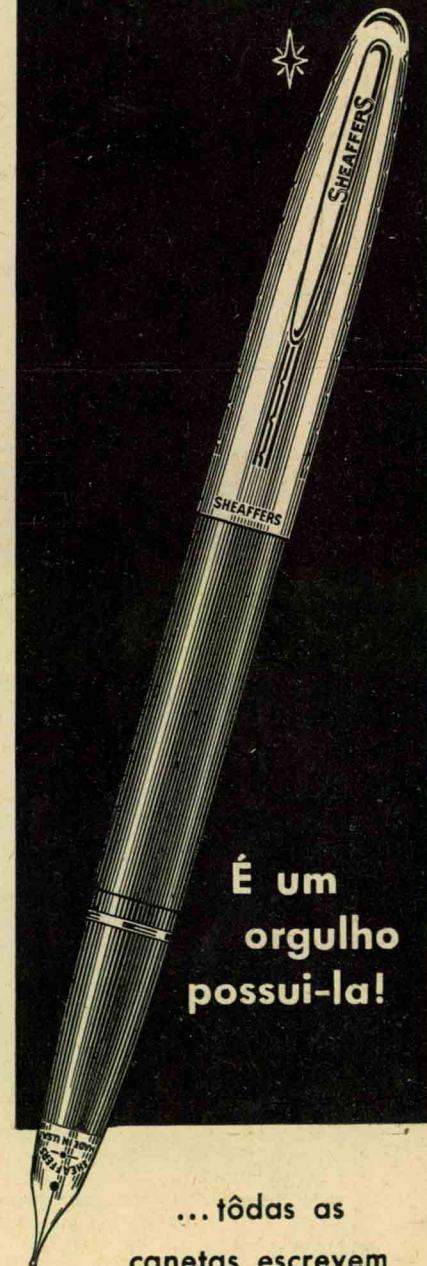
Morris também leu a notícia do casamento. Seus olhos brilharam de satisfação, enquanto ele pensava: «Então, pode ter havido outra mulher no caso, ora essa...»

☆☆☆

O belo sol de verão iluminava as folhagens, quando Edna completava os últimos arranjos para fechar sua casa. Um zelador e sua família já estavam alojados

(Continua na pag. 88)

# SHEAFFER'S - uma jóia



É um  
orgulho  
possui-la!

...tôdas as  
canetas escrevem  
melhor  
com a tinta

SHEAFFER'S

Skrip





**P**ARIS (VIA PANAIR) — Nos chapéus que a alta moda parisiense apresenta para a temporada vindoura de 1959/60, manifestam-se duas tendências aparentemente opostas: altura e largura. Os modelos ou são largos, com enfeites «inchados» dos dois lados — penas, plumas, coques de véu ou organza, flores — ou têm copa muito alta, às vezes pontuda, como a dos chapéus de mágico ou de médico medieval. Outro contraste: volume amplo com peso-pluma. O mais volumoso chapéu da coleção Lanvin-Castillo, uma touca de organza de seda côn de esquilo, requereu nada menos de cinco metros de fazenda e pesa apenas 120 gramas!

Tecidos transparentes e véus são freqüentemente usados para os chapéus de coquetel: véus de

O mais volumoso e mais leve chapéu, da nova coleção de LANVIN CASTILLO: mais de cinco metros de organza de seda côn de esquilo, com peso de 120 gramas apenas.

1960

## CHAPÉUS PARA

OLGA OBRY

Chapéu de coquetel de LANVIN CASTILLO, em cetim branco, guarnecido com plumas de avestruz nos tons bege e avelã, prêgas dos dois lados com lacinhos de veludo negro.





## CHAPÉUS PARA 1960



De RAMON DE MORQUEZ, pequena touca de veludo preto, com véu de malha grossa, armado e semeado de strass.



Chapéu de ROSE VALOIS, em jérsei mohair estampado com padrão de frutas exóticas em tons marrom, amarelo, verde e preto.

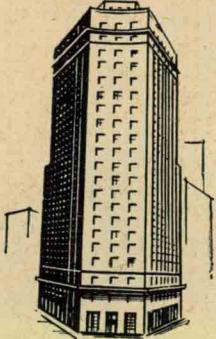
Chapéu de PIERRE BALMAIN, em tule e renda Chantilly preta.



malha grossa, armados como um quebra-luz ou uma máscara de esgrima, véus finíssimos, drapejados e torcidos, babados de tule e renda formam a aba e a copa, às vezes enfeitadas com strass, lantejoulas ou com uma jóia vistosa na frente. Pequenas coroas ou «pilbox» de veludo preto, voltadas para a frente, são envoltas com nuvens de véu preto. Penas de avestruz, de faisão, de galo, estão novamente em voga, tratadas de um modo diferente, às vezes caindo de um lado, por cima da orelha ou do olho. Tecidos estampados e jérsei estampado, pequenas penas coladas uma por cima da outra, num padrão que lembra um *imprimé* ou um *tweed*, substituem feltros e palhas. Formas de chapéus masculinos — cartola, côco e «Eden» — são interpretados em cetim nos tons bege e marrom, debruados e enfeitados com fita de gorgurão ou veludo, com duas longas pontas soltas caindo nas costas. Jacques Heim-Svend chama de «caixinha mágica» uma das suas formas de chapéu novas e originais: duas «pilbox» embutidas uma na outra, colocadas para frente e deixando a nuca livre.

em São Paulo...  
- o mais tradicional:

# Hotel SÃO PAULO



PRAÇA DAS BANDEIRAS, 15 - TEL. 32-6111  
END. TEL.: CONFORTÁVEL

*Não basta anunciar. É necessário anunciar bem, num veículo conceituado, de grande tiragem e de público com bom poder aquisitivo. Anuncie sempre em ALTEROSA, para alcançar melhor seu objetivo, com segurança de alto rendimento para suas vendas.*

**DR. J. MANSO PEREIRA**  
Docente da Faculdade de Medicina  
da Universidade do Brasil.

◆  
Ulceras do estômago — Obesidade e magreza — Crianças fisicamente retardadas — Diabete — Alergia clínica.



Consultório: Rua Ouvidor, 169 —  
8º andar - Sala 809 - Fone: 23-6230  
RIO DE JANEIRO

## Cantando, Mineiros Transmitem Arte...

Continuação

da pag. 72

A seguir, vieram outra temporada no Rio e uma série de concertos em Belo Horizonte, com uma grande apresentação de despedida na Secretaria de Saúde e Assistência.

Em fevereiro de 1958, embarcariam para a Europa. Antes, porém, os componentes do conjunto desenvolveram fabulosa atividade, com o fim de angariar fundos para a excursão. Vendiam discos, pediam auxílio a entidades, não paravam.

Tudo arranjado, com financiamento do Governo Federal, através do Presidente da República e do Ministro da Educação, do Governo Estadual e da Prefeitura de Belo Horizonte, além de pequenos donativos, partiu o Madrigal.

Na Europa, começou por Portugal, onde se apresentou em vários teatros, estações de rádio e televisão. Foi homenageado por Oliveira Salazar, com um banquete no Estoril e, na Embaixada Brasileira, teve carinhosa recepção do prof. Nicolau Firmino. Aí, teve a citação: «O Madrigal Renascentista tem consciência da melhor literatura em que um côro pode formar-se. Mas não se encerra, por isso, num só período da história da música, senão que irradia dele (período renascentista), até o nosso tempo. E a maneira como cantou Debussy, por exemplo e, mais ainda, Stravinsky, constitui certificado de notável flexibilidade estilística. Um notável núcleo musical, em suma, que honra o Estado de Minas Gerais e o Brasil».

Prosseguindo em sua jornada, cantou na Espanha e na França. Em Paris, além de apresentações em rádio-emissoras e na televisão, deu um concerto no «Institut des Hauts Études de l'Amérique Latine». Assistiram estudantes do Brasil e vários críticos de arte. O sucesso foi tão grande que a emoção dominou os coristas, até levá-los às lágrimas, bem como os demais brasileiros presentes. Isaac Karabtchevsky foi chamado oito vezes a voltar ao palco, no final do programa e igual número de peças foi bisado. O crítico musical Eurico Nogueira França, que o ouviu então, declarou: «Não há, na realidade, nenhuma qualidade que se deva requerer a um côro, que não se ostente, impressionantemente, no Madrigal Renascentista. O conjunto soa como um instrumento, flexível e grandemente capaz de nuances, seguro nos ataques, de rítmica perfeita, coesa e vivaz.

No Rio, uma surpresa colheu-me: o admirável conjunto Madrigal Renascentista, de Belo Horizonte, regido por Isaac Karabtchevsky. Era de tal ordem a revelação constituída por esse conjunto que não tive dúvidas em vaticinar-lhe sucesso internacional».

Passou o Madrigal Renascentista para a Bélgica, onde se apresentou no «Palais de Beaux Arts», de Bruxelas e também no Congresso da «Jeunesse Musicale», cujo fundador e diretor mundial, Marcel Cuvillier, assim se manifestou: «Desejaria também externar o quanto fiquei impressionado pela mestria e pela técnica de seu regente, que muitos corais europeus poderiam invejar».

Seguiu-se a Holanda, onde os mineiros foram hóspedes oficiais durante cinco dias. Numa das cidades holandesas, Utrecht, houve uma verdadeira festa popular para recebê-los. O burgo-mestre receptionou-os pessoalmente e, no concerto, o público aplaudia de pé e ofertava tulipas.

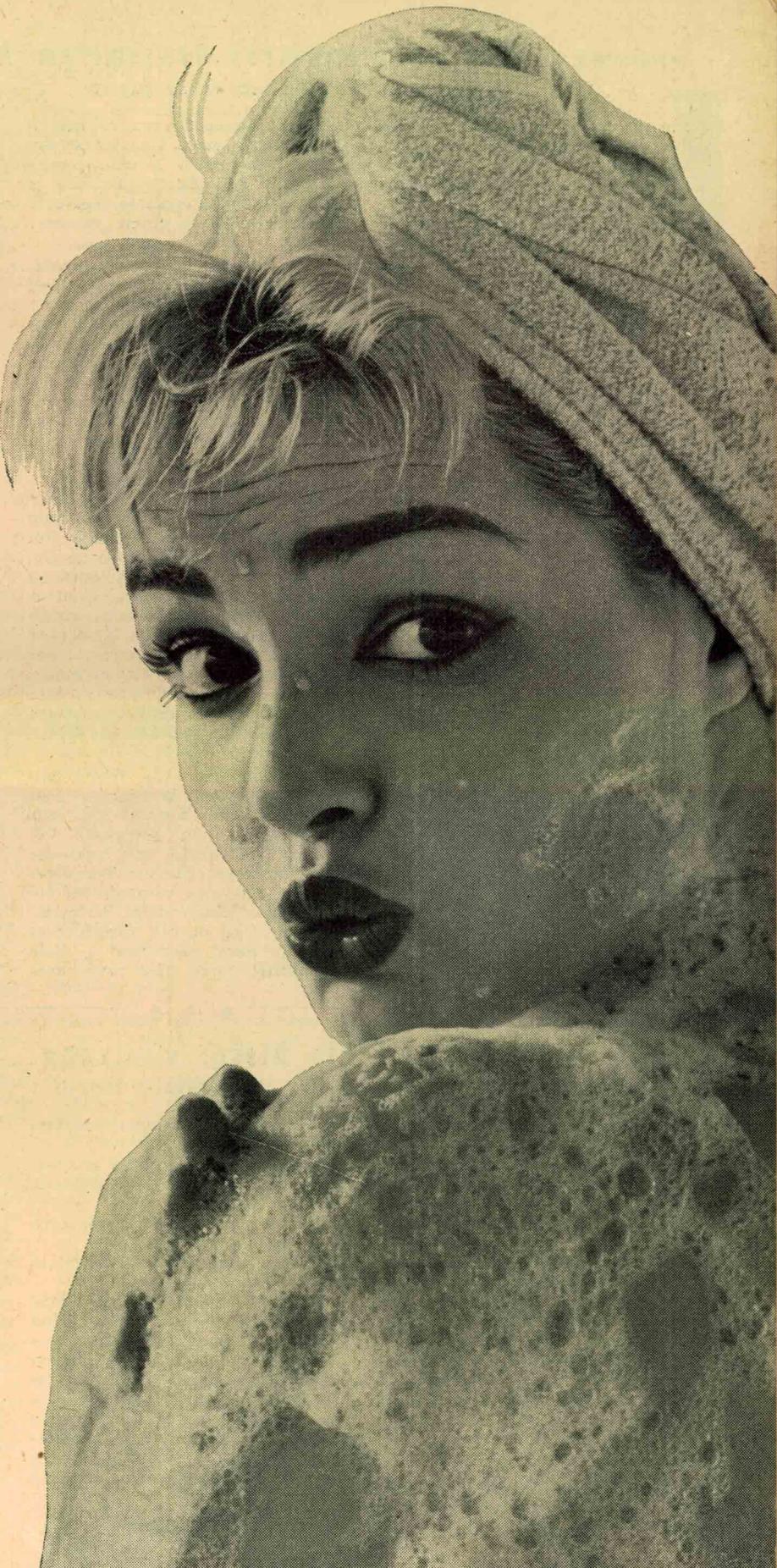
Três países estavam ainda no itinerário do conjunto: Alemanha, Suíça e Itália. No primeiro deles, cantou na Universidade de Freiburg e o prof. A. Hartmann comentou: «O Madrigal Renascentista de Belo Horizonte, Brasil, é um conjunto que se pode comparar aos melhores europeus pela sua harmonia, seu respeito ao espírito da obra e a sua alta classe artística».

Terminando a «tournée» na Itália, o Madrigal cantou na Catedral de São Marcos, em Veneza, no Vaticano e na Embaixada do Brasil S.S. o Papa Pio XII, depois de ouvi-lo, disse: «Nunca poderia imaginar que em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, houvesse um côro de qualidade tão excepcional como o Madrigal Renascentista».



Como bolsista do Governo Alemão, permaneceu na Europa o maestro Isaac Karabtchevsky (bem como alguns coristas). Durante sua ausência de Belo Horizonte, o côro foi dirigido pelo maestro Sérgio Magnani e por Carlos Eduardo Prates, sob cuja regência esteve presente aos Seminários Internacionais de Música da Bahia (quando todos os elementos ganharam bolsas de estudos) e deu um grande concerto na Capital, pela Cultura Artística de Minas Gerais, ocasião

(Conclui na pag. 88)



**MAIS PERFUME...  
MAIS ESPUMA...  
MAIS BELEZA  
PARA VOCÊ !**

O suave e delicado perfume do SABONETE GESSY é um buquê raro das mais finas essências... e na sua espuma cremosa Você tem a proteção de um verdadeiro tratamento de beleza!

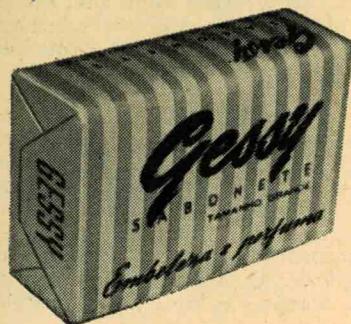
GESSY faz mais espuma...

é mais perfumado...

e é também muito mais durável  
e econômico!

Proteja sua beleza com o

**SABONETE**  
*GeSSy*



# Cantando, Mineiros Transmitem Arte ao...

Conclusão da pag. 86

em que foi apresentada pela primeira vez a peça «Balada de Uma Heroína» — que o compositor português Lopes Graça dedicou especialmente ao côr.

Gozando férias de seus estudos na Alemanha, o maestro Isaac Karabtchevsky retornou à direção do Madrigal Renascentista promovendo uma série de concertos em julho dêste ano. Nessa ocasião, excursionou o coral pelo Rio Grande do Sul, Argentina e Chile. Nos dois países — e também no Estado sulino — o sucesso foi consagrador. No Chile, onde se encontra um público que verdadeiramente admira madrigais, o conjunto impôs-se de maneira definitiva e projetou soberanamente a cultura brasileira e mineira, a ponto de um crítico afirmar: «Enorme foi o triunfo conquistado pela excelência das interpretações do côr renascentista. Graças a él, Belo Horizonte, cidade cujo nome nos era, até agora, vagamente familiar como capital do Estado de Minas Gerais, converteu-se em ponto importante e luminoso do mapa musical americano».

Por outro lado, autoridades no assunto e entidades artísticas também referiram-se elogiosamente aos belo-horizontinos, como a Federação de Coros do Chile: «O exemplo que vocês nos deram será muito difícil de esquecer. A entrega à música coral, com a devoção, a honradez e a mística com que vocês o fazem, há de ser um poderoso estímulo para nossos trabalhos no Chile».

Antes ainda de seu retorno à Alemanha, Isaac Karabtchevsky levou o conjunto a uma excursão por São Paulo, Brasília e pelas principais capitais do Norte do País, obtendo igual sucesso.

☆

Mas, quem são esses jovens que, sem nenhuma ajuda oficial e que sómente ganham por alguns dos seus concertos, já realizaram, em apenas três anos, cerca de trezentas apresentações? São estudantes de música, de Filosofia, de Arquitetura, funcionários públicos e bancários, que se entregam a cultivar a arte pura. São vinte e sete coristas e um diretor capaz e consciente.

Isaac Karabtchevsky é um moço de 24 anos de idade, ex-aluno do oboísta Walter Bianchi. Foi duas vezes solista de oboé da Orquestra Sinfônica Brasileira e professor de Harmonia, Contraponto e História da Música, na filial da Escola Livre de Música de Piracicaba, onde regeu um coral de cinqüenta vozes. Regeu ainda, por duas vezes, a Orquestra Sinfônica da Bahia e de Pôrto Alegre e o Coral Universitário da UMG.

☆

Nas suas andanças, muita coisa curiosa tem acontecido com o côr e com alguns dos seus componentes em separado. Na primeira excursão que realizou, numa apresentação em Teresópolis, tão cansados estavam os coristas que cinco deles desmaiam. E, logo depois, dirigindo-se ao Rio para regressar a Belo Horizonte, como não havia aco-

modações, os componentes do conjunto banharam-se nas instalações da própria estação «Pedro II». De outra feita, em Juiz de Fora, hospedaram-se num quartel do Exército: levantavam-se às cinco horas com o toque da alvorada e faziam o «rancho» com os soldados.

Há ainda o episódio da secretária Rosa Alice Godói («Pitucha») que, quando o côr preparava a excursão à Europa, precisava avistar-se com o Presidente Kubitschek. Numa vinda do Presidente a Belo Horizonte, como não conseguisse falar com ele, Pitucha esperou no aeroporto da Pampulha, para abordá-lo à hora do embarque, o que não foi possível. Isso não impediu, no entanto, que a jovem acompanhasse o Chefe da Nação e, a bordo do «Viscount», expusesse o assunto — e o resolvesse satisfatoriamente.

Interessante também foi a dificuldade passada na Itália. O serviço de turismo contratado pelo conjunto terminava no dia 19 de março, em Roma, e as passagens para a volta ao Brasil, marcadas para quatro dias depois, eram de Lisboa. Não havia uma lira sequer para fazer o percurso Roma-Lisboa. O conjunto, que se encontrava hospedado num luxuoso hotel, teve de transferir-se para uma pensão de segunda, até que fôssem obtidos recursos, através de atividades artísticas e auxílios de amigos brasileiros. Tudo, no entanto, foi levado de maneira muito natural...



## E Ela Disse: «Talvez»...

Continuação da pag. 81

nas dependências de serviço, e o jardim, agora cheio de margaridas, dálias e rosas tardias, ia ser convenientemente cuidado, durante o longo inverno. Edna havia transferido a sua eficiente criadagem para junto de Effie e Agnes, em casa de Harold, e agora as coisas já começavam a funcionar com a normalidade que reinara nos tempos da velha Sr<sup>a</sup> Denlon.

Harold estava a sua espera no terraço e juntos él e Edna passearam pelo jardim, olhando as suas coisas.

— Você vai sentir falta disso, não vai, Edna?

— Sentir falta, por que, Ha-

rold? Agora, as duas propriedades são uma só.

— Eu sei. Mas a gente se acostuma com as coisas familiares, com a rotina.

— Você, meu bem, é que terá de acostumar-se comigo.

— Acho que acostumado eu já estou. Sempre estive.

A casa era confortável, agora que voltara a ser um lar. Edna subiu aos seus aposentos, que haviam pertencido à Sr<sup>a</sup> Denlon e a Clara, e encontrou sua criada, Elizabeth, a colocar nos devidos lugares as últimas poucas coisas que haviam sido mandadas para lá, pela manhã. Harold, na mais perfeita paz, ficou a

descansar na biblioteca. À noite, deram um jantar, seguido de uma calma e agradável recepção aos amigos mais íntimos. Edna achava conveniente a reunião. Serviria para fazer com que Harold voltasse mais depressa à normalidade da vida social a que estava acostumado.

☆ ☆ ☆

A SR<sup>a</sup> LOVESTONE, para espanto seu, recebeu uma carta de Antônio Carmandine. Por sorte, ela gostava de enigmas, pois a caligrafia de Carmandine era complicada, com letras muito ornamentadas, numa confusão de arabescos capaz de mandar para o hospício o mais hábil grafólogo.

go. O objetivo dos rabiscos era que a Sr<sup>a</sup> Lovestone satisfizesse o desejo de Carmandine de receber maiores esclarecimentos a respeito de certos pontos a que ela se havia referido em sua última carta para ele, em Minnesota.

Que queria ela dizer com «fortuna» e «sorte»? Havia dois meses que ele matutava sobre aquilo e, se não soubesse logo da resposta, acabaria ficando maluco. Escrevia a ela porque sabia que não adiantaria muito escrever a Solda. Ela não responderia. Ele, pobre e desprezada criatura, não queria outra coisa que não ser o seu querido papai, mas Solda era uma ingrata, com sangue de cobra a circular nas veias. Terminava mandando que a Sr<sup>a</sup> Lovestone se sentasse logo e lhe escrevesse uma carta contando tudo, tintim-por-tintim.

E foi o que fez a Sr<sup>a</sup> Lovestone. E o fez porque sentiu-se pessoalmente ultrajada por aquêle insulto à pessoa de sua estimada... de sua amada Sr<sup>a</sup> Solda de Carmandine.

Solda, informou, estava agora livre das garras dele — o animal! Estava noiva de um homem de fortuna, o casamento ia realizar-se pela metade do ano seguinte, ou, provavelmente, antes ainda, se o Sr. Johnson pudesse concluir seu trabalho, em suas minas de ouro do Peru, e regressar mais cedo. Mas, já desde então (a Sr<sup>a</sup> Lovestone escrevia a galope) Solda era uma mulher de largas posses, graças à gentileza do Sr. Johnson, abrindo para ela uma conta bancária. Além disso, ela estava morando sózinha, numa velha mansão senhorial, lindamente situada dentro de uma floresta particular, perto da cidade (e, por pouco, a Sr<sup>a</sup> Lovestone ia dizendo que havia também certo número de camponezes e rebanhos de carneiros). E assim, prezado Sr. Carmandine, a coisa era como ela contava.

Enviada a carta, a Sr<sup>a</sup> Lovestone pôs-se a meditar sobre se convinha ou não convinham falar com Solda a respeito dela. Deixou não falar. Solda havia esquecido seu insuportável padrasto. Era melhor que ele continuasse esquecido...

☆ ☆ ☆

CLARA pediu que Joe a levasse à biblioteca pública da cidade. Estava um dia muito claro, e assim, os seus óculos escuros não chamariam atenção, embora a estação já fosse fria. Lembrava-se — como se lembrava sempre de tudo — do grande inte-

rêsse de Harold pelas primeiras edições.

— Gostaria que a senhora pudesse perder alguns momentos comigo — disse à bibliotecária.

— E' um prazer. Quer sentar-se?

— Não, origada. Não preciso de mais que um minuto. O que eu gostaria de saber era o nome de um livro, qualquer livro, que fosse de um interesse mais do que especial para um colecionador.

— A senhora se refere a obras conhecidas, cujo número de exemplares já tenha sido fixado?

— E... mas não poderia ser descoberto mais um?

A bibliotecária riu, satisfeita.

— Bom, tudo é possível, é claro. Mas há certas obras que dariam para provocar verdadeiro cataclismo entre os colecionadores.

Clara sorriu também.

— Pois me diga o nome de uma dessas obras.

— Que tal um exemplar da segunda edição de *Hamlet*?

— E por que não a primeira?

— Posso garantir que a segunda é infinitamente mais cara que a primeira. E' a primeira com o texto corrigido. Existem apenas três exemplares autênticos: em Huntington, no Clube Elizabethano e na Coleção Folger, em Washington.

— Tem um papel para eu tomar nota?

A bibliotecária deu-lhe um bloco e um lápis e repetiu os detalhes.

— Muito obrigada, disse Clara, levantando-se.

— A senhora vai me desculpar, mas... quer isso é para pregar alguma peça?

— Sim, é isso mesmo. A senhora pode dizer que é uma peça.

No caminho para casa, Clara disse a Joe:

— Depois do almoço, você quer trazer a Sr<sup>a</sup> Porter à cidade? Ela vai passar a tarde com a Sr<sup>a</sup> Lovestone. Aliás, você pode ficar, e ir buscá-la às cinco horas. Vá a um cinema, por exemplo. Não é bom?

— Obrigado, Dona Solda. É ótimo.

Bom, a coisa estava começando a funcionar. O tiro de saída havia sido desfechado.

☆ ☆ ☆

ERA INTERESSANTE, pensava Harold, a facilidade com que ele e Edna se haviam mutuamente adaptado, após tão breves semanas de vida conjugal. Deu conta à esposa do que pensava.

— Estava pensando agora mes-  
(Conclui na pag. 96)

## AGORA em Português



Um novo livro de  
Carlos B. Gonzalez Pecotche  
(RAUMSOL)

## LOGOSOFIA CIÉNCIA E MÉTODO

TÉCNICA DA FORMAÇÃO  
INDIVIDUAL CONSCIENTE

Contém os principais  
lineamentos da con-  
cepção logosófica, da  
qual surge uma nova  
cultura para a huma-  
nidade.

NAS PRINCIPAIS  
LIVRARIAS

TAMBÉM EDIÇÕES EM  
CASTELHANO E INGLÊS  
PELO REEMBOLSO POSTAL

Pedidos à Livraria  
OSCAR NICOLAI

Av. Afonso Pena, 776  
Belo Horizonte — Minas

No próximo pleito eleitoral o povo será chamado a decidir, pelo voto livre e consciente, sobre os destinos da Pátria. Não deixe para a última hora o seu alistamento. Providencie, desde já, o seu título e os de seus parentes e amigos ainda não alistados.

## CLÍNICA HOMEOPÁTICA

Dr. J. Schembri

Adultos e Crianças

•  
Av. Afonso Pena, 526 — Edifício  
Mariana — 8º andar — Das 15 às  
18 horas — Fone 4-1791 — Resi-  
dência: 4-5965.

## CONSERVE AS MÃOS SEMPRE EM PERFEITA ORDEM

VOCÊ deseja ter as mãos sempre apresentáveis, não é? Então evite o uso da lixa de metal para polir as unhas, do alicate para cortar a cutícula e também da acetona para remover o esmalte antigo. Use a lixa de papelão, que é muito melhor, os líquidos que eliminam a cutícula e os solventes oleosos que, além de remover completamente o esmalte, tornam a unha flexível e difícil de ser lascada. Para que as unhas estejam sempre em ordem é bom que sejam lixadas e tenham o esmalte renovado de cinco em cinco dias. Aqui estão alguns conselhos que ajudarão nesse mister:

1 — Para acertar a unha, passe a lixa dos lados primeiramente e depois dê-lhe uma forma oval, usando a lixa primeiro do lado mais grosso e depois do lado mais fino.

2 — Coloque as mãos por um instante dentro da água tépida com sabão e, depois de enxugá-las, aplique-lhes um pouco de creme, massageando o contorno dos dedos.

3 — Não se esqueça de aplicar a base e de deixá-la secar antes de passar o esmalte.

4 — Ao passar o esmalte, comece pelo dedo do centro, o que evitará o risco de estragar as unhas já feitas.

NO que diz respeito à maneira de trajar feminina, a situação em algumas partes do mundo chegou a tal ponto que são muitas as moças que sómente se julgam bem vestidas e elegantes quando exibem vestidos de talhes e decotes pouco recomendáveis, em ocasiões menos recomendáveis ainda. Em uma cidade como a nossa, onde felizmente êsses abusos ainda não constituem uma regra geral (e permita Deus que não venham a constituir em tempo algum), quando aparece uma senhorita vestida de modo inconveniente, é um verdadeiro Deus-nos-acuda! Comentários surgem de tôdas as quinze bandas e olhares curiosos não se cansam de focalizar a dama em questão, não

## SOBRANCELHAS BEM DELINEADAS



NÃO existe coisa mais desagradável que a maquilagem que dá ao rosto uma transformação que não se ajusta com o tipo de personalidade; por isto, é preciso observar até que ponto a linha da sobrancelha constitui um realce positivo ou um simples exagero sofisticado, tentador especialmente para as adolescentes. Substituir as sobrancelhas por um traço de lápis é um aten-

tado contra a beleza, porque equivale a substituir aquilo que a Natureza concedeu por um artifício que, se de longe satisfaz visualmente, de perto enfeia e converte parte do rosto em uma máscara.

A linha da sobrancelha deve ser estudada de acordo com a linha dos lábios e nunca feita de improviso. Deve-se começar pinçan-

porque a estejam apreciando, mas porque ficam deveras alarmados com tanta coragem. E o que é mais interessante é que ela não recebe tais olhares como uma recriminação à sua atitude, mas sim como um elogio lisonjeiro!

Não é preciso que se diga que na mulher, nada é mais admirável e digno de aplausos do que a sobriedade na maneira de trajar-se. Sómente ela tem a ganhar com isto, pois além de não dar «panos para as mangas», isto é, além de não dar oportunidades a que falem mal a seu respeito ou a que façam mau juízo de sua pessoa, ela sente-se inteiramente à vontade onde quer que se encontre, sem correr o triste risco de ser ridicularizada.

O uso do vestido justo, das

chamadas mangas cavadas e do decote não é, em hipótese alguma, condenado ou tido como imoral, desde que seja feito com sobriedade, em ambientes e ocasiões que o comportem. Não se justifica, por exemplo, o uso de um vestido decotado ou cavado em um ato religioso ou em uma cerimônia fúnebre. Mas tratando-se de uma festa ou de uma sessão de cinema, nada mais justo, quando são observados os princípios da moral.

Vestir-se decentemente e com sobriedade é, acima de tudo, um ato de grande valor cristão, pois assim procedendo estamos guardando devidamente aquilo que o apóstolo São Paulo disse ser o «Templo do Espírito Santo» — o nosso corpo.



do a sobrancelha na sua parte inferior. A graduação da espessura e a sinuosidade do traçado dependem da aparência que se queira conferir ao rosto e isto varia de pessoa para pessoa. O lápis deve ser um colaborador eficaz, um retificador e jamais a base, porque isto seria anti-estético.

Não há dúvida que as sobrancelhas normais são as mais belas, mas, como há casos em que elas não podem ser conservadas como nasceram, já que a maioria dos rostos se beneficia muito com um traço embelezador, nada mais justo do que corrigi-las dentro dos limites estéticos. Assim, as muito juntas devem ser separadas; caso contrário, o lápis dará a solução, fazendo com que a distância fique menor. As mulheres que possuem testas muito altas não devem arquear muito as sobrancelhas. A elas convém a linha reta, levantada no extremo exterior, o que constitui um detalhe original e produz bom efeito. O lápis a ser empregado deve ser da côr exata dos cabelos e de boa qualidade, para que o seu efeito seja mais duradouro.

Deve-se usar também o óleo de ricino nas sobrancelhas, pois a sua ação tônica é muito valiosa; além disso, dá-lhes brilho e sedosidade, quando aplicado com um algodãozinho, na ponta de um palito.

## CONVÉM SABER

- Parece que, afinal, os arquitetos se deram conta da importância dos armários embutidos. Estéticos, espaçosos, utilíssimos, êsses armários têm a vantagem de não apresentar as proporções gigantescas dos móveis antigos. Se a dona de casa souber aproveitá-los com inteligência, poderá não só dispensar outros móveis, para guardar roupas, como ainda utilizá-los como elementos decorativos.
- Se o armário embutido se destina à roupa branca, convém fazer as suas portas de cedro rosa ou de outra madeira aromática. Assim, aproveita-se não só a beleza da madeira, como a sua propriedade de transmitir às roupas um odor agradável.
- Para dividi-lo simetricamente, usam-se tábuas comuns, bem aparelhadas, revestidas com um fôrro de tecido lavável. O fôrro deve ter, de preferência, côres suaves — azul-celeste ou rosa, por exemplo — e pode-se enfeitá-lo com franjas ou babados. Na parte reservada aos cobertores e às colchas de lã, o fôrro deve ser feito com papel alumínizado.
- O armário para roupas masculinas pode ser dividido em duas partes, com uma tábua à meia altura. Já o destinado às roupas femininas tem de ser dividido de outra maneira: uma prateleira no alto, para os chapéus e as caixas; um porta-cabide, e, em baixo, a uns trinta centímetros de altura, uma prateleira para calçados.

# Tortas e Pudins



## Torta de chocolate

12 biscoitos «língua de gato» ou «champagne»  
1 pacotinho de gelatina em pó  
1/4 de xícara de água fria  
250 gramas de chocolate meio doce  
1/2 xícara de açúcar

1 colherinha de sal  
1/2 xícara de leite  
3 ovos, batidos separadamente  
1 colher de chá de essência de baunilha  
1 colher de sopa de suco de limão  
2/3 de xícara de leite gelado

Forre os lados de uma fôrma de torta com biscoitos «Champagne» ou «língua de gato».

Dissolva a gelatina em água fria. Aqueça em banho-maria o chocolate, misturando com leite, o sal e 1/4 de xícara de açúcar. Deixe cozinhar. Bata as gemas e junte-lhes a mistura quente. Torne a pôr em banho-maria e cozinhe, mexendo constantemente, até que engrosse um pouco. Tire do fogo, junta a gelatina e a baunilha, mexendo mais um pouco, até que tudo se dissolva. Deixe gelar até adquirir consistência de clara de ôvo.

Bata as claras com o açúcar restante, em ponto de suspiro. Misture. Bata o restante do leite com o suco de limão e acrescente.

Ponha na fôrma com biscoitos. Deixe gelar bem. Tire da fôrma na hora de servir e enfeite com creme batido e pastilhas de chocolate.

## Torta com «pois» de chocolate

Os «pois» são uma novidade no terreno da culinária. Mas... esta torta que hoje apresentamos está, realmente, muito bem adornada para um almoço festivo.

### Ingredientes :

1 pacotinho de gelatina sem sabor  
1/4 de xícara de água fria  
2/3 de xícara de açúcar  
1 colher de sopa de xarope de milho (glucose)  
4 ovos, batidos separadamente  
2 xícaras de leite fervendo  
1 pacotinho de pastilhas de chocolate doce (200 gramas)  
1 colher de chá de essência de baunilha  
1/4 de colher de chá de sal  
1 crosta de massa de torta (assada)

Prepare primeiro a massa da torta, seguindo a sua receita favorita. Depois faça o recheio como segue.

Amoleça a gelatina em água fria.

Misture 1/3 de xícara de açúcar com o xarope de milho.

Bata ligeiramente as gemas de ovo, acrescentando devagar o



leite fervendo, depois o açúcar misturado com o xarope de milho. Cozinhe em banho-maria, mexendo constantemente, até que comece a formar espuma.

Separé 1 xícara desse recheio e acrescente-lhe 150 gramas do pacotinho de pastilhas de chocolate. Mexa até que derretam. Deixe descansar.

Ao restante da massa do recheio acrescente a gelatina. Misture até que esta se dissolva bem.

Junte a essência de baunilha. Deixe gelar até tomar consistência de claras batidas. Bata as claras em ponto de neve, com sal e o restante 1/3 de xícara de açúcar e junte à massa com gelatina.

Ponha a massa com chocolate na crosta da torta e por cima a massa com gelatina. Deixe gelar até endurecer. Enfeite com as pastilhas de chocolate restantes, formando «pois».

## Pudim de batata-doce

A cozinha típica do sul dos Estados Unidos tem muita coisa de nosso. A batata-doce, lá como aqui, é aproveitada para a confecção de saborosas sobremesas. Com a variedade amarela da batata-doce, preparam um delicioso pudim, que é a receita de hoje.

1/2 quilo de batatas-doces cozidas e descascadas  
1 xícara e meia de açúcar prêto  
1/2 xícara de manteiga  
6 gemas de ovo, bem batidas  
1 colher de sopa de casca de limão ralada  
Cravos  
1 xícara de suco de laranja  
6 claras de ovo

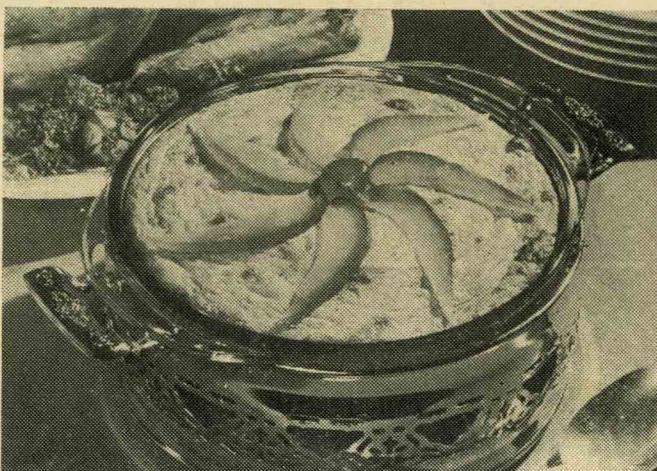
Passe a batata-doce numa peneira. Junte uma xícara de açúcar e a manteiga. Misture com as gemas bem batidas, a casca de limão, o suco de laranja e os cravos.

Bata as claras em ponto de neve e misture com cuidado.

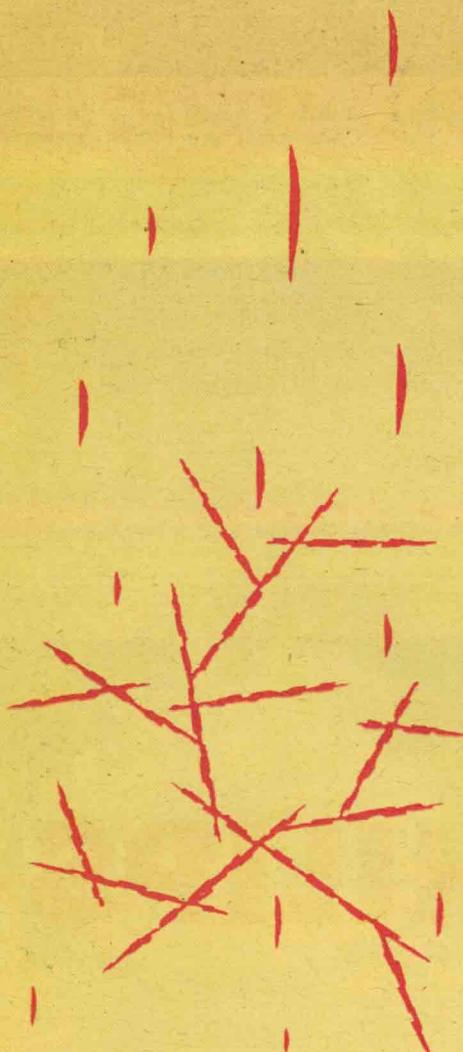
Coloque a massa numa fôrma de vidro que possa ir ao forno, para assar. A fôrma deverá estar

muito bem untada. Polvilhe por cima com o restante do açúcar e asse em forno moderado, cerca de uma hora.

A receita foi calculada para 8 ou 10 comensais.



# esparsos



## POEMA FÚNEBRE

A carne é morta,  
Na rigidez corpórea  
Os olhos vazios  
São mundos parados  
Retratando o nada  
Na simplificação de tudo...

Os lábios fechados  
Falam de amor...  
Falam em ciência...  
O cansaço os lacrou  
No resumo fantástico  
Do silêncio de agora...

As mãos estão frias...  
Crisparam-se na vida  
Na loucura da busca  
De impossíveis desejos...  
E quedaram-se vencidas.

L. Rodrigues

## MEU MAIS TRISTE DIA

Foi o meu mais triste dia  
certo dia de Finados...  
Fininha chuva caía,  
Mansinha sobre os telhados.  
E os telhados,  
Oh, coitados !  
Pareciam carpideiras  
a chorar, desesperados,  
pelos olhos das goteiras !

A natureza viúva,  
Lá fora, penteava os fios,  
muito compridos e frios  
de seus cabelos de chuva.

Havia tristeza em tudo —  
na Terra, no Céu cinzento,  
no arvoredo, agora mudo,  
envolto em véu alvacente.

Lá fora murmúrios dágua —  
Pesares da Natureza !  
Cá dentro — chuva de mágoa —  
pranto de nossa tristeza.

Muito alvo, num caixãozinho  
azul, coberto de flôres —  
dormia o mais lindo anjinho,  
velado por nossas dores !

Quintiliano Jardim

## CASA DOS SONHOS

Velha casa dos sonhos, casa triste,  
Fantasma que a memória em mim deixou;  
Só a saudade no meu peito existe,  
Só a lembrança o tempo não levou...

Quanta recordação inda persiste  
Nos cômodos, e em tudo que ficou !  
Quando a visito, o pranto não resiste,  
E choro a ausência que meu pai deixou.

Sentindo em cada canto uma lembrança,  
De mim atroz tristeza se apodera,  
De um mal sem lenitivo, sem bonança.

Se o coração me traz amargurado,  
Que a demolissem eu jamais quisera,  
Pois ela representa o meu passado !

Hélio Gonçalves



## Possante e sonoro

como todo receptor de alta qualidade...

...o Transistor Philips é extraordinariamente econômico...

Funciona com pilhas nacionais de lanterna e é apresentado em 2 modelos:

**modelo L3 R 73-T**

7 transistores. Ondas médias.

4 pilhas comuns. Controle de tonalidade.

**modelo L3 R 78-T**

7 transistores. Ondas médias e curtas.

6 pilhas comuns. 2 antenas.

É elegantíssimo para transportar



**"ALL" TRANSISTOR**

# PHILIPS

S. A. PHILIPS DO BRASIL

## Ela Disse: «Talvez»...

Conclusão da pag. 89

mo que o tempo não vale nada, Edna. Isto é, é como se tivéssemos vivido juntos a vida inteira. Claro que eu acho que o fato de nos conhecermos desde a infância tem alguma importância, mas não tem a importância toda.

— Pois para mim o tempo significa muito. Dentro de uma hora, tenho de ir presidir o «bridge» de caridade no Clube Feminino.

— Ah, eu vi a notícia na Gazeta. E' para algum orfanato, não é mesmo?

— Não. E' para a Sociedade Humana do Condado.

Edna beijou-o amorosa e subiu as escadas, enquanto Harold ficava a passear pela biblioteca, antes de entregar-se ao prazer de um cochilo vespertino. Pouco depois das duas, Effie foi acordá-lo.

— E' o telefone, Sr. Harold.

— Ah, sim, Effie. Quem é que quer falar comigo?

— Ela disse que se chama Sr<sup>a</sup> Wiggins.

— Não creio que conheça alguma senhora Wiggins.

— Ela disse que é a respeito de um livro.

Harold correu para o telefone e, no caminho, pensou naquela particularidade de pessoas estranhas o chamarem, por terem ouvido falar do seu interesse, a amigos de amigos de alguns amigos seus.

— Sr<sup>a</sup> Wiggins? Aqui fala Harold Denlon.

— Ah, boa-tarde, Sr. Denlon. Ouvi falar da sua coleção e acho que tenho um volume que poderá interessá-lo... interessá-lo muito.

A voz era esquisita, pensou Ha-

rold; era como se estivesse sendo disfarçada, ou como se a ligação não estivesse bem feita.

— Estou sempre interessado, Sr<sup>a</sup> Wiggins. O que é?

— E' um exemplar muito bom da segunda edição do Hamlet.

Harold controlou-se, para impedir que se externasse uma gargalhada de mofa. Riu para dentro.

— Lamento muito, Sr<sup>a</sup> Wiggins, mas acho que isso é impossível. Existem apenas três...

— Sim, eu também sei. — interrompeu a voz da Sr<sup>a</sup> Wiggins.

— Em Huntington, no Clube Elizabethano e na Coleção Folger, em Washington. Acontece, Sr. Denlon, que eu adquiri um quarto exemplar.

A palavra «impossível» continuava a flutuar no cérebro de Harold. Mas... ainda acontecem milagres neste mundo. Era só lembrar o exemplo de uma daquelas raríssimas edições do Século Quinze, encontrada por trás do espelho de uma mala-armário...

— Gostaria que a senhora me permitisse procurá-la, Sr<sup>a</sup> Wiggins.

— Era o que eu já ia sugerir, Sr. Denlon.

— Quando seria mais conveniente?

— O senhor sabe onde fica a velha propriedade de Watertown?

— Sei, sei sim.

— Então, é só aparecer. Por que não vem agora mesmo?

— Obrigado. E' o que vou fazer.

Harold, agora quase febrilmente, procurou um casaco, pôs o chapéu e saiu correndo para a garagem...

Clara desligou o aparelho e atravessou a casa vazia (a Sr<sup>a</sup> Porter e Joe já haviam saído) em direção ao seu quarto de vestir. O espelho tríplice sobre a penteadeira deu-lhe a certeza de que Solda havia desaparecido inteiramente. Arranjara os cabelos de um jeito familiar a Harold, e fizera a maquilagem com o toque artístico de outros tempos.

Apesar da espera enervante, os nervos de Clara mantinham-se perfeitamente controlados. O pulso estava algo mais rápido do que normalmente, a pressão talvez estivesse um tantinho elevada, mas nenhuma dessas variações se revelava no seu exterior.

Desceu as escadas e tomou posição numa das janelas da sala de estar, de onde podia ver a estrada. Não valia a pena fazer conjecturas a respeito da provável reação de Harold. Durante dias e dias, ela pensara naquele momento e sabia que as reações humanas são absolutamente imponderáveis.

Passaram-se vinte minutos, antes que ela fôsse para a porta, a fim de abri-la quando soasse a campainha. Do lado de fora, a porta de um carro bateu com força e nos degraus da entrada passos ansiosos fizeram-se ouvir. Quando abriu a porta, ela deixou que a luz do sol penetrasse vivamente, para iluminar desde logo o seu rosto e a tragédia que se desenhava nos seus olhos.

— Quero falar com a Sr<sup>a</sup> Wiggins. Ela... (Continua no próximo número)



## Annie Girardot: entre o cinema e o...

Conclusão da pag. 99

rém, quando soube que seu parceiro seria o exigente Jean Gabin. Mas, para a felicidade da jovem, tudo correu bem, e ambos tornaram-se bons amigos. Annie guarda com doce recordação a primeira fotografia tirada nos estúdios ao lado de Gabin, numa cena de «Le Rouge Est Mis».

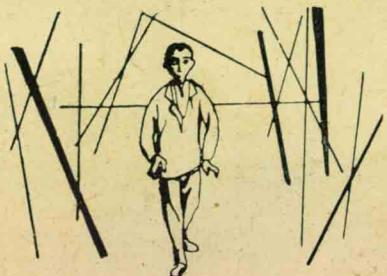
Seguiu-se um período de «calmaria», e Annie voltou ao teatro. Os produtores, entretanto, não a haviam esquecido e Annie Girardot volta à tela para viver o principal papel na interessante comédia de Marc Allegret intitulada «L'Amour est en Jeu», onde ela aparece como a esposa de Roberto Lamoureux.

Tudo indicava que Annie iria viver apenas papéis em comédias finas, mas tal não se deu e a nova «estréia» muda completamente de tema ao interpretar «Le Désert de Pigalle», um drama vigoroso em que a atriz revela seu talento dramático de forma convincente.

Mas, Annie Girardot é dessas que «enquanto descansa carrega pedras». Quando está disponível nos estúdios, volta sempre à casa paterna, isto é, à Casa de Molière, à Comédia Francesa, o teatro que lhe deu nomeada. Na verdade, a ribalta é a sua grande paixão, mas, o cinema é mais rendoso.

Agora mesmo, Annie vive no palco uma de suas mais extraordinárias criações; vive um papel difícil, na peça de William Gibson «Deux sur le Balancioire» (Dois na Gangorra), tendo como diretor o cineasta italiano Luchino Visconti, e como parceiro, Jean Marais, outro «astro» do cinema francês. Nessa peça, Annie faz o público vibrar, faz a gente chorar, rir, amar, viver e sofrer.

Interpreta seus papéis teatrais, com a mesma sutileza com que o faz na tela. Sim, Annie Girardot é uma atriz completa, tanto atua em dramas como em comédias; aparece com igual brilhantismo no palco e na tela.



## Fonte Viva:

### Sigamos a Paz

*"Busque a paz e siga-a". — Pedro (I PEDRO, 3:11).*

**H**A' muita gente que busca a paz; raras pessoas, porém, tentam segui-la.

Companheiros existem que desejam a tranquilidade por todos os meios e suspiram por ela, situando-a em diversas posições da vida; contudo, expulsam-na de si mesmos, tão logo lhes confere o Senhor as dádivas solicitadas.

Esse pede a fortuna material, acreditando seja a portadora da paz ambicionada, todavia, com o aparecimento do dinheiro farto, torturasse em mil problemas, por não saber distribuir, ajudar, administrar e gastar com simplicidade. Outro roga a bênção do casamento, mas, quando o Céu lha concede, não sabe ser irmão da companheira que o Pai lhe confiou, perdendo-se através das exasperações de tóda sorte. Outro, ainda, reclama títulos especiais de confiança em expressivas tarefas de utilidade pública, mas, em se vendo honrado com a popularidade e com a expectativa de muitos, repele as bênçãos do trabalho e recua espavorido.

Paz não é indolência do corpo. É saúde e alegria do espírito.

Se é verdade que tóda criatura a busca, a seu modo, é imperioso reconhecer, no entanto, que a paz legítima resulta do equilíbrio entre os nossos desejos e os propósitos do Senhor, na posição em que nos encontramos. Recebido o trabalho que a Confiança Celeste nos permite efetuar, é imprescindível saibamos usar a oportunidade em favor de nossa elevação e aprimoramento.

Disse Pedro — «Busque a paz e siga-a».

Todavia, não existe tranquilidade real sem Cristo em nós, dentro de qualquer situação em que estejamos situados, e a fórmula de integração da nossa alma com Jesus é invariável: — «Negue cada um a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me». Sem essa adaptação do nosso esforço de aprendizes humanos ao impulso renovador do Mestre Divino, ao invés de paz, teremos sempre renovada guerra, dentro do coração. — (Do livro «Fonte Viva»)

## PAIXÃO

• A amizade é moça no fim de um século; a paixão é velha no fim de um mês. — Niger.

• De tódas as paixões violentas, a que menos malifica à mulher é o amor. — La Rochefoucauld.

## CANTIGAS

A Tristeza, na verdade,  
Não vai às festas da gente;  
Mas se a desgraça acontece  
Ela sempre está presente.

Demóstenes Cristino

Trovas — cantigas suaves  
Levando o meu pensamento  
Na branca espuma das ondas,  
Nas leves asas do vento...

Paulo Freitas

Tropeiro das ilusões  
por afetuoso caminhos  
conduzo a tropa dos sonhos  
ao campo dos teus carinhos.

Mauro Mota

E' jardineiro imperfeito,  
o amor em sua maldade:  
planta nas cinzas do peito  
sômente a flor da saudade!

Héron Patrício

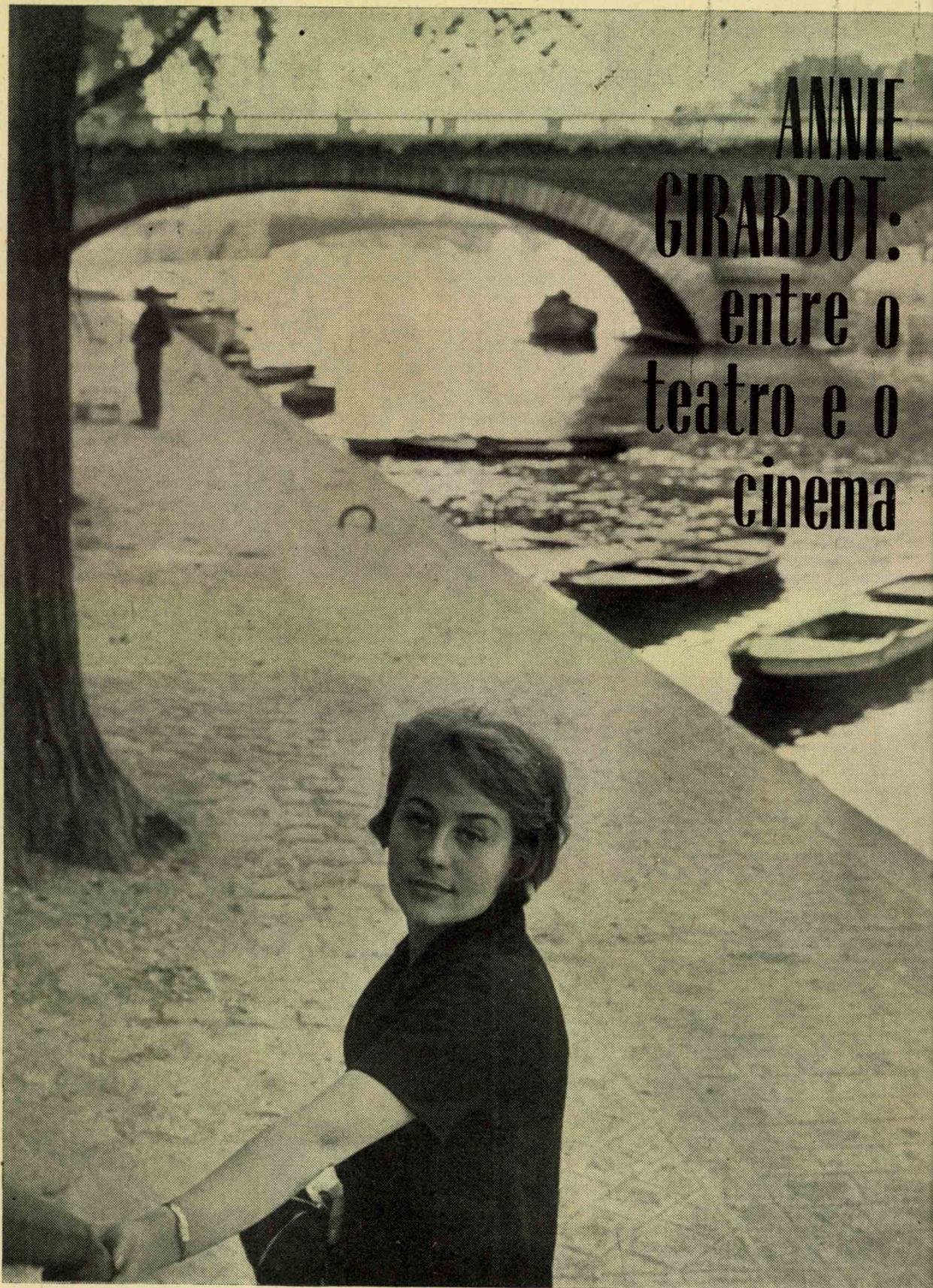
Velhice, serias calma  
se eu não tivesse em tua lida  
a primavera na alma  
e o inverno dentro da vida.

Lilinha Fernandes

Vivo trovando na vida  
Sem usar o violão...  
Mas canto a trova sentida  
Nas cordas do coração...

Vicente Felix de Queiroz





**ANNIE  
GIRARDOT:  
entre o  
teatro e o  
cinema**

Annie Girardot, no Cais do Sena, em Paris.



**A**DANÇA, o canto, o teatro, o rádio, as buates, a televisão e, naturalmente, o cinema, tudo isso faz parte do diversificado talento de Annie Girardot, que é uma artista multiforme.

Segundo dizem, é uma das mais completas atrizes francesas da nova geração, além de ser dotada de grandes recursos cênicos.

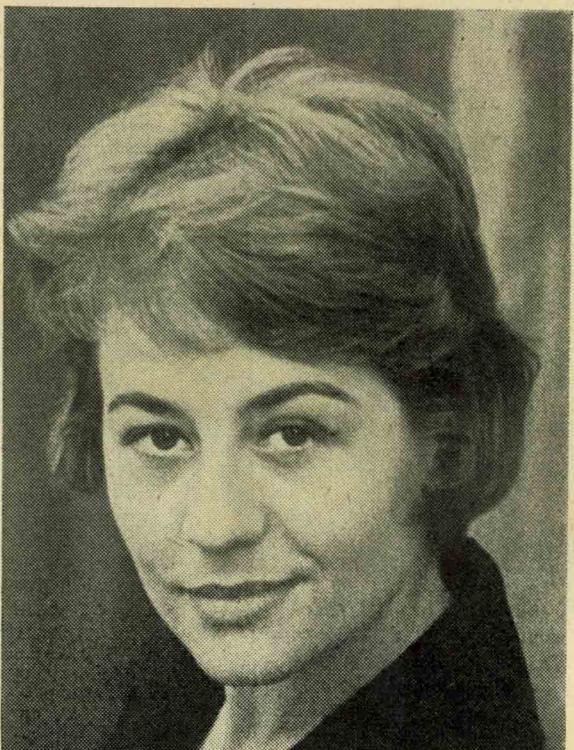
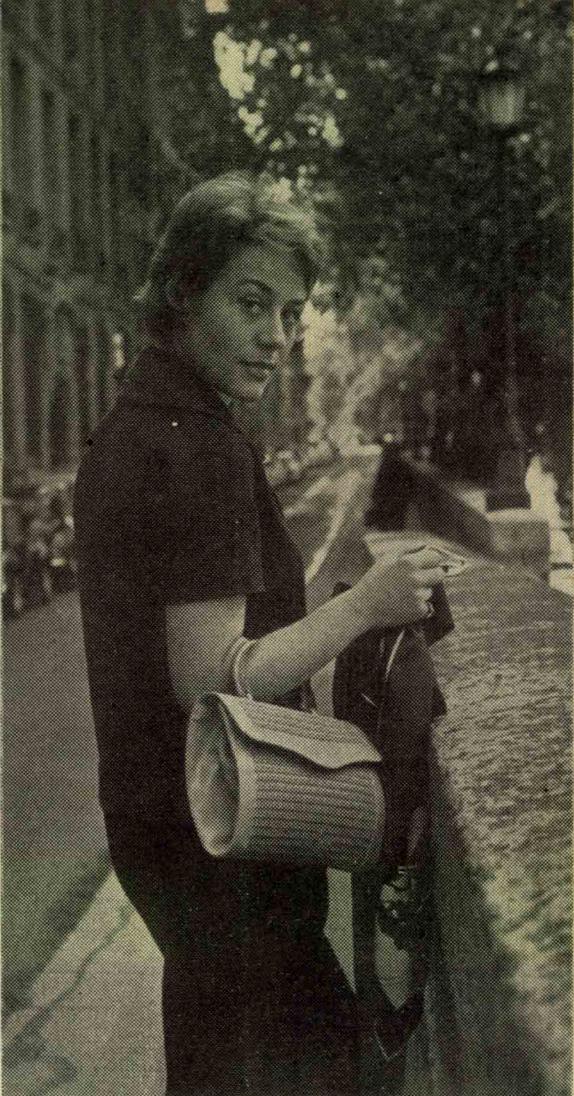
No entanto, essa jovem e talentosa estréia (29 anos de idade) jamais, em sua vida, sonhou com a arte cênica. Talvez, os efeitos da guerra, a qual presenciou com todos os seus horrores durante a infância, tenham levado a jovem Annie a se apaixonar pela medicina. Foi assim que, após concluir o curso secundário e bacharelar-se em ciências e artes, Annie Girardot ingressou na Faculdade de Medicina a fim de fazer um curso de enfermagem. Acreditava ela que aquela fosse, na realidade, sua grande vocação. Lembrava-se dos efeitos da guerra, e sentia-se penalizada pelos doentes. Mas, quando enxergou de perto o que era aquela árdua profissão, desistiu. Sentiu vertigens e retirou-se da sala de cirurgia antes de concluir a intervenção. Fracassara no seu batismo de fogo.

Desiludida com sua triste experiência, Annie Girardot passou algum tempo meditando e depois tomou uma decisão: ingressar no Conservatório de Arte Dramática. Em 1950, entrava no estabelecimento, para deixá-lo quatro anos mais tarde com um honroso primeiro prêmio. Havia sido o primeiro passo para iniciar-se na carreira para a qual tanto trabalhou.

No mesmo ano em que deixou o Conservatório, a Comédia Francesa abria-lhe as portas e ei-la contracenando com as maiores expressões artísticas da França. A princípio, não tinha grandes oportunidades; davam-lhe insignificantes papéis de criadinha, em comédias de Marivaux e Molière. Um dia, porém, surgiu-lhe a grande chance, ofereceram-lhe o principal papel feminino em «Os Miseráveis», de Victor Hugo, e a seguir, um outro papel não menos importante em «A Máquina de Escrever», de Jean Cocteau. Assim, Annie Girardot lançara as bases para a sua ascenção.

Da ribalta para os estúdios foi um pulo. «Treze à Mesa», uma peça de Sauvajon, ia ser filmada. Os produtores procuraram desesperadamente uma jovem para o papel e, após numerosos testes não hesitaram em contratar Annie. Com o sucesso de «Treze à Mesa», não lhe foi difícil conseguir outro papel no cinema. Annie, entusiasmada, tremeu, po-

(Conclui na pag. 96)



←  
A ilha de Saint-Louis recebe a visita da bela atriz do cinema francês.



Um olhar bem parisiense serviu para fazer de Annie um sucesso.



Frank Sinatra

## CINE-NOTAS

☆ O diretor de (ótimas) comédias, Frank Capra, que estêve há não muito tempo no Brasil, anunciou que decidiu filmar a vida de São Paulo (e acrescentou que estava falando a sério). E já escolheu o ator para o papel de São Paulo: Frank Sinatra (!), por incrível que pareça. O próprio Frank Sinatra ao ser convidado pelo seu homônimo ficou chocado. Mas aceitou.

☆ Alfred Hitchcock, depois de seu «Intriga Internacional», comparece em um novo filme da MGM, mas não como diretor. E' que no filme mais recente de Glenn Ford, «The Gazebo», este ator personifica um escritor que tem um contrato com Mr. Hitchcock, a quem interpela por telefone sobre o andamento da história. O que Hitch não sabe é que Ford está na iminência de ser preso sob acusação de crime. Isto, evidentemente, no filme.

☆ Robert Aldrich, responsável por 3 ótimos filmes exibidos em Belo Horizonte (A Grande Chantagem, Morte sem Glória e A Morte num Beijo), não vem recebendo nos EUA uma crítica muito favorável a seu último filme, «Ten Seconds to Hell». Parece que Aldrich tornou-se um fâ

de Jack Palance, que já trabalhou em dois filmes seus, A Grande Chantagem e Morte sem Glória, e que comparece também neste filme, como o mocinho bom da história. O mocinho mau é o não menos conhecido (e canastrão) Jeff Chandler. Será que ela se despe até em filme americano?

☆ Charles Vanel, grande ator francês, completou cinqüenta anos de cinema quando realizava seu último filme, «La Valse du Gorille». Como um dos filmes antigos de Vanel, «Le Gorille Vous Salut Biens», foi extraído de um célebre romance policial francês e pôe em cena um agente do Serviço Secreto Francês em luta com adversários empenhados numa mesma caça a documentos. Duzentos filmes separam «Au Creux du Sillon», seu primeiro filme, e «La Valse du Gorille». Entre elas, «O Salário do Médo», que lhe valeu, em 1951, o Grande Prêmio de Interpretação de Cannes.

☆ Fred Astaire torna a subir os degraus de sua vida numa auto-biografia publicada este ano. Foi escrita por sugestão do ator inglês Noel Coward e se chama «Steps in Time» (Degraus no Tempo). Conta a história de sua vida desde sua infância em Omaha, em casa do pai, um imigrante austríaco dono de uma cervejaria, até sua atual posição, de dono da dança popular. O «old boy» marca mais um ponto.

## CINEMA

Guido A. de Almeida

### Hércules, Sansão e Tarzan

NADA mais nada menos do que 900.000 dólares foi a renda bruta da primeira sema-

na de exibição de «Hércules», o filme de maior sucesso atualmente nos EUA. O dono deste negócio é Joseph Edward Levine, nascido há 53 anos na cidade de Boston, que já foi tudo em sua vida, o único traço semelhante entre suas profissões encontrando-se no fato de que em todos Levine era capaz de fazer dinheiro. Mas Levine decididamente se excedeu, agora, em sua muito invejável capacidade, ao fazer o maior negócio-da-China do mundo. Levine tem um gosto extremamente apu-

rado para descobrir o alimento adequado para a indigestão pública, de modo que, quando viu «Hércules», um filme italiano que andava pra lá e pra cá nas mãos dos distribuidores americanos, viu o que nenhum distribuidor vira: uma ocasião certíssima de fazer dinheiro grosso. Comprou imediatamente a película. Mandou dublá-la (até na parte de Steve Reeves, ator americano que faz o papel de Hércules). E iniciou uma das campanhas publicitárias mais fabulosas que já se viram nos

### Joan Collins é o máximo

ERA uma vez uma menina que adorava o cinema e, principalmente, os artistas de cinema. De sua Londres natal escrevia para o mundo inteiro pedindo retratos autografados de artistas da tela que reunia em álbuns enormes e de número sempre crescente. Era só olhar uma foto de Robert Mitchum, ou de John Payne, ou de qualquer outro astro famoso, para sentir um

«frio» descendo pela espinha. Esta menina queria muito, muito, ser estrela do cinema quando crescesse...

Não sou eu quem diz isto, é a própria irmã de Joan Collins que nos conta em reportagem publicada em uma revista norte-americana.

Joan Collins não ficou só em seus sonhos. Aos 17 anos foi aceita na Royal Academy of Drama and Arts. Assim não lhe foi muito difícil fazer-se contratar por uma companhia cinematográfica: com seus atributos físicos e com

seu conhecimento de arte dramática, as portas do cinema lhe estavam abertas de par em par. Um dos ídolos de sua meninice era Maxwell Reed, ator inglês, com quem travou conhecimento logo no início de sua carreira e com quem acabou por se casar. Esse casamento, porém, não saiu como ela esperava, tendo acabado em divórcio litigioso. Sua popularidade aumentava firmemente à medida que seus filmes eram lançados; seu sucesso foi tão grande junto ao público inglês que Hollywood lançou seus olha-

## Formosa Dupla



A BELEZA insinuante e provocadora de duas jovens estréias europeias está inquietando a mente dos londrinos, porque foram contratadas para interpretar ali a comédia «Upstairs and Downstairs». São elas Mylène Demongeot, da França e Claudia Cardinale, da Itália, que personificam duas criadas que se empregam (juntas) no lar de recém-casados, provocando um tumulto.

O nome de Mylène Demongeot ficou famoso internacionalmente depois de seu papel como Abigail na película francesa «Les Sorcières de Salem». Um papel importante na produção norte-americana «Bom-Dia Tristeza» e uma sucessão de películas filmadas em

sua pátria, ao lado de nomes consagrados como Henry Vidal, Jean Servais, Maurice Ronet e ultimamente Curd Jurgens, colocaram-na em plano muito destacado.

Claudia Cardinale, por sua vez, é uma jovem deslumbrante, para quem a indústria cinematográfica italiana predisse grandes coisas. Claudia nasceu há 18 anos e sua carreira começou ao ganhar um concurso de beleza sob os auspícios da Unitália. O primeiro prêmio consistia em uma viagem a Veneza e uma prova num estúdio. Como resultado, obteve um contrato de cinco anos.

EUA — revistas em quadrinhos Hércules, sanduíches Hérculeos e aparelhos de medir força Hércules espalhados estrategicamente pelas principais cidades (cada vez que um brutamontes local consegue soar a campainha do aparelho, Levine faz uma doação para um estabelecimento de caridade).

Levine, portanto, e não o filme em si mesmo, nem o ator principal, nem muito menos o diretor, é a grande figura do filme. Segundo o noticiário das revistas

norte-americanas o filme é uma xaropada para adolescentes ingênuos que chega até a ser (sem querer, porém, inevitavelmente) humorístico. Parece que o responsável pelo enredo não entendia lá muita coisa de mitologia, não, de modo que esse Hércules mais ou menos adaptado fica parecendo, no final das contas, um pouco com Sansão e outro pouco com Tarzan. O dono do papel de Hércules, Steve Reeves, é um ex-Mister América que tem o tórax tão desenvolvido que parece estar res-

res cúpidos para ela e não tardou em atraí-la para os «States», onde seu sucesso se ampliou numa escala mundial.

Joan Collins, atualmente, deve se sentir realizada em sua carreira. Não é, na verdade, uma atriz excepcional — e parece que não se importa muito em ser. Ela é, sim, o exemplo típico da atriz de «entertainment» e, neste campo, convenhamos, ela é perfeita. Nisto é que podemos apreciá-la: como a artista bonita e agradável que é, feita sob medida para os filmes de entretenimento.

## O telefone de Françoise Sagan

EM «Les Liaisons Dangereuses», último filme de Roger Vadim, veremos Gérard Philipe dar em determinado momento seu número de telefone: Babylone 32.82. Lendo o argumento, Jeanne Moreau disse:

— Esquisito, parece que conheço este número!

Não era para espantar tal afirmação, pois este foi o número de seu telefone durante três anos, pertencendo atualmente a Françoise Sagan e a seu marido Guy Schoeller, que ocupam o antigo apartamento de Jeanne Moreau, na Rua da Universidade.

É provável que depois disso Françoise Sagan tenha de mudar de número de telefone.

pirando fundo o tempo todo e prendendo o fôlego. Mas consolemo-nos. O filme tem também Amazonas que são bacanas até demais, especialmente na cena em que aparecem num cemitério, que todo mundo descobre não ter mais de cem anos de vida, digo, de morte (e onde uma delas diz que esse é o lugar onde elas enterraram os estrangeiros depois da estação de casamento).

Conselho ao leitor antes do ponto final: Mantenha Distância. Ponto final.



## CONCURSO DE CONTOS

**N**o sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Companhia de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o "Concurso Permanente de Contos" desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que norteiam os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes ou mistérios tenebrosos, fixando de preferência as emoções do ambiente de família, do lar e os dramas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser inéditos e, uma vez premiados, terão os seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar também o seu nome e endereço completos para a remessa eventual do prêmio que lhe couber.

7º) — Os dois melhores trabalhos recebidos em cada mês serão divulgados nas páginas de ALTEROSA e contemplados, cada um, com o prêmio de mil cruzeiros.

8º) — Os trabalhos considerados publicáveis, embora não reúnam qualidades suficientes para que sejam premiados, receberão menção honrosa e poderão ser eventualmente divulgados.

Os prêmios deste Concurso são enviados pela Companhia de Seguros "Minas-Brasil", diretamente aos autores premiados, sessenta dias após a publicação.

Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados, nem se manterá correspondência sobre o destino dos mesmos. A revista noticiará, quinzenalmente, o resultado do julgamento, relacionando os trabalhos aprovados.

## COLABORAÇÃO DE LEITORES

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o concurso "Minas-Brasil" e com outras colaborações espontâneas para esta revista mencionamos a seguir as produções recebidas na 2ª quinzena de setembro e 1ª quinzena de outubro e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

CONTOS : "Senhora Ribeiro", de M. L. Abreu de Oliveira; "As Mãos", de H. A. Nascimento e "O Tupi Ibitu-Mae", de A. de Pádua Bertelli.

CRÔNICAS : "A Espiral do Devaneio", de Christiana Lessa; "Primavera" de Teresinha Monteiro de Siqueira e "Meu Pai Ausente", de M. Cunha.

POESIAS : "Bom-dia" e "Chuva", de Carmen Cartea; 7 trovas, de Odete Donah; 6 trovas, de Paulo Freitas; 2 trovas, de Sérgio Maia de Farias e 3 trovas, de Alcides Lopes.

## CAIXA DE SEGREDOS



## Um pouco mais de compreensão

**H**á mães que, pelo fato de não terem sido muito felizes no casamento, encarem-se de demasiados temores pela sorte de suas filhas e procuram opor obstáculos a seus amores, quando acham que os pretendentes não satisfazem todos os requisitos que, acham elas, devem ser exigidos para um casamento realmente feliz.

Para muitas, um dos requisitos essenciais é uma boa situação financeira, estável, a riqueza mesma. Segundo seu modo de ver, um casamento só pode ser feliz com muito dinheiro, muito conforto, muita posição social. Deslumbradas pelo fulgor de uma situação destas, não cogitam muito de outras qualidades, a nosso ver essenciais, estas sim, qualidades de ordem intelectual, moral e religiosa. Para elas, um candidato assim redourado deve ser aceito de braços abertos.

Caso, porém, se trate de um moço pobre, mas com qualidades morais apreciáveis, muitas olham com maus olhos um genro assim. E põem-se a erguer obstáculos ao amor das filhas, a hostilizar o pretendente, esquecidas de que é

preferível um genro pobre, mas de boas qualidades morais e com capacidade para subir na vida pela sua honestidade e pelo seu trabalho, a um ricoço, ocioso, gozador, que, justamente por falta de certas qualidades de caráter, possa duma hora para outra perder tudo quanto possua.

Essas mães, que encaram de maneira tão errônea o casamento, deveriam refletir melhor e não apresentarem dificuldades ao amor de suas filhas, desde que verificassem as boas qualidades de um pretendente, apesar de suas fracas condições financeiras do momento. Um moço com qualidades de trabalho e de caráter é um capital valioso para o futuro e mesmo para o presente, pois o estímulo para realizar o seu sonho de amor aprimorará suas qualidades e o impelirá a conquistar uma posição melhor na sociedade.

E' bom, portanto, que em condições assim, as mães procurem ter um pouco mais de compreensão. Aliás, é dever seu orientar bem suas filhas, mostrando-lhes que a felicidade no matrimônio depende inicialmente de um verdadeiro amor e depois das qualidades morais e religiosas dos pre-

**JOSE' MARQUES CLAUDIO** — Hospital Sanatório Colonial — Santa Rita de Passa Quatro — São Paulo. — Esta seção é dedicada apenas a dar conselhos de ordem espiritual e não a oferecer donativos de ordem material. Sua carta-pedido,

porém, foi transmitida à direção desta Revista, que deverá responder diretamente ao senhor.

**ORAÇÃO DE SANTA MARTA** — A alguém que, de Botucatu, me endereçou, sem nenhuma assinatura,

tendentes. A posição social, a riqueza, serão apenas complementos, mas não essenciais. Contrariar um amor entre jovens, sómente porque o homem não possui riquezas ou não provém de família ilustre, não é razoável. Se tem ele reais qualidades de caráter e é trabalhador e digno, havendo verdadeiro e firme amor, é preferível deixar que os dois interessados realizem seu matrimônio. Saberão eles construir sua própria felicidade.

Nestas questões é preciso agir com muito tato, para evitar soluções futuramente promotoras de infelicidade e desentendimentos. Intervenções violentas só servem para criar dramas domésticos, incompreensões, ressentimentos, amarguras e até mesmo ódio.

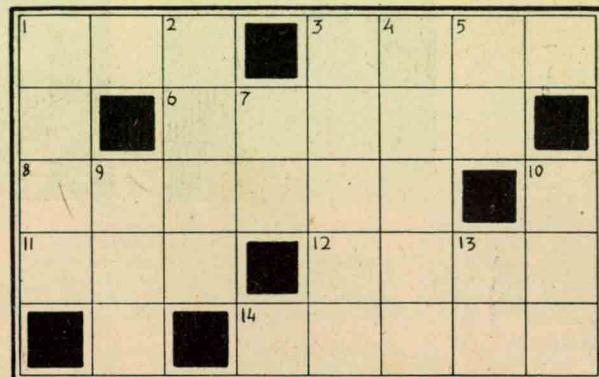
A uma jovem que, sob o pseudônimo de «Destino Caprichoso» me pede um conselho, pois se acha numa dessas condições, amando um moço sem fortuna, mas de boas qualidades, contra cujos desejos de casar sua mãe se opõe alegando precisamente essa situação atual, sugiro que procure alguém que tenha certo ascendente sobre sua mãe e possa discutir com ela calmamente o assunto. O vigário da paróquia onde reside, um parente próximo, um amigo íntimo da família, enfim, uma pessoa que tenha possibilidades de convencer sua mãe a uma reconsideração do assunto.

Mas é preciso também verificar se as informações sobre o rapaz concordam em dá-lo como pessoa verdadeiramente digna e com qualidades suficientes para constituir um bom marido. Talvez a mãe de «Destino Caprichoso» tenha informações que não sejam satisfatórias. É preciso esclarecer bem tudo, para que haja, de parte a parte, perfeita harmonia e compreensão. — Maria Madalena.

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Maria Madalena — "Caixa de Segredos". Redação de ALTEROSA, Caixa Postal 279, Belo Horizonte.

uma oração de Santa Marta para recopiá-la e transmiti-la a outras pessoas, tenho a dizer que tais orações e cadeias da sorte são meras superstíciones com as quais um católico verdadeiro não deve perder tempo nem concorrer para sua divulgação.

## VETERANOS



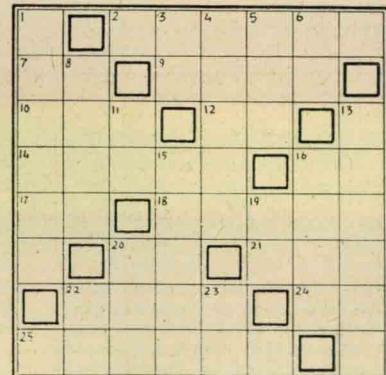
**HORIZONTAIS :** 1 — (fig.) Mau humor. 3 — Mucosidade que se gregam certos animais. 6 — Mergulhão da família dos sulídeos. 8 — Nôdoa negra de líquido entornado. 11 — Mesmo. 12 — Planta da família das Borragináceas. 14 — Nome de duas plantas da família das Rosáceas.

**VERTICIAIS :** 1 — Camponês ou lavrador egípcio. 2 — Pessoa que dança mal. 3 — Mau cheiro. 4 — Iguaria feita com massa de feijão cozido. 5 — Ama seca. 7 — Alto lá. 9 — Pinha. 10 — Bonzo. 13 — Cidade de Abraão.

## PALAVRAS CRUZADAS

Ernesto Rosa Neto

## NOVATOS



**HORIZONTAIS :** 2 — Glóbulo brilhante que se forma em certas conchas. 7 — Símbolo químico do sódio. 9 — (Prov. Port.) Lura. 10 — Une. 12 — Deus egípcio. 14 — Condenação. 16 — Rio da Rússia. 17 — Preposição indica lugar. 18 — Aguardente de arroz fermentado. 20 — Indivisível. 21 — Tempôro. 22 — Variedade de ágata em que há grande distinção de cônices entre as camadas. 24 — Batráquio. 25 — Cheias de raiva.

**VERTICIAIS :** 1 — Anamita. 3 — Forma arcaica do artigo «o». 4 — Rorejar; orvalhar. 5 — Medida grega de comprimento. 6 — Nota musical. 8 — Peixe do mar, muito saboroso. 11 — Outra coisa. 13 — Agitar. 15 — Tecido de lã. 16 — Tornar ôco. 19 — Carta de jogar com um só ponto marcado. 20 — Ligo. 22 — Sufixo que designa autor. 23 — Título do soberano da Pérsia.

## Soluções do Número Anterior

**VETERANOS** — Horizontais : 1 — Afim; 5 — Mera; 9 — Vitupera; 10 — Agar; 11 — Siba; 12 — Luso; 13 — Alar; 14 — Talo; 17 — Acem; 20 — Avir; 21 — Ralé; 22 — Temaparas; 23 — Olor; 24 — Rassa.

Verticais : 1 — Aval; 2 — Figurável; 3 — Itas; 4 — Muro; 6 — Eril; 7 — Rabadelas; 8 — Arar; 14 — Tato; 15 — Limo; 16 — Orar; 17 — Arar; 18 — Cara; 19 — Mesa.

**NOVATOS** — Horizontais : 1 — Ar; 3 — Lá; 5 — Labor; 7 — Atrio; 8 — Aar; 9 — Assar; 11 — Aléia; 14 — Ais; 15 — Arroz; 17 — Ovala; 18 — Sá; 19 — Az.

Verticais : 1 — Ala; 2 — Ratas; 3 — Loira; 4 — Aro; 6 — Brasileira; 9 — Arma; 10 — Roca; 12 — Larva; 13 — Isola; 15 — Aos; 16 — Zaz.



PENA & TANCREDO  
Indicados à preferência da Convenção pessedista.

PICADEIRO

**A**INDA desta vez não foi encontrada a solução pessedista para a sucessão do governador

## Adiada a Solução Pessedista

Bias Fortes. Reduziu-se, apenas, o número de candidatos, que, eram oito ou dez, e passaram agora a dois:

## Onde Não Falta Economia...

**C**ÂMARA dos Deputados, votando o projeto do deputado Campos Vergal (PSP — SP), que mandava subvencionar com 5 milhões de cruzeiros o «Hospital Espírita André Luiz», que está sendo construído em Belo Horizonte, para auxiliar a sua conclusão e o seu aparelhamento, assistiu a um interessante discurso do autor da proposição, cujo quantitativo foi reduzido, na Comissão de Finanças daquela casa do Congresso, para apenas 3 milhões. Eis um resumo das declarações feitas na tribuna da Câmara, pelo deputado Campos Vergal:

«A douta Comissão de Finanças, super-económica, resolveu diminuir o quantitativo de 5 para 3 milhões. Quero até acreditar que nenhum dos elementos da Comissão conheça o «Hospital Espírita André Luiz». Eu, que não sou de Minas mas estive várias vezes em Belo Horizonte, se lá não conheço nenhuma buuate, pelo menos visitei quase todas as obras assistenciais daquela encantadora cidade, percorri esse hospital de ponta a ponta e voltei maravilhado com o trabalho hercúleo da sua Diretoria. Senti-me pequeno ao lado daqueles gigantes do idealismo e da nobreza que estão erguendo o «Hospital Espírita André Luiz».

Lastimavelmente, pelo espírito extremamente limitado em matéria de finanças, a douta Comissão realizou

essa redução, quando teria dobrado a verba, se conhecesse o aludido hospital. Em lugar de 5 milhões, aconselharia, no substitutivo, 10 milhões, pela obra verdadeiramente heróica realizada pela Diretoria do «Hospital Espírita André Luiz».

Presto, na tarde de hoje, leal e franca homenagem à Diretoria daquela casa de saúde, pelo seu espírito de luta, pela sua tenacidade inquebrantável. Numa época materialista, em que o estômago cresceu excessivamente em detrimento do coração; numa época em que gangs organizadas exploram o povo até a medula, arrancando-lhe a seiva e, mais do que isso, suas esperanças; numa época como esta, de exploração tremenda, já não digo relativamente às utilidades, mas à alimentação pública, desde o feijão até a carne; nesta época, um grupo de abnegados se condói das misérias de seus semelhantes, abre as portas do hospital, edificado com sacrifícios indescritíveis».

Muito provavelmente, ao extravar a sua máguia diante da decisão da Comissão de Finanças, o deputado Campos Vergal estaria — como nós neste momento — recordando quantos milhões têm sido distribuídos pelo Congresso e pelo Governo, para auxiliar futebol, turismo oficial, congressos inócuos e outros passeios e reuniões sem qualquer utilidade pública.

Ribeiro Pena e Tancredo Neves.

Reunidos em Belo Horizonte, no dia 24 de outubro último, os membros do Diretório Regional pessedista, convocados pelo seu presidente senador Benedito Valadares, aprovaram a chamada «fórmula JK»: deixar que a Convenção decidisse em torno dos dois nomes apontados. E talvez por isso mesmo, por já ser conhecida prèviamente a decisão a ser tomada, o comparecimento foi reduzido ao estritamente necessário a dar número para a decisão.

Ficou ainda estabelecido que o presidente pessedista deverá convocar a Convenção Estadual no mais tardar até o dia 15 de dezembro próximo, para que seja finalmente indicado o nome pessedista que deverá ser levado às urnas do ano que vem.

Continua, assim, a luta dentro do PSD, agora dividido em duas alas, ambas poderosas e aguerridas, em busca das preferências dos convenicionais, que serão convocados para o pronunciamento definitivo. De qualquer modo, porém, a opinião pessedista mineira se mostra satisfeita, porque os nomes indicados pelo Diretório Regional representam dois autênticos valores da nossa geração política.

## Meta 27: Indústria Automobilística

**O**S. Sydney Latini, secretário geral do Grupo Executivo da Indústria Automobilística, fêz, recentemente, importantes declarações à Comissão de Finanças da Câmara. Entre outras coisas afirmou que não existe o propalado perigo de excesso de produção, já que, pela livre concorrência e por pressões do consumo, o próprio mercado fará o selecionamento natural do produto. Espera que, devido a isso, ainda se verifiquem fusões de fábricas e até mesmo o desaparecimento de certas marcas. Justificou ainda os privilégios fiscais, cambiais e creditícios afirmando serem eles necessários para a atração de capitais para este novo setor industrial e mostrando, por outro lado, que a renda gerada compensará com grandes saldos tais privilégios.

Prosseguindo, disse que, apesar de já termos ultrapassado o «point of no returning» nessa indústria, dois problemas ainda pedem solução: o financiamento da venda e a redução dos preços. No primeiro caso, o GEIA preconiza promoções de venda tais como o chamado «financiamento antecipado», em que o comprador pagaria certo número de prestações antes de receber a mercadoria. Quanto à redução dos preços

# Registro

• Prosseguem os trabalhos de tombamento dos bens da Cia. Fôrça e Luz de Minas Gerais (grupo americano "Bond and Share"), que monopoliza o fornecimento de energia elétrica à Capital mineira. Enquanto isto, discute-se na Assembléa Legislativa se será mais conveniente a desapropriação das ações do "trust" ou a sua encampação pura e simples. Falando como membro do Conselho Nacional de Energia e Águas, o almirante Magaldi sugeriu a encampação como a medida que melhor se enquadra com as normas constitucionais do País.

• O Instituto de Tecnologia Industrial procedeu ao aferimento do peso do gás contido nos botijões fornecidos aos consumidores de Belo Horizonte, constatando que os 13 quilos (líquidos) de gás, cobrados pelas Companhias, geralmente não passam de 12 e, às vezes, de 11 quilos... Tendo em vista o alto preço desse combustível e o seu grande consumo, deduz-se que o belo-horizontino vem sendo prejudicado em muitos milhões de cruzeiros, cada mês, no que se denominou "o escândalo do gás".

• Desfazendo rumores que atribuíam à SIMCA a decisão de paralisar as obras de sua fábrica de automóveis em Santa Luzia (município vizinho de Belo Horizonte), para transferir-se para São Paulo, o Sr. Paulo Gontijo, seu diretor-presidente, fez declarações afirmando que aquela indústria se fixará mesmo em Minas, e será inaugurada dentro do prazo previsto.

• A Prefeitura de Belo Horizonte pretende ter encontrado uma fórmula verdadeiramente "genial" para solucionar o problema da falta de água: proibir a construção de novos edifícios no perímetro comercial da cidade... Um

alegre cronista sugeriu ao Prefeito A. de Barros, em sua coluna, outras medidas "geniais" para complementar aquela: a) proibição da entrada de novos habitantes na cidade; b) proibição do nascimento de crianças nos limites do município.

• O Cel. Sandoval de Araújo, delegado especial de Pirapora (MG), enviou ao Sr. Ribeiro Pena, Secretário da Segurança, um telegrama vasado em termos verdadeiramente patéticos, comunicando que o prédio onde funcionam a cadeia e o quartel do destacamento policial está começando a desabar. E acrescenta que o proprietário se recusa a fazer qualquer reparo, porque há mais de 3 anos não recebe os aluguéis devidos pelo Estado.

• O titular da Vara de Menores de Belo Horizonte, Dr. Moacir Pimenta Brant, demonstrando, mais uma vez, o firme propósito de moralizar os cinemas locais, efetuando a proteção da Lei à boa formação de nossa juventude, mandou fechar por 3 dias um dos maiores cinemas locais — o Candelária — porque projetou um "trailer" de filme impróprio em sessão aprovada para menores.

• Falando à imprensa carioca em sua recente visita ao Rio, o Ministro das Finanças da França, Sr. Antoine Pinay, referiu-se à veloz recuperação econômico-financeira daquele País sob o governo De Gaulle, acrescentando, textualmente: "No regime parlamentarista, nenhum governo tinha possibilidade de aplicar plano de ação de longo alcance, pois não estava seguro de permanecer no poder". Quando o parlamentarismo volta ao debate, em nosso Congresso, torna-se oportuno meditar nessas palavras do grande financista francês.

ponderou que apenas o aumento da produtividade solucionará o problema.

A par disso o Sr. Latini fez considerações muito justas a respeito da contribuição da indústria automobilística para o desenvolvimento global. Não só a renda nacional será multiplicada como também novas indústrias surgirão paralelamente para suprirem as necessidades sempre crescentes da indústria de veículos. A própria agricultura, nossa tão sacrificada agricultura, será beneficiada com a possibilidade de se mecanizar. Notícias alvissareiras para o Brasil, não há dúvida...

retirada pudesse provocar a renúncia do seu antagonista, para dar lugar a um candidato de conciliação nacional.

Devido, talvez, à oportunidade das declarações — quando se achava em ebulição mais acesa a articulação do nome do governador Jucá Magalhães como possível antagonista de Jânio na convenção udenista — o ex-governador paulista interpretou-as como provocação, ou melhor, como manobra política visando o enfraquecimento de suas hostes pela divisão da UDN. Daí a resposta do Sr. Jânio Quadros, vazada naquele estilo que o tornou um dos maiores líderes populares até hoje surgidos na história de nossa República. Estilo que traz a marca de quem não admite processos outros que não a franqueza, ainda que rude, de quem não consegue encobrir o seu pensamento, ainda que a revelação do mesmo possa ser considerada agressiva ou contundente.

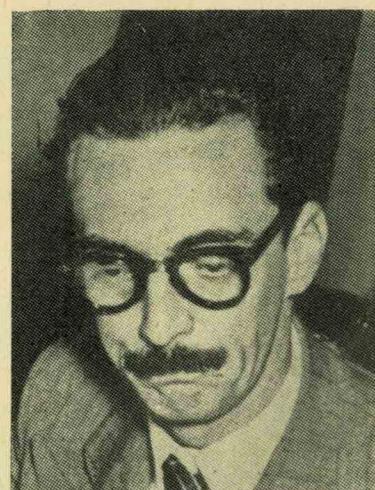
Depois de considerar a oferta do marechal Lott como «farsa incompatível com o processo democrático», o Sr. Jânio Quadros afirma que uma candidatura de «união nacional» (o grifo é de Jânio mesmo) para manter «o estado de coisas, contra o qual o povo e eu nos insurgimos, corresponde a um lôgro», acrescentando, textualmente:

«Ameaçados em suas posições de gôzo, os políticos profissionais que usufruem esta República não fazem senão maquinar meios e modos pelos quais me afastem do pleito. Buscam salvar a pele e o ventre, sobretudo o ventre. Não me intimidarão. Vou às urnas, sim, traduzindo

a rebeldia de tôda a Nação. O juízo final aproxima-se para êles».

E' fácil imaginar o estouro que essas palavras produziram nos araias situacionistas, ainda não familiarizados, no plano federal, com a personalidade do ex-governador paulista, que não costuma usar punhos de renda para esgrimir com os seus adversários. Até mesmo a cúpula udenista parece ter ficado alarmada com êsse primeiro embate, especialmente depois que o Ministro da Guerra, em revide, am-

(Conclui na pag. 111)



JÂNIO QUADROS  
"Vou às urnas, sim, traduzindo a rebeldia de tôda a Nação".

COMO já foi amplamente noticiado, o quadro da sucessão presidencial tornou-se repentinamente turvo, com o agressivo diálogo mantido pelos candidatos Teixeira Lott e Jânio Quadros, pela imprensa. Depois de sucessivas afirmações de que a candidatura Lott seria inarredável, da parte dos elementos mais representativos das forças situacionistas, estoura nos jornais cariocas, surpreendentemente, uma entrevista concedida pelo honrado marechal Ministro da Guerra, declarando-se disposto a retirar-se do palco da sucessão, desde que essa

Oscar Mendes



## Homenagem (Justa) a Oscar Mendes

LIVROS  
e LETRAS

Euctides  
Marques  
Andrade

A ACADEMIA Mineira de Letras homenageou o escritor Oscar Mendes, promovendo em sua sede uma sessão em que discursaram vários oradores.

Oscar Mendes iniciou-se na crítica literária há trinta anos. Este foi o motivo da justa homenagem. Pernambucano de nascimento, radicou-se inteiramente em Minas onde, além do magistério, ocupou altos cargos na administração pública, exercendo atividade intelectual ininterrupta. Sua seção literária «Alma dos Livros» tornou-se famosa em todo o País, pela probidade, pela isenção, pelo alto nível cultural e pela elegante clareza do estilo.

Os que convivem com ele qualificam esse escritor como um «trabalhador infatigável». Já se tornou comum, nos comentários a seu respeito, esta afirmação. De fato, O. M. sabe aproveitar seu tempo; por isto já assinou mais de cinqüenta traduções de livros de várias procedências, além de ser atualmente diretor intelectual da Livraria Itatiaria. Apesar de toda essa atividade, o crítico pernambucano-mineiro atende sempre de boa vontade àqueles que o procuram para opinar a respeito de suas primícias literárias. Assim, a homenagem prestada a Oscar Mendes pela Academia e por escritores de Minas foi motivo de sincera alegria para os que se interessam de fato por nossa vida literária.

## Os Livros Mais Vendidos

N A quinzena que findou, os livros mais vendidos em Belo Horizonte, segundo informações das diversas livrarias, foram os seguintes:

1º lugar, «O Farol do Norte», de A. J. Cronin - Livr. José Olymp-

## LIN YUTANG CANTA EM OURO PRÉTO «SE A PERPÉTUA CHEIRASSE»



Lin Yutang e sua esposa.

CONHECIDO no mundo inteiro, com livros traduzidos em todas as línguas vivas, Lin Yutang possui leitores em todos os recantos da Terra. Nasceu em Amoy, na China, em 1895, mas reside há muitos anos nos EU.UU., tendo-se naturalizado cidadão norte-americano. Há pouco, segundo se informa, converteu-se ao cristianismo.

Foi esse escritor que visitou nosso País, tendo estado em Belo Horizonte. ALTEROSA não poderia deixar de ouvi-lo. Fomos, pois, procurá-lo no «Hotel Normandy» onde ele e sua senhora se hospedaram.

Em inglês e francês — com bastante dificuldade de nossa parte — a entrevista teve início, sempre incentivada pelo sorriso simples e espontâneo do autor de «A Importância de Viver». Aliás, Lin Yutang é, como em seus livros, uma criatura de absoluta autenticidade. A conversa, por isto, prosseguiu sem formalidades, mesmo porque não desejávamos fazer-lhe as perguntas de praxe, mas sim sentir sua presença humana, para a respeito da mesma dar uma impressão aos leitores.

Sobre sua adesão ao cristianismo disse-nos que, de fato, tinha simpatias por esta doutrina, sobretudo por Jesus Cristo, que é o centro do

pio, Cr\$ 120,00 — 2º lugar, «2.455 — Cela da Morte», de Caryl Chessman — Dist. Paulista de Jornais, Cr\$ 160,00 — 3º lugar, «Não me Conheces?», de Pe. Fr. Pedro de Valdiporro — Irmãs Paulinas, Cr\$ 70,00 — 4º lugar, «A Importância de Viver», de Lin Yutang — Ed. Globo (Col. Catavento), Cr\$ 85,00 — 5º lugar, «Gabriela, Cravo e Canela», de Jorge Amado, Liv. Martins, Cr\$ 240,00 — 6º lugar, «A Primeira Espôsa», de Pearl Buck, Edições Melhoramentos, Cr\$ 150,00.

Outros livros bem vendidos: «Viagem à Itália», de Goethe; «Encontro Marcado», de Fernando Sabino; «Minha Vida de Menina», de Helena Morley; «O Doutor Jivago», de Boris Pasternak; «O Velho e o Mar», de E. Hemingway; e «Glória em Sangue», de Nuno de Montemor.

## Notícias Mineiras

- «Cirros», livro de poesias de Flora Egídio Thomé, tem agrado aos leitores e a alguns críticos.
- Lin Yutang, quando de sua visita a Belo Horizonte, estranhou

cristianismo. Acrescentou, porém, que não era muito ortodoxo.

A respeito do comunismo afirmou que este regime tem uma forma de governo para todos os países, mas esquece o principal, que é a liberdade.

Como dissemos, queríamos, antes de tudo, captar a presença humana de Lin Yutang — difícil de se transmitir — muito mais do que lhe dirigir as habituais perguntas que se fazem nessas ocasiões. Ficamos sabendo que o filósofo e romancista tem três filhas e duas netas, uma destas já tendo-se casado. Lin Yutang, não aparenta ter a idade que tem, 64 anos. Veste-se com simplicidade, não tira quase o cachimbo da boca, conversa como se fosse velho amigo nosso e, de vez em quando, fala, em chinês, com sua esposa, uma senhora simpática e de olhar tranquilo.

Com o escritor estavam o cônsul Lavínia Machado, do Itamarati e o Dr. João Gomes Teixeira, Diretor do Arquivo Público Mineiro. Este último teve oportunidade de contar a ALTEROSA como foi a visita do escritor a Ouro Preto. Naquela cidade histórica, o filósofo fez uma serenata com os estudantes. Cantou, em português, «Se a perpétua chei-

rasse» e «Oh, Minas Gerais!». Com seu sotaque de estrangeiro Lin Yutang mergulhou, sereno, nas embaladoras toadas. E, segundo informa o Dr. João Gomes Teixeira, declarou ele, eufórico, que aquela era a melhor noite que passava no Brasil.

Ao lado dos estudantes, Lin Yutang sentiu-se à vontade e deu expansão a seu gênio simples e alegre. Não fêz cerimônia alguma e soltou a voz:

«Se a perpétua cheirasse  
Seria a rainha das flôres,  
Mas como a perpétua não cheira,  
Não é a rainha das flôres».

O Itamarati designou o cônsul Lavínia Machado para acompanhar Lin Yutang durante toda sua estada no Brasil. Como se sabe, ele foi a Brasília, Ouro Preto, veio a Belo Horizonte, tendo ainda visitado inúmeras outras cidades. Ningém melhor, pois, do que aquela funcionária do Itamarati para nos dar uma impressão sobre o escritor. Interrogada a respeito, o cônsul Lavínia Machado respondeu:

— Lin Yutang é pessoa encantadora, de uma simplicidade extraordinária. Famoso como é em todos os países civilizados, não tem, no entanto, nenhuma vaidade. É um

que uma cidade tão nova como a Capital mineira pudesse crescer tanto em tão pouco tempo.

- Na «enquête» que estamos promovendo (Qual o melhor cronista brasileiro da atualidade?), vários escritores nascidos em Minas estão ocupando os primeiros postos na votação dos leitores.

- Eduardo Friere fez indicação, há dias, na Academia Mineira de Letras, sugerindo melhor aparelhagem para o Arquivo Público Mineiro.

- Dormevilly Nóbrega, em telegrama, retirou sua candidatura à Academia Mineira de Letras.

- Novos lançamentos da Editôra Vecchi: «Aventuras de Allan Quatermain», romance de H. Rider Haggard; «Feitiço», romance de Luciana Peverelli; «Não se come frango com as mãos», moderno código de boas maneiras, por Pitigrilli; «O Prazer», romance de Gabriele D'Annunzio; e «O Dicionário do Diabo», do espírito escrito americano Ambrose Bierce.

- A Melhoramentos acaba de entregar às livrarias: «O Enigma do Antiquário», novela detetivesca de R. Austin Freeman; «Dom Bosco», outra biografia na coleção «Vidas Famosas»; «Bernadette» e «São Francisco de Assis», na mesma coleção; e «O Mistério do Testamento», novela policial de Peter Cheyney.

Gilberto de Alencar



## “Tal Dia é o Batizado”

FOI lançado há pouco, pela Itatiaia, o novo romance de Gilberto de Alencar, «Tal Dia é o Batizado». Concorrida tarde de autógrafos teve lugar naquela ocasião. Saudou a Gilberto de Alencar o desembargador Martins de Oliveira. O autor respondeu com palavras onde se misturavam emoção e humor.

No romance «Tal Dia é o Batizado», Gilberto de Alencar, com sua prosa saborosa, conta aos leitores muitos fatos relacionados com Tiradentes.

prazer conviver com ele e verificar isto.

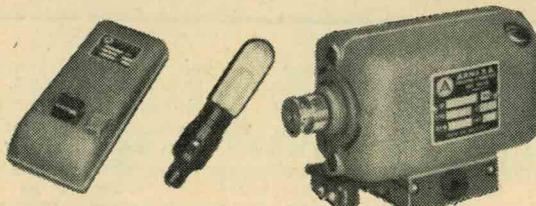
Quem já leu os livros de Lin Yutang, sobretudo «A Importância de Viver» — seu preferido, segundo informam — e «Uma Fôlha na Tempestade» não estranha as palavras do cônsul Lavínia Machado. De fato, de quase toda a obra do escritor chinês desprende-se um sentido muito humano da existência. Lin Yutang, nos livros, encara a vida com amor e compreensão. Na vida real o escritor apresenta as mesmas características de simplicidade e humanidade. E' por isto que seus leitores geralmente tornam-se seus amigos.

Ao nos despedirmos dele, dissemos-lhe, num inglês que faria corar até mesmo um frade de pedra, que, de seus romances preferímos «Uma Fôlha na Tempestade». Já o havíamos lido duas vezes — «two times» — e sempre ficávamos comovidos pela beleza da obra, pela humanidade de Lao Peng, sua personagem principal. O Dr. J. Gomes Teixeira nos ajudou com um pouco de francês, disse que aquela personagem era ele próprio, Lin Yutang; nós também misturamos o nosso «francesinho» e o escritor nos abraçou com um sorriso extremamente franco e acolhedor.

**Quem entende  
de costura...**



Toda costureira experiente sabe que o motor ARNO em sua máquina é o que oferece mais vantagens. Costurar com motor ARNO rende mais, não cansa... os vestidos saem muito mais bem feitos! Prefira-o V. também!



Sempre a velocidade adequada, conforme o serviço exige! • Proteção para sua vista — graças ao farol fixado à máquina! • Adapta-se a qualquer máquina — possui trilho universal!



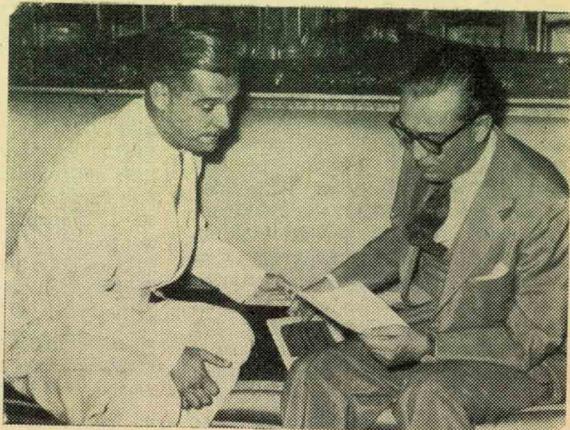
**Grátis !**

**À ARNO S.A. - Indústria e Comércio**  
Caixa Postal 8.217 — São Paulo

Mandem-me grátis o folheto ilustrado "Conheça bem o motor de sua máquina de costura".

Nome.....  
Rua..... N.º .....

Al. Cidade..... Estado.....



O Sr. Adelchi Ziller, quando era recebido pelo presidente Kubitschek, no Palácio das Laranjeiras.

### O Sr. Adelchi Ziller em Brasília

O SR. Adelchi Ziller deixou o cargo de Delegado Regional do IPASE, em Minas, para assumir, a convite do presidente Juscelino Kubitschek, a direção da Rádio Nacional de Brasília. Aí vem realizando um muito profícuo trabalho, tendo empreendido audaz e dinâmica administração como convém ao rádio. Em pleno Brasil Central, a Rádio Nacional de Brasília mantém uma programação de elevada — e surpreendente — qualidade, não ficando a dever nada às suas congêneres das grandes metrópoles do País. Devido ao sucesso da administração do Sr. Adelchi Ziller, já se cogita da instalação em Brasília de uma estação televisora: a Televisão Nacional de Brasília.

Foi esta uma das escolhas mais acertadas já realizados pelo presidente Juscelino Kubitschek, pois em Brasília só cabem os homens de arrojo e valor comprovados, e o Sr. Adelchi Ziller, certamente, é um desses homens.

### Inglaterra Diz Não a...

Conclusão da pag. 14

Comentando o acontecimento disse um articulista em artigo publicado numa revista norte-americana: «O homem que estruturou este dramático triunfo político para os conservadores britânicos apresenta o aspecto lânguidamente aristocrático e o ar improvisadamente arrogante de um antigo e altivo conservador do estilo de Wellington e Disraeli. Mas, atrás das maneiras eduardinas elaboradamente descuidadas, que provocam tanto aplausos como zombacias, como por exemplo os apelidos «Supermac» e «Macwonder», que se lhe costumam impor, Harold Macmillan possui um conhecimento soberbamente eficiente da arte política e de sua prática. Não obstante a sua aparência orgulhosa e conservadora e seu mustache, Macmillan é dono de uma inteligência ágil e de uma imaginação histórica muito precisa que o têm habilitado a ajustar-se perfeitamente dentro dos limites das possibilidades da Inglaterra, nos dias presentes, a trabalhar para fazer de seu País «a maior potência secundária da aliança ocidental». E, domésticamente, Macmillan é um imperturbável espírito prático que ora vira para a direita, ora para a esquerda, caminhando sempre seguro através da imemorial tradição britânica».

Melhores preços e  
maiores vantagens para

# O presente mais desejado



Uma assinatura de ALTEROSA como presente de Festas

## Eis o plano:

- Você oferece agora o seu presente, com descontos de até 30,47% sobre o preço de um exemplar;
- As revistas começam a chegar agora mesmo, mas a assinatura só será contabilizada a partir de dezembro;
- Em dezembro, enviaremos à pessoa presenteada um belo cartão de Festas, em cores, anunciando o seu presente.

## Eis as vantagens:

- Você não tem mais de se preocupar com o que vai presentear;
- O seu presente «chegará» todas as quinzenas, fazendo o seu nome permanentemente lembrado;
- Você, realmente, não pode adquirir outro presente que agrade tanto, dispensando tão pouco.

## Eis os preços:

2 anos (48 números)	Cr\$ 500,00
(desconto de 30,47% sobre o preço de cada exemplar)	
1 ano (24 números) .....	Cr\$ 270,00
(desconto de 25% sobre o preço de cada exemplar)	
6 meses (12 números) .....	Cr\$ 160,00
(desconto de 11,14% sobre o preço de cada exemplar)	

(Esses preços vigoram até 31 de dezembro d'este ano.)

## E se ainda não sabia...

ALTEROSA é uma revista para ver, para ler, para guardar, porque focaliza o pitoresco e o atual, porque se mantém permanentemente em dia com a atualidade, porque é uma utilíssima fonte para consultar, em qualquer tempo.

## À SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Caixa Postal 279 — Belo Horizonte — MG

Segue junto a importância de Cr\$ ..... correspondente a ..... assinatura(s) de ALTEROSA, a ser(em) enviada(s) como Presente(s) de Festas para:

NOME: .....

ENDERÉÇO: .....

CIDADE: ..... ESTADO .....

Ofertante .....

Endereço .....

Cidade ..... Estado .....

# Alterosa

Uma revista de classe  
para pessoas de gôsto

**F**ELIZ é a criança que ouve boa música em seu lar, desde a infância, e cujos pais, amantes da música fina, têm a preocupação de ligar o rádio na hora de programas que a transmitam, pensando na importância que ela tem na formação dos seus filhos.

Pais assim cuidadosos habituam a criança a dormir ouvindo músicas doces e suaves desde a mais tenra idade e, quando ela atinge os seis ou oito anos, despertam-lhe o gosto pelos programas de óperas e de sinfonias e chegam mesmo a levá-las a teatros onde tais músicas são apresentadas.

## NOSSAS CRIANÇAS



### ENSINE A CRIANÇA A APRECIAR A MÚSICA

Em anos recentes, as escolas públicas organizavam bandinhas de música, formadas pelas próprias crianças e procuravam despertar o gosto da gente miúda para participar delas. As crianças, entretanto, só queriam saber de tocar instrumentos de sopro e eram poucas as que ficavam com os de corda. De fato, os primeiros davam mais ritmo, principalmente quando a apresentação era feita em marchas, jogos e paradas cívicas. Também, com um instrumento de corda, elas não poderiam marchar e tocar ao mesmo tempo, sem certa dificuldade.

Um outro motivo que justifica a preferência pelos instrumentos de sopro é que o domínio dêles, de um modo geral, requer muito menos tempo e menos trabalho do que o de qualquer instrumento de corda. Com os primeiros, de sopro, a criança pode aprender o bastante para assegurar o seu lugar na bandinha, apenas nas horas regulares de prática na escola, ao passo que, com um instrumento de corda, dificilmente poderá integrar o conjunto, sem que tome aulas individuais e passe bastante tempo estudando em casa.

Os jovens modernos, usualmente alérgicos ao esforço e ao trabalho, estão sempre a evitar o violino. Em geral, a criança que toma parte na bandinha da escola pratica muito pouco em casa, e os pais, às vezes, não tomam qualquer atitude no caso.

Por outro lado, existem pais que compram instrumentos bastante caros para os filhos, sem cuidar de que elas estudem regular e seriamente as suas lições de música.

A música também faz parte da educação e da formação da criança, não podendo, portanto, ser deixada de lado. Em um lar onde os pais e as outras pessoas adultas sabem apreciar a boa música, também a criança aprenderá a fazê-lo naturalmente e, mesmo que não tenha pendentes musicais para executar este ou aquele instrumento, terá um gosto apurado e um ouvido educado para apreciar o que é bom. — Dr. Garry C. Myers.

## O Mineiro de Maroim...

### Conclusão da pag. 61

Dou aulas todos os dias e dirijo, interinamente, a nossa velha e querida Faculdade de Direito. Advogo, embora, descarregando 99% da advocacia nos filhos advogados. Mas não deixo de ir ao escritório todas as tardes.

— Do que mais gosto? Da minha Faculdade de Direito. O ensino é que é toda minha vida. Quero dar à minha velha escola o resto dos anos. E do ensino, o que mais me agrada é transmitir aos rapazes as idéias de livro recém-publicado quando acabo de ler...

"Meu primeiro livro, produto dos 17 anos, foi um romance. Pecado literário, a "Paulo e Virgínia", que fazia menina de colégio chorar: "A Cruz da Estrada". Depois, dois livros de contos — "Senzalas" e "Canaviais". Este último foi primeiro prêmio da Academia Brasileira de Letras, em 1919. Em seguida, um romance — "A Doce Filha do Juiz", menção honrosa da mesma Academia, em 1928. Tenho com a Itatiaia 59 crônicas a serem publicadas.

"Para o teatro escrevi três peças, representadas no Rio. A ópera "Flor Tapuia", no Teatro João Caetano, e as comédias "Um Bacharel em Apuros" e "Pensão da Nicota", no Teatro Carlos Gomes.

Encerrando a agradável palestra, Deodato fala dos estudantes, aos quais estende seu amor paternal:

— O nível intelectual do estudante brasileiro de hoje é muito mais alto que o de meu tempo. Os meios de conhecimentos são maiores e mais rápida é a sua emancipação intelectual. Donde, para ensiná-los é preciso que o professor saiba mais do que sabiam os de meu tempo.

Ainda bem que, dizendo isso, ele diz também, sem o querer, talvez, e sem vaidade, é certo, que tem podido acompanhar a elevação do nível intelectual de seus alunos. Porque há, a respeito de Alberto Deodato, outra verdade que não pode ser esquecida: dando ao passado toda a importância que ele tem, não se esquece de que o presente também é importante, e procura manter-se em dia com ele. É permanentemente um homem afinado com o seu tempo, e talvez seja por isso que os que o conhecem, jovens e velhos, nunca perdem ocasião de fazer rodinha em torno dele, para ouvi-lo falar, sempre com graça, das coisas, às vezes, menos engraçadas da vida.

Na Escola Doméstica «João Chassim e Srº», as jovens aprendem a costurar, bordar, cozinhar e outros mistérios que as tornam boas donas de casa.

## Festa da Primavera

Conclusão da pag. 53



sibilidades financeiras. Conquanto reconheçamos essas dificuldades, esperaríamos do Prefeito de Sete Lagoas um esforço no sentido da regularização das contribuições, atrasadíssimas. O futebol monopoliza, no Brasil, a preferência dos homens públicos, que relegam a plano secundário a assistência social em todas as suas múltiplas manifestações de solidariedade humana. Jamais imaginamos — e agora nos referimos particularmente ao Governo Federal — que os nossos governantes fôsem tão irresponsáveis a ponto de lançarem verbas no Orçamento da República e drásticamente as cor-

tarem, sem dar a mínima satisfação às entidades assistenciais e culturais do País! É incrível que exista o famigerado Plano de Economia para corte desumano de verbas destinadas aos pobres, que são a grande massa que constitui a Nação, quando há desperdícios pecaminosos, que bradam aos céus, com passeios, festins, polpudas gorjetas, multiplicidade de cargos, nomeações supérfluas e onerosas campanhas políticas... Esta é, na realidade, infelizmente, a podre situação nos bastidores da alta administração nacional. Devemos pedir a Deus que se compadeça do povo e nos livre

da grande desgraça que será a sua revolta contra seus maus governantes!

O automóvel já transpusera, veloz, o portão do Instituto Setelagoano de Menores, mas a voz enérgica do Padre Flávio D'Amato aínda nos perfurava como estilete os ouvidos, na revolta incontida de um homem incomum que, imolando-se numa campanha redentora, sente, em torno de si e de sua obra, a gélida indiferença de certos homens que o povo, olvidando seus verdadeiros benfeiteiros, elevou e consagrara numa hora de leviandade cívica...



## Jânio, o Temperamental

Conclusão da pag. 105

pliou as suas considerações para procurar demonstrar que Jânio Quadros não oferece as necessárias condições de «serenidade» para chefiar a Nação. Dito pelo ocupante da pasta da Guerra, isto souo como uma ameaça velada sobre uma possível intervenção das forças armadas. E foi assim que o entendeu o governador Dinarte Mariz, do Rio Grande do Norte, amigo íntimo do marchal Lott, mas que não resistiu ao impe-

to de fazer declarações públicas de censura ao candidato situacionista, que em sua opinião teria exorbitado de suas funções de Ministro, em favor da sua posição de candidato.

Em que pesem as manifestações de solidariedade, que não faltaram ao candidato das oposições por parte dos líderes nacionais da UDN, muitos dêstes não souberam esconder suas apreensões, fazendo sentir ao ex-governador paulista os seus re-

ceios ante os rumos que estava imprimindo à sua campanha. Enquanto isso, não faltam observadores que afirmam ter o Sr. Jânio Quadros se reencontrado novamente nesse «entrevero», voltando a encarnar o que o povo dêle espera, tanto na campanha como no exercício do poder: — máximo vigor na moralização de nossos costumes políticos e guerra de morte aos delapidadores do erário público.



## Automóveis Para o Papa

DUAS fábricas de fama internacional no mundo automobilístico, a Fiat e a Mercedes, estão ultimando, dentro do maior sigilo, a fabricação de dois automóveis especiais, destinados ao Papa João XXIII. A fábrica Mercedes idealizou um modelo da linha aerodinâmica, côr de marfim, cujo teto é feito de material trans-

parente e infrangível. A tapeçaria interna é de pele branca, da melhor qualidade, e possui reflexos dourados, obtidos com um verniz especial. O Pontífice ocupará uma única poltrona, na parte posterior do carro e terá à sua disposição um minúsculo apoio para os pés, todo recoberto de veludo.

Embora seja maior ainda a re-

serva com que a Fiat está trabalhando no seu automóvel, sabe-se que representará uma espécie de revolução no tradicional modelo que os pontífices vêm usando nestes últimos trinta anos: terá o «imperial», como os carros londrinos e, graças a este plano, todos os fiéis poderão ver muito bem a figura do Santo Padre.



EXPEDIENTE

#### ADMINISTRAÇÃO :

Av. Afonso Pena, 941 — 4º andar  
— Fones : Gerência 2-4251; Redação 2-0652 — Caixa Postal 279 —  
End. Teleg. "ALTEROSA" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil

#### SUCURSAL NO RIO :

Diretor : Ulisses de Castro Filho  
Rua da Matriz, 108 — conj. 503  
Fone : 26-1881

#### REP. EM SÃO PAULO :

Newton Feitoza — Rua Boa Vista,  
245 — 3º andar — Fone : 33-1432

#### ASSINATURAS :

2 anos (48 números) .. Cr\$ 600,00  
1 ano (24 números) .. Cr\$ 320,00  
1 semestre (12 números) Cr\$ 170,00

Preços para todos os países do continente americano, Portugal e

## BEGÔNIAS, PAPOULAS E PETÚNIAS

Maria Lysia Corrêa de Araújo

As begônias são plantas herbáceas ou sub-arbustivas, mais ou menos suculentas. As papoulas dobradas da Califórnia produzem muitas flores amarelas semelhantes a um cálice e a «Híbrida Grandiflora» — uma petúnia — tem a corola em forma de cruz. Uma grande sociedade dedica-se especialmente às begônias (American Begonia Society), desde 1932. Há papoulas de quase todas as cores : amarelo, alaranjado, rosa, vermelho-escarlata e há uma petúnia vermelho-escuro com branco. Como vêem, é linda a coloração e as flores das begônias assumem diferentes formas.

Nem todo mundo sabe que existem begônias, papoulas e petúnias. Nem todo mundo sabe que existe aquela Sociedade, que há mãos que as tomam como se fossem estrélas. Nem todo mundo sabe que as petúnias são lindas na sua forma de cruz e que as papoulas são cálices ofertando cores. Os apartamentos, com sua solidão sem limites, mal conseguem abrigar livros, mesa, cama. Procura-se uma côr, um verde, mas é apenas um cinza autêntico, duro, duro e frio, sufocando lamentos subterrâneos, dentro, dentro. Nem todo mundo sabe que existe uma Bessie Buxton que editou o índice geral das begônias de todo o mundo, citando e descrevendo cerca de dez mil nomes de begônias. Existem bibliotecas especializadas, instituições botânicas, tudo isso sem amparo oficial algum. Ora, direis, antes de mais nada, o amparo oficial a mil outras coisas prementes. Sim, está certo, mas não esquecer também das begônias, papoulas e petúnias. Elas podem cobrir com suas corolas os nossos desesperos densos de todos os dias, os nossos mortos de todos os anos. Procuremos as begônias, as papoulas e as petúnias e protejamo-las, embora nossas mãos de cimento-armado. Elas são necessárias. Como a poesia.

Espanha. Para os demais países vigoram os seguintes preços : US\$ 5,00 para 2 anos, US\$ 3,00 para 1 ano e US\$ 2,00 para seis meses. As assinaturas começam sempre com a primeira edição de qualquer mês.

#### VENDA AVULSA :

Em todo o Brasil ..... Cr\$ 15,00  
Portugal e Colônias .... Esc. 5,00  
Número atrasado ..... Cr\$ 20,00

**REDAÇÃO :** Miranda e Castro,  
diretor; Jorge Azevedo, secretário;  
Nilza Magalhães, chefe de revisão.

**A R T E :** Alvaro Apocalypse,  
Eduardo de Paula, Euclides L. Santos, J. C. Moura, Jeronymo Ribeiro e Pinho.

**SECÕES :** André F. de Carvalho,  
Cristiano Linhares, Delauro Baumgratz, Euclides Marques Andrade,  
Garry C. Myers, Gibson Lessa,

Gilberto de Alencar, Leonor Telles,  
Maria Madalena, Oscar Mendes,  
Pessôa Esteves, Stella Marina e  
Temple Manning.

**FOTOGRAFIAS :** Aristides Roriz,  
Augusto Cardoso, Dario Carrera  
Justo, Hiroshi Watanabe, José  
Nicolau, Luxardo, Nivaldo Corrêa,  
Câmera Press, Keystone, KFS,  
Odhan Press, Reuter e Trans-  
world.

**CORRESPONDENTES :** Olga Obry  
em Paris; Orlani Cavalcanti, em  
Hollywood; Gastão Fernandes  
dos Santos, em Roma.

☆  
A redação não devolve originais  
de colaborações ou fotográficos  
não solicitados.

☆  
Os conceitos emitidos em artigos  
assinados não são de responsa-  
bilidade da direção da revista.



para ESCREVER MAIS MACIO

para ESCREVER MAIS FÁCIL



para ESCREVER MAIS TEMPO

para ESCREVER NUM INSTANTE



## GENTE ATAREFADA, em toda parte, prefere a esferográfica Parker T-Ball

A qualquer hora, no mundo inteiro... um número crescente de pessoas sente o prazer de escrever com a nova esferográfica Parker T-Ball. Isso porque a Parker T-Ball é a única esferográfica que possui esfera fabricada com matéria porosa especial. A Parker T-Ball foi feita especialmente para aderir ao papel ao escrever... e tem desempenho macio e contínuo, mesmo sobre pontos gordurosos ou sujos, onde as esferas comuns falham completamente. A tinta flui para a esfera porosa da T-Ball, proporcionando escrita mais limpa e sempre uniforme. E é econômica... seu cartucho gigante dá para escrever até cinco vezes mais que as cargas comuns.

Esferográfica Parker **T-Ball**

UM PRODUTO DA  "THE PARKER PEN COMPANY"

**A ESFERA POROSA EXCLUSIVA DA PARKER**  
A parte externa da esfera tem textura porosa, para aderir mais firme e ao mesmo tempo suavemente ao papel. Milhares de minúsculos compartimentos interligados enchem-se de tinta para assegurar escrita uniforme e macia.



JÁ PENSOU  
NO SEU  
PRESENTES  
DE NATAL?

Não é preciso pensar muito,  
para tomar a decisão  
mais acertada: ofereça  
**UM PRESENTE DE CLASSE** \*  
— um presente que o fará lembrado  
por muito tempo — aproveitando  
as vantagens do excepcional plano  
de assinaturas de Festas que **ALTEROSA**  
idealizou para Você.

(Veja detalhes nesta edição).

**ALTEROSA**

\* uma revista de classe,  
para pessoas de gôsto